



Oswaldo Ferraz

Era uma vez... um conto fantástico!

Um conto fantástico. Outro lado que exploro dos meus parcos conhecimentos de escrever histórias e contos, desta vez enveredando pela trilha do romance, da aventura, onde drama e situações trágicas se misturam. Vamos ver até onde conseguiremos chegar. Obrigado pela visita

Oswaldo



Este é um livro contendo os melhores contos, todos eles inspirados nos romances que a história não contou, e sem sombra de dúvida são todos fictícios. Semelhanças com pessoas vivas ou mortas que porventura aparecem, são meras coincidências. Espero que se divirtam.



CALCINHA

De renda sua textura
Moldando pele macia
Traduz sonhos na cama escura
Enquanto eu lhe tiraria
Perfumada pelo desejo
Eu te arranco com um beijo
Arrepiando seus sentimentos
Desvendando seus momentos
Calafrios em pensamentos
Que num toque se entregou
A essência do amor
De quem veio e lhe beijou.
Everson Russo

A calcinha de renda vermelha de Lola.

Lola, apenas um nome. Sua mãe nunca lhe disse o porquê. Era um mistério, de onde surgiu? Afinal Lola era uma menina de dezessete anos, morena magra, sem formosura, seios pequeninos, pernas finas, cabelos encarapinhado e o pior, era pobre. Mas conseguia sustentar sua mãe que vivia em uma cadeira de rodas. Trabalhava em casa de família como diarista e nunca pensou em ter um namorado. Ela entendia como era e sabia que nenhum rapaz um dia iria se interessar por ela. Cresceu assim ali naquele bairro pobre, e só Valeria como amiga. Valeria era diferente. Mais espevitada. Saía à noite para as baladas e voltava tarde. Seus pais acostumaram com tudo e virou rotina na vida dela. Convidou várias vezes para ela ir também, mas Lola sabia que não

seria bem vinda. Sabia que era feia, corpo magro e quem poderia se interessar por ela?

Ramon era seu vizinho. Nascera ali ao lado da casa de Lola. Nunca foram amigos, pois Ramon também era meio esquisito. Não gostava do bairro que nascera e sabia que quando terminasse a faculdade ele iria embora dali. Trabalhava no Banco do Estado, serviço simples e salário pequeno. Quase todo gasto na faculdade São Judas no seu curso de Arquitetura e Urbanismo. Não sabia que teria possibilidade de algum dia ser um arquiteto famoso e isto não o incomodava. Queria trabalhar em um lugar onde fosse respeitado e que pudesse mostrar seu valor profissional. No banco não passava de um office-boy e poucos o respeitavam. Um dia Ramon ficou encucado. Tudo porque ele viu pendurado no varal da casa de Lola uma calcinha de renda vermelha. Seria dela? Teria que ser. Sua mãe nunca iria vestir uma calcinha assim. Ficou pensando nela com a calcinha de renda vermelha. Tentou fazer dela uma mulher sensual, mas não conseguiu. Não dava, Lola era o que é e nunca seria uma mulher atraente usando uma calcinha de renda vermelha.

Foi Valeria quem inventou tudo. – Lola, nem sempre o corpo é tudo, o que o envolve também. Vou lhe dar uma calcinha de renda vermelha que tenho. Você não vai usar. Pendure-a no varal. Todos que passarem irão ver sua calcinha. Ficarão intrigados como você seria usando esta calcinha. Vai ser divertido saber que pelo menos terão pensado em você e quem sabe alguém poderá ter tesão? Lola riu. Tesão minha amiga? Nunca. Não com este corpo. – Valeria disse – Olha Lola sem querer ofender, mas para todo chinelo Velho tem um pé que adora ficar ali. Quando Valeria saiu deixando a calcinha de renda vermelha na sua cama, Lola olhou bem para ela. Riu pensando como ficaria vestido com ela. Ficou tentada. Sabia que não iria ser nenhuma beldade, mas a vontade chegou e foi tanta que ela se despiu e olhando no espelho foi colocando devagar a calcinha. Passou pelos seus joelhos e ali ela deixou parada. Viu seus ralos pelos cobrindo sua nudez entre as coxas. Fechou os olhos e pensou que poderia estar sendo observada por um homem em algum lugar.

Pela primeira vez Lola sentiu sua condição de mulher. Teve desejos. Teve vontade de abraçar alguém, sentir o seu cheiro, teve vontade de ser possuída. Mas não sabia como. Nunca fora. Era virgem e nem tinha ideia de como seria. Abriu os olhos e se viu no espelho nua, tendo a cobrir-lhe as partes íntimas uma calcinha de renda vermelha. Tirou logo e não olhou mais no espelho. Vestiu seu vestido Velho de chita barata e saiu para o trabalho. Ninguém iria trabalhar para sustentá-la e uma vertigem erótica não poderia substituir o pobre dinheirinho que iria ganhar naquele dia. Saiu e viu muitos vizinhos olhando para ela. Sentiu vergonha. Alguém teria visto ela só de calcinha? Impossível. A janela estava fechada. Voltou e só de raiva pegou a calcinha de renda vermelha e a colocou no varal.

Valeria quando chegou à tardinha riu quando viu a Calcinha de renda vermelha no varal de Lola. Foi até lá, mas ela ainda não havia chegado do seu trabalho. Mais tarde iria comentar com ela como todos os vizinhos estavam alvoraçados com a calcinha de renda vermelha presa no varal do seu quintal. Valeria não viu mais Lola naquela noite. Saiu como sempre fazia como uma mariposa noturna em busca de sua diversão, dos homens que amava. Nem prestou atenção na calcinha de renda vermelha que estava presa no varal do quintal de Lola. Naquele noite Ramon chegou tarde da faculdade. Quando ia entrar em sua casa reparou que a calcinha vermelha estava lá. - Que coisa pensou. Uma calcinha de renda vermelha a me importunar? Queria esquecer Lola e sua calcinha de renda vermelha. Tomou logo uma ducha fria. Precisava. Sentia que seu corpo tremia. Desejos? Como? Por Lola? Riu só de pensar. Não era Lola, era a calcinha de renda vermelha. Ela sim lhe dava uma sensação enorme de possuir Lola. Não iria olhar em seu rosto, iria esquecer seu corpo magro e sem graça, estava encantando era de ver Lola vestida com a calcinha de renda vermelha.

Por vários dias a Calcinha de renda vermelha de Lola não saía da cabeça de Ramon. Até seus estudos estavam prejudicados. Na sala de aula da faculdade ele não se concentrava. Não tinha jeito. Ele tinha de ver Lola com a calcinha de renda vermelha. Enquanto isto não acontecesse ele não teria paz. Era um jovem tranquilo, calmo e sempre respeitador até mesmo em seus pensamentos. Agora não era mais assim. Passou a se masturbar com frequência sempre a pensar em Lola com sua calcinha de renda vermelha. Em seus sonhos eróticos a possuiu em todos os lugares. No cinema, no motel, em sua cama, na cama dela e em bosques de parques da cidade que conhecia. Lola, Lola e sua calcinha vermelha de renda. Tomou uma decisão. Iria conquistá-la. Acontecesse o que acontecesse. Mas iria demorar a conquista. Ele não podia chegar a ela e dizer – Lola, eu estou louco por você. Vista sua calcinha de renda vermelha e deixe-me olhar. – Não isto é coisa de doidos. Mas como conquistá-la? E a vizinhança o que iriam dizer? Afinal ele era um guapo bonito e tinha muitas moças do bairro que faziam tudo para um convite dele. Bastava ele sorrir e piscar os olhos que elas vinham correndo.

Aquele dia não foi trabalhar. Ficou na varanda de sua casa esperando Lola sair ou chegar. Meio dia, quatro da tarde, seis e nada. Lola não aparecia. Ele não sabia, mas Lola o observava sorrateiramente atrás da cortina de sua casa. Ela também sonhou com ele. Um sonho lindo, ela sendo possuída pela primeira vez. Ele um cavalheiro entrou devagar para não machucar. Afinal Lola era virgem e sempre dói na primeira vez. Ele foi calmo. Sentiu sua dureza em seu íntimo. Sentiu suas caricias seus beijos e ela pela primeira vez chegou a um clímax que nunca tinha chegado. Acordou suando. Isto era errado. O que Valeria tinha feito? Era feitiço? Era apenas uma calcinha de renda vermelha, mas que transformou Lola e Ramon. Ambos sabiam que queira ou não um seria do outro. Teriam que fazer o que todo homem e mulher fazem. Lola sabia que quando Ramon a convidasse ela aceitaria no ato. Não precisava de

preliminares. Ela queria ser possuída. Seja como for ela nunca pensaria mal dele.

Ramon não aguentou mais. O dia inteiro esperando Lola chegar ou sair. Resolveu tomar uma decisão. Foi até sua casa. Bateu e a porta se abriu. Ele viu o céu a sua frente. Lola nua vestida com a calcinha de renda vermelha. Ele não sabia o que fazer. Sem membro endureceu. Ele queria abraçá-la, beijá-la, fazer tudo que achava direito. Mas entrou devagar em sua sala. Lola morena estava vermelha. O que Ramon poderia pensar dela? Receber ele assim nua só de calcinha de renda vermelha? Ela não era uma mulher de vida, não era uma moça oferecida. Ela era uma moça direita, virgem e que sabia não ter atrativos, mas aquela calcinha de renda vermelha a transformou. O jovem mais bonito do bairro a queria. Ela sabia disto. E depois? Sabia por ter lido que após o ato muitas vezes vem o arrependimento. E se ele se arrependesse? Seria só uma vez? Valeria a pena? Pelo sim e pelo não pegou ele pelo braço e o levou ao seu quarto. Ele fechou a porta devagar, olhou para ela nua só com a calcinha de renda vermelha.

Parece que o mundo explodiu em goso. Um goso gostoso, animalesco, um goso de um homem e de uma mulher. Ramon achou que estava voando no céu. Achou que seu corpo estava experimentando um êxtase nunca antes conquistado. O assalto não foi uma única vez. Ele assaltou seu corpo por varias vezes. Não falavam. A cúpula era uma atrás da outra. Como ele conseguia? Mas ele estava extasiado com aquela mulher e ela extasiada com ele. Nunca pensou que o ato fosse assim. Sempre teve medo sempre correu dos homens, pois nunca pensava em ser possuída. Ramon sentou em sua cama. Colcha branca agora vermelha como sua calcinha de renda vermelha. Não se arrependeu. Para ele Lola era outra moça. Não a achou mais feia, magra sem graça. Ele a queria para sempre. Um amor diferente estava nascendo. Ela também sentia o mesmo.

Na rua ela andava agora diferente. Olhava a todos como se fosse uma vencedora. Não era mais uma moça, agora era uma mulher. Ramon também mudou. Era outro homem. Sabia que tinha encontrado a mulher dos seus sonhos. Não esquecia a calcinha vermelha de renda. Formou-se e se tornou um famoso arquiteto. Sempre corre para casa as pressas para encontrar Lola. Seus desejos eróticos se mantinham firmes. Todas as noites ele a possuía. Ela gemia de prazer quando ele lhe tirava a calcinha de renda vermelha devagar. Devagar para não rasgar. Ambos sabiam que era uma calcinha de renda vermelha encantada. Ela foi à razão deles se tornarem amantes e agora casados viviam a vida de um casal em plena felicidade. Feliz para sempre. Nem mesmo Jô, Martinho e Lolita seus filhos tiraram seus prazeres secretos. Eles sabiam que quando o pai chegava se trancava no quarto de sua mãe. Saíam de lá sorrindo, de mãos dadas como se tivessem feito o grande amor de suas vidas.

A calcinha de renda vermelha, guardada sozinha em uma pequena cômoda feito só para ela sorria. Sabia que todas as noites ela seria usada. Mas não foi encantada por uma feiticeira que sentia falta de um grande amor? E agora ela parecia viva, sabia que estava ali por pouco tempo. Até a hora que Ramon ia chegar e amar Lola. Assim termina a história. A história de uma calcinha de renda vermelha que fez um casal feliz por todo o sempre.

CALCINHA

Ah que calcinha linda
De renda nunca foi não
Os fios todos bem justos
Querendo ser proteção

Uma calcinha bem branca
Bem fina de algodão
Fugindo do cós da calça
Deixando-me com paixão

Chateia-me esta peça
Nos dias de muito tesão
Só serve pra dar trabalho
De tirar molhada ou não

Depois do amor já feito
Volta ela ao lugar
Branca, seca, bonita
Fetichismo de me matar

João Freitas



Saudade

Saudade é solidão acompanhada,
é quando o amor ainda não foi embora,
mas o amado já...

Saudade é amar um passado que ainda não passou,
é recusar um presente que nos machuca,
é não ver o futuro que nos convida...
Saudade é sentir que existe o que não existe mais...

Saudade é o inferno dos que perderam,
é a dor dos que ficaram para trás,
é o gosto de morte na boca dos que continuam...

Só uma pessoa no mundo deseja sentir saudade:
aquela que nunca amou.

E esse é o maior dos sofrimentos:
não ter por quem sentir saudades,
passar pela vida e não viver.
O maior dos sofrimentos é nunca ter sofrido.

Pablo Neruda

Quando é preciso ser homem.

Eu queria esquecer. Esquecer-se de tudo que meu passado insistia em trazer para o presente. Colocar bem no fundo do baú tudo que eu gostaria de esquecer e tirar da minha memória. Sempre tentei ser honesto, homem honrado e nunca esqueci aquele poeta desconhecido que um dia escreveu – Você não precisa ser homem, basta ser humano, basta ter sentimentos, basta ter coração. Precisa saber falar e calar, sobretudo ouvir. Tem que gostar de poesia, da madrugada, de pássaros, de sol, da lua, do canto da Cotovia, dos ventos e das canções da brisa. Não sou bonito, nunca fui, mas tive algumas aventuras que para mim não passaram de tempos perdidos. Minha família tentou tudo para que eu fosse um doutor, mas não deu. Até que me esforcei e quase cheguei lá, mas a bebida tomou conta e por mais que me esforçasse não conseguia parar. Eu tinha hora para começar e não para parar. Nos bares que frequentava amigos ainda pagavam uma dose ou outra, mas aos poucos isto foi rareando. Sem dinheiro, sem emprego nada mais me restava do que viver à custa dos meus pais.

Um dia assisti a um crime bem na minha frente quando voltava para casa. Não vi que deu as facadas, pois estava embriagado e meus olhos nada enxergavam. Uma nevoa espessa parecia flutuar em minha mente. Tentei socorrer a vítima, mas socorrer como? Alguém passava na hora e me viu ajoelhado junto a ela com a faca na mão. Chamou a polícia, fui preso, julgado e condenado há trinta anos em regime fechado. Não reclamei. Merecia por ser tão idiota, pois se não tivesse bebido isto não teria acontecido. Na prisão não

bebi mais e nem me tornei um viciado em drogas. Graças a Deus. Achei que a prisão seria meu castigo e se um dia saísse seria outro homem. Tentaram me convencer a participar das reuniões que os pastores faziam. Não me interessei não porque não acreditasse em Deus. Eu acreditava. Naquele momento achava que seria falsidade me arrepender só por acreditar em Jesus.

Cinco anos depois fui solto. Disseram que o verdadeiro assassino foi preso. Ninguém me procurou para se desculpar. Não me importei com isto. Foram cinco anos de abstinência. Na saída não vi meus pais. Depois fui saber que foram embora para sua terra. Interior do Maranhão. Não deviam saber de mim. Resolvi ser outro homem, estudar, trabalhar mostrar que a sociedade poderia acreditar em mim. Assim fiz e em oito anos me formei em engenharia civil. Mais três anos e já era um diretor de uma grande empresa construtora. Como era sozinho me entregava de corpo e alma ao meu novo sonho de me tornar dono de uma empresa como aquela. Não sei o que deu em mim em uma noite quando cheguei a minha casa. Encontrei deitada no sofá a Dona Josefa, faxineira que vinha três vezes por semana fazer limpeza. Ela estava com a saia levantada e sua calcinha deixava transparecer a sua penugem. Fiquei tonto. Um calor enorme no corpo. Havia mais de oito anos sem sexo. Meu membro endureceu. Fechei os olhos, tirei sua calcinha e entre nela sem pedir licença.

Vi que ela acordou e não disse nada. Deixou que eu a possuísse sem reclamar. Nem camisinha usei. Jorrei tudo que tinha direito e não parei por aí. Parecia ensandecido por sexo. Estava insaciável. Exausto fui para minha cama e dormi o sono dos justos. Durante uma semana ela fingiu que não houve nada e eu também. Não era uma mulher jovem, devia ter seus trinta anos ou mais e até que era simpática, mas muito magra. Baixa, morena carnuda, cabelos crespos uns olhos castanhos profundos e sempre que me via abaixava a cabeça e nada dizia. Não pedi favores, não pedi nada. Seu salário continuou o mesmo. Durante três semanas minha mente matutava sobre o que fazer. Não fui homem para ela. Usei-a como se fosse uma lata de lixo, sem pedir licença e como se fosse o capitão do engenho. Se arrependimento matasse eu estaria morto.

Passou um mês, dois e ela calada claro, trabalhando e executando a função que competia. No quarto mês notei que sua barriga crescera. Fiquei pasmo. Boquiaberto. Passei uma noite em claro. Ela engravidara? Um maldito eu era. Tinha de tomar uma atitude. Mas qual? Oferecer-lhe dinheiro? Casamento? Eu? Afinal ela uma simples faxineira e eu um executivo de sucesso. Naquela tarde sai mais cedo do trabalho. - Dona Josefa, falei, poderíamos conversar? Só eu falei. Ela nada dizia e só de cabeça baixa. No dia seguinte trouxe sua mudança. Duas malas e mais nada. Passou a morar no quarto de hóspedes. Continuou executando suas tarefas, mas dificilmente trocávamos uma palavra. Eu a respeitava e nunca tentei fazer sexo com ela novamente. Nunca perguntei o que ela sentia e sabia se perguntasse ela não responderia. Não era minha esposa, não era uma faxineira, mas afinal ao que ela era? Quem sabe uma concubina, mas sem formalização de corpos. Todo

seu pré-natal foi custeado por mim. Ficou em um quarto especial quando deu a luz.

Nancy nasceu com três quilos e meio. Linda. Nunca vi uma criança como ela. Achava que era a mais linda da face da terra. Josefa teve um parto normal, mas no segundo dia sofreu uma parada cardíaca e não se recuperou. Morreu uma semana depois. Chorei como se ela fosse minha esposa. Acredito que tinha por ela um amor diferente, fechado, preso no coração e que não se soltava. Nunca soube se ela tinha parentes, nunca me contou sua vida. Agora nada mais importava. Eu tinha Nancy, eu faria dela a rainha do mundo! Cerquei-a de tudo. Contratei uma babá, quando ela fez cinco anos fiz questão de contratar uma governanta trilingue. Ela ia cursar a melhor escola, teria as melhores roupas, tudo dela seria como de uma princesa. O que ganhava era para ela. Minha empresa crescia a olhos vistos, eu era outro homem. Não tinha olhos para outras mulheres e olhe que muitas faziam de tudo para me conquistar. Agora só via minha filha. Amava-a mais que tudo.

O tempo foi passando, Nancy crescendo e cada dia mais linda ficava. Adorava sair com ela, teatros, cinema, melhores restaurantes e entrava de braços dados. Todos olhavam abismados. Lembro quando fomos a Paris e entramos no L'ambrosie um dos meus restaurantes prediletos e todos os olhos masculinos se viraram para ela. Um porte de princesa um sorriso encantador e eu sabia que se ela mandasse todos eles ficarem de joelhos em frente a ela eles obedeceriam. Uma noite de gala fui convidado para um espetáculo que se apresentava no Teatro alla Scala em Milão na Itália. Eu sabia que era uma das mais famosas casas de ópera do mundo. Don Fagundes um conde bem considerado em Roma fez o convite. Fiquei sabendo que iriam apresentar "Die Walküre, e como não conhecia lá fui eu de braços dados com Nancy". Ela nos seus dezesseis anos parecia uma jovem de vinte e um. Qual não foi a surpresa que ela sem perceber foi até o balcão onde estávamos e o teatro em peso deu um sussurro de admiração. Logo uma salva de palmas. Ela ficou vermelha de vergonha e sentou sem levantar mais.

A levei para as mais lindas cidades do mundo. Eu a amava como um pai amoroso ama sua filha. Mas como dizem por aí, tudo que é bom dura pouco. Minha sina nunca foi marcada de felicidade para sempre. Eu mesmo estava espantado por ter tido a sorte que tive. Fiquei riquíssimo, uma linda filha, uma mansão na Côte d'Azur na França. Sempre passava as férias lá. Nancy era loira, naturalmente loira com cabelos amarelos cor de palha, olhos azuis um lindo corpo que atraíam homens que davam tudo para ficar ao lado dela. Estudava em um colégio feminino e Gustavo seu guarda costa já passava dos sessenta anos. Um dia Nancy desapareceu do colégio. Fiquei petrificado. Um medo grande de perdê-la. A polícia dizia para esperar vinte e quatro horas. – Moças desta idade sempre dão um passeio mais longo e davam risadinhas nada agradáveis. Passaram mais de vinte dias e nada. Contratei uma agência de detetives, a melhor da cidade. Disse que pagaria o que fosse para encontrarem-na.

Moreno o Chefe dos detetives me procurou no escritório em uma terça-feira. Mostrou-me fotos dela. De braços dado com Anthony Pergiano. Um mafioso contrabandista dos mais perigosos. Não disse nada. Saí correndo e ele atrás dizendo que não era o melhor caminho. Na Vinte e Cinco de Março subi correndo o prédio do mafioso. Barraram-me no terceiro andar. Pelo celular mandaram deixar-me entrar. Minha linda filha, a quem eu mais amava sentada no colo daquele filho da puta mafioso foi como uma facada no coração. Ele devia ter uns trinta anos no máximo. – Porque Nancy, por quê? – Ela abaixou a cabeça e balbuciando disse que o amava. Não me disse nada, pois sabia que seria contra. – E porque não deu notícias? – Anthony proibiu. Disse que eu era dele e de mais ninguém. Olhei nos seus olhos e parecia que chorava as escondidas. Não me deixaram falar mais nada. Escorraçaram-me e ela nada fez para impedir.

Maldito mafioso. Filho de uma puta descarado. Não ia ficar assim. Sabia que ela estava sofrendo uma pressão enorme. Moreno o detetive contratado me disse que a policia nada ia fazer. Ele mandava na policia. Lembrei-me de Parafuso. Um negro enorme que conheci na prisão. Sempre conversava comigo mesmo sabendo que não teria resposta. Precisava encontrá-lo a todo custo. Não foi difícil. Moreno o levou em minha casa uma semana depois. – Preciso de um favor. Preciso que consiga alguém para matar um homem poderoso. Um mafioso que tem a polícia nas mãos. Parafuso não perguntou o nome. Só disse onde ele morava e se tinha uma foto. Mostrei-o com minha filha abraçados. – A moça não eu disse. Ela é minha filha. Dei a ele trinta mil reais. – Faça o serviço e recebe mais duzentos mil. Ele calado saiu. Um mês depois os jornais em letras garrafais anunciavam a morte do mafioso – O senhor Anthony Pergiano morreu hoje. Deram nele onze tiros. Ele achava que tinha o corpo fechado. Não tinha guarda costas. A policia jurou que o crime não ia ficar impune.

Ninguém sabia onde andava Nancy. Eu sabia que a tinha perdido. Se ela amava o mafioso não ia me perdoar nunca. Um mês depois recebi a noticia. Notícia não foi um coice de multa no rosto. Forte, marcou. E como marcou. Encontraram-na morta num Beco da Rua Augusta. Foi morta com onze tiros. A mesma quantidade que recebera seu amado. O mafioso filho da puta. Chorei e como chorei. O mundo desabou sobre mim. Eu sabia que em minha vida nunca seria feliz. Onde colocava as mãos o sangue derramava. Um ano depois vendi tudo que tinha. Já havia pago os duzentos mil ao parafuso que sumiu da cidade. Não me disse aonde ia. – Olhe seu Freedy, não fique por aqui ele me disse. Esta quadrilha não vai perdoá-lo. Mais cedo ou mais tarde o senhor vai receber o mesmo que sua filha. Eles já sabem que fui eu e olhe, nunca disse nada para ninguém que o senhor foi o mandante. Estou indo para Bolívia e de lá sem destino.

Cheguei a Matões do Norte onde meus pais moravam uma semana depois. A cidade é considerada uma das quatro mais pobres do Brasil. O sitio onde

estavam meus pais fazia pena. Um casebre de pau a pique. Com as próprias mãos fiz uma puxadinha de um quarto. Minha morada. Com as próprias mãos também construí minha mesa e uma cadeira. Ia a pé até a cidade para fazer uma feira. Uma feira pobre. Não podia chamar a atenção. Quer saber? Eu vivia feliz ali. Consegui esquecer tudo que fui e tudo que eu era. Só não dava para esquecer Nancy. Nem lembrava mais de Josefa. Que Deus a tenha. Foram quatro anos labutando no campo, onde fiquei “maneiro” com uma enxada e um enxadão e de olho na estrada. Nunca mais ouvi falar nos mafiosos. Deixaram-me em paz. Casei com uma rapariga nova que não conhecia. Seus pais ofereceram para mim por cem reais. Aceitei mas disse a ela que não teríamos filhos. Não poderia sofrer de novo a sede de vingança dos mafiosos filho da puta.

Lena não sabia que seu marido era bilionário. Nunca iria saber até minha morte. Um advogado em São Luiz providenciou tudo. Não disse tudo. Só que tinha cinco mil em poupança e se morresse era dela. Risos. Eram mais de um bilhão e quatrocentos milhões de reais. Dinheiro suficiente para transformar aquela cidade em um paraíso. Eu? Eu continuei pobre. Tirava minha comida da lida diária aqui e ali. Do feijão plantado, do pequeno arrozal e da horta que fez inveja a muitos vizinhos. Lena foi à mulher que não tive. Gostava de mim e fazia tudo por mim. Ela não sabia que seria a mulher mais rica do Brasil. O que iria fazer com tanto dinheiro? Iria casar novamente? Quase não pensava nisto. Não precisava pensar. O dinheiro muitas vezes é uma desgraça e só quem o tem sabe explicar melhor. Eu esperava que ela fosse feliz, que tivesse tudo que quisesse apesar de que nunca me pediu nada.

Fiz setenta e cinco anos ontem. Os cabelos brancos aparecendo em quantidades. Apesar de ter uma aparência magérrima me sentia bem. Nunca senti dores e peço a Deus para não demorar em me levar. Sempre penso o porquê não morri até hoje. Aprendi a gostar de todas as tardes ficar cochilando em um banco na Praça de Matões do Norte. Fiz muitos amigos, até me convidaram para me candidatar a prefeito. Dei boas risadas. Minha vida era outra. Só esperava a hora de partir para o céu e pedir perdão a Josefa e Nancy. Não sabia se iriam me perdoar. Oscar Wilde já disse que o amor deveria perdoar todos os pecados, menos um pecado contra o amor. O amor verdadeiro deveria ter perdão para todas as vidas, menos para as vidas sem amor!

Fim.

Tomara
Que você volte depressa
Que você não se despeça
Nunca mais do meu carinho
E chore se arrependa
E pense muito
Que é melhor se sofrer junto
Que viver feliz sozinho

Tomara
Que a tristeza te convença
Que a saudade não compensa
E que a ausência não dá paz
E o verdadeiro amor de quem se ama
Tece a mesma antiga trama
Que não se desfaz

E a coisa mais divina
Que há no mundo
É viver cada segundo
Como nunca mais...
Vinicius de Moraes



Soneto do Prazer maior.

Amar dentro do peito uma donzela;
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela:

Faze-la vir abaixo, e com cautela.
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura.
Aperta-la nos braços casta e bela:

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,
E a boca, com prazer o mais jucundo,
Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;
É este o maior gosto que ha no mundo.

Bocage

O rocambolésco escândalo da virgem Rebecca e o famoso Senador X.

Foram anos a procura dela. Anos que gastei o que tinha e fiz o que podia para saber seu paradeiro. Rebecca era única. Eu sabia que não ia amar a mais ninguém, pois sem ela a vida para mim não tinha valor. Apesar de tudo eu não importava o que ela fez e a receberia de braços abertos. As notícias sobre ela deixaram de virar manchetes, mas ninguém sabia onde ela foi parar. Dizem que as paixões nos levam a cometer erros e que o amor nos faz cometer desatinos que mais cedo ou mais tarde iremos nos arrepender. Um poeta anônimo escreveu que a cada dia que se passa você vai subindo um degrau dessa imensa escada algumas vezes você perde a força e cai depois se levanta e continua a subir essa escada de cabeça erguida. Pode ser. Eu não desisti e não vou desistir.

Como fomos felizes juntos em nossa infância. De mãos dadas nunca iríamos saber o que o nosso futuro nos reservaria. Lembro-me de vê-la sorrindo na beira do Lago das borboletas, correndo entre elas, brincando sem as machucar. Apesar dos seus oito anos a cena merecia ser filmada e passada em todas as telas de cinema que existissem neste mundo. Eu fiquei ali inebriado com seu balé em meio às flores silvestres e a revoada das borboletas das mais variadas cores. Você se foi e eu voltei lá diversas vezes e não a vi. Sentado na Praça do soldado onde repassava a prova de história que teria no dia seguinte vi você parada na minha frente a dizer oi. Olhe quase cai do banco de madeira ao ver você. Sei que você sempre disse que foi o início de uma grande amizade. Para mim nunca foi.

Alguém um dia me disse que a mais nobre paixão humana é aquela que ama a imagem da beleza em vez da realidade material. O maior prazer está na contemplação. Pode ser verdade. Eu nunca me cansava de olhar para você. Foram anos de juventude contemplativa e poucas vezes senti sua pele morena em minhas mãos. Nunca beijei você. Nunca. Quer saber? Nem sonhos eróticos eu tinha. Eu dizia para mim que poderia não ser hoje, poderia não ser amanhã, mas algum dia eu iria realizar o meu grande sonho de ter você junto a mim para sempre. Quando tudo aconteceu você ia fazer dezesseis anos. Todos os anos que brincamos juntos, que cantamos e como sua voz era maravilhosa, como passeamos pelas ruas de Campos Dourados e eu sabia que ninguém duvidava que um dia iríamos fazer o par perfeito, nos casar, ter uma família e viver feliz para sempre. Mas isto só na minha mente. Ninguém nunca aceitaria estarmos casados. Sociedade hipócrita.

Maldito Senador. Maldito mil vezes. Eu era uma pulga, um mosquito que ele com um simples bater de mão me destruiria. Porque foi a nossa cidade? Era pequena e ele que queria conquistar o mundo não precisava ter ido lá. Seu discurso em frente à Matriz de Santo Antonio foi arrebatador. As moçoilas da cidade estavam em estado de êxtase. Quando ele jogava seu topete já

embranquecido de um lado ao outro elas suspiravam. Fizeram fila na porta do seu hotel. Diziam que ele era solteiro e aspirante a Presidente da Republica. Como foi bajulado. A cidade inteira ficou aos seus pés. Porque seu pai o convidou a sua casa? Não precisava. Mas ele foi. Seus pais eram uma das famílias mais conceituadas e como médico seu pai seria um cabo eleitoral dos mais perfeitos.

Eu fiquei em frente sua casa, junto a uma multidão enquanto o Senador X se refastelava com o almoço cinco estrelas que sua mãe fazia. Você chegava à janela, me dava adeus, sorria e voltava para dentro. Os erros são os rascunhos da vida. E foi naquele dia que eu descobri uma coisa fantástica, talvez a mais fantástica de todas: Quando a gente para de procurar desesperadamente por um amor, a gente percebe que não pode amar qualquer coisa. Eu amava só você e mais ninguém. Fiquei feliz com a partida do Senador X. Mas o que me contou a noite me deixou atordoado. Seu pai autorizou você a ir morar na capital na casa do Senador X. Ele tinha prometido que você iria estudar no melhor colégio. Iria aprender a viver na melhor sociedade brasileira, prometeu mundos e fundos. E o pior, disse que a trataria como se fosse à filha que nunca teve. Eu gostaria de ter lhe dito que nunca acredite em uma lágrima, acredite sim na pessoa que derramou esta lágrima por você.

Ele mandou sua limusine para sua viagem. Tentei me aproximar, mas seu pai não deixou. Pediu-me que não atrapalhasse seu futuro brilhante. Eu perdi o sentido da vida. Sem você ela para mim não tinha mais valor. Pensava como estava vivendo, se sorria como outrora, e se deixou que o maldito Senador X a tocasse. Isto me embrulhava o estomago. Nunca podia imaginar ele acariciando seu rosto, seus seios, todo seu corpo que pensei que um dia seria meu. Sei que você não sabe, mas pense, pense que existe alguém que sorri só a ouvir o teu nome? Mas o mundo não para de girar, a vida segue sua rotina e o tempo foi passando, passando, e eu não me interessando por ninguém. O que aconteceu me deixou atabalhoada. Os jornais estamparam em letras garrafais – O Senador X quase foi morto por um jovem de nome Rebecca.

Aquilo era impossível. Seus pais não me diriam nada. Com os poucos recursos que um dia guardei para nós parti para a capital. Eu sabia que não seria recebido pelo Senador X. Mas eu precisava saber onde você estava. Eu não ia deixar você sozinha. Eu jurei que éramos um só antes e seríamos sempre a mesma pessoa. Não iria condenar o que fizeste. Nunca. Perdoar é libertar alguém da culpa e descobrir que o prisioneiro era você! Fiquei vários dias no portão tentando saber de alguém onde você estava. Um jardineiro sorriu para mim. Era novo, me achou bonita. Sorri para ele. Deixei que me acariciasse apesar de sentir asco. Contou-me que por ser menor você foi para a Fundação Casa. Onde internam os menores infratores. Disse-me mais que você iria ficar lá por dois anos até fazer 18 anos. Eu não iria deixar. Combinei com o jardineiro de voltar à noite e deixar que ele me possuísse. Maldito que se masturbasse a vontade, pois ali nunca mais voltaria.

Precisava conhecer alguém que trabalhava ali. Ninguém iria me deixar entrar. Afinal estava com meus dezessete anos e o que poderia acontecer é ser presa também. Uma mocinha magrinha muito simpática estava saindo do prédio. Aproximei-me. Disse que uma prima estava ali se ela conhecia. Ao dar o nome ela sorriu. – Olhe sua prima não está mais aqui. Ficava o dia inteiro gritando, dizendo que ia se matar. Foi levada para o Hospital psiquiátrico de Sorocaba. Meu dinheiro estava acabando. Comia quase nada. Um Cachorro quente aqui outro ali, mas deu para comprar uma passagem de ônibus até Sorocaba. Não foi difícil encontrar o hospital. Difícil era entrar lá e descobrir onde estava Rebecca. O jeito era me prostituir com um guarda. Não seria fácil. Era virgem, mas por Rebecca eu faria qualquer coisa.

Antonio foi uma bela surpresa. Quando me aproximei dele ele sorriu para mim. Quando disse o que queria ele se assustou, quando ofereci meu corpo ele fechou a cara e disse que aquilo ele nunca faria. Era evangélico e respeitava todas as mulheres que um dia apareceram em sua vida. Disse que iria ajudar. Que eu voltasse no dia seguinte e ele iria se informar onde Rebecca estaria internada. Arrumou-me um uniforme de faxineira. Entrei sem problemas junto com ele. Quase chorei quando vi Rebecca. Estava um trapo. Aquela menina linda e formosa era sombra do agora. Ela não me reconheceu e só no segundo dia um lampejo passou em sua mente. Antonio me ajudou a fugir com ela. Deu-nos uma carona até Campinas. Não poderia voltar a nossa cidade. Ela seria presa novamente. O dinheiro acabou. Tive que me prostituir. Um rufião me fez uma proposta para trabalhar em São João da Barra. Estavam construindo o grande porto e era um ótimo local para fazer dinheiro se prostituindo.

Rebecca me seguia onde fosse. Não era dona de si mais. Não tinha domínio sobre si e era mais um robô humano a me seguir. Faz onze anos que estamos morando em São João da Barra. Compramos a Boate Nostradamus. Ela não é a melhor, mas não nos deixou na miséria. Falta pouco para irmos embora daqui e quem sabe abrir um pequeno comércio em alguma cidade. Rebecca dorme comigo na mesma cama. Não fazemos sexo. Ela não sente nada. Mas eu durmo abraçado com ela. Eu a amo mais que tudo na vida. Nunca me perguntou pelos seus pais e pelo Senador X. Não contei para ela que ele e a família tinham morrido em um acidente aéreo. Não importava para ela. Eu e ela já temos mais de dezoito anos. Sei que seremos felizes, pois eu vou cuidar dela por toda minha vida. Como disse Shakespeare, é muito melhor viver sem felicidade do que sem amor. E eu amo muito a minha querida Rebecca. Sei que não disse, mas me chamo Monalisa e não sou bonita. Mas importa?

Soneto do Monge caluniado.

[anônimo]

Língua mordaz, infame e maldizente,
Não ouse murmurar do bom prelado:
Ainda que o vejas com Alcippe ao lado.
Amigo não será, será parente:

Geral da Ordem, pregador potente,
No jogo padre-mestre jubilado,
E também caloteiro descarado
Pode ser que o repute alguma gente:

E que te importa que forniqe a moça?
Que pregue o evangelho por dinheiro? [pé quebrado]
Que em vez de andar a pé ande em carroça?

Talvez que disso seja um verdadeiro
Dos monges exemplar, da Serra d'Ossa,
Pois que dos monges é hoje o primeiro. (anônimo)



Não tenho medo do frio, não tenho medo de nada
Não tenho medo da vida e com ela me sinto forte,
Minha vida é tristonha, talvez a chuva molhada
Lembra-me do meu pavor, o choro da madrugada
Só a solidão me apavora, por isto não tenho sorte
E repito mil vezes se preciso, eu não tenho medo da morte
Oswaldo, um escoteiro

A sombra do medo

Eu tinha 16 anos quando matei meu pai. Não se assustem. Ele merecia. A morte para ele foi até um bálsamo. Eu devia tê-lo capado como se capa uma porca no chiqueiro quando o matei. Não sei se éramos uma família feliz. Não sei mesmo. Eu minha irmã mais velha e a minha mãe estávamos sempre juntas. Quando meu pai vinha da lida na roça, nós ficávamos apavoradas. Meu pai estuprou minha irmã quando ela fez onze anos. Minha mãe não pode fazer nada. Ele a amarrou no pé do Juazeiro que tinha em frente de casa. Eu ele não se preocupou. Tinha apenas seis anos.

Dizem que tudo tem uma primeira vez, depois a culpa não mais existe. Torna-se uma rotina. Meu pai fez de minha irmã, uma puta particular. O ódio começou a tomar conta de mim já com meus sete anos. Minha mãe tentou tudo, mas não conseguiu nada. Só perder todos os dentes da boca, devido à sova

que levava todos os dias. Minha irmã ficou prenhe e quando nasceu seu menino ela não aguentou e morreu ao dar a luz. Meu pai pegou o bebê e o jogou nas águas do rio Curimataú. Nem soube se ele estava vivo. Se estava às piranhas o comeram vivo.

Nosso vizinho mais próximo ficava a mais de vinte quilômetros. Meu pai plantava mandioca, abobora na barranca do rio, tínhamos um pouco de feijão que ele cultivava na larga do capão redondo. Ali também tinha feijão. Soltas em no pasto, oito vacas nos dava o leite do dia. Ovos não faltava, as galinhas ciscavam em volta da casa. O rio era piscoso. Não passávamos fome, mas ele tinha outra fome. Insaciável. Não dava sossego a Barbara. Era de manhã, de tarde e de noite. Um dia pegou uma vara grossa de marmelo e bateu em minha mãe até ela morrer implorando perdão. Perdão não sei de que.

Nessa época tinha feito 10 anos. Meu ódio já existia e eu o olhava como se olhava um monstro. Não sabia que monstro era. Eu não conhecia nenhum, mas tinha ouvido falar. Não aprendi a ler e nem escrever. Meu pai enterrou mamãe junto a Barbara, lá bem próximo à curva das cinco pontes. Não, claro que não havia pontes. Nem sei por que esse nome. Ninguém estranhou. Ninguém deu falta de mamãe e da minha irmã. Não recebíamos visita. Todos tinham um enorme medo de papai.

Na primeira noite que ficamos sozinhos, ele se embebedou de cachaça. Me pegou pelos cabelos, rasgou minhas roupas e me comeu como se comesse uma franguinha no mato. Gritei de dor. O maldito nem aí. Quando ele entrou em mim, que dor dos infernos! Filho da Puta eu penso até hoje. Dez anos. Violentada pelo próprio pai. Virei daí em diante, a nova puta de papai. Onze anos, doze, treze e engravidei. Meu neném nasceu e ele o pegou ainda sujo do meu útero. O pobre ainda chorava quando meu pai o jogou no rio. Implorei para não fazer isso. Mas ele nem ligou. Me deu um chute no rosto. Parei de chorar. Agora não falava mais nada. Não valia a pena.

Quando fiz dezesseis anos, resolvi acabar com a vida dele. Chegou da lida, pegou a garrafa de cachaça e bebeu feito um porco. Eu sabia como era. Todos os dias a mesma coisa. Se embebedava e vinha me comer. Sem banho, sujo fedendo feito macaco prego do peito amarelo. Naquele dia fingi que gostava, ele estranhou. Disse-me até umas palavras carinhosas. Trouxe mais cachaça. Ele bebeu e ria babando no seu corpo nu. Ficou desfalecido na cama. O arrastei até o pé de Juazeiro e coloquei óleo e querosene que usávamos para as lamparinas, e risquei o fósforo com prazer.

Ele berrava de dor, tentou levantar, mas estava muito bêbado e eu tinha um pau enorme e grosso nas mãos. Dei nele uma cacetada e ele desmaiou queimando como se queima a roça abandonada. Ele ainda gemia e eu sorria. Por minha mãe, por Barbara dizia. Pelos bebês que você jogou para as piranhas. Quando o fogo apagou ele ainda não tinha morrido. Peguei a faca de cozinha e cortei o membro dele. Ainda deu um grito estridente. Agora sim, estava morto. O joguei no rio para as piranhas. Não merecia um enterro decente.

A vida mudou para mim. Estava agora sozinha. Não tinha ideia do que devia fazer. Meu nome é Branca, minha mãe dizia que significava luminosa, brilhante e eu era uma moça receptiva e otimista. Não sei. Não era nada disto. Eu nunca tive vida própria. Fui até a roça de papai e vi que podia colher muita coisa. Não sabia plantar, mas eu iria aprender. Aprender? Afinal será que ia ficar ali sozinha de novo? Cheguei à conclusão que devia partir. Para onde não sabia. Mesmo assim fiquei mais oito meses sem saber aonde ir.

Modesto apareceu pela manhã, assim, como se não quisesse nada. Disse que estava de passagem. Perguntou pelo meu pai e minha mãe. Disse mentindo que tinham ido a Lázaro Feliz fazer compras. Lázaro ficava a vinte e dois quilômetros e a pé, quando meu pai ia até lá, demorava dois dias para voltar. Ele apeou do cavalo mesmo sem eu o convidar. Me pediu um gole d'água. Eu já sabia no que ia dar. Afinal ainda era bonita. De pele clara, cabelos castanhos, seios desenvolvidos, um belo corpo para os meus dezessete anos.

Ele entrou em casa sem me pedir e me chamou dizendo que ia me comer. Outra vez? Pensei. Modesto era forte, muito. Eu não tinha como lutar com ele. Fingi aceitar. Fui até a cama da cozinha, ele tirou a roupa, ficou nu com um membro enorme balançando. Sorri para ele, e comecei a tirar a roupa, disse que antes tinha de lavar o que ele queria. Ele riu. Fui até o gaveteiro, tirei uma enorme faca de capar e limpar porco. Tirei a roupa e com a faca escondida nas costas me aproximei dele sorrindo. Ele ria, agora sim deve ter pensado. Vou comer essa linda menina!

Modesto Foi comer a mulher do capeta. Lá nas profundas do inferno! Enfiei a faca nele sem dó. Cortei seu pescoço como cortava as galinhas quando eram preparadas para o almoço. Ele deu um grito só e o sangue espirrou para todo o lado. O arrastei até o rio. Coitado do rio Curimataú. Não fazia nada só nos ajudava e tinha que aguentar aquelas “porqueiras’ que eu jogava em suas águas”.

Eu já sabia onde papai guardava suas reservas financeiras. Tinha mais de oito mil reais. Um dinheirão. O filho da mãe não gastava e vendia sempre uma vaquinha, um boizinho e nunca nos deu nenhum conforto. Parti em uma manhã de junho. Cheguei à noitinha em Lázaro feliz. Soube que um ônibus partiria às onze da noite para Salvador. Uma viagem gostosa, nunca tinha andado de ônibus. Dez horas de viagem e amanhecemos na capital da Bahia.

Me espantei com a cidade, linda, casas e prédios. Procurei uma pensão e me instalei. Meu dinheiro guardei a sete chaves. Debaixo da cama abri um buraco, enterrei numa lata de doce vazia. Fiquei só com duzentos reais. Dormi até tarde. Para dizer a verdade não lembrava mais de nada do que me tinha acontecido. Aqueles dois que matei mereciam. Se tivesse de prestar contas, seria a Deus o meu protetor. O diabo que fosse para os infernos. Risos esqueci que ele morava lá.

Seis meses de Salvador, já conhecia a cidade e muitos homens me procuravam, mas eu não me interessei por ninguém. Arrumei um emprego de

Gari. Foi ótimo. Fiz muita amizades. Uma noite Marcelinha me convidou para uma festa de aniversário próximo a casa dela. Fui apesar de que não gostava muito de festas. Um homem loiro, até bonito não tirava os olhos de mim. Marcelinha me disse que era Frances. Falava mal o português. Estava de férias e ia voltar para a França daí a uma semana.

Aceitei seu convite para sair. Gerard era educado. Muito. Nunca vi ninguém assim. Dizia estar apaixonado por mim. Eu não sabia o que sentia. Uma tarde antes de ele partir me levou a um motel. Foi calmo, amoroso, acho que até gostei do que fizemos. As dores que sentia de meu pai desapareceu. Quando saímos do motel disse que queria casar comigo. Eu iria com ele para a França.

Não devia ter aceitado, mas minha amiga tanto insistiu, dizia que eu seria uma Lady ou uma Mademoiselle. Eu nem sabia o que era isso. Mas lá fui eu com Gerard. Que viagem. Uma maravilha. Adorei a viagem de avião. Primeira classe, as moças sempre perguntando o que eu queria. Em Paris ele me levou a diversos lugares lindos. O Museu do Louvre, o Chateau de Versailles, A Torre Eiffel, o Arco do triunfo, a Basílica de Sacre Coeur. Mas o que mais me encantou foi o Jardim de Luxembourg, um dos mais bonitos de Paris. As flores, as cores delas estavam lindas. Tudo florido. Muita gente sentada nas cadeiras observando. Fiquei ali estática, sem nada dizer.

Uma moça ignorante, analfabeta, vivendo aquilo sem saber o que era, foi como um conto de fadas as avessas. Ficamos em Paris uma semana e partimos para Colmar. Seria onde iríamos morar. É uma pitoresca cidadezinha francesa, situada na alsácia bem pertinho da divisa com a Alemanha. Não merecia aquilo. Deus me deu o que eu não podia ter. Gerard me tratava como uma princesa. Sabia que eu era analfabeta e me prometeu ensinar a ler. Claro, seria em Frances.

Mas nem tudo que é doce dura para sempre. No segundo mês de casada Gerard foi até Stuttgart na Alemanha a serviço. Gerard era advogado e sempre tinha coisas a resolver fora de Colmar. Ah! Destino. Ele me persegue. Não quer que eu seja feliz. De novo um vizinho gordo, feio e claro, bêbado bateu a porta da minha casa. Abri e ele entrou sem pedir. Eu já o conhecia e educadamente o cumprimentava. Acho que ele não entendeu.

Tirou o pinto para fora e disse para eu pegar. Fazia gesto, eu horrorizada tentei sair pela porta correndo. Ele não deixou. Apesar de gordo era forte. Só sabia dizer - Puta brasileira. Puta brasileira. Me arrastou até o quarto, era no andar de cima. Um lance de escada, ele escorregou e caiu com a cabeça no piso. Morreu na hora. Sai gritando chamando os vizinhos. A polícia chegou. Me levaram presa.

Eu estava em minha casa, me defendi e fui presa. Mas acho que merecia, matei meu pai e o homem que tentou me estuprar pela segunda vez. Agora não. Não encostei no "leitão bêbado Frances" Ele caiu de bebida no bucho. Gerard tentou entender. Mas não sei se entendeu. Acho que ele

acreditava que eu queria alguma coisa com o vizinho, pois só assim ele entraria na casa. Ele até que foi condescende. Pagou um advogado, pois ele não queria me defender.

Fui condenada a 18 anos de cadeia. Sem direito a sair mesmo com bom comportamento. Estou aqui há 15 anos. Falta somente três. Fiz muitas amigas aqui na prisão. Todas elas me disseram que poderiam me ajudar quando eu saísse. Eu não sabia se ia voltar para o Brasil. Acho que lá o passado poderia voltar. Gerard nunca me visitou. Uma amiga de cela ficou marcada em meu coração. Rosália era natural de San sebastian, uma cidade localizada a beira mar no golfo de Vizcaia, no norte da Espanha. Ela dizia que era linda. Me lembrei de Salvador.

Quando sair, irei morar lá com Rosália. Ela nunca me disse o que fazia e nem perguntei. Mas acredito que depois de tudo que passei, mereço uma vida melhor e vou lutar por isto. Sei que não será fácil, mas eu vou conseguir. As lembranças do passado já estão sendo esquecidas. Meu pai e Modesto devem estar junto se abraçando com o demônio, pois nunca mais voltaram a me importar com pesadelos. Não posso dizer que Deus os tenha. Mas digo com prazer, que o tinhoso, o maldito, o coisa-ruim e o lúcter das trevas proteja-os para nunca mais sair deste fogo dos infernos.

Futuro?

Uma palavra muito difícil de dizer diante do presente, pois não sabemos o que vai acontecer diante dele para existir esse tal de futuro. Pode ser que tenha planejado ele, mas de uma hora prá outra todas suas idéias podem mudar. Quem já não pensou como vai ser? Se realmente vai ser do jeito que pensou?

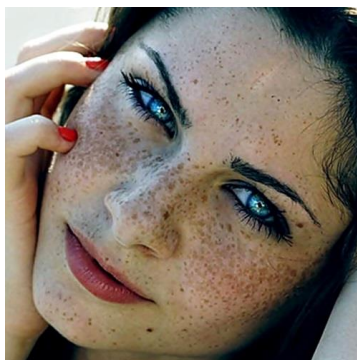
Mas isso só Deus sabe, não é a gente que decide.

Existem várias formas de fazer um futuro, como pensar o que vai ser da minha vida profissional, meu casamento, filhos e por aí vai...

Sendo que primeiro na nossa vida temos que ter o presente, para depois termos um futuro, e isso não é uma vidente que vai descobrir. Você mesmo pode fazê-lo e também escolher quem vai estar nele junto com você.

Para isso é só ter força de vontade e ser feliz, para que seu esperado futuro seja tranquilo e seguro. E pensar que o futuro sempre está começando agora.

Eliene



Onde está você margarida?
Flor mais bela do jardim
Com seus olhos tão profundos
Que expõem minha alma
Me tirando da solidão

Não me abandones margarida
Pois preciso do teu ser para ser
Do teu perfume embriagando manhãs
Me fazendo perder os sentidos

De tua voz acalentando meu coração
Do teu corpo entrelaçando o meu
Do teu sorriso arredio e corrediço
Do teu amor para libertar-me.

Anita García

Eu lhe ofereci minha vida e um buque de margaridas amarelas, porque não aceitou?

Não dá para esquecer. Nunca. Os versos de Clarice batem no fundo dentro de mim. Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la. “Enquanto escrevo, vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão.” Mas isto não é real. Ela foi tudo para mim e eu não fui nada para ela. Porque o destino sempre protege aqueles que não precisam? Meu irmão Javel sempre teve tudo que quis. E a vida sempre lhe sorriu. Deu-lhe todas as benesses que alguém pode alcançar. Será que ele merecia? Quem sou eu para julgar. As pessoas achavam que éramos gêmeos. Eu era um ano mais novo e nunca nos vestimos iguais. Eu nunca o invejei. Nunca. Sei que ele era mais perfeito que eu, mas até quanto à perfeição influi no caráter? – Gill, ele dizia, cada dia é um dia. O seu vai chegar. Nunca chegou. Ele faculdade eu Escola Técnica. Ele ótimo emprego e eu com um que mal dava para viver.

Aceitei tudo normalmente. Nunca me revoltei. Até os poucos amigos que me conheciam diziam que eu devia mudar. Mesmo não sendo não deveria aceitar ser o segundo. Juro que eu tentei tudo para ser um bom irmão, mas não deu. Palavra que não deu. De quem foi à culpa? Disseram que foi dela. Não sei. Mas Javel sabia que eu a amava. Ele sabia que eu a conheci antes dele, ele sabia que a vida sem ela era nada para mim. Eu sei que mesmo lhe oferecendo Margaridas Amarelas suas preferidas ela evitava aceitar. Aquilo me machucava, doía uma espada entrando em meu corpo. Ela agora preferia beber o néctar do veneno com meu irmão. Todos poderão dizer que a escolha

foi dela. Mas por quê? Eu disse a ela que daria minha vida para fazê-la feliz. Ela abaixava a cabeça e não dizia nada.

Por toda minha vida fui um perdedor. Queria jogar e ganhar, mas não conseguia. Meu irmão era meu fantasma. Para ele tudo em primeiro lugar. As sobras eu podia utilizar. Foram anos assim e até achei que tudo era natural. A melhor roupa, o melhor calçado, a melhor mesada, os direitos que lhe davam e para mim nenhum. Erro do meu pai? Da minha mãe? Não dizem que os primogênitos tem mais direitos? Afinal ao nascer primeiro os direitos não são deles? Posso dizer que a principio concordei com tudo isso. Concordei de ele estar sempre em primeiro lugar. Eu sei também que onde a esperança falta, onde um amor se transforma em mal, onde quem mata se esconde em si mesmo nada e nem nunca pode dar certo. Há o amor... Que nasce não sei onde e vem não sei como, e dói não sei por que (Camões).

Foi o destino que me jogou naquela marquise para fugir do vento forte e da chuva que caiu como uma tromba d'água naquela tarde tão benfazeja. Foi quando a vi pela primeira vez. Meu Deus! Como era linda. Não vi mais a chuva nem mesmo ouvi trovões. Os raios que caíam eram flores de margaridas amarelas que iluminavam aquele rosto de uma deusa do Olimpo. Ela suspirava forte. A corrida até ali a deixou cansada. Alguns segundos ela me olhou. Sorriu. Que sorriso maravilhoso! - Oi, ela disse. Eu tremia, minha voz saiu rouca – Oi para você também. Ela riu mais. – Que chuva eim? Ela continuou falando. Eu só ouvindo. Se ela quisesse eu ficaria todo o tempo do mundo ali só a ouvi-la. Que linda voz, que sorriso maravilhoso e sua expressão? Impossível descrever. A chuva começou a amainar. Maldita chuva. Assim ela iria embora. – Olhe, ela disse, sou sua vizinha, saio de madrugada e volto à noite para o trabalho. Casa 132, amanhã sábado estou em casa, se quiser apareça para tomar um café!

Ela se foi. Eu fiquei ali esperando seu vulto desaparecer na esquina. Porque não fomos juntos? Até hoje me pergunto por que não. Levantei cedo. Um banho vesti minha melhor roupa. Meu irmão perguntou o que houve para ficar assim tão elegante. Não respondi. Bati na casa dela. – Entre ela disse quando chegou à porta. Sem palavras para descrever aquela tarde. Não pense mal. Ela contava histórias, me serviu café, depois chocolate, um delicioso bolo de baunilha. A noite chegou. A mãe dela uma simpatia. Mas vi que precisava ir. – Posso convidar você para um cinema? Perguntei. Naquele noite mesmo saímos. Segurei em sua mão. A minha tremia de emoção. Foi o começo de tudo. Eu a amava. Mais que tudo na vida. Meu irmão cismado. Não deu para esconder. – Um dia nos encontrou no portão da casa dela – Não vai me apresentar? Ele disse. Vontade de mandar ele para o diabo que o carregue. Não devia, mas ela me perguntou quem ele era. Foi o começo do fim de tudo.

Meu inferno começou. Por ela minha vida já não era mais a mesma. Aceitei tudo do meu irmão, mas agora eu o odiava. Cheguei a maldizer ter nascido do mesmo sangue. Vi que ele não me respeitava. Ele sabia que eu a amava, que estávamos namorando e mesmo assim insistiu com ela. Foi ela

quem me disse que ele seria o homem de sua vida. Um ódio mortal tomou conta de mim. A única coisa importante na minha vida ele me roubava sorrindo. Nem sequer me procurou para justificar. Passei a beber e juro que até hoje não sei por quê. Eu nunca bebi. Tornei-me um alcoólatra e me mandaram embora da fábrica. Nenhum dos dois sequer me procuraram. Não houve explicações, nunca houve. Começou a germinar na minha mente a ideia de matá-los. Meu Deus, a que ponto estava chegando.

No dia do casamento deles resolvi acabar com meu sofrimento. Quando o Padre fosse perguntar se tinha alguém contra, eu daria um tiro em cada um e sorrindo para os convidados diria – Eu sou contra este casamento. Que eles sejam felizes no meio do inferno! Que o demônio os abençoe. Mas não ia ficar só por aí. Com a própria arma daria um tiro em minha cabeça. Claro, eu seria companhia deles junto aos demônios naquela caldeira do diabo onde iríamos morar. – Vesti minha melhor roupa. Um terno que guardei para quando fosse casar com ela. Consegui de um conhecido um Taurus 45. Na hora marcada entrei na igreja. Todos olharam para mim. Quando o Padre começou a perguntar dei um tiro no meu irmão e outro nela. Ri quando ambos caíram ao chão. Virei para os convidados sorrindo – Eu a amava, disse. Ele o meu irmão sabia. Roubou-me como sempre o fez em toda nossa vida. Alguém correu para me tomar a arma. Dei um tiro por bairro do queixo e a bala saiu do outro lado do cérebro.

Fiquei vagueando em um lugar fétido, gemidos por todo lado e pessoas passando e me desejando que fosse para o inferno. Tudo escuro e eu não via nada. O tiro que dei em mim toda hora entrava em minha cabeça e saía do outro lado. Doía horrivelmente. Pessoas horrendas riam de mim. Eu me chafurdava na lama. Não conseguia sair. Onde estava? Queria agora mesmo ir para o inferno. Lá era meu lugar e não aqui no meio desta podridão. Eu não via nada. Em uma parede invisível sempre aparecia uma tela, sempre com as mesmas imagens. Na primeira vez o que passava me assustou. Ele e ela vivos em um hospital. Não estavam mortos. Eu errei o tiro e um acertou a perna dela e o outro o ombro do meu irmão. Eles sorriam para mim. Malditos! Mil vezes malditos. – Alguém me tocou o ombro. Um bicho enorme. Vermelho como se estivesse em fogo, chifres brancos na cabeça. – Olá meu jovem, vim te buscar. Segurou-me com força. Jogou-me em um despenhadeiro. Lá no fundo lavas quentes onde cai com um estrondo. Gritava de dor, tentava pensar e não conseguia, foram anos e anos assim. Meu Deus me ajude! Não aguentava mais aquilo. Eu sentia muita falta. Não só dela como dele também.

Não sei quanto tempo fiquei ali. Queria falar com ela e meu irmão. Pedir perdão. Sei que eles iriam me perdoar. Tentei tudo, mas cansei de procurar, de insistir, é difícil e ficava cada dia mais cansado. Meu corpo doía e melhor é deixar o tempo agir. O que deve ser será. Se existe um Cristo um Deus sei que um dia eles irão me perdoar. Sei que aquele sofrimento um dia terá fim. Agora uma nevoa a minha frente. Um pequeno raio de sol apareceu. Pessoas chegaram vestidos de branco. Uma jovem sorrindo me trouxe flores.

Margaridas amarelas. Lindas, as flores que eu amava e que sempre dei a ela. Alguém me abraçou. Fui elevado no ar e levado para um céu onde existia tudo. Hoje vivo ali, ajudando e trabalhando. Dizem que eu vou voltar. Voltarei com filho dela e de meu irmão. Será sublime. Uma alegria. Não sei se mereço isto. Mas Deus sabe o que faz!

Hoje na cidade dos sonhos onde moro, eu vivo sorrindo, não tenho mais ódio no coração e nas minhas horas vagas depois de minhas orações eu faço poemas e no meu jardim eu cultivo margaridas amarelas. Sempre quando me lembro deles lágrimas caem e mesmo com voz não tão bonita eu canto: - £São duas flores unidas, são duas rosas nascidas, talvez do mesmo arrebol. Vivendo, no mesmo galho, da mesma gota de orvalho, do mesmo raio de sol. Ah! Unidas... Ai quem pudera, numa eterna primavera, viver qual vive esta flor. Juntar as rosas da vida, na rama verde e florida, na verde rama do amor!£ – Que eles sejam muito felizes. Para sempre... (Castro Alves)

Saudade

Não tenho percebido cores;
Não tenho sentido mais o néctar das flores;
Não sei mais o que é real e nem abstrato.
Talvez neste exato momento, não sonhasse com o futuro,
Nem vivesse no passado;

Há dias tenho vagado na mente distante, incessante,
Mas exatamente neste instante, tenho sido incoerente e não só com opiniões
diferentes,
Mas também com pouca e muita gente.
Sou assim... Naturalmente!
“O que fazer?”.

Tenho medo da dor, tenho medo de sofrer,
Tenho medo de brigar com meu amor, de matar, de morrer...
Será que todos são assim?
Não sei mais quem sou!
Não tenho estado mais aqui comigo.

A saudade, engrandece a tristeza,
Que mesmo sendo de nossa natureza,
Não consigo aceitar!

Sinto falta de tudo, sinto falta de você!
Na memória, a lembrança tardia de um sorriso e um olhar de uma triste alegria,
que glorifico!
É o que me faz despertar!

Diogo Sales



ALICE MARAVILHADA

*Ao perseguir o coelho branco
Alice caiu num buraco
Que a levou a um lugar encantado,
Com maravilhas por todos os lados.
Animais ali falavam como gente
Comemoravam o aniversário.
E a Rainha Vermelha com destreza
Arrancava a cabeça
Daqueles que a desagradavam.
Alice inventava palavras,
Sempre procurando rimá-las.
Com elas em suas andanças
Encantava adultos e crianças.
No País das Maravilhas,
Flores lindas eram orgulhosas
De seus perfumes e cores.
Enquanto que a Lagarta Azul
Enigmática em seus dizeres
Fumava horrores.
E a pobre Alice em seu caminho
Conheceu a luta da Rainha Branca,
Que teve seu trono usurpado
Por irmã vil e invejosa.
Luta sangrenta por justiça
Onde com a espada vortal
Pôde mostrar que era a tal.
Alice, menina que cresceu,
Sem lembrar da viagem maravilhosa,
Pensava que enlouqueceu!
Mas ao lembrar-se de toda a verdade,
Que não era sonho, mas realidade,*

*Alice conformou-se com seu papel:
Tornou-se heroína e lutou contra o inimigo,
Devolvendo o trono à bondosa amiga branca rainha.*

06/11/2012

Postado por Guacira Maffra.

Alice, que nunca esteve no país das maravilhas.

Nunca desejei ser além do que sou. Sou feliz. Tenho tudo que preciso. Um emprego, bons amigos, um ótimo patrão e um homem que preenche tudo aquilo que preciso. Estamos noivos. Não é um amor louco nem um amor apaixonado. Não sei o que seria da minha vida sem ele. Não esqueço o dia que nos conhecemos. Foi no lotação Centro/Mauá. Não havia lugares vagos. Ele me olhou sorriu e disse – Moça, ninguém com sua beleza pode viajar em pé. – Fiquei encabulada. Sentei e ele em pé não tirava os olhos de mim. Desci na Praça Ontário e ele ficou da janela me dando adeus. Que sensação maravilhosa eu sentia. Na loja Pentecostes até seu Norberto o proprietário me perguntou o que houve. Claro que não contei. Era um segredo meu. Uma paixão enorme que se abria em meu coração. Mas será que eu o viria de novo?

Durante vários dias fiquei entre o céu e a terra. Não podia esquecê-lo. Nunca. Corria para o ônibus e ele não estava lá. Ia dormir pensando nele, pois tinha medo de que o esquecesse. Estava absorta pensando em minha sorte que nunca foi boa para mim. – Moça, tem um Mocassim número 42? Levantei os olhos. Um susto! Quase desmaiei, era ele, Deus não tinha me abandonado. Sorri, um sorriso apressado mas verdadeiro. – Claro, sente-se aqui. Vou buscar várias cores para o senhor escolher. – Senhor? Ele riu. Chame-me de Balty, o nome real é Baltazar, mas gosto mais do apelido. – Muito prazer Balty, eu sou Alice. Foi o melhor dia da minha vida. Minhas amigas da loja sorriram e disseram que era o homem mais bonito que tinham visto. Moreno, bronzeado, cabelos negros lisos e bem penteados, dois enormes olhos castanhos que brilhavam e a boca? A mais perfeita que já vi.

Convidou-me para sair à noite. Um cinema. Super-respeitoso. Levou-me em casa e só um beijo na minha mão. Estava nas nuvens. Eu dormi sonhando ser a verdadeira Alice nos país das maravilhas. Quem sabe ela caiu na toca do coelho? Quem sabe a lógica do absurdo do filme não seria sua lógica? Eu tinha assistido o filme varias vezes. Adoro a história de Lewis Carroll. Um mês de namoro. Nunca pedi nada. Ele tinha um velho fusca 74. Nunca abri a porta. Ele corria para abrir. Levou-me algumas vezes em restaurantes. Simples é claro. Ele contou-me que não ganhava muito. Era gerente de uma Banca de Verduras no Ceasa. Pediu-me em casamento quatro meses depois. O dia mais feliz de minha vida. Mande um telegrama para a Vovó. Queria compartilhar minha alegria, meus pais haviam falecido há tempos.

Naquela mesma noite dormirmos juntos. Uma experiência incrível, pois eu era virgem. Nunca tinha sido de nenhum homem. Ele calmo e ponderado me levou nas nuvens. Quando fiquei nua na sua frente senti um enorme calafrio e fiquei vermelha de vergonha – Pensei comigo – Vai ser meu marido, não tenho de envergonhar. Ele me acariciou de uma maneira que tremia dos pés a cabeça. Na ponta do dedo de uma mão começava nos pés, ia subindo pelas pernas e com o outro dedo vinha ao contrario, descendo pelo seu rosto, na ponta dos seios e ambos se encontravam lá, na sua gruta escondida que ninguém a tinha visto antes. Ele foi o primeiro. Pediu-me para acariciar sem membro. Grande. Duro mas macio. Ele me possuiu devagar, eu tremia e gemia. Nunca tinha passado por aquilo. Era lindo e maravilhoso. Pela primeira vez tive um orgasmo que eu mesma fiquei admirada.

Nosso casamento seria em novembro. Dia 12 na Igrejinha de Santo Antônio do meu bairro. Eu acreditava ser a pessoa mais feliz do mundo. Engraçado. Não sabia onde ele morava. Ele nunca me disse e nunca perguntei. Lembro que foi em uma tarde ao sair do trabalho que passei em frente a uma lotérica. Uma enorme fila. Nativa uma amiga do trabalho perguntou se não ia jogar na loto. Ri e disse que nunca joguei. Não tinha sonhos de riqueza. – Mas jogue Alice, uma vez só. Quem sabe isto vai trazer a maior felicidade entre você e o Balty? – Entrei com ela na lotérica, fiz um jogo sem pensar e guardei a cartela dentro da bolsa. – Oito dias depois nem lembrava dela. – Vi a noite em um jornal da TV que o ganhador do premio de cento e setenta milhões ainda não aparecera. Puxa! É muito dinheiro para ninguém procurar.

Em casa nem pensei no assunto. Morava com Dona Madalena em um quartinho que ela me alugou. Grande amiga. Muitos conselhos. Ao procurar a chave vi bem lá no fundo da bolsa à cartela. Sorri. Não podia ser eu. No dia seguinte passei na lotérica. Tremia quando vi o resultado do meu jogo. Era a ganhadora. Liguei para Balty pedindo socorro. Não sabia o que fazer. Meia hora depois ele chegou. Abraçou-me e disse que não precisava me preocupar. Falei para o senhor Norberto sobre o prêmio – Alice ele disse – É muito dinheiro. Você não tem pais, irmãos alguém que possa lhe ajudar? Expliquei que Balty já oferecera. – Não sei não Alice, eu sei que vão casar, mas não seria melhor ver isto sozinha? Soube que na Caixa tem gente especializada. – Calma seu Norberto. Tenho a maior confiança em Balty.

Confiança. Linda palavra. O que o amor não faz entre dois amantes que juram viver juntos para sempre. Balty abriu uma poupança. Conta conjunta. O gerente ficou conosco horas nos orientando. – No mesmo dia sai do emprego e junto com ele fomos para o melhor hotel do Rio de Janeiro. – Depois veremos onde vamos morar e o que vamos fazer. Agora precisamos ter um tempo nosso. Só nosso. Eu ria de felicidade. Balty no segundo dia saiu cedo. Disse que ia encontrar um amigo e que eu devia descansar. Balty sumiu. Não voltou ao hotel naquele dia e nem no outro. Não o encontrei em nenhum hospital, delegacia e fui até no IML. Nada. Estava desesperada. Não sabia o

que fazer. O gerente do hotel me cobrou as diárias atrasadas. Mais de oito mil reais. Meu Deus! Na minha conta só duzentos reais. Na poupança nada. Vazia!

Não estava acreditando. Impossível. Balty nunca faria isto. Ele me amava. Qual a explicação? Quem sabe foi sequestrado e os bandidos o obrigaram. Procurei o gerente. Disse que não tinha como pagar. Oferecia trabalhar para eles até a conta ser liquidada. Fiquei três meses no hotel e voltei para São Paulo. Voltei à velha rotina. Minhas amigas e seu Norberto e Dona Madalena inconformada. O dinheiro para mim não era tudo. Eu o amava. Ele podia ter ficado com tudo se eu estivesse do seu lado. Passaram-se cinco meses. Meses sofrendo, mas aos poucos estava esquecendo dele. – Um dia sentado no Bar do Tadeu onde almoçava um homem pediu licença para sentar. Dizer o que? – Moça, soube do seu caso. Sou advogado e detetive. Se quiser encontro o desgraçado que te roubou e vou lhe ensinar como recuperar seu dinheiro. Se concordar e tudo dando certo quero quarenta por cento.

Não disse nada. Peguei um cartão dele. Um mês depois vi uma notícia no jornal que me revoltou. Ele cercado de mulheres numa casa cinematográfica em Búzios. Liguei na mesma hora para Osmar. O advogado detetive. Disse que continuasse trabalhando. Ele ia investigar tudo. Passou mais de um mês quando ele me procurou. – Tenho um plano. Não vai ser difícil. Explicou-me tudo. Balty tinha uma fazenda no interior de Goiás. Na cidade de Morro Agudo próxima a sua fazenda. Ele ia quase semanalmente no puteiro da cidade. Era o rei da Boate da Margarida. Dava grandes festas. Osmar sabia como eu devia agir. Transformou-me de morena para loura. Pagou do próprio bolso a um cirurgião em plástica e estética operar os lábios, o nariz, a orelha e deixar minhas bochechas mais firmes. De olhos castanhos transformou-se em verdes. Tornei-me uma prostituta. Fui aceita na Boate de Dona Margarida sem problemas.

Quando ele me viu me chamou. Fez todo tipo de arrasta-pé, jogou nota de cem na mesa dizendo que era minha. Bem tarde, já madrugada ele completamente alcoolizado me levou para sua fazenda. Fiquei com ele por quinze dias. O plano era ver papeis que ele tinha assinado e guardar comigo. Quando já tinha oito folhas de papel fugi de lá. Eu e Osmar ficamos dois meses treinando a sua assinatura. Eu consegui uma noite que ele estava quase dormindo sua senha. Retiramos todo o dinheiro que ainda existia nos bancos. Cento e quarenta e dois milhões. A casa em Búzios e a Fazenda não deu. Entreguei a parte do Osmar. Sessenta e cinco milhões. Bem empregado. Ainda sobrou mais de setenta milhões. No segundo mês voltei lá. Minha vingança só começou. De novo na Boate da Margarida. Ele me viu e desconfiou. Levou-me de novo para a fazenda.

Tentou tudo para saber o que eu era. Inventei uma história. Naquela noite ele totalmente alcoolizado e a fumar maconha desmaiou na cama. O amarrei melhor que pude. Fui na cozinha. Peguei uma faca de açougueiro. Sem dó e sem piedade cortei seu pênis e seu saco escrotal. Ele gritou e gemeu

fundo. Estava amarrado. Gritei com ele – Agora seu filho da puta, vais comer e desgraçar mulher no inferno! Gritando perguntou quem eu era. Dei uma risada. Alice seu filho de uma égua, Alice que nunca foi no país das maravilhas. Sai de lá correndo. Peguei um Taxi até Goiana. Lá aluguei um jatinho que me levou ao Uruguai. Tinha lá uma bela casa. Mas não ia ser minha moradia. Hoje tenho casa em Malibu próximo a Los Angeles de frente a praia, outra em Paris próximo a Torre Eiffel. Um grande apartamento situado ao longo dos jardins um bairro dos mais elitistas da capital. Em Mônaco mais precisamente em Monte Carlos comprei outra. Minha Avó mora comigo. Nativa minha amiga da loja também.

Não tenho namorados. Vivo com minha renda. Passeamos eu e Nativa pela Europa. Nunca mais voltei ao Brasil. Tinha receio que o filho da mãe do Balty pudesse fazer alguma vingança ou mesmo que estivesse sendo procurada pela policia. Osmar de vez em quando aparecia. Deixou seu escritório de Detetive e ria quando perguntava se estava fazendo alguma coisa. Eu sou rica. Não sei se sou feliz. O dinheiro é a minha esperança de independência. Mas sei que a única segurança verdadeira para a felicidade é fazer uma reserva de sabedoria, de experiência e competência. Aprendi a lidar com o dinheiro. Eu sei que o dinheiro é o sonho dos pobres. Eles não conseguem pensar em mais nada. Bem que o Dalai Lama um dia comentou que o que mais surpreende é o homem, vive perdendo a saúde para juntar dinheiro, depois perde o dinheiro para recuperar a saúde. Ele também vive pensando ansiosamente no futuro, de tal forma que acaba por não viver nem o presente nem o futuro. Vive como se nunca fosse morrer e morre como se nunca tivesse vivido!

Mas querem saber a verdade? Nunca esqueci Balty. Eu o amava e ainda o amo. Poderíamos ter sido felizes. O maldito dinheiro não deixou. Agora eu Alice só penso em encontrar o meu País das Maravilhas.

Eu amo cada milímetro da minha vida.
“Na riqueza ou na pobreza, na saúde ou na doença...”
O importante é saber que iremos envelhecer,
Ricos ou pobres, se você estiver doente cuidarei
De você e tenho certeza que se eu estiver doente
Você irá cuidar de mim.
E isso é o que importa, a lembrança de um passado,
A segurança de um futuro e a alegria do presente.

Patrícia Zanini



O mafioso.
Perdido nessa trama de mentiras
Nessa rede de intrigas
Tua estrada é sem fim
Tua existência é suja

Mais uma carta
Uma aposta
Um tiro como resposta
Treze cigarros jogados ao chão
Cinco garrafas quebradas na mão

Tarde demais, tarde demais
Sete corpos deixados p'ra trás
Foi longe demais, longe demais
Dezessete vidas que seguem sem paz

Por ruas desertas
Cantando pneus
Enredos que não são teus
São teu filme em preto-e-branco
Manchados de sangue, manchados de espanto
Manchados de cifra\$

Mas aonde vai?
Vão te encontrar
Calma...!
Vão assassinar a tua alma.
Nanda_Vamp

Doutor Freed D'olison, o Capo de tutti i capi.

Dias de hoje.

Doutor Freed D'olison não esperava visita, isto é não esperava ninguém. Nunca foi procurado em sua casa a não ser pelos casos especiais. Olhou de soslaio pela janela. Quatro homens carregando outro. Seu coração

bateu forte. Nunca recusou ajudar ninguém. Abriu a porta e foi empurrado por um homem com o triplo de sua altura. Gritou para ele – Chame o Doutor urgente anão aleijado! Doutor Freed D’olison não se sentiu ofendido. Quantas e quantas vezes tinham dito isto para ele. – Eu sou o Doutor Freed D’olison – disse. O que vinha mais atrás foi mais educado. – Precisamos de você. Meu irmão foi baleado. Um tiro na barriga. – Doutor Freed D’olison sabia que eram bandidos caso contrário teriam ido a um hospital. Sabiam quem ele era. Um ano antes socorrera um jovem de dezessete anos com uma bala bem perto do coração. Atiraram nele em frente sua casa. Ninguém o socorreu. Só ele. Operou ali mesmo no quatinho que tinha nos fundos da casa.

O jovem ficou bom. Agradeceu ao Doutor Freed D’olison e ele nada disse. Sabia que o jovem devia pertencer a alguma gang do bairro. Começou então uma busca frenética por seus conhecimentos médicos. Dificilmente olhavam para ele, mas o respeitavam como profissional. Nunca perdeu um paciente para o demônio. Isto mesmo. Todos que apareciam eram bandidos. Uma vez a policia bateu em sua porta. O empurrou entrando a força. Ele não disse nada. Dizer o que? Colocaram nele as algemas. Na saída mais de trinta bandidos armados até os dentes. Soltaram-no. Um dos bandidos disse aos policias que nunca mais fizessem aquilo. Se fizerem vai correr sangue. Não os seus e sim de seus filhos da sua mãe, do seu pai! Deixaram o Doutor Freed D’olison em paz por muitos anos.

Dias de ontem.

Sua mãe fazia tudo por ele. Nunca escondeu nada. Disse que ele nasceu em um beco sujo. Uma travessa da São João. Parto normal e ela ria quando contava. Ele nasceu com uma enorme corcunda. – Não dá para operar dona. – Disseram os médicos. O levou para casa. A principio tinha raiva dele. Um toquinho feio, uma corcunda que parecia mais ser filho do Diabo. Aos cinco anos ele não falava. Aos sete balbuciava. Foi para a escola. Ridicularizado mas as professoras ficaram impressionadas com sua inteligência. Aprendia tudo com rapidez. Tinha dificuldade não fala e pela sua aparência ninguém deu muita bola para ele. Sua mãe que o odiava passou a amá-lo. Jurou que ia fazer dele alguém. Aprendeu a mendigar na esquina da Paulista. Levava um pedaço de carne estragada, amarrava na perna e se fazia de coitada doente.

Todo o dinheiro que ganhou foi para pagar a escola do filho. Sorriu sem gritar quando ele foi o terceiro classificado no vestibular para medicina na USP. Formou-se como o primeiro da turma. Não foi chamado por nenhum hospital. Tentou residência em vários. Com muito custo a troco de um salario de fome achou um humilde próximo a São Paulo. Ficou lá três anos. Era um médico com uma facilidade grande de curar e operar. Tinha as mãos de seda. Mas sua aparecia não ajudava. Agora com trinta e dois anos seu rosto era cheio de espinhas. Quase não tinha nariz e o cabelo caiu todo. Usava uma peruca velha quando andava na rua, mas quem olhava para ele dava voltas.

Dias de hoje.

Sua fama cresceu no mundo do crime. Dom Pergoto de Cassiole era um Capo de tutti i capi. Todos o reverenciavam. Sua filha vivia tossindo. Passou a cuspir sangue. Os melhores médicos da capital disseram não saber o que fazer. Não era tuberculose. Mas Chiquita de Cassiole a cada dia definhava mais. Foi Bate Volta quem sugeriu o Doutor Freed D'olison. Dom Pergoto de Cassiole mandou buscá-lo. Assustou quando ele chegou. Afinal o que viu foi um anão mais feio que o diabo e com uma corcunda enorme. Bate Volta disse para acreditar nele. Chefe, o homem é feio, mas é bom demais. – Tudo bem disse. Se este anão filho duma égua não curar minha filha, vou encher ele de mel e jogar para as formigas lá na grotta do capeta. Foi amor à primeira vista. O Doutor Freed D'olison se apaixonou pela paciente. Ficou na mansão de Dom Pergoto de Cassiole por dois meses. A cada dia a Chiquita de Cassiole ficava mais formosa. Sua tosse sumiu.

O Doutor Freed D'olison foi convidado e passou a morar na mansão de Dom Pergoto de Cassiole. Gentileza dele como explicou. Foi feito um quarto especial. Dom Pergoto não fazia nada sem consultá-lo. O Doutor Freed D'olison um dia pediu a mão de Chiquita de Cassiole. – Nem morto meu caro Doutor. Nem morto. Ela a minha linda filha casar com você? Se ponha no seu lugar! – O Doutor Freed D'olison não se sentiu ofendido, pois era comum ser tratado assim. Mas o tempo pensava vai modificar tudo. Ele sabia que Chiquita de Cassiole um dia seria sua esposa. Junto com o capo ele viajou o mundo. Ficou conhecido como o maior médico cirurgião da terra. Claro isto no meio dos homens sem caráter e sem alma. Sua fama foi tanta que Reis e Rainhas, grandes empresários passaram a procurá-lo. Tirou um câncer terminal do primeiro ministro russo. Seu nome ficou famoso. Ricaços o procuravam. Criminosos famosos desciam todos os dias em seus jatinhos em Congonhas. A policia paulista estava de prontidão, mas as ordens para prendê-lo não vinham nunca. Pudera, o governador e o prefeito lhe deviam favores. Sem contar centenas de vereadores, deputados e senadores.

Diziam que o melhor hospital de Brasília era a ponte aérea para São Paulo. Agora não. Era mandar um jatinho buscar o Doutor Freed D'olison. Dom Pergoto de Cassiole morreu de causas desconhecidas. Ninguém nunca soube o que acontecera. Começou a definir, definir até que um dia apareceu morto em sua cama. Deixou o Doutor Freed D'olison em seu lugar. Ninguém disse nada. Havia uma espécie de medo por parte dos outros capos. Tudo estava mudando. O Doutor Freed D'olison mostrou outra face. Trouxe sua mãe velhinha para a mansão. Disse para Chiquita de Cassiole que se não casasse com ele seria colocada na rua. Não foi um casamento suntuoso. Casou-se na igreja de São Judas Tadeu. Convidados só os oito capos que ainda achavam que mandavam. Chiquita de Cassiole tremeu quando foi para a cama com ele. Fechou os olhos de medo e horror. Mas incrível, ele deu a ela orgasmos que ela nunca antes experimentou.

O Doutor Freed D'olison demonstrou para ela como um amante nunca antes imaginado. Tudo mudou para ela depois desta noite. Não sabia como, mas estava se apaixonando por aquele anão corcunda feio de doer. Impossível dizia para si própria, mas a cada noite mais e mais ansiava pelo seu corpo. O Doutor Freed D'olison satisfazia a ela varias vezes a noite. Mas a medita que o tempo foi passando o desejo foi diminuindo. Chiquita Cassiole viu que tudo desmoronava. Seu esposo não era mais o mesmo. A tratava com displicência, não ligava mais para ela. Agora só se preocupava pelos negócios. Sem ele perceber começou a transar com um segurança da casa. Mal ela sabia que Parquito era um agente federal infiltrado.

O Doutor Freed D'olison tinha um plano para desaparecer com todos os capos do estado. Na última reunião deles sentiu um ar de deboche para com sua figura. Eles não perdem por esperar disse para si. Ele sabia que não podia confiar em ninguém. Bate Volta até que se mostrava fiel, mas a traição está escondida na sua pessoa. Você não sabe até ver que foi traído. Desconfiou de Parquito, o segurança. Ninguém sabia o nome dele e nem quando foi admitido. Quando passava perto dele sentia o perfume de Chiquita. Uma tarde o convidou para tomar um café com ele. Parquito ficou de olhos abertos. Aquele Anão filho da puta não era de confiança. Bebeu devagar para sentir o gosto. Não adiantou. Sentiu seu corpo endurecer. Sua mente fervilhava, mas o corpo não obedecia. Tentou falar e não conseguiu.

Viu quando o Anão desgraçado o arrastou até a sala de operações. Sentiu o bisturi cortando seus braços. Ele cortava devagar, rindo e dizendo para Parquito – Vais sentir dor Parquito. Muito e não poderá mexer com o corpo e nem falar. Quero que você sinta meu ódio. Você não sabe como me sinto sendo traído pela minha mulher. O dia dela vai chegar. - A dor era tremenda. Ele cortou cada braço e cada perna com maestria. Jogou tudo em uma banheira que estava cheia de acido. Depois se sentiu carregado e jogado na banheira. O acido queimava. Doía horrivelmente. Morreu lentamente a gritar e pedir pelo amor de Deus que parasse. Ninguém ouvia. Seu corpo estava mudo. Chiquita desconfiou do desaparecimento de Parquito. Nunca desconfiou que seu marido o tivesse matado.

O Doutor Freed D'olison planejou tudo. A reunião seria feita em um galpão abandonado próximo a Guarulhos. Sabia que todos os Chefões iriam aparecer. Sabia que eles se sentiam ameaçados e levariam o maior número de seguranças possíveis. Não importava. Não ia sobrar ninguém. A bomba já estava armada para explodir cinco minutos depois do horário do encontro. Ele mesmo a fez. Toda a área do galpão seria explodida. Ele não iria. Estaria na hora assistindo o maestro alemão Helmuth Rilling no Teatro Municipal se deliciando com Bach, que prometia uma apresentação soberba da Missa em Si Menor. Ninguém poderia dizer que ele estaria envolvido. O Doutor Freed D'olison era um aficionado por opera. Muitas vezes ia a Europa só para ver um grande regente. Chiquita de Cassiole estava ao lado dele. Quando o

espetáculo terminou ouviu um zum zum no salão. Ele já sabia o que seria. Que fossem para o inferno, pois antes eles do que eu.

Os jornais no outro dia se divertiam com suas manchetes sensacionalistas. Não sobrou ninguém no galpão. A polícia disse que foi uma explosão criminosa. Já sabiam quem seria o responsável, mas como provar? Porque ele o capo mais temido não estava lá? Chiquita de Cassiole definhava a olhos vistos. Dona Manfred D'olison mãe do Doutor Freed D'olison passou a gostar de Chiquita. Temia por ela, pois conhecia seu filho. Quando ela começou a emagrecer e tossir sem parar ela pediu ao filho que perdoasse Chiquita. Ela precisava viver. Ela nunca teve uma filha e a considerava como uma. Ele mal levantou a cabeça. Nem piscou. Não disse nada. Ela sabia que não haveria perdão. Chiquita de Cassiole morreu um mês depois. Ninguém soube por quê. Não houve nenhuma investigação. Foi enterrada no mausoléu da família Cassiole no Cemitério da Consolação. Menos de vinte pessoas presente.

Dona Manfred D'olison evitava comer junto ao filho. Tinha medo de também se envenenada. Ela sabia que ele nunca a amou como mãe. Deve ter sabido que ele foi rejeitado por ela no hospital. Vivia pelos cantos da mansão desvencilhando dele de cômodo em cômodo. O viu matar muita gente e curar outros tantos. Ele não tinha amigos e ninguém se aproximava dele. Um segurança jura tê-lo visto uma noite com um tridente soltando rajadas de fogo na varanda da mansão. Jurava também que ele estava com dois chifres e ria como louco. Saiu em desabalada carreira pela rua e nunca mais voltou. Doutor D'olison viveu muitos e muitos anos. Sua mãe tentou matá-lo um dia. Achou que ele estava dormindo. Engano. Ele a aprisionou num sótão da mansão e ninguém deu falta dela. Claro que ninguém a conhecia direito. Ele não recebia visitas e nunca a apresentou a ninguém. Dos vintes seguranças ninguém mais deu notícia dela. Se morreu se foi embora ninguém sabia de nada.

Os capos da Unione Siciliana evitavam vir ao Brasil. Ninguém sabia como enfrentar o Doutor Freed D'olison. Muitos deles usaram de seu serviço e tinham uma admiração por ele como médico. Eles sabiam que no Brasil tudo funcionava diferente. Não havia os soldati, os caporegimes, os capos ou capitães e nem tampouco o sotocapo e o principal deles o consigliere. Para eles aqui não havia máfia. Nunca houve. Mas uma enorme quantia em dinheiro corria por todos os lados. Sabendo explorar seria uma mina de ouro. Só que ninguém conseguia montar nada semelhante aqui. Morriam um atrás do outro. Um dia desceu no aeroporto de Cumbica pelo voo 354 da Alitalia um homem baixo, com uma enorme corcunda e sumiu em meio à multidão. Dois dias depois embarcou de volta para a Itália. O que veio fazer aqui ninguém soube. Só souberam que o Doutor Freed D'olison desapareceu sem deixar rastros. A polícia com um mandato revistou peça por peça de sua casa. Encontraram varias ossadas enterradas. O IML ia ter muito serviço para identificar.

A vida dá a uns o que merecem e a outros o que não mereciam. A cada um de cada um. Só sei quem muitos reis, rainhas, presidentes e

presidentas, sem considerar uma infinidade de senadores e deputados e os participantes fixos e honorários da Lista de Bilionários da Forbes também sentiram falta das mãos mágicas do Doutor Freed D'olison. Mas tudo tem o seu final. Ele também teve o dele. Que foi que contratou e quem foi quem executou nunca saberemos. A Máfia, os Ufos, O Vaticano e a Cia quem sabe poderiam ter em seus arquivos alguma história parecida. Mas nós simples mortais morreremos na esperança de que todos são inocentes perante a lei!

Eu te amo!

Ela gritou!

Tinha conhecimento do que se passava no coração

Era difícil conter a voz

Abandona essa ira

Chuta o pessimismo

Não existe amor impossível

Desculpe se costumo agir sem pensar

Quero tudo que deseje compartilhar

Deleta o nada

Dá um sinal

Emite um som

Mesmo que seja:

Menina chata, me deixa em paz!

Aproveita a Lua Nova

Perdoa-me vai!

Jmattos



Este Inferno de Amar!

Este inferno de amar – como eu amo!
Quem me pôs aqui n'alma... Quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que a vida – e que a vida destrói.
Como é que se veio a atear,
Quando – ai quando se há-de ela apagar?

Eu não sei não me lembro: o passado,
A outra vida que dantes vivi.
Era um sonho talvez... – Foi um sonho.
Em que paz tão serena eu dormi!
Oh! Que doce era aquele sonhar...
Quem me veio ai de mim! Despertar?

Só me lembra que um dia formoso,
Eu passei... Dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fez el? Eu que fiz? – não não sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

Almeida Garret.

Seja bem vindo ao inferno Malaquias!

- Você soube do Cassandro? Não soube? Fugiu com a mulher do Nequinha. Coitado do Nequinha, em vez de ir atrás dele ou dar risadas o coitado senta na porta da sua casa e chora feito uma mulher! – Eu soube, mas é sempre assim. Já foram épocas que ser macho mesmo era ir atrás e sapecava uns dois tiros na testa do filho da puta! – Mas será que eles merecem mesmo? Afinal não foi a mulher que resolveu fugir com ele? – Malaquias sentado na ponta da mesa nada dizia. Sempre fora assim. Caladão. Sorriso? Ninguém viu. De onde veio e o que fazia para sobreviver era um mistério. Nunca disse uma palavra quando estavam ali em volta da mesa do boteco do Virgílio. Milico Barbeiro é quem contava que ele chegou uma tarde com uma mochila nas costas e perguntou na Barbearia se alguém sabia de uma casa para vender. – Ali? No Martelo? Um povoado de merda onde Judas perdeu as botas? Milico vendeu seu barraco no fim da rua. A única do povoado.

O Zé Povinho ficou de olho em Malaquias que não deu bola para ninguém e meteu a cara no seu barraco. Sozinho deu uma melhorada. Comprou umas taboas e fez seus móveis. Claro ninguém tinha visto, pois ele nunca convidou ninguém para ir lá. As tardes costumava ir ao Bar, melhor ao boteco do Virgílio e tomava uma ou duas cervejas. Não bebia cachaça. Mal escurecia

ia embora. As comadres diziam que ele ficava sentado na porta do barraco com um lampião a gás lendo. O que ele lia? Ninguém sabia. Interessante de vez em quando ele desaparecia. Cinco ou dez dias fora. Sumia e ninguém via quando ele ia ou chegava. Parecia um fantasma. E se ele fosse um? – Cruz credo, diziam. Martelo era um povoado, ou melhor, município de Lagoa Grande. Ficava a mais de setenta quilômetros de distância. Nunca recebeu nenhum benefício, mas se orgulhavam de nunca terem pagado o imposto da prefeitura.

- Por favor, Malaquias, não me mate! Eu juro por Deus que lhe pago o dobro! – Malaquias o olhou bem nos olhos. Não tinha volta, não tinha perdão. Quando Zózimo pedia e pagava Malaquias não discutia. Nem conversou com Bodoin. Não tinha o que falar. Meteu-lhe dois balaços entre os olhos. Morreu na hora. Ele gostava disto. Morte sem dor dizia para sim mesmo. Nunca perguntava o que o outro fez. Não lhe interessava. Contrato é contrato e tem de ser respeitado. Para falar a verdade não gostava do Zózimo. Homem falso, sem palavra, sorriso de idiota, mas não era nada disto. Malaquias sabia que ele cumpria ordens do Bicheiro Castanha. Homem rico. Dono de todas as bancas no Estado. Quando alguém resolvia entrar sem ser convidado ou então falasse o que não devia Malaquias era chamado.

Malaquias não gostava do seu passado. Nasceu num puteiro. Sua mãe morreu jovem de doença venérea. Dona Marquesa foi quem o criou. A dona da boate. Aos quinze anos se mandou. Caiu no mundo. Sofreu poucas e boas. Com dezesseis matava para roubar. Fora preso algumas vezes. Sendo menor de idade era sempre solto. Resolveu crescer no mundo do crime. Ficar matando atrás de uma esquina por cem ou trezentos reais era muito pouco para ele. Foi Zózimo que lhe ofereceu o primeiro contrato. Não escrito é claro. – Olhe Malaquias já dizia a Amanda Rodrigues que ninguém transforma um demônio em um anjo, mas um anjo pode virar demônio facilmente e deu belas gargalhadas. – Malaquias não entendeu. Mas ele sabia que um dia teria de matar o Zózimo. Ele sabia demais de sua vida. Seu primeiro trabalho lhe rendeu dez mil. A partir daí não aceitava nada por menos de vinte. Matou um cara na divisa com o Paraguay por cem mil reais. O cara era o delegado de lá.

Não podia morar na capital. Seria perigoso para ele. Um dia passou por Martelo. Era o lugar ideal. Disse ao Zózimo que quando precisasse dele enviasse uma cartinha para sua caixa postal. Bastava escrever: - Saudades de você amigo! - Caixa Postal? Disse o Zózimo. – Isto mesmo, em Lagoa Grande. – É lá que você mora? - Não, mas passo lá uma vez por semana. Zózimo não perguntou. Sabia que Malaquias não ia dizer mais nada. Malaquias podia ter feito uma casa enorme. Nada disto. Se fizesse despertaria suspeita. Ele lembrou-se de um matador que conheceu que disse para ele – Malaquias, um poeta Charles Caneia disse um dia - O que você chama de coincidência, sorte e azar é à maneira de Deus ou do Demônio se manifestar. Lembre-se a vida é um demônio disfarçado de um lindo anjo mal! Malaquias entendeu o recado.

Teve uma tarde que a mesa no Boteco do Virgílio tinha mais de oito cachaceiros. Até o Neco o padeiro da cidade metido a santo apareceu. Encheu Malaquias de pergunta. Malaquias não disse nada. Saiu do boteco e foi embora. Todos em volta da mesa se assustaram. – Neco! Não se faz perguntas assim! – Porque não? Porque você não o conhece! – Neco foi para sua casa preocupado. Caralho! Porque não fiquei de boca fechada? A rua estava deserta. Era assim o Martelo. Fazer o que a noite? A luz fraquinha nem iluminava onde passava. Não tinha cinema nada. Só o boteco do Virgílio. Uma sombra passou por ele. Sentiu um cano de revolver na nuca. – Se você um dia me perguntar mais alguma coisa, vai fazer companhia ao Demônio nas profundas dos infernos! Neco se borrou todo. Gemeu baixinho pedindo a Deus que o socorresse. Não viu ninguém perto dele. O cara era uma alma do outro mundo.

Ele estava ali na sala onde ela morava. Nunca tinha visto, nem sabia quem era e nem queria saber. Zózimo lhe dera o dinheiro e o endereço. Só pediu que cortasse sua garganta e lhe disse para nunca tentar um homem como o Bicheiro Castanha. Malaquias não gostava de matar mulher. Matou algumas para roubar, mas achava que estava se defendendo. Não discutiu com Zózimo. Não era do seu feitio. Matador é assim. Recebe o pagamento, mata e esquece. Chegou cedo a casa dela. Vazia. Só a noite ela chegou. Ficou preocupado. Parecia ser uma menina. Não tinha mais do que dezesseis anos. Cabelos dourados. Raquítica, um metro e meio no máximo. O que Zózimo esperava de uma menina como essa? O que ele fez para ser apunhalada no pescoço? Ele sabia que não devia perguntar e nem fazer conjecturas. Um matador não faz isto. – Ela o viu com um punhal na mão. Seus olhos arregalaram. – Foi o Zózimo quem mandou? Pelo amor de Deus! Não me mate. Juro que farei tudo que você quiser!

Pela primeira vez em sua vida Malaquias não soube o que fazer. Devia meter-lhe logo o punhal no pescoço, ver o sangue espirrar e ela berrar de dor e dar o recado de Zózimo. Foi pago para isto. Pegou-a pelos cabelos. Ela não gritou mais. As lágrimas secaram seus olhos. – Só disse o seguinte: Vou me encontrar com você no inferno! Espero você lá! – Malaquias sentado na porta de seu barraco não sabia se estava arrependido ou não. Ela chegou à porta e disse que o jantar estava pronto. Morava com ele, mas não era sua mulher. Não deitava com ele. Uma menina. Isto ele não faria nunca. Sabia que agora estava marcado para morrer. Zózimo não iria perdoar. Iria remover céus e terras até encontrá-lo. Não estava arrependido. Poderia ter fugido dali e se embrenhado em matas do Mato Grosso ou do Pará. Quem sabe algumas das Guianas seria um paraíso para ele morar.

Sabia que tinha uma boa reserva financeira. Mais de oito milhões de reais. Uma fortuna para ele viver bem o resto da vida. Mas iria ficar ali e esperar o Zózimo. Ele viria pessoalmente. Seria sua “vendeta” ele sabia que era normal. Matador cumpre ordens caso contrário outro matador acaba com ele. – Uma tarde falou com a menina dos cabelos dourados: - Zózimo vai vir

atrás de nós. Não vou fugir. Se você quiser ir embora fique a vontade. – Ela nada disse. Continuou ali ao lado dele. O Povoado de Martelo notou a presença dela. Mesmo não saindo de casa. Os comentários e buchichos se multiplicaram. – Uma menina! Uma menina! Ele é um pedófilo! – Mas ninguém dizia isto para ele. Sabiam o que acontecera com o Padeiro Neco. O cara era um perigo. Carne de pescoço! Alguns diziam que ele era o Demônio escondido ali para pegar um ou outro do povoado.

Era cedo quando uma BMW 760 LI entrou no povoado. Parou em frente ao boteco do Virgílio. Um homem atarracado de terno preto desceu e perguntou se alguém conhecia o Malaquias. Virgílio tremeu. Fazer o que? Mostrou onde era a casa. O carro foi em frente e parou no local indicado. Desceram quatro homens de terno. Chapéu atolado na cabeça para ninguém ver seus rostos. Ficaram lá uns dez minutos e saíram. Voltaram. No boteco Virgílio disse não saber onde ele tinha ido. Costumava pescar na curva do rio. Lá foram eles. Duas ou três horas se passaram. Ouviram barulhos de tiros. Muitos. Meia hora depois o carro passou na rua principal de Martelo. A menina loira dos cabelos dourados dirigia. Mais ninguém. O que houve? Ninguém sabia e ninguém nunca perguntou. Dois dias depois eles viram Malaquias e a moça novamente na casinha.

O sossego durou pouco. O que aconteceu ali seus oitocentos habitantes tiveram mil histórias para contar. Eram mais de quinze veículos. Eram Ranger Rover, Toyota, SUV de todos os tipos. Cheias de homens de terno e mal encarados. Fecharam as portas da cidade. Ninguém sai ninguém entra. Já sabiam onde Malaquias morava. Nem bem dois desceram de uma SUV e cada um recebeu uma condecoração no peito. Balaços sangrentos sem retorno. Passaporte para o inferno! Um tiroteio infernal. Ao amanhecer a rua cheia de mortos. Os engravatados jaziam ali na poeira do Martelo, como se fossem festejar o maior baile funk de todos os tempos. Claro junto aos capetas e demônios no lugar merecido. Um silêncio enorme abateu sobre todos. Ninguém se mexia. Lá no início da rua vinha Malaquias e a moça dos cabelos dourados.

Nenhum deles falou nada. Malaquias com a mesma mochila que chegou ali um dia. A moça sem nada na mão. Quando sumiram na curva da estrada foram contabilizar os mortos. Mais de vinte e uns dez ainda vivos precisando de socorro médico. Ninguém se mexeu. Era como estivessem mancomunados com Malaquias. Deixaram-nos morrer a mingua ali no meio da rua sob um sol escaldante e inclemente. Martelo ficou famoso. Repórteres, televisões, jornais até gente do exterior. – O que foi? Como foi? Como era Malaquias? E a moça dos cabelos dourados? Ninguém abriu a boca. Delegados, detetives, homens do serviço secreto e nada. Não conseguiram arrancar um naco deles. Todos juravam que não sabiam de nada.

Naquela azáfama todo um homem parecia estar misturado à multidão. Ninguém o reconheceu. O Bicheiro Castanha era assim. Invisível para

todo mundo. Olhou seus homens mortos. Paciência. Não tinha amizade com ninguém. Para isto foram bem pagos. Agora mais de trinta homens morrerem nas mãos de um só? Uns bostas isto sim! Quem era Malaquias? Tinha parte com o demônio? Bem ele agora não podia fazer nada. Sabia que dificilmente os encontraria novamente. Esta história que mundo é pequeno para nos dois é balela. Tudo bem para Malaquias. Ele foi mais esperto, mais valente, mas não sabe com quem se meteu. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde Vanessinha iria cortar sua garganta como fez com sua filha Naná. Não conseguiu a vingança que queria, mas tudo bem. Vanessinha um dia ia ter o que merecia. Seus quinze anos não iriam enganar por muito tempo e o tempo? Ah! O tempo. Ele sempre foi o aliado dos calmos, pois os apressados não sabem que o melhor é comer devagar, deixar a carne na brasa até ficar no ponto.

Como era mesmo o que dizia Abraham Lincoln? Ah! Sim, ele dizia que você pode enganar uma pessoa por muito tempo; algumas por algum tempo; mas não consegue enganar a todas por todo o tempo. As surpresas da vida estão em cada esquina. E olhem ninguém nunca mais soube de Malaquias e Vanessinha. A loira dos cabelos dourados. Nem mesmo aqueles jacarés do Lago do Suplicio na divisa com a Venezuela souberam de quem era as carnes pudentas e brancas que foram jogadas para eles. Nem repararam nos cabelos dourados cor de mel!

Quando eu morrer.

Quando eu morrer e no frescor de lua
Da casa nova me quedar a sós,
Deixa-me em paz na minha quieta rua...
Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos
Que andei tentando endireitar em vão...
Que lindo a Eternidade, amigos mortos,
Para as torturas lentas da Expressão!...

Eu levarei comigo as madrugadas,
Pôr de sóis, algum luar, asas em bando,
Mais o rir das primeiras namoradas...

E um dia a morte há de fitar com espanto
Os fios de vida que eu urdi, cantando,
Na orla negra do seu negro manto...

Mario Quintana



Que mulher é essa

Que mulher é essa
que não se cansa nunca,
que não reclama nada
que disfarça a dor?

Que mulher é essa
que contribui com tudo,
que distribui afeto,
tira espinhos do amor!

Que mulher é essa
de palavras leves,
coração aberto,
pronta a perdoar?

Que mulher é essa?
Que sai do palco,
ao terminar a peça,
sem chorar!

Essa mulher existe,
sua doçura resiste,
às dores da ingratidão,
Resiste à saudade imensa,
resiste ao trabalho forçado,
resiste aos caminhos do não!

Essa mulher é MÃE,
linda, como todas são.

Ivone Boechat

A história de Mel que não é mais virgem e virou mulher!

Vale da Lua estava em polvorosa. Alguém comprou o Sítio do Coronel Gerônimo. Ele jurou que nunca o venderia. Era um belo Sítio. No final da Avenida Sonhos Dourados. Muitos passavam em frente e ficavam horas olhando. Não havia muros. O jardim imenso. A casa do estilo renascentista era

imensa. Dizem poucos sabiam ao certo que atrás da casa existia uma enorme piscina em forma de coração que fazia as delicias dos moradores. Eram para muitos a casa dos sonhos. Quem comprou? Como o Coronel Gerônimo resolveu vender? De boca em boca o assunto do dia na cidade. Vale da Lua era pequena, não mais que vinte e cinco mil habitantes e todos se conheciam. Caras novas que apareciam na Pensão de Dona Dilva ou no Hotel do Seu Francisco todos já sabiam que eram caixeiros viajantes.

No dia seguinte chegou uma Nissan preta, com quatro homens que nem pararam na cidade e foram direito para o Sitio do Coronel. No segundo dia chegou um ônibus cheio de operários. O povo todo de porta em porta atrás de uma novidade. Nada. Ninguém sabia de nada. O Coronel Gerônimo passou a morar em sua mansão da Avenida Sonhos Dourados próximo a matriz. Ninguém ousou perguntá-lo nem mesmo seus companheiros das soturnas noites jogando pôquer com o prefeito Santino, o delegado Javier, o juiz Doutor Prazeres e o Padre Thomaz. Algumas vezes valendo altas somas. Em menos de um mês uma reforma foi feita no sítio do Coronel. Cinco caminhões baús enormes despejaram a nova mobília e os especuladores em volta quase nada viam. As comadres corriam aqui e ali. Nada. Ninguém sabia de nada. Um mês e dez dias e os carros rarearam. Chegou sim uma Van, com oito homens de terno, desceram com suas malas. Daquele dia em diante sempre tinha um em cada parte do Sitio.

Mel tinha treze anos quando tudo aconteceu. Mel não era linda, era sim uma menina magrinha, cabelos loiros encaracolados e uns olhos azuis que pareciam sair faísca quando se olhava para ela. Era filha única. Sua mãe a adorava, mas seu pai nem tanto assim. Parecia que Mel não era sua filha. Um dia ela viu pelo buraco da fechadura seu pai olhando para vê-la tomar banho. Assustou-se. Por quê? Passou mais dois meses até que um dia ele entrou em seu quarto quando ela trocava de roupa. Gritou com ela. Fique como está. Quero saber se ainda é virgem. Um susto enorme. O que era aquilo? Mel não sabia de nada. Começou a acariciar seu corpo magro. Seu pai emitia sons que a assustaram. Seus dedos passavam em todo parte do seu corpo. Quando levou a mão em seu sexo ela gritou. Ele assustou e saiu do quarto. Não foi a primeira vez. Ele entrava e exigia que ela ficasse só de calcinha enquanto ele se masturbava. Mel chorava de cabeça baixa.

Mel passou a ter medo do próprio pai. Esperava ele sair para tomar banho e trocar de roupa. Sabia que não podia contar para sua mãe. Ela nunca acreditaria. Pela janela Mel namorava Nonô, um rapazinho que aprendia a fazer pão na Padaria do Seu Ernesto. Ela gostava dele. Ficava na janela e ele em pé no muro da casa do Seu Antenor bem em frente. Ele fazia sinais e ela ria. Um dia sentiu uma lambada nas costas. Doeu muito. Era seu pai. “Vagabunda!” – Ela correu para seu quarto. Ele foi atrás. – Gritou alto – Tire a roupa, fique só de calcinha em cima da cama – Já! Se não vou te moer de pancada! – Ela começou a chorar, mas obedeceu. Ele não se aproximou dela. Ficou olhando. Tirou seu sexo enorme, e latente e de novo se masturbou na frente da filha.

Mel tentou falar com sua mãe. Ela gritou mais alto. Mentirosa! Seu pai é um santo! O que fazer? Procurou o Padre Thomaz. No confessionário contou tudo. O padre a mandou rezar padres nossos e ave Marias e depois procurá-lo na sacristia. A igreja estava vazia. Ela entrou. O padre mandou que ela sentasse em seu colo. Ela acreditou que ia ser consolada e o padre iria conversar com seu pai. Não era assim. Nunca foi. Ela sentiu o membro do Padre entumecendo. Sentiu as mãos do padre acariciando seu corpo. Ele pegou em sua mãozinha e colocou em volta do seu membro. Um susto, nunca pensou que isto pudesse acontecer. Saiu correndo. Agora passou a ficar com medo de estar em casa sozinha. Não tinha amigas para onde ir. Esperou Nonô sair do serviço na padaria. Ele se assustou. Contou para ele tudo. – Resolveram fugir da cidade. Ir para onde? Ela disse que preferia morar no inferno. Qualquer lugar serve. Ela não entendia o que queriam com ela. No dia seguinte ela fugiu de casa e partiu com Nonô.

Andaram por muitas léguas pela estrada. Ninguém dava carona. Parou um caminhão. Uma carreta, enorme. O Motorista moreno, forte um grande bigode parou e deu carona. Não deu um sorriso. Só olhou de soslaio para Mel. O que vinha a seguir seria a morte para qualquer um. Foi à primeira vez de Mel. Maldito. A possuiu com força na cabine. Doeu de mais. Ela gritou pediu pelo amor de Deus que parasse. Nonô não podia socorrer. Levou um soco e foi jogado fora da cabine. Ela nem sabia se ele estava morto. Mel desmaiou. O maldito depois de horas abusando dela a jogou na estrada e se foi. Mel ensanguentada se arrastava no asfalto. Muitos passaram e assustados não pararam para socorrer. Uma Mercedes preta parou. Desceu um homem pequeno. De terno. Seu rosto tinha uma enorme cicatriz. Pegou Mel no colo e a levou para seu carro.

Passaram não menos que seis anos. Mel agora estava com dezenove. Se sorrisse podia se dizer que era linda. Mas Mel nunca mais sorriu desde que foi estuprada covardemente pelo caminhoneiro. Até hoje ela se sentia suja. Nenhum banho a limpava. Morava em uma mansão nos arredores de Paris. Seu novo protetor tentou de tudo para vê-la sorrir. Mel gostava dele. Foi o pai que ela não teve. Apesar da cicatriz ele não era feio. Rico, riquíssimo. Tentou colocar Mel em uma escola famosa para moças na Basileia. Mel não quis. Mel não queria nada. Achava que devia ter morrido. Roodney tentou de tudo. Fez de Mel uma filha que não teve. Sentiu uma enorme revolta quando a encontrou caída na estrada.

Nunca contou para Mel, mas ele mesmo fez questão de castigar o caminhoneiro. Naquela tarde parou em um posto de gasolina para abastecer e ver se Mel queria alguma coisa. Ela agora não chorava mais e nem mostrava sentir suas dores. Antes pararam em uma clínica em uma pequena cidade a beira da estrada. Fizeram tudo para ela ficar internada. Não quis. Jurou que ia fugir. Roodney tinha compromisso em Belgrado. Não podia ficar. No posto de gasolina viu um caminhoneiro grande, enorme dando gargalhadas em uma

mesa com os outros amigos. Ouvia dele o que tinha feito a uma menina na estrada. Contava como se fosse tudo natural. Roodney o matou com dois golpes mortais de caratê. Ele era um mestre. Não precisou de ajuda. Ele não estava sozinho. Seu motorista e o segurança estavam com ele a mais de dez anos e sabiam manejar qualquer arma.

Ficaram um dia em São Paulo. Roodney disse que ia partir para a Europa. Não gostaria de deixá-la ali sozinha sem proteção. Ela o encarou e disse – Me leve com você. Nasceu daí uma grande amizade. Roodney a considerava a filha que não teve. Deu tudo que podia dar. Mas nunca conseguiu um sorriso. Nestes seis anos Mel aprendeu muito. Roodney viajava muito. Mel ia junto a não ser em alguns lugares que ele achava perigoso. Ela já sabia que ele era um grande traficante de armas pesadas. Chegou a armar diversos países sul africanos e americanos. Todas as polícias do mundo gostariam de colocar a mão nele, mas não tinham provas. Mel gostava de ficar na Mansão de Paris. Ele tinha também um chalé na Suíça. Ela ia pouco. Não gostava de frio. Um dia sentiu saudades de sua cidade. Chorou porque sentia saudades também de sua mãe. De seu pai não. Comentou com Roodney. Ele sorriu. Deixe comigo, vou comprar a melhor casa de Vale da Lua.

Não foi difícil. Tinha um amigo que conhecia o Coronel Jerônimo. Ele estava devendo muito a este amigo. Quando viu a quantia que ofereciam vendeu logo. Comprometeu-se a não dizer para quem vendeu. Roodney depositou para ela uma grande quantia no banco. Um cartão de crédito sem limites. Colocou lá seis seguranças escolhidos a dedo entre seus homens. Lastimer ficou responsável por ela. Era seu braço direito. A acompanhava sempre aonde ela ia. A cidade em peso um dia a viu descer da Mercedes azul sem capota. Ninguém a reconheceu. Um frenesi geral. Fez algumas compras na loja do Turco e no Mercadinho do Zuzinha. Todo mundo nas janelas. - Quem era? Parece linda! Uma princesa? – Mel não conversou com ninguém. Entrou na igreja. O padre Thomaz veio correndo subserviente. Mel olhou para ele – Lembra-se de mim? – Não senhorita! Ele disse. Eu vou te amaldiçoar o resto da minha vida, seu sacana filho da puta! Ela disse. Você não perde por esperar.

O Padre Thomaz passou uma tarde pensativo, preocupado e com medo. Quem era ela? Dormiu e acordou afoito. Mel! Era Mel! Meu Deus! Ela não tinha se esquecido do que eu quis fazer com ela. – Comentou com Matilde que fazia limpeza. Em menos de uma hora a cidade inteira sabia quem era a madona da mansão. Os pais de Mel ficaram sabendo. Correram até a mansão. No portão foram barrados. Mel só deixou sua mãe entrar. Falou pouco. Não contou nada de sua vida. Mel chorou aquele dia. Ela não tinha mais ódio de seu pai e sua mãe, mas achou que ainda não estava preparada para contar sua história. Um dia pela janela avistou um jovem moreno fazendo a entrega de pães. Meu Deus! Era Nonô! Estava vivo. Foi correndo ao portão. Ele quando a viu ficou com medo. Ela o abraçou. Ele tremeu ao ver os guarda-costas olhando sério para ele.

Mel ficou amigo de Nonô. Nada mais que isto. Não era mais o homem de sua vida. Mandou chamar seus pais. Comprou uma nova casa para eles. Seu pai sempre a olhava de cabeça baixa. O Padre Thomaz nunca mais apareceu. Pediu transferência para o Bispo. O medo grande de ser espancado pelos guarda-costas. Mel não deu satisfação para ninguém. Uma tarde Roodney chegou à cidade. Junto com ele mais de cem homens. Disse para Mel que ela devia ir embora. Aqueles homens eram mercenários. Iriam se entrincheirar no sítio fazer barricadas, pois uma guerra iria começar. Tudo que impedisse a entrada seria válido – Mas por quê? Disse Mel. – Querida filha, estou cansado de fugir. Vendi para um general fajuto no país pequeno da África diversas armas. Quando eram entregues o exército do imperador atacou e matou quase todo mundo. Ele acha que fui eu quem deletou. Já tentou me matar em vários países. Agora chega. Não vou fugir mais.

Mel se recusou a sair. Ela não acreditava que alguém de outro país fosse atacar Roodney ali. Afinal ainda havia leis no Brasil. Um exército em atividade. – Vou ficar – Se não fosse você eu teria morrido! Você me devolveu a vida! Quatro meses aquela movimentação de guerra no sítio. O delegado via tudo assustado e comunicou as autoridades na capital. Um general foi enviado para ver o que seria. Ficou estarrecido. Tentou conversar com Roodney e nada. Mandou avisar que traria um unidade do exército. Ou ele conversava por bem ou por mal. Não deu tempo. Zito Mobutu entrou na cidade com mais de trezentos homens. Vale da Lua virou uma praça de guerra. A população corria para o mato, para os morros e quem tinha carro sumia pelas estradas vicinais, estaduais e federais.

Cinco dias depois o Exército federal chegou. Mais de cinco mil homens. O General Afonso deu um ultimato para encerrar a luta. Ninguém ouviu o Exército. Uma ordem do presidente e aviões da força aérea bombardearam o sítio e arredores. Em volta centenas de repórteres de jornais, revistas rádios e TVs. Até a CNN estava lá. O Exército invadiu. Uma matança. Dois dias. Cadáveres e cadáveres. A paz voltou. Mais de duzentos mortos. Ninguém se entregou. Uma carnificina. O sítio destruído. Não encontram Roodney e Mel. Sumiram. Ninguém sabia onde teriam ido. Tornou-se o homem mais procurado do mundo. A Interpol tentou em todos os países onde podia agir. Dois anos depois a imprensa já tinha esquecido o acontecido em Vale da Lua. Acharam que Roodney tinha morrido na luta, pois vários mortos ficaram irreconhecíveis por causa do bombardeiro.

Era uma fazendinha no sul do Pará. Umás oitocentas cabeças de gado, uma boa aguada, o Rio Corrente atravessando a fazenda e Seu Honório e sua filha Larissa viviam uma nova vida. Nonô estava na mansão quando o tiroteio chegou ao auge. Mostrou um caminho onde fugir. Roodney Mel e cinco dos seus homens seguiram Nonô. Compraram o caminhão do Senhor Joelmir, dono de uma serralheria. Nonô foi com eles. Não havia militares na estrada. Compraram a fazenda. Roodney e Mel, ou melhor, Seu Honório e Larissa viveram ali para sempre. Mel não se casou. Nunca mais foi de ninguém. A

sequela do estupro marcou para sempre. Nonô ficou trabalhando na fazenda. Roodney, ou melhor, Seu Honório dava uma ou outra escapulida até Nova Fonte. Lá se abastecia de algum dinheiro no banco. Sempre fazia transferência de bancos suíços. Não muito. Não queria dar a vista.

Mandou fazer um aeroporto na fazenda. Não possuía nenhuma aeronave. Alugava. Um simples telefonema e em menos de duas ou três horas ela estava à disposição. Viajavam muito pela Europa. Deixou crescer a barba. Fez uma operação no nariz e Mel usava lente escura. Não ficavam nos melhores hotéis para não dar na vista, mas não deixaram de viajar por todos os lugares que desejavam. Viveram por muitos e muitos anos, dizem que morreram já na velhice de “morte morrida”. Os pais de Mel morreram sem ter a presença dela. O padre Thomaz foi encontrado enforcado um dia no quintal igreja. Ninguém nunca soube o porquê. E assim terminada a história. A história de Mel que não é mais virgem e virou mulher!

Soneto da mulher inútil

De tanta graça e de leveza tanta
Que quando sobre mim, como a teu jeito
Eu tão de leve sinto-te no peito
Que o meu próprio suspiro te levanta.

Tu, contra quem me esbato liquefeito
Rocha branca! Brancura que me espanta
Branços seios azuis, nivea garganta
Branco pássaro fiel com que me deito.

Mulher inútil, quando nas noturnas
Celebrações, náufrago em teus delírios
Tenho-te toda, branca, envolta em brumas.

São teus seios tão tristes como urnas
São teus braços tão finos como lírios
É teu corpo tão leve como plumas.

Vinícius de Moraes



Que Amor Fez sem Remédio, o Tempo, os Fados?

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lágrimas vertidas,
Tantos suspiros vão vãmente dados,

Como não sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortais feridas,
Que amor fez sem remédio, o tempo, os Fados?

Se não tivéreis já longa exp'riência
Das sem-razões de Amor a quem servistes,
Fraqueza fora em vós à resistência.

Mas, pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo não curou, nem larga ausência,
Qual bem dele esperais, desejos tristes?

Luís Vaz de Camões

Hacienda Rosa... De Cimarron.

- Deveria ser o nome que eu coloquei quando meu pai morreu e eu assumi a fazenda. De onde vim? Não importa. Não é isto que vais escrever. Coloquei Fazenda Santo Eulálio. Mas ele com aquela alegria, com aquele olhar que me conquistou no primeiro minuto que nos conhecemos, pediu para mudar. Eu ria dele. Mudar para que meu amor? Para ficar igual a você. Hacienda Rosa... De Cimarron. Porque não? Pensei. Afinal ele era o homem da minha vida. O amei no dia que o conheci e até hoje nunca deixei de amá-lo. Não tive outro e nunca terei. Ele não tem substituto. Foi único. Uma paixão que durou muito tempo, mas ele se foi. Chorar hoje não choro mais. Ele era um amante perfeito. Vivia sorrindo, cantava e olhe tinha uma linda voz. – Hacienda e Cimarron disse, foi de um livro que tinha lido.

Disse-me que Cimarron significava Cavalo selvagem. Eu sou assim? Ria dele. Melhor completou quem sabe os valentes selvagens que fugiram para

a montanha dos pássaros dourados? Comprou uma cópia do livro Cimarron e me trouxe para ler. Uma história que me emocionou muito. Quando à placa foi colocada no novo pórtico que ele mesmo fez com as próprias mãos, olhou de todos os ângulos, deu um belo sorriso e tirou a foto do século com aquela máquina que dava um apito e uma luz forte pipocando. Claro, em preto e branco. Em 1921 poucos tinham uma melhor que aquela. Eu já estava com vinte e um anos. – Não se assuste. Claro que tenho mais de cento e dez anos. E ela ria. E como ria!

Eu estava com ela a mais de dois meses. Não sei como me descobriu no meu escritório diminuto no Bairro da Penha em São Paulo. Eu publiquei no meu jornal que fazia trabalhos de biografia e como “Biógrafo” já tinha escrito a vida de muita gente. Ela queria escrever sua história. A princípio ir para aquele fim de mundo não me entusiasmou muito. Mas o que me ofereceu não era de se jogar fora. Aceitei. Pedi demissão do meu emprego no Jornal A Voz do Brasil e parti. Lembro que quando cheguei a Vale Feliz todos se assustaram comigo. Claro, cheguei de terno cinza, uma gravata vermelha com bolinhas azuis e somente uma valise de mão, pois achei que não ficaria mais que dez dias. Fui de ônibus. Tinha um carrinho, mas não resolvi arriscar. Uma mulher como ela não teria muito a contar. Claro não foi ela quem me contratou. Foi através da firma Astolpho Advogados da capital. Eu já sabia quem eram. Famosos e reconhecidos como um dos melhores escritórios de advocacia do país. Disseram que seria por dois meses. Mais de cem mil reais para escrever a história dela. Puxa! Valia tanto assim?

Na cidade fiquei surpreso. Poucos a conheciam de perto. Fiz dela uma fazendeira bronca e pé de chinelo. Seu nome era conhecido de norte a sul da cidade e redondezas. Mas só o nome. De perto poucos tiveram esta honra. Diziam que seus avós já a conheciam antes de morrer. Não ia a cidade desde 1946. Desde que marido faleceu. Mais de sessenta anos. O farmacêutico Nando me disse que ela tinha ido lá com ele nesta data para assistir um foguetório da virada do ano. Foi uma festa na cidade a presença dela. Sempre foi motivo de especulação. Todos não tiravam os olhos dela e o padre nunca se queixou. Na igreja não faltava nada. Disseram-me também que era riquíssima. De onde veio o dinheiro ninguém sabia. No banco da cidade não tinha nada. Não criava gado e nem tinha nenhuma plantação. Sabiam que lá na Hacienda havia jagunços prá todo lado. Ninguém entrava sem permissão. Nicodemos um "Velho" que encontrei na praça me disse que ela era linda. Uma mulata para ninguém botar defeito Não soube descrevê-la. – Faz tempo meu amigo, muito tempo.

Especulei o máximo que pude a respeito dela na cidade. Mas quase não sabiam de nada. Não entendia como uma mulher que morava ali há tantos anos ninguém a conhecia? Para dirimir dúvidas fui à delegacia. Dr. Manuel o delegado, um homem educado pouco me contou. Falou-me que há quinze anos quando chegou foi fazer uma visita. De cortesia. Não passou da porta. Não há viu. Um jagunço de nome Dente Cariado não o deixou entrar. Nunca mais voltou. Procurei um taxi que me levasse até a Hacienda. Ninguém

quis me levar. Pio XII soube que queria ir lá. Ofereceu-me sua charrete. Disse-me que o chamavam assim por se parecer com o “papa que morreu” Necas. Nem passava perto. Risos. Viajamos por mais de quatro horas. Estrada poeirenta. Tão logo ao passarmos pelas corredeiras do Bom Pastor ele me disse que já eram terras dela. Agora sentia que tudo mudou. A estrada era forrada de pedras bem postadas. Sem poeira, dos dois lados plantaram Ipês de todas as cores. Achei que quando florissessem seriam um espetáculo digno de se ver. Andamos quase duas horas e meia até chegar ao pórtico da entrada.

Era lindo o pórtico. Enorme. Cavaram um fosso para parecer um castelo. Cortaram a mão duas toras enormes. Escrito a fogo – Hacienda Rosa... De Cimarron. Dezenas de casinhas pequenas que deveriam ser dos colonos começaram a aparecer. Limpas, com cercas brancas e a maioria com muitas flores. As crianças eram educadas. Não se viam nenhuma delas sem camisa, sujas ou descalças. Corriam de um lado ao outro para me ver. Os colonos tiravam o chapéu com minha passagem. Parecia que estava entrando em outro mundo. Já estive uma vez nos Urais, atravessei as cordilheiras e ao norte do Cazaquistão fiquei dois dias na ilha de Nova Zembla. Lembrei que lá os habitantes abaixavam a cabeça com nossa passagem e as crianças corriam para beijar as mãos. Mas não trago boas lembranças de lá. Principalmente quando atravessei ao sul dos Urais o rio Samara. Mas esta é outra história que não vou contar aqui.

Ao aproximarmos da Hacienda dois pistoleiros vieram me receber. Quem os visse não iriam dizer ser pistoleiros. Todos vestidos a caráter de terno e gravata e o indefectível quarenta e cinco na cintura. Já sabiam da minha chegada. A Hacienda era linda. Enorme. Parecia uma daquelas onde viviam os donos de Capitania Hereditária com todo luxo e conforto como se estivessem em algum palácio europeu. Era tão grande que calculei ter mais de vinte quartos e muitas salas. Na escada de acesso a varanda da casa um homem enorme, cabelos longos prateados, botas de cano longo, um vasto bigode e sem barba, mas com uma quarenta e cinco pendurada no quadril veio me receber. Também a caráter. Os ternos pareciam iguais. Bem vindo Senhor. Vamos entrar. Eu sou o Dente Cariado. Dona Rosa logo que puder vai encontrar com o Senhor. Deixe-me acompanhá-lo até os seus aposentos. Dente Cariado? Só se ele tivesse dentadura, pois seus dentes eram brancos e alvos.

Passei por duas salas, e vi com espanto duas enormes escadarias que brilhavam ali naquele lusco fusco da manhã. O chão de mármore era ou pelo menos parecia cravejado de pedras preciosas. Os moveis deu para ver eram no estilo Luiz XV. Como tinha algum conhecimento de móveis antigos só uma estante que ali estava tinha certeza que precisaria trabalhar por mais de vinte anos para comprar uma. E os quadros que vi na parede? Sem parecer esnobe, mas lá estava um Van Gogh, Retrato de Dr. Gachet. Vi também um Cézanne que não lembro o nome, O Baú au moulin de la galette de Reonir. Mar au Chat de Picasso e para completar o Le massacre des innocents de Rubens. Incrível os poucos que vi valeriam milhões e milhões de dólares.

Meu quarto caberia tranquilamente cinco casas iguais a que eu morava. Enorme. Uma cama no estilo renascentista italiana, enorme gigante mesmo e muito macia com decoração e paredes forradas de tecido. Nossa nunca vi tanto luxo. Como uma mulher teria condições financeiras para manter uma Hacienda como aquela? Para que? Não recebia visitas e pelo que soube eu fui um dos poucos que adentrou ali nos últimos quarenta anos. Fiquei dois dias perambulando pela fazenda. Ela não apareceu. Tinha livre acesso a tudo. Adorei a Capela ao lado da Casa Sede. Parecia ter sido forrada a ouro e cheia de pedras preciosas. As refeições fazia sozinho. Sempre acompanhado de longe por Dona Nair e um jovenzinho vestido a caráter que servia como os melhores garçons do mundo. Deliciosas as sopas que ela fazia. Dona Nair cozinhava divinamente. Quase não via Dente Cariado, mas sabia que ele me observa o tempo todo. Já estava me cansando daquilo. Fui ali para trabalhar e até agora nada.

Na manhã do sexto dia bateram na porta do meu quarto. Abri. Dente Cariado solenemente me disse que Madame Rosa iria me receber as onze em ponto no Salão de Cristal. Ufa! Parece que iria começar minhas tarefas para qual fui contratado. Tomei um banho, coloquei meu melhor terno e pus uma gravatinha borboleta com desenhos de flor de lis. Desci as escadarias e logo Dente Cariado me pediu para segui-lo. Atravessamos duas salas e adentrei em outra enorme. Uma verdadeira biblioteca. Teria ali no mínimo trinta mil livros. Que mulher é essa? Como poderia encontrar tanto luxo e tanta riqueza em uma fazenda do sertão de Goiás? Dente Cariado me pediu para sentar em uma poltrona no canto da parede, de frente a outra bem menor, ambas de madeira de lei pura, forrado com cetim escarlata. Uma musica suave adentrava ao Salão de Cristal. Tentei saber qual seria, mas era tão linda que não a identifiquei de imediato.

Estava ali inebriado com tudo. Dente Cariado interrompeu minha “mise-en-scène” para anunciar solenemente a Senhora Rosa de Cimarron. Cimarron? Tinha adotado este sobrenome? Levantei-me, olhei para ela, meu Deus! Nunca tinha visto uma mulher assim. Deveria ter mais de um metro e setenta e cinco. Linda e olhe me disse ter mais de cento e dez anos. Não podia acreditar. Seu rosto não tinha rugas, seu cabelo avermelhado estava embranquecendo o que deva um aspecto maravilhoso a todo o seu corpo. Seus lábios grossos e seus olhos negros me colocavam em frente a uma estátua de alguma deusa grega que nunca tinha visto, mas que sem sombra de duvida eu se pudesse a levaria ao Olimpo para ficar junto às demais. Vestia simplesmente. Uma camiseta branca com gola, um lenço azul celeste amarrado ao pescoço e um jeans azul desbotado. Não daria para ela mais que uns cinquenta ou sessenta anos.

Cumprimentou-me simplesmente com um sorriso encantador. Quando apertei suas mãos vi uma mão macia sem rugas. Entrou logo no assunto do motivo de me ter contratado. Queria fazer sua biografia. Disse-me que um

Diretor de cinema uma vez se encantou com ela. Ele queria por que queria conhecer minha Hacienda. Estávamos em um barco a vapor descendo o Rio Mississippi. Chegou a me pedir em casamento. Ficamos juntos por alguns meses. Em Nova York o deixei. Queria mandar em mim. Não me conhecia. Antes de partir insistiu que escrevesse sobre minha vida. Ia fazer um filme. Achei a ideia interessante. Mando minha biografia. Mas o filme só depois de minha morte. E olhe completou. Acreditando em você, farei um depósito em seu nome de quarenta milhões de dólares que só pode ser retirado após minha morte e com fins específicos para o filme. Não disse mais nada. Não tinha o que dizer. Ela estava me pagando cem mil reais para escrever. E fui ali para isto. Assim começou meus dias com Madame Rosa. Dias que até hoje não esqueço e acredito que nunca mais vou esquecer.

Resumindo. Era filha de uma índia com um Capitão português da Bandeira de Borba Gato. Ela foi aprisionada e feita escrava dele. Uma época que ninguém discutia estes atos. Sua mãe morreu quando ela tinha dois anos. Seu pai resolveu deixar a bandeira. Arranchou em Jaciara no sul de Goiás e ali tomou algumas terras para si. Ela cresceu. Ficou moça. Ainda sem conhecer rapazes e nenhuma cidade próxima. Seu pai a prendia muito. Sua vida mudou depois que ele morreu. Então me contou um segredo que me fez jurar de não contar para ninguém. Deveria constar em sua biografia. Só iriam saber depois de sua morte. Ela deu um lindo sorriso e me disse – Se alguém souber meu amigo, você estará morto no outro dia. E riu novamente. Eu não duvidava.

- Meu pai tinha morrido e eu já estava com dezenove anos. Moça ainda sem saber o que fazer. Nossa casa era humilde. Tinha dois quartos uma sala e uma cozinha, mas era uma tapera. Uma noite um trovão anunciou uma enorme tempestade. Sempre tive medo e corri para meu quarto. Um raio entrou pela janela e abriu um enorme buraco no chão. Eu gritava e pedia a Deus para me ajudar. Assim como começou a chuva parou. Olhei o buraco. Enorme. Uma escada apareceu. Isto mesmo. E agora? Chamar quem? Morava sozinha. Não tinha vizinhos próximos. Meu pai me ensinou a plantar, caçar e pescar. Vivíamos assim. Tomei coragem. Com um lampião enorme que tínhamos descido as escadas. Acredito ter descido por meia hora ou mais. Nem sei onde tive aquela coragem. A escada terminou em um enorme salão. Estava iluminado. Luz elétrica? Já tinha ouvido falar, mas não conhecia.

Notei uma serie de máquinas esquisitas. Sem querer toquei em uma. Uma mulher apareceu na minha frente. Era um fantasma só podia ser. Só depois de muito tempo fiquei sabendo que era uma holografia. Aos poucos ela foi me explicando tudo. Mandou-me colocar uns fios na cabeça. Aprendia rápido. Em pouco tempo aqueles computadores não tinham segredo. Não vou dizer para você tudo que fiquei sabendo deles. Ou seja, de onde vieram e para onde foram. Mostrou-me um pequeno túnel. Disse que estava cravejado de diamantes. Sabia o que era um. Meu pai passou uma vida correndo atrás deles. Em alguns meses retirei uns dez. Não precisava de mais. Só aqueles valeriam milhões e milhões de reais. Assim começou tudo. Sem ninguém me ver fui a

cavalo até Jaciara. Peguei um ônibus até Goiânia. De lá um avião para São Paulo. Claro que conhecia tudo e sabia de tudo através dos fios que coloquei em minha cabeça e em pouco tempo dominava sem problemas os conhecimentos de muitos e muitos anos que outros precisavam para saber o que eu sabia.

Vendi os diamantes. Em Goiânia conheci Dente Cariado. Fiz dele meu confidente e meu administrador. Ajudou-me em tudo para fazer desta fazenda uma que não tinha igual em todo o país. Mande vir da França todos os móveis. Tudo que tem aqui veio de avião direto. Você ainda não viu, mas tenho um pequeno aeroporto atrás das Colinas do Caçador. Ele está preparado para receber aviões até de médio porte. Aprendi através dos fios na cabeça como viver mais. O que comer como tratar meu corpo. Estou agora com cento e doze anos. Pelo que eu saiba ainda posso viver mais uns vinte. Vamos ver. Foi então que ela me levou até uma sala pequena com uma porta de aço. Pediu-me para ficar afastado. Olhava a porta e ela se abriu como um passe de mágica. Se fosse pelos olhos ninguém nunca abriria aquela porta. A escadaria levava ao salão dos sonhos. Fiquei embasbacado. Um salão enorme. Cheio de parafernália e fios. Um computador central não muito grande ocupava boa parte do salão. Vi que ele se matinha sempre ligado. Ela agora não teclava mais. Conversava com ele e ele obedecia a suas ordens.

Por favor, não riam de mim. Sei que dirão que em termos de ficção eu ultrapassei as raias da sanidade. E o túnel dos diamantes? Incrível! Centenas ou milhares deles. Brilhavam tanto que não precisava de nenhum tipo de energia. Tudo aquilo para mim era fantástico. Poderia ficar aqui horas percorrendo de tudo que estava vendo, mas não quero fugir do tema principal. Durante dois meses só falamos no salão dos sonhos onde poderia ser sem sombra de dúvida uma cidade dos sonhos. Quem sabe ali seria uma réplica de Xangri-lá. Pelo menos a Senhora Rosa de Cimarron tinha descoberto a fonte da juventude. Todos os dias ela mandava me chamar e passeando pela Hacienda conversando percorríamos grandes distâncias do enorme jardim que havia atrás da casa sede. Olhe jardim imenso. Ela riu de meu espanto e disse que mandou fazer uma réplica dos jardins de Versalhes na França. Mande um arquiteto lá só para isto. Treinei posseiros fora da Hacienda só para o jardim. Era lindo mesmo.

- Riosvaldo, amanhã vamos viajar. – Onde? Perguntei – Vamos percorrer meio mundo. Quero que conheça algumas propriedades que tenho por aí. – Bem eu estava ali para isto. Já tinha preenchido bem umas trinta páginas em uma pequena máquina de escrever que ela me deu. Sairemos cedo. É melhor que saiba antes. Não tenho carro e nem aviões em lugar nenhum. Não quero, se os tivesse sempre teria pessoas que poderiam de uma forma ou outra bisbilhotar como vivo e o que faço. Para isto sempre alugo os veículos que preciso. Não eram nove da manhã e um Jatinho pousou no aeroporto da Hacienda. Parecia que os pilotos já a conheciam. – Ela deu suas ordens – Vamos para Aguascalientes, no México. Algumas horas de viagem. Um luxo

meu Deus! Uma aeromoça nos servia o que quiséssemos. Não descemos em Aguascalientes. Mais adiante na Estancia Alfonso. – É minha. Comprei depois que Alfonso morreu. – E quem foi Alfonso? – O homem que amei e que jurei nunca mais amar outro.

Então este era o grande amor de Rosa de Cimarron. A estancia era linda. Vieram recebê-la com honras. Não eram muitos. Um mordomo de Nome Delito, uma cozinheira e duas arrumadeiras. Nem entramos e ela me levou até o pé de uma montanha. Que coisa maravilhosa. Toda florida de Ipês de todas as cores. – Foi aqui que o vi pela primeira vez. Ele estava filmando. Fiquei estarecida. Não era o homem mais lindo que conheci, mas seu olhar! Meu corpo tremeu. Perdi a voz. Apresentou-se e olhe uma voz de barítono. Não vou entrar em detalhes, mas em dois dias nos casamos em Aguascalientes. Casamento simples. Durou enquanto durou. Ele foi um homem que me disse coisas lindas e nunca tinha ouvido dos lábios de outro homem. – Sabes Rosa, queria ser uma lágrima para nascer em seus olhos. Rolar entre suas faces e teus lábios beijar. – Difícil você resistir. – Um dia ele me disse: - Fale comigo sempre que você estiver triste. Mesmo que eu não consiga lhe trazer a felicidade eu lhe darei o meu amor!

Aqui nesta encosta do Morro Das Flores ele me beijou. Meu primeiro beijo. Não resisti. Possuiu-me ali no chão, entre as pétalas dos ipês roxo, amarelo e não sei mais quantas cores. Andei com Rosa de Cimarron por todo o vale. Vi lágrimas em seus olhos. Não chorou, mas um pequeno soluço deixou escapar. Não ficamos muitos dias em sua instância. Novo destino: Suíça, mais precisamente na Basileia. Um helicóptero nos levou até os Alpes e conheci mais uma de suas propriedades. Um chalé enorme. Também com quatro funcionários. Todos a reverenciavam. Sentamos na varanda com uma enorme lareira acesa. Contou como ali viveu por cinco anos com Alfonso. Ali aprendeu a esquiar. Mais uma viagem, desta vez em Orleans, uma pequena cidade francesa as margens do Rio Loire. Um castelo! Isto mesmo! Um enorme castelo era dela. Não sei por que comprou tamanha propriedade. Lá tinha mais de dez funcionários. Estava intacto. Também me disse que morou ali seis anos com Alfonso. Acho que ela queria lembrar-se do passado e me levou para conhecer suas propriedades no mundo.

Ela mesma me disse que possuía propriedades em Portugal, Espanha, Itália, e em São Petersburgo na Rússia. A que ela mais gostava de ficar era nos Estados Unidos. Voamos para lá. Sempre foi o amor de Alfonso. Um grande rancho no Texas. Mais precisamente próximo a El Paso. Suas terras banhavam mais de seis quilômetros do Rio Grande. Enorme. Ali ela criava gado nelore. Dizia ter mais de vinte mil cabeças. Não precisava disto. Não pretendia em nenhuma de suas propriedades ter retorno financeiro. Mas foi Alfonso quem quis. Ele adorava ver o mar de chifres pelos campos. Todos os anos eles passavam pelo menos quatro meses ali no Rancho Cimarron. Ele assim também o chamou. Fiquei pensando que amor era este. Um amor de entrega total. Ela

comprava tudo e podia ter quantos homens quisesse, mas se apaixonou por um homem que só podia dar ela muito amor e mais nada.

Ficamos fora quatro meses. Nunca a vi telefonar para ninguém. Parecia que ela sabia quem contratava. Não faziam perguntas. Quando vem e quando vai. Em Nova York ela tinha um enorme apartamento de cobertura de frente para o Central Park. Ficamos lá um mês. Na viagem de volta ficou calada até chegar a Hacienda Rosa... De Cimarron. Durante dois meses não me procurou. Dente Cariado quando perguntei me disse – Quando ela quiser te chama. E mais não disse. Pensei em ir até Vale Feliz para dar uns telefonemas. Já estava fora de São Paulo há mais de seis meses. Para uns amigos disse que ficaria por dois meses. Não me deixaram sair. Entendi que era um prisioneiro com direitos de ir e vir, mas dentro da Hacienda. Em um domingo Dente Cariado me chamou. – Madame Rosa de Cimarron vai falar com o Senhor. Por volta de seis horas da tarde. Na capela da Hacienda. Por favor, não atrase. Faltando cinco minutos para as seis já estava lá. Pretendia dizer que precisava ir embora. Tudo que precisava saber dela já tinha escrito. Mais de quatrocentas folhas.

Entrei e sentei. As seis em ponto ela entrou. Vestida de preto com um véu sobre seu rosto. Sentou bem à frente. Apareceu um padre que nunca tinha visto. Celebrou uma missa. Após ela sentou ao meu lado. – Sei que você quer ir embora. Disse. Não pode e não vai. Sabe muito de mim. Vais morar aqui até minha morte. Quando morrer lhe darei uma sacola de diamantes uma fortuna que você nunca viu em sua vida. Terás aqui tudo que quiser. É só pedir e em quarenta horas será colocado em seu quarto. Inclusive um telefone, mas lembre-se ele será monitorado pela minha máquina. Não pode dizer onde estás. Uma Televisão também será instalada. Peço que não tente fugir. Meus homens tem ordem de atirar para matar. – E agora? O que faria? Não tinha saída. Sabia que a fortuna em diamantes era incalculável e ela mesma me disse que viveria no máximo uns dez ou quinze anos.

Ela mandou para seus advogados o esboço do livro que fiz de sua autobiografia. Tinha ordens expressas de publicar somente quando morresse. Já tinha feito seus planos. Dente Cariado tomaria conta de tudo com o auxílio dos advogados. Toda sua fortuna seria direcionada para instituições de caridade. Fiquei calado. Durante um ano fiquei calado sem nada dizer. Sempre que ela viajava para suas propriedades no exterior me levava consigo. Era a única diversão que me era dada. Eu e ela nunca tivemos nada. Claro, ela não fez qualquer menção em ter algum comigo. São coisas que nunca entendi. Até seu amor doentio por Alfonso, pois via em seus olhos que não o esquecia.

Estou "Velho" e cansado. Muito. Fiz cento e cinco anos no mês passado. Ela continuava como se fosse à mesma quando a conheci. Ela me ajudou com sua fonte da juventude. Agora quase não consigo andar. Dente Cariado me ajuda. Milagrosamente ele continua o mesmo. Não mudou nada. Então este será meu destino. Morrerei antes dela. Sei tudo de sua vida, sei tudo

de seu amor por Alfonso. Não entendi e nem entendo o que ela queria ou quer agora. Não mudou suas atitudes, sua maneira de ser. Costuma ficar meses sem falar comigo. Porque não me deixou ir embora? Afinal sua vida se contasse para alguém ninguém iria acreditar. Se este é meu destino que assim o seja. O mundo um dia vai conhecer sua história. Sei que será um belo filme. Será conhecida no mundo inteiro e todos saberão quem foi Rosa... De Cimarron. Sua história está escrita. Quando isto vai acontecer não sei. Até me pergunto se ela não tem parte com o Demônio. Acho que não. Estou perdendo a noção de tudo. A vida vai se esvaindo de mim. Acho que é o meu fim. Vejo-me no céu olhando Rosa... De Cimarron. Eu conheci sua história, eu vivi ali, junto a Rosa. Aquela que amava Alfonso, aquela que morava na Hacienda Rosa... De Cimarron!

"Leia o texto abaixo e depois leia de baixo para cima"

Não te amo mais.
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero como sempre quis.
Tenho certeza que
Nada foi em vão.
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada.
Não poderia dizer jamais que
Alimento um grande amor.
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
EU TE AMO!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...
Clarice Lispector



Quero apenas cinco coisas...
Primeiro é o amor sem fim
À segunda é ver o outono

A terceira é o grave inverno
Em quarto lugar o verão
A quinta coisa são teus olhos
Não quero dormir sem teus olhos.
Não quero ser... Sem que me olhes.
Abro mão da primavera para que continues me olhando.
Pablo Neruda

O doce sorriso da Primavera.

Não sei como fui aparecer ali. Acho que foi o acaso. "Nada acontece por acaso. Não existe a sorte. Há um significado por detrás de cada pequeno ato. Talvez não possa ser visto com clareza imediatamente, mas sê-lo-á antes que se passe muito tempo." Dizem que os acasos são importantes em nossas vidas. Lá estava ela, um sorriso que me conquistou na hora. Não era linda, nada disto, nem alta nem baixa. Cabelos castanhos nos ombros ondulados. Duas mechas insistiam em cair em seus olhos e ela os fazia voltar ao lugar de uma maneira encantadora. Ela brincava com seu irmãozinho de dois ou três anos. Era um parque de diversões. Nunca o vi na cidade. Também nunca fui de ir a parques de diversão. Ela não teria mais que catorze anos. Vestia simplesmente uma saia de cambraia, chinelos de dedo, nem um colar nem um anel. Fiquei paralisado. Ela era um ímã que me atraía. Nunca uma jovem me atraiu assim.

Nunca fui um bom conquistador. Nunca. Era reservado. Sempre tinha medo das moças da minha idade ou não. Com quinze anos ainda não tinha namorada. Olhava uma ou outra, mas aproximar? Chegar perto? Nunca. Diferente do meu primo Cesar que diziam ser um "Don Juan". Nenhuma mocinha da cidade deixou de lhe dar um "beijo". – Olhe Vadico, dizia ele, existem quatro questões na nossa vida. (Um) O que é sagrado? (Dois) De que é feito a alma? (Três) O que vale a pena ser vivido e qual o motivo pelo qual vale a pena morrer? (Quatro) A resposta meu amigo é a mesma para todas as questões – O amor! Se um dia você amar uma mulher tudo isto vai valer a pena. Assim quando acontecer você vai ver que essa seria uma boa ocasião para mentir, mas não esqueça, a verdade é um hábito terrível.

De onde ele tirava estas palavras? Afinal estávamos com quinze anos e eu mal lia um livro por ano. Lembro que na Praça Doutor Gervásio quando ele chegava à moçada ficava prá lá e prá cá se mostrando para ele. Mas sabia que se ele escolhesse alguma seria apenas um beijinho e mais nada. Afinal uma época onde a palavra "sexo" era tabu. Nenhuma moça deixaria que seu namorado desse mais que um beijinho. Sabia que se fosse diferente os comentários logo iriam surgir e ela ficaria falada. Fiquei ali olhando para ela. Vontade de me aproximar, mas e o medo? Olhe, eu me considerava corajoso. Enfrenta nas minhas brigas de juventude os mais valentes da cidade. Mas mulheres? Estas me faziam tremer.

Enquanto ela ficou ali com seu irmãozinho eu também fiquei. Na minha mente lá estava ela com seu sorriso e esta foto invisível ficou gravado em minha mente para sempre. Uma hora eu fiquei ali e só um dia para saber que estava apaixonado. Sei que por toda a minha vida nunca mais iria esquecê-la. Quando ela se foi deveria ter ido atrás para saber onde morava. Não fui. Voltei no parque nos dias seguintes. Ela não mais apareceu. Que dor eu sentia no meu coração! Seria isto o amor! Com quinze anos não seria a ilusão que nunca tive? Eu não era um bom católico, mas o colégio nos obrigava a uma vez por ano confessar e comungar. Confessei com o Padre Nonato. No domingo lá estava eu. Meus colegas de classe achavam aquilo chatíssimo, eu não. Afinal não precisamos lembrar-nos de Deus? Não digo que gostava de perder a manhã de domingo das peladas do campinho do Seu Nonô.

A missa começou e então eu a vi novamente. Um véu sobre a cabeça. Um vestido branco e uma sapatilha cinza. Os cabelos presos por um lacinho verde e meu Deus! Mais linda ainda. Meu coração batia forte. Quando chegou a hora da comunhão ela estava na minha frente. Ela me olhou e sorriu. Minhas pernas ficaram bambas. Queria ficar olhando para ela o tempo todo, mas ali na igreja? O que Deus iria pensar? Quando a missa terminou não mais a vi. Passou-se um ano quando a encontrei novamente. Na fila do Cine Marrocos. Estava em cartaz os Dez Mandamentos. Uma fila enorme. Todos na cidade querendo assistir, pois seriam duas sessões por dia e o filme ficaria só por uma semana. De novo não consegui meu intento. Falar com ela. Ela entrou e a porta do cinema fechou. Lotação esgotada. Só amanhã! Fiquei sentado na calçada esperando a sessão terminar. Quase três horas. Todos saindo e eu olhando. Desta vez iria segui-la e saber onde morava. Perda de tempo. Ela parecia fumaça a correr com o vento.

Desta vez ela sumiu para sempre. Fiz dezesseis, dezessete, dezoito, vinte e fui trabalhar na cidade grande. Durante todo este tempo ela não saía da minha mente. Caramba! Pelo menos eu devia saber seu nome. Mas sempre receoso de um “fora” não me aproximei dela. Conheci algumas garotas, saía com elas, mas nenhum compromisso. Nenhuma fez o meu coração bater. Não tinha jeito. Quatro anos se passou desde a ultima vez que a vi. Nunca em tempo algum há esqueci. Não riam, por favor, mas fiz um desenho dela em uma folha de papel cartolina. Nunca fui desenhista. Mas demorou seis meses para terminar. Comprei uma linda moldura. A pendurei na saleta do pequeno apartamento onde morava com mais dois amigos. Quando chegava do serviço olhava o quadro e dizia – “Boa tarde amor da minha vida”, quando saía dizia – “Até mais tarde amor da minha vida”. Calma, não sou um psicopata. Nada disto. Apenas um homem apaixonado.

De novo aconteceu. Na Avenida São João ao esperar o sinal abrir lá estava ela. Do outro lado da rua. Não era mais um menino. Não era mais aquele que tinha medo das meninas. Desta vez não iria me escapar pensei. Fui atravessar a rua correndo e quase fui atropelado. Passou cinco ônibus. Quando consegui atravessar ela tinha sumido. De novo! Que coisa meu Deus!

Era meu destino? Fui para casa triste e pensando o que a vida me reservara. Tinha um bom emprego. Se não fosse tão novo já podia ser um gerente. Isto foi meu Chefe quem disse. Pediu-me se podia ficar uns quinze dias na filial. Teria que dormir lá. Em Campinas. Mais de uma hora da capital. Não dava para ir e voltar. O gerente da filial ia sair em férias. Claro que sim. Além dos dois amigos do apartamento não tinha mais ninguém. Campinas não era uma pequena cidade. Quase três milhões de habitantes. Alojei-me em um pequeno hotel próximo onde trabalhava. Era a empresa que iria pagar.

Cinco dias depois fui chamado pelo diretor. Gente boa. Educado. Pediu-me se podia entrevistar algumas candidatas para a vaga de almoxarife na fábrica. Iria entrevistar homens e mulheres. Deveria escolher três. Ele iria decidir o melhor. Achei interessante. Nunca pensei em fazer isto. Agora com vinte e três anos seria uma nova experiência. Olhei pela janela o pátio da fábrica. Uma multidão na fila. Mais de cem pessoas. Fiquei maluco. Não pensei que fosse assim. Chamei três funcionários do escritório. Separem só quem tem a última série e disponibilidade para horário noturno. Sobraram vinte cinco. Pedi à funcionária que levasse um de cada vez na sala de reuniões. No início ainda motivado por ser a primeira vez depois cansado. As mesmas coisas. As mesmas promessas. O mesmo olhar havido e choroso para conseguir a vaga.

- Quantos ainda tem? Perguntei. Só uma. Graças a Deus! Estava soberbamente cansado. Já sabia quem seriam os escolhidos. Separei cinco e depois iria reduzir para três. Iria entrevistar o ultimo só pró-forma. – A candidata entrou. Não era possível! Meu Deus! Era ela. Ali a menos de dois metros. Linda. Aqueles cabelos cacheados. Transformara-se em uma bela mulher. Perdi a fala. Perdi o rumo. Tentei falar. A voz não saía. Parecia o juvenzinho do passado. Vergonhoso com seu primeiro amor. Engasguei. Ela sorria. Não dizia nada. Não podendo falar peguei sua Carteira Profissional. Comecei a folhear. Mas estava tremendo. Acho que ela tinha percebido. Levantei os olhos. Os dela fixos no meu. Falou com voz doce, voz de anjo. Mais encantado fiquei – Preciso trabalhar. Tenho um filho para cuidar!

Filho? Não era seu irmão? E agora? Fazer o que? Tinha que ajudá-la, mas não conseguia entrevistar. Pedi para voltar no dia seguinte. Pela manhã. Bem cedo. Ela aquiesceu. Levantou-se. De cabeça baixa agradeceu e foi saindo. Não resisti. Perguntei se poderia acompanhá-la até o portão. Ela estranhou. Não disse nada. Fui com ela ao seu lado. Uma pequena brisa trouxe para mim o seu perfume. Ficou para sempre em meu corpo. No portão dei adeus. Ela riu. Não é até amanhã? Ri sem jeito. Claro que sim. Fiquei ali olhando até ela desaparecer na esquina. No outro dia não apareceu. Fiquei andando de um lado a outro esperando. Olhando o pátio pela janela. Fui varias vezes ao portão nada. Ela desapareceu como uma sombra na escuridão da noite. Fiquei desorientado. Fizera planos. Seria admitida. Iria convidá-la a jantar. Sair, passear. Fazer uma pic nic com ela e seu filho. E depois casar...

Planos que nunca se cumpriram. Sonhava com ela. Rezava para ela voltar à fábrica. Não voltou. Voltei para São Paulo triste e acabrunhado. A menina, ou melhor, a mulher tinha me enfeitiçado. Como achá-la em Campinas? Quase três milhões de habitantes. Todo sábado e domingo ia para lá. Rodava rua por rua. Nada. O tempo passou. Muito tempo. Acho que cinco anos. Pediram-me para fechar uma compra de uma pequena mercearia no Bairro Vila das Mercês em São Paulo. Era bem considerado nesta área. Precisavam do terreno da mercearia. Iriam construir um grande Shopping ali. A mercearia ficava bem no meio do terreno já comprado. Disseram-me que iria enfrentar o maior desafio da minha vida.

Quarta feira. Meio de semana. Melhor dia para fechar negócio. Deram-me um valor máximo. O dobro do que ela valia. Precisavam do terreno. Mas devia começar por baixo. Parei o carro bem em frente. A mercearia vazia. Um terreno pequeno, mas atrapalhava em muito os planos da empresa. Entrei. Só um cliente. Perguntei pelo proprietário. Disseram-me para aguardar. Estava vendo um livro que estava à venda. Um Amor de Verdade. Da escritora Zibia Gasparetto. Já tinha ouvido falar na escritora. Espiritualista. Diziam ser médium. Conhecia pouco da nova doutrina. O livro me chamou a atenção pelas poucas linhas que li. O livro versava sobre viver uma verdadeira experiência amorosa. Dizia que seria um dos maiores prazeres da vida. Explicava que gostar é sentir com a alma, mas expressar os sentimentos depende das ideias de cada um. Condicionamos o amor as nossas necessidades neuróticas e acabamos com ele. Deus meu! Seria eu?

Alguém atrás de mim me cumprimentou. Boa tarde Senhor! Era a voz dela. Impossível. Virei rápido. Ainda linda. Ainda com aquele sorriso encantador. – Ah! É o Senhor? – Sim sou eu. Esperei você no dia seguinte – Não pude ir. Meu filho adoeceu. Corremos para o pronto socorro. Ficou entre a vida e a morte por dois meses. Estava desesperada. Quando melhorou desisti de voltar. Sabia que a vaga não iria mais existir. Voltei para São Paulo. Minha Tia me acolheu. Era dona desta mercearia. Morreu ano passado. Deixou tudo para mim. E agora? E agora? Negociar com ela? Eu a amava e ela não sabia disto. A amei desde o primeiro dia da minha infância nos meus inocentes quinze anos. Nunca a esqueci. Agora em caminhos opostos. Tentei ser delicado. Apresentei-me. Antonio Marcus, gerente da Rede de Super Mercados Brasil.

Senhor Antonio Marcus, sei de sua pretensão. Não quero vender. É tudo que tenho. Meu filho logo vai para a faculdade. Não tenho outros ganhos. – Seu nome? Perguntei. – Renata. Renata Ambrosio. – Renata. Que lindo nome. Quase quinze anos para saber. Quinze anos imaginando como devia ser. Pode me dar à honra de ir jantar comigo hoje? Quem sabe poderemos nos entender. Garanto que não vai se arrepender. Ela ficou em dúvida, mas aceitou. Oito e meia da noite. Moro nos fundos da mercearia. Oito e vinte. Estava na porta. Desta vez ela não iria me escapar. Ali estava o sonho da minha vida. Esperei muitos anos. Minha chance agora. Oito e meia, nove, nove e meia. Desci do carro. Bati no

portão ninguém atendeu. Tudo escuro. Meu Deus! De novo? De novo não. Esperei dar dez horas, onze, meia noite. Se necessário iria passar a noite ali.

O dia clareou. A mercearia não abriu. Liguei para a empresa. Expliquei. Deram-me carta branca. Dez da manhã. Onze duas da tarde. Alguém chegou ao portão. Era uma senhora. Corri. Perguntei. – Dona Renata levou correndo seu filho ao Hospital das Clinicas. Ele ficou ruim de uma hora para outra. Tem uma doença no pulmão. Sem cura disseram aos médicos. Sai em desabalada carreira para as Clinicas. Grande. Um hospital enorme. Seria como achar uma agulha no palheiro. Procurei uma enfermeira. Foi educada. Encaminhou-me a secretaria. Tinha um sistema de som. Mas não precisou. Achou no computador onde ela estava. Fui correndo. A encontrei no corredor chorando. Seu filho estava mal. Liguei para o diretor. Expliquei. Ele conhecia o Diretor do Hospital. Liguei para ele. Dois dias depois ele saiu da UTI.

Ela vendeu a mercearia. Nunca mais sai do lado dela. Com o dinheiro recebido da venda da mercearia Levou o filho para um tratamento no Hospital Johns Hopkins em Baltimore. Diziam ser o melhor para Neurologia e Neurocirurgia. Tirei férias. Fui com ela. Lá a pedi em casamento. Ela riu. Há tempos que não ria. Voltamos vinte e cinco dias depois. Seu filho fora operado e passava bem. Se tratasse como foi explicado poderia viver por muitos e muitos anos. Casei com Renata. Sou feliz. Acredito que ela também. Robertinho eu o considerava como meu filho. Nunca perguntei quem era o pai dele. Não era importante para mim. Dezesesseis anos e eu o amava. Não sou rico. Ainda tenho responsabilidade na empresa. Agora sou Diretor Comercial. Renata nunca mais vai sair de perto de mim. Não precisa trabalhar. Mas dei inteira liberdade se ela quisesse. Eu a amo e sempre a amei em todas as minhas vidas passadas. O nosso amor era um amor de verdade. Quando chegava a primavera eu me lembrava de sempre do primeiro dia que a vi. Eu chamava aquele dia como o doce sorriso da primavera.

Desculpem. Tenho que ir. Renata me espera. Combinamos de ir passar o fim de semana no litoral. Tenho uma casinha lá em Ilhabela. Desta vez iremos em quatro. Quatro? Sim Robertinho pediu para levar sua namorada. Agora seria assim. Eu, Renata, Robertinho e Alessandra. Quatro felizes e quatros amores naquela primavera que chegava. “Um amor de verdade para sempre”.

Nunca eu tivera querido
Dizer palavra tão louca
Bateu-me um vento na boca
E depois no teu ouvido
Levou somente a palavra
Deixou ficar o sentido

O sentido está guardado
No rosto com que te miro
Nesse perdido suspiro

Que te segue alucinado
No meu sorriso suspenso
Como um beijo malogrado

Nunca ninguém viu ninguém
Que o amor pusesse tão triste
Esta tristeza não viste
E eu sei que ela se vê bem
Só se aquele mesmo vento
Fechou teus olhos também
Cecília Meireles



A Vingança!

Afasta de ti a vingança
O ódio e o rancor
Aquela mata a esperança
Estes, a paz e o *amor*

A vingança é um reflexo
Do instinto predador
De quem nutre um complexo
De querer ser superior

É a *escrófula da alma
É a máxima do desamor
No indivíduo sem calma
Que só alimenta o pior

Ruína inerme, sem valor
Chaga, tenebrosa e triste
Golpe sujo, de **ablator
Estertor que ao mal resiste

É o ódio em movimento
O rancor em turbilhão
À vingança, é o excremento
Do amor e da razão

Vingança é o acre da vida
A incompreensão moral
Na penúria desvalida
Em nosso reino animal

Qual seta na escuridão
É o ***rebramir selvagem
Da fúria do coração.
Armando A. C. Garcia.

O Vale da Redenção.

Onde o ódio e o amor convivem em paz.

Vinte cinco anos! Quase uma vida. Já nem sabia mais o que era viver fora das quatro paredes do presídio da morte. Ali ele cresceu espiritualmente e seu corpo adquiriu a maturidade de um homem que sabe o que quer. A penitenciária quando lá chegou acreditou que ia morar no inferno. O cheiro, as paredes descascadas, os gritos, os vícios degradantes e ele não sabia se poderia aguentar. Estava com vinte e cinco anos quando chegou. Começou a lembrar de seu passado. No início lembrava todos os dias. Depois raramente. Levava uma vida simples sem ostentação e trabalhando de sol a sol. Abelardo era seu amigo de infância. Juntos abriram uma empresa para fabricar sacolas de papel. Estava dando certo. Os negócios iam bem. Abelardo cuidava das vendas e Francine da fabrica. No início só ele e Abelardo. Depois mais um e mais um até que a fabrica chegou a possuir doze funcionários, e todos gostavam de Francine e Abelardo.

No domingo, ao sair para ir à missa dominical dois investigadores o prenderam. Acusaram-no de matar Abelardo. Foi encontrado morto na fabrica esfaqueado em diversas partes do corpo. Vários empregados confirmaram que só ele e Abelardo ficaram no escritório depois do encerramento do expediente no sábado. Um deles disse ter ouvido gritos e uma luta corporal. Conseguiu contratar um bom advogado. Mesmo mostrando que Francine estava sendo acusado injustamente perdeu a causa. Foi condenado a vinte e oito anos e se tivesse bom comportamento poderia sair com vinte e cinco anos. Francine

ficou desesperado. Não estava acreditando seria um pesadelo? Seus pais moravam no interior e levaram um choque tremendo quando souberam da decisão do júri. Sua mãe foi internada as pressas.

Seu primeiro dia foi como se estivesse vivendo em um mundo desconhecido. A primeira noite na cela foi um horror. Não aguentou e começou a gritar que era inocente. Todos riam dele. Seu companheiro de cela o mandou calar e chorando sentou em seu catre e ali ficou até o dia seguinte sem dormir. Nos dias seguintes ele ficou como um sonambulo levado aqui e ali pelas normas rígidas da prisão. Sua barba cresceu. Não trocava de roupa. Um cheiro insuportável exalava de seu corpo. Obrigaram-no a tomar banho. A trocar de roupa. Como se estivesse demente deu um soco em outro detento que ria sempre do seu choro, do seu olhar de menininho atrás da mamãezinha. Ficou uma semana na solitária. Ali ele conheceu o seu inferno particular. Resolveu mudar.

Seu pai o visitou duas vezes. Depois desistiu. Ele não falava. Ficou mudo de repente. Quando soube que o Laureano o contador se apossou da fábrica e provou por documentos que era o novo dono Francine se desesperou novamente. Agora estava entendendo tudo. Mas não disse nada a ninguém. Sua dúvida de quem fora o assassino de Abelardo não existia mais. Que demorasse o tempo que fosse. Quando saísse dali sua vingança estava programada. Não perdia tempo. Malhava o dia inteiro. Seu corpo modificou. Ficou respeitado entre os detentos. Mas ele não brigava com ninguém. Teria que se mostrar ser de boa paz e boa índole. Só assim poderia sair mais cedo daquele inferno. Passou a trabalhar na fabrica de sapatos da penitenciária. Como não tinha vícios economizou tostão por tostão.

Um ano se passou. Dois, três, cinco e agora Francine era uma pessoa pacífica. Os guardas e até o Diretor tinham certa admiração por ele. Era um tipo de líder da paz. Sabia separar confusões entre os presos e mesmo não sendo um religioso, todos tinham por ele um grande respeito. Dez anos, quinze e quando fez vinte e três anos recebeu o alvará de soltura. Bom comportamento. O Diretor aprovou com louvor. No dia da sua saída fizeram uma festa para ele. Alguns homens feitos, assassinos, perigosos ladrões choraram de emoção com sua partida. Na porta que dava para a rua, Francine assustou. Uma nova vida. O que esperava ele encontrar nesta vida que para ele era desconhecida? Seu pai não estava ali. Nunca mais dera noticia. E sua mãe? Conseguira sobreviver do coma que teve durante o julgamento? Não sabia, olhou para trás viu o enorme prédio onde viveu dezoito anos da sua juventude. Pegou o ônibus para o centro da cidade.

Ele tinha uma casa no Bairro Santa Amélia onde morava antes de ir preso. Chegou lá e a encontrou arrumada e bem cuidada. Dona Sarita a vizinha estranhou em ver aquele homem enorme, que parecia mais um boxeador. Quando ele disse quem era ela não acreditou. Depois o abraçou e chorou em seu ombro. Entregou para ele a chave da casa. Ela tomou conta o tempo que

ficou preso. Disse inclusive que pagou todos os impostos. Ele disse a ela que tudo que gastou seria devolvido. Tostão por tostão. Foi até sua casa, entrou, sentou em uma cadeira de palhinha, ficou ali horas e horas pensando. A tarde chegou. Saiu para um lanche e a curiosidade o levou até a fábrica. Não existia mais. Agora era um enorme prédio. Laureano tinha vendido e foi morar no interior. Em uma cidade chamada Vale da Redenção.

Francine sabia o que ia fazer. Não tinha pressa. A pressa é inimiga da perfeição. Lembrou que antes de ir preso tinha cento e vinte mil reais em uma poupança. Foi até o banco. Estava lá. Agora muito mais. Um milhão e duzentos mil. Retirou quarenta mil. Deixou o saldo lá. Comprou algumas roupas um bom par de tênis. Comprou também uma pequena mochila e um bornal. Deu a Dona Sarita cinco mil. Ela não queria aceitar. Trouxe a escritura da casa. Passou em nome dela. Ela chorou muito. O abraçou e ele partiu. Ela sabia que não o viria nunca mais. Francine não tinha pressa. Ele tinha todo o tempo do mundo. Perdeu dezoito anos em uma prisão. Seus planos era uma só. Vingança de seu desafeto. Daquele que matara seu amigo. Que o fizera chorar atrás de um presídio, e ainda lhe roubara tudo que tinha na vida.

Partiu rumo ao Vale da Redenção. Ficava no sul de Minas Gerais, quase divisa com o Espírito Santo. Poderia ter comprado um carro. Não quis. Iria a pé. Precisava disto. Respirar ar puro. Ouvir os ruídos da noite. Sentir o sol, a chuva, quem sabe ver os pássaros a lhe acompanharem os passos. Iria percorrer mil e duzentos quilômetros. Tudo bem. Correr para que? Ele precisava viver na natureza. Sentir-se vivo de novo. Sabia que ia matar Laureano. Imaginava vê-lo sofrer. Pagar por tudo que sofreu. Sabia que iria voltar de novo para aquele inferno, mas não se preocupava. Uma tarde de uma quinta botou o pé na estrada. Pouco dinheiro no bolso. No quinto dia tentaram assaltá-lo. Eram dois. Francine os botou para correr. Não seria fácil vencê-lo em uma luta. Um mês se passou viajando na estrada, dormindo ao ar livre, chuva torrencial, sol de rachar e lá ia Francine com um sorriso nos lábios.

Que saudades da lua cheia, brilhante que durante os quatro primeiros meses de jornada nunca deixou de aparecer para ele. Uma estrela que todos chamavam de Estrela Dalva o acompanhou nas madrugadas frias e nos nevoeiros que apareciam nos vales por onde passava. Não tinha fome. Parava sempre em um posto de gasolina para fazer as refeições. Muitas vezes pagou em casas a beira da estrada um prato feito. Tomava banho nas cascatas, nos lagos e rios por onde passou. Ele mesmo lavava sua roupa e a esticava em uma árvore qualquer para secar. Se existisse felicidade Francine era feliz. Para dizer a verdade, muitas vezes esqueceu sua vingança. O ódio no coração estava desaparecendo. Ele agora adorava o cantar das cotovias, das águias que o perseguia no céu, do grito lascivo da onça parda que lhe acompanhava os passos, mas nunca o atacou.

Em um sábado de sol, pela manhã avistou a placa da cidade. Bem vindo ao Vale da Redenção. Sentou ali próximo a uma árvore frondosa e pensou

em tudo que aconteceu com ele durante toda sua vida. Levantou e se pôs a marchar de uma maneira firme, agora não iria parar. As primeiras casas apareceram. Depois uma rua calçada de paralepípedos e finalmente chegou a uma praça no centro da cidade. Linda a praça. Muitos ali iam descansar debaixo das figueiras centenárias. Viu as crianças brincando de esconde, esconde algumas meninas bem vestidas a olharem os meninos que saiam da escola. Velhos jogavam dama e casais passeavam com seus filhos de colo. Perguntou a um idoso se conhecia alguém de nome Laureano. – O prefeito? – Prefeito? Ele assustou. Sabe onde mora? Aquela casa lá na esquina onde tem uma grande mangueira. É a melhor da cidade. Mas olhe, ele sofreu um derrame. O vice-prefeito assumiu.

Ele foi até lá. Bateu na porta. Uma moça atendeu. Que moça linda! Cabelos negros compridos, olhos castanhos que se destacavam, um pequeno sorriso nos lábios como a dizer que ele era bem vindo. Seu corpo estonteante. Vestia simplesmente. – Pois não? Gostaria de falar com o Senhor Laureano. Ela franziu a testa. Quem é o Senhor? Um amigo que o conheceu na capital. Educadamente mandou Francine entrar. – Olhe moço, meu pai está paralisado. Não fala, mas entende bem os que lhe dirigem a palavra. Se o Senhor for um amigo ele ficará muito feliz! Francine não sabia o que dizer ou fazer. Fora ali para matá-lo. Queria pegar no seu pescoço e torcer para isto treinou muito na prisão. Não importava que o matassem depois. Mas agora não sabia o que fazer. Aquela jovem olhando, sorrindo, acreditando que ele poderia ser uma salvação para seu pai entredado em uma cama era demais para ele. E o pior, uma menininha linda e sorridente lhe disse oi! – Minha filha ela disse.

Não disse nada, se dirigiu até a porta. Nem disse adeus. Saiu dali caminhando sem destino. Sua cabeça, sua mente não sabia raciocinar. Precisava de mais algumas noites a dormir sob as estrelas para chegar a uma conclusão. Sua vingança estava por um fio. Sua vida de caminheiro voltou a lhe atormentar a mente para não parar. Vinte e três anos de cadeia e agora estava livre. A vida que tinha escolhido era tudo que desejava. Pegou a estrada e viu ao longe o prenúncio de uma chuva. Um arco íris colorido ficou seus pés entre duas montanhas. Um pássaro preto cantou por perto e ele achou que era o pássaro que o acompanhou em toda sua jornada. Não ouviu vozes nem sinais. Ele sabia que não era um escolhido. Ninguém lhe disse nada, mas sua vingança não existia mais. Agora ia fazer o que estava fazendo. Andar, andar, nunca parar em lugar nenhum. Ver o sol a chuva, a lua novamente, ver a estrela Dalva a brilhar para ele no céu.

Muitos caminhoneiros comentavam entre si do andarilho que não parava. Era visto muitas vezes no Norte, muitas vezes no Sul. No Centro Oeste contavam que ele era santo, no Este diziam que ele fizera milagres. Acho que criaram uma lenda. No Vale da Redenção não ouve ódio. O amor mostrou sua força em todo seu esplendor. Francine morreu muitos e muitos anos depois. Dizem que morreu sorrindo. Dizem que a lua não saiu do lugar por muitos dias. Dizem que uma cotovia velou seu sono e o acompanhou em sua subida aos

céus. Lendas, como são belas as lendas. No Vale da Redenção ela surgiu. E ficou conhecida por todos os caminheiros daquelas estradas sem fim!

Meu Destino!

**Vim cumprir o meu destino
Transpor pavores sem igual
Ser humilde peregrino
Passar privação abissal**

**E, no infinito desacerto
Viajou minha hesitação
Tu, nunca estavas por perto
Só, longe do meu coração!**

**Vivi d'ávidas esperanças
Sempre suspenso no ar
Estava em ti a confiança
Tu, estavas em outro lugar**

**Assim, ao ver-me traído
Do deslumbrante projeto
Vi meu sonho destruído
E, senti-me um abjeto!**

**Se o destino é nosso fado
Ele nos dispõe, onde estamos
Nem sempre do nosso agrado
Ele nos coloca, e ficamos**

**O que passa, não volta mais
Pelo destino é previsto
São razões elementares
Como o calvário a Cristo!
Armando A. C. Garcia**



Destino.
Á ternura pouca
Me vou acostumando
Enquanto me adio
Servente de danos e enganoso.

Vou perdendo morada
Na súbita lentidão
De um destino
Que me vai sendo escasso.

Conheço a minha morte
Seu lugar esquivo
Seu acontecer disperso

Agora
Que mais
Me poderei vencer?
“Mia Couto”.

Um destino, uma vida, um sonho esquecido.

Macbeth estava dormindo. Uma noite gelada. Um inverno rigoroso. Macbeth tinha experiência com o frio. Sabia que não daria tempo para chegar ao seu barraco na Favela São Benedito. Era lá sua morada. Um quartinho. Ganhou de um amigo que foi trabalhar em uma cooperativa e melhorou de vida. O jeito era dormir próximo ao Viaduto do Socorro. Era sua segunda casa. Estava acostumado, mas o frio doía até nos ossos. Seu carrinho de mão comprado com tanto sacrifício ele não abandonava nunca. No barraco fez uma passagem maior na porta para ele passar. No viaduto ou em outro lugar ele amarrava uma corrente fina com um cadeado a sua perna. Ninguém nunca tentou roubá-lo, mas sabe-se lá.

Nunca disse para ninguém seu nome de batismo. Se auto intitulou MacBeth. Claro, quem ali poderia ter lido ou assistido a peça de William Shakespeare “Tragédia Macbeth”? Ele não era afeminado. Nada disto. Mas achou interessante se chamar assim. Nunca quis lembrar seu passado. Ele era página virada em sua vida. Recordar o que foi não ia ajudar. Gostava de sua nova vida de sem teto. Não devia obrigação a ninguém. Fazia seus próprios horários e mesmo enfrentando dificuldades nas ruas da solidão, ela se sentia feliz. Muito mais quando... Melhor esquecer. De vez em quando a soldadesca dava-lhe uns tapas, uns chutes e o levavam preso só para roubar o pouco que ganhava. Mas MacBeth não reclamava. Quem escolhe uma estrada para seguir não tem jeito. Mudar em certa parte do caminho é retroceder.

No dia seguinte apesar do frio MacBeth voltou às lides de catador. Uma chuvinha miúda caía molhando tudo pela frente. Passou próximo a um restaurante de um real. Eram dez da manhã. Eles só abriam as onze. Esperou calmamente. Amarrou sua carrocinha no ferro de uma placa de estacionamento proibido. Alguns conhecidos já estavam na fila. Calado ele ficou só observando todos. Conversava pouco. Só o necessário. Foi então que ele a viu. Incrível! Continuava linda! Seu coração bateu forte. – Deus! Não deixe que ela me reconheça. Ela passou com um jovem de braços dados. Sorria. Ele sabia que era o mais lindo sorriso que já tinha visto. Ela nem olhou para os lados. Ele abaixou a cabeça. Sentiu o velho perfume J'Adore de Dior que ele sempre usava. Ficou inebriado. Que saudades! Malditas saudades!

Não era seu dia. Quando chegou na hora de pagar viu que não tinha um centavo. Tentou conversar com alguns na fila. Todos diziam não poder ajudar. A fome corria solta. Mas e daí? Não era a primeira vez. Pegou sua carrocinha e foi em direção ao Butantã. Atravessou a ponte da Cidade Universitária. Olhou lá embaixo a Marginal Pinheiros. Quantos carros. Milhares deles. Quantas vezes ele passou por ali com seu velho Mercedes e seu bom amigo e chofer o Juventino. Ao se aproximar da entrada da USP avistou um saco que parecia estar cheio de latinhas de cerveja. Chegou primeiro e guardou no fundo de sua carrocinha. O dia inteiro não rendeu muito. A fome apertava mais e mais. Passou em frente ao Bar do Sacristão. Parou. Olhou para dentro. Zé Ruela o viu. Pegou dois pão velhos com manteiga e trouxe para ele. Bom amigo o Zé Ruela. Se o patrão dele visse o colocava na rua.

Chegou ao seu barraco por volta das oito da noite. Mal cumprimentou um e outro. Estava tão cansado que dormiu logo. Nem fez seu café que sempre fazia. Levantou cedo. Separou o lixo reciclado, tinha alguns fios de cobre de dentro da sacola com as latas vazias de cerveja ele encontrou um saquinho pequeno com vinte cartelas de jogos de loteria. Jogou-os de lado. Pegou sua carrocinha e colocou o que poderia vender. Seu Pedreiro pagou a ele onze reais. Tudo bem. Já dava para comer alguns dias. À noite em seu barraco olhou novamente as cartelas. Pegou três. Colocou no bolso. Ia conferir. Depois dar risadas. Claro que quem as fez já tinha conferido. Eram de três meses atrás. De novo levantou cedo. Pé na estrada.

Na Praça Pan-americana viu uma lotérica. Entrou sob os olhares raivosos das moças atendentes. Ele tomava banho duas vezes por semana. Mais não dava. Usava um balde que enchia de água na porta do Barraco do Jacinto. Conferiu o primeiro. Não estava entendendo. O danado do bilhete marcava os seis pontos. O numero havia ganhado sozinho. O valor? Oitenta e cinco milhões de reais. Fechou os olhos. Saiu dali calado. E agora? O que devia fazer? Porque o dono jogou os bilhetes fora? Claro ele sabia que ninguém poderia provar que ele tinha roubado os bilhetes. Era entregar e receber. Nem foi trabalhar aquele dia. Passou a noite acordado. Não teve jeito. O passado batia com força na sua mente. Maldito passado.

MacBeth sabia que era um empresário de sucesso. Marcondes seu sócio era seu amigo de infância. Estava noivo de Maria Rita a quem amava profundamente. O casamento seria em menos de um mês quando ele foi preso. Por quê? Marcondes o acusou de roubo. Roubar o que? A própria firma. Eu? Nunca faria isto Marcondes. Claro ficou lá só uma semana. Quando saiu viu que o prédio que tinham a fábrica e o escritório tinha sido queimado. Não sobrou nada. O seguro disse que havia cinco meses que não se pagava nada. Marcondes fez tudo premeditado.

Procurou Maria Rita. Ela o desprezou. Morava sozinho em um apartamento nos jardins. Porta trancada. Uma placa escrita – A disposição da justiça. Foi ao Banco Bradesco. Sua conta zerada. No Itaú a mesma coisa. No Santander só duzentos reais de saldo. Procurou Marco Antonio seu amigo e ele tinha mudado para a Europa. Ficou desesperado. Prometeu matar Marcondes. Arrumou uma faca simples. Foi até a casa dele. Tinha sumido também. Roubou tudo dele e foi embora. Sentou em baixo do Viaduto Santa Filomena e chorou. Chorou muito. Uma mão em seu ombro. Virou. O rosto de uma mulher. Feia, desdentada. Desmemoriada. Suja e demente. Disse a ele para acreditar em Deus. Ele tudo resolve. Ele riu. Deus? Que Deus?

Largou tudo que tinha, pois agora não tinha nada. Resolveu mudar de vida. Porque não? Nunca foi um sem teto, mas nunca é tarde para começar. Levou Santinha a desmemoriada consigo a procurar comida. Ela ria dele e ela sim é que o ensinou os macetes dos sem tetos. Aprendeu. Deu duro. Sempre trabalhou. Era inteligente, sabia como ninguém dirigir e coordenar uma fábrica. Agora era diferente. Era saber matar a fome, o frio, a falta de um teto. Santinha morreu seis meses depois. Uma forte pneumonia. Correu com ela no Pronto socorro do Jaçanã. O socorro foi tarde demais. Afinal era negra, desmemoriada, suja e com um cheiro horrível. Ninguém ligou. Foi enterrada como indigente. Ele foi ao enterro e chorou.

Entrou na Caixa Econômica Federal na Rua João Casagrande. Os vigilantes não o deixaram entrar. Ele mostrou o bilhete. Um deles pediu para ver. Ele não deixou. Sabia o que ia acontecer. O Gerente Sênior viu a algazarra. Mandou trazê-lo até sua presença. Conferiu o bilhete. Deu a ele um grande sorriso. Onde achou o bilhete? Não achei. Comprei e esqueci-me de conferir. O gerente tentou um golpe que não deu certo. Começou uma lenga-lenga de como ele devia administrar o dinheiro. Ele foi enfático. Abra duas poupanças. Em uma deixe um milhão, na outra coloque os 84 milhões restantes. O gerente tentou negociar. – Faça o que estou dizendo. Colocou no bolso dois mil reais. Pegou sua carrocinha. O primeiro sem teto que viu deu para ele. Ele saiu rindo a toa.

Passaram-se dois anos. MacBeth abriu novamente sua fábrica de parafusos inoxidáveis para aviões. Exportava para a Europa. Um dia Dona Mercês sua secretária disse que tinha um tal de Marcondes querendo falar com

ele. Mandou-o esperar. Pediu que dois vigilantes subissem ao seu escritório. Marcondes entrou. Quando o viu teve pena. Era um rato em forma de gente. Magro, tossindo e pedindo perdão. Não queria dinheiro só o seu perdão. Ele não sabia o que dizer. Mandou Dona Mercês dar a ele vinte mil reais e pediu a ele para sumir de sua vida. Ele agradeceu e sumiu. Dizem que a vingança é um prato que se come frio. Mas ele não queria vingança.

Uma tarde jantava no Baby Beef Rubaiyat na Alameda Santos. Foi atendida por uma garçonete. Quando ela o viu e ele olhou para ela não havia dúvida, era Maria Rita. Não a desprezou. A tratou como uma garçonete. Ele não sabia o que fazer. Quando saiu deixou uma boa gorjeta. Viu que ela chorava. Ele ainda a amava, mas não havia volta. Resolveu dar uma festa. Chamou todos seus amigos mendigos e sem tetos. Alugou um salão. Chamou oito seguranças. Contratou o melhor bufê da cidade. Todos se divertiam. Alguém contou para a polícia que a droga corria solta. Cercaram o Bufê. Uma correria dos sem tetos. A polícia abriu fogo. Ele sentiu algum queimando em seu peito. Perdeu o ar. Caiu ao chão. Estava morto.

Marcondes na esquina ria baixinho. Já tinha feito seus planos. Ainda guardava o contrato de sócio antigo. Uma pequena falsificação e tudo que era dele passaria em seu nome. Dito e feito. Quatro meses depois assumiu. Mandou dona Mercês embora. Contratou uma secretária nova, gostosa e sapeca. O tipo que precisava para divertir em seu escritório. Na semana seguinte a Senhorita Valenska disse que tinha uma moça querendo falar com ele. Ficou intrigado. Mandou entrar. Maria Rita entrou atirando. Deu nele seis tiros. Morreu na hora. Jogou a arma no chão. Saiu correndo. Filho da puta, dizia. Recebeu o que merecia. Na porta do prédio foi cercada pela polícia. Desobedeceu a ordem de parar. Bastaram três tiros e Maria Rita caiu no asfalto molhado. Chovia fino. Um frio enorme. Ele estava por ali. Abraçou Maria Rita e saíram andando pelas nuvens que encobriam o céu. Passos pequenos, calmos e se dirigiram para o outro lado da vida. O que aconteceu depois só o céu pode contar.

Que Feliz Destino o Meu MOTE

*«Que feliz destino o meu
Desde a hora em que te vi;
Julgo até que estou no céu
Quando estou ao pé de ti.»*

GLOSAS

*Se Deus te deu, com certeza,
Tanta luz, tanta pureza,
P'rò meu destino ser teu,
Deu-me tudo quanto eu queria
E nem tanto eu merecia...
Que feliz destino o meu!*

*Às vezes até suponho
Que vejo através dum sonho
Um mundo onde não vivi.
Porque não vivi outrora
A vida que vivo agora
Desde a hora em que te vi.*

*Sofro enquanto não te veja
Ao meu lado na igreja,
Envolta num lindo véu.
Ver então que te pertença,
Oh! Meu Deus, quando assim penso,
Julgo até que 'estou no céu.*

*É no teu olhar tão puro
Que vou lendo o meu futuro,
Pois o passado esqueci;
E fico recompensado
Da perda desse passado
Quando estou ao pé de ti.
António Aleixo.*



Fantasmas.

**Os seres que povoam a minha mente,
Nas noites de tempestade e de insônia
São almas errantes que tristemente,
Vagam pela terra sem alegria.**

**Nos os quero em minha cama,
Não os quero em meu pensamento.
Mas voltam sempre atrás de uma chama
Em busca de uma alma em movimento.**

Não os conheço estes seres flamantes,
Talvez noutros tempos com eles vivi
São do passado, d'uma vida distante,
Ou talvez como eles, eu já morri!
Doroni Hilgenberg

Alberico Boa Morte, o coveiro apaixonado pela alma do outro mundo!

“Quem atravessa a rua recua para a calçada para poder ouvir com mais atenção”. A moça que recebia o troco na loja da esquina interrompe o “muito obrigado” para escutar. Rostos indiscretos aparecem em portas e janelas de casas e apartamentos a fim de captar bem as palavras. O motivo do silêncio e da curiosidade que para a cidade de cerca de 20 mil habitantes no Norte gaúcho é a morte. Há 47 anos, a torre da Igreja Matriz de Tapejara anuncia todos os falecimentos que acontecem no município, através de um sistema de alto-falantes, desenvolvido em 1964 e substituído 30 anos depois.

O som da oração de São Francisco seguido pelo nome do último falecido já se incorporou à rotina de quem vive em Tapejara, município distante 400 quilômetros de Porto Alegre. De acordo com o padre Hélio Corso Marsiglio, responsável pela igreja que faz os anúncios, a população não aceitaria que eles deixassem de existir. “Se a gente deixar de fazer, a comunidade se revolta e o padre vai apanhar”, comenta entre risos. “Desde que começaram a ser anunciadas, mais de mil mortes já ecoaram pelo município.”.

História baseada nesta lenda de Tapejara, cidade do Rio Grande do Sul.

Dizem por aí que tudo que tem de acontecer acontece. Dizem também que quem já fez aqui vai voltar para pagar. Bem para mim não importa. Que fiquem por lá que voltem desde que não me incomodem tudo bem. Mas isto nada tem a ver com Alberico Boa Morte. Em Tapejara ele era conhecido de todos. Afinal quem não conhecia o Recanto da Solidão? O mais lindo cemitério do Rio Grande do Sul? Sempre foi considerado o mais bonito do estado. O prefeito soube de um concurso que houve na Polónia e a cidade de Kraków foi à vencedora. Ele mandou um Assistente seu lá para ver e tirar fotos. Lindo cemitério. Ele dizia sempre que queria ser enterrado em um deles. Assim começou a modificação. Mudaram tudo. O Recanto da Solidão tomou forma. O sonho do prefeito se tornou realidade. Agora os mortos poderiam dormir o sono dos justos, em um local florido, gramado e a noite luzes coloridas para dar a impressão de arco íris cortando o céu da cidade. O Senhor Alcaide dizia que morreria feliz. Iria passar para a eternidade no mais lindo cemitério do mundo!

O que marcava o Recanto da Solidão eram os mausoléus. Os coronéis, donos das casas mais chiques, de pequenas fabricas sabiam gastar para fazer seu recanto na última morada. Alberico Boa Morte nascera ali e sabia que um

dia iria morrer também. Herdou do seu pai a função de coveiro. Nunca aprendeu outra coisa. Na escola o chamavam de Alberico Cadáver. Ficou até a quarta série. Não fez amigos. Não tinha em nenhum lugar. Ele sabia, era um estigma que não tinha futuro. Vivia nas horas vagas andando daqui e dali por cima das sepulturas, molhando as flores, limpando mausoléus, jazidos, túmulos. Alberico gostava de sua vida. Quando seu pai morreu ele sabia de tudo e como fazer. Nunca precisou de ajudantes. Não tinha pressa para enterrar um defunto, ou melhor, um finado, como lhe ensinaram a tratar o corpo do coitado que seria comido por vermes e com o tempo nem os ossos se aproveitariam.

Alberico Boa Morte era Católico. Não era praticante. Ia à missa uma vez sim e outra não. Já com seus 25 anos, andava curvado, tinha um pequeno cavanhaque, olhos fundos com sobranceiras espessas. Aprendeu com seu pai a usar uma bengala e um chapéu coco, preto, com uma jaqueta também preta. Alberico tinha um sonho. Conhecer uma moça, namorar e casar com ela para ter filhos e quem sabe um seguidor do seu ofício. Desde que o pai morrera vivia sozinho em sua casinha no fundo do Cemitério. Um sonho difícil. Nenhuma moça na cidade olhava para ele. Elas tinham medo de sua figura e morar em um cemitério mesmo que fosse o mais bonito do mundo não era o pedido de muitas. Um dia varias jovens fizeram uma aposta. Ganharia quem namorasse Alberico Boa Morte por uma semana. Nenhuma ganhou um tostão. Era só passear com ele em cima das sepulturas, das catacumbas negras e não tinha uma que não fazia xixi nas calças.

O tempo foi passando e os amigos de Alberico Boa Morte eram os mortos do Recando da Solidão. Muitos juravam que ele conversa com as almas do outro mundo. Alguns afirmaram que ele trazia recados dos que se foram para os vivos que ficaram. Alberico gostava de sentar em noite de lua cheia no Mausoléu da Família Cunha, cujo ancestral famoso foi o Coronel Flores da Cunha da Guarda Nacional. Ele sabia que Marília, que não casou e morreu de tuberculose adorava conversar com ele. Ela não vinha todos os dias e quando ficava sozinho sempre tinha fantasmas amigos para prostrar e tomar um gostoso chimarrão que ele sabia preparar. Comprou uma linda bomba de prata folheada a ouro, um aparador, uma atérmica sempre com água quente, e claro um copo de água morna. A Erva-Mate era escolhida a dedo. Tinha noites de mais de vinte fantasmas ficarem ali com ele cantando Boi Barroso, Chimarrita, e adoravam Negrinho do Pastoreio. Juvenal trazia sempre seu violão lá do céu e com sua voz de anjo cantava baixinho – “Negrinho do Pastoreio, acendo esta vela prá ti. E peço que me devolvas a querência que perdi. Negrinho do Pastoreio...”.

Foi numa noite triste, que não apareceu ninguém que Alberico Boa Morte conheceu Chimarrita. Uma jovem dos seus vinte e cinco anos, morena, olhos azuis, linda. Que beleza meu Deus! Disse para si Alberico. Ele lembrava que ela tinha sido sepultada há pouco tempo. Dizem que seu noivo a matara a facadas, pois tinha muito ciúmes. Alberico Boa Morte se apaixonou por

Chimarrita. A cidade de Tapejara não entendeu aquela sexta feira treze, onde um clarão se fez no Cemitério Recando da Solidão e junto com músicas e gritos de alegria se fizeram ouvir por toda a noite. Ninguém teve coragem de ir lá. De longe uma turba olhava aquela festa dos mortos. O delegado mandou dois soldados de a Brigada Militar ir lá ver e informar a todos. Nem pensar disseram. O prefeito cutucou o juiz que cutucou o delegado, que cutucou o sargento que cutucou o padre e nada.

Não se sabe como, a torre da Igreja Matriz de Tapejara começou a anunciar em alto e bom som, que Alberico Boa Morte e Chimarrita Flores da Cunha haviam se casado com as graças do Senhor. O padre correu até o serviço de alto falantes da igreja e nada viu. A cidadezinha de 20.000 habitantes ficou estarelecida. Uma serie de acontecimentos tomou conta do Cemitério Recanto da Solidão. A noite sempre se ouvia o som de violão, e juravam de pé junto que a sanfona era tocada por Chico Sanfoneiro morto a centenas de anos. Um dia, a cidade inteira veio à rua para ver. Alberico Boa Morte levava de mãos dadas, um garotinho lindo, dos seus seis anos, e quem conheceu Chimarrita jurava que era seu filho. Parecidíssimo. Não houve como a diretora da escola Flores da Cunha não matricular o menino. Quatro anos depois eis Alberico Boa Morte de mãos dadas com uma linda menina. Mais uma para a Escola Flores da Cunha.

Até hoje os habitantes de Tapejara ouvem canções, sabem das festas no Cemitério Recanto da Solidão e já haviam se acostumado. Estudantes de direito que vinham passar as férias com seus pais e que se arriscavam a entrar naquele campo santo, juravam que as festas tinham vinhos de boa qualidade e o melhor chimarrão do mundo. Contavam que Alberico Boa Morte e Chimarrita Flores da Cunha formavam o casal mais perfeito que tinham conhecido. Muitos destes estudantes fizeram grandes amigos entre os mortos do Recanto da Solidão. Eu soube de fonte fidedigna que um dia o Padre, o Bispo e mais cem soldados da força pública invadiram o cemitério, pois pensavam em exorcizar aquela farra noturna, pois agora a cidade de Tapejara era um paraíso de turistas que vinham de todo lugar.

Encontraram o Campo Santo vazio, sem ninguém, mas surpreendentemente viram na varanda da casa de Alberico Boa Morte ele e Chimarrita Flores da Cunha, com mais umas quinze almas gaúchas do outro mundo, ao som de uma gaita, de um violão celebravam sua raízes gaudérias e a beleza deste chão cantando e dançando a pleno pulmões. Eles mesmos os mortos sabiam que o mal se espanta cantando e dançando, pois só assim se espanta as tristezas. Sem esquecer que o chimarrão e o vinho gaúcho corria a solta entre todos. O Padre e o Bispo saíram correndo e nunca mais voltaram. Os cem valorosos soldados da força publica entraram na dança e beberam vinho até o amanhecer.

Chimarrita vou cantar
Qu'inda hoje não cantei (bis)

Deus lhe dê muita boa noite
Qu'inda hoje não lhe dei (bis)

Chimarrita morreu ontem,
ontem mesmo se enterrou (bis)
Quem falar da chimarrita
Leva o fim que ela levou (bis)

Chimarrita que eu canto
Veio de cima-da-serra (bis)
A pular de galho em galho
até chegar na minha terra (bis).

Fantasmas

Vieram de longe estes fantasmas
Pagos pelo diabo
Para me torturar...

Fico presa
De pés e mãos mergulhada na dor
Há uma sombra branco-Etérea
Etérea, transparente
Postada em desafio
Entre mim e ti, ó meu Amor!

Deixa-a passar
Confio tanto na alva madrugada
Que vou sorrindo aos fantasmas que chegam

Pagos pelo diabo
Para me torturar...
Maria Helena Amaro



Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor,
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humana amizade;
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

Luís de Camões

O céu por testemunha. O crime do Padre Lourenço.

Faz tempo. Muito. Quem me contou esta história acho que não está mais entre nós. Quando o conheci tinha mais de oitenta anos. Bebericava uma cerveja no bar do Toninho, sozinho e pensando na vida. Ele chegou e sentou sem pedir. - Mais um copo pediu! Era um "Velho" simpático. Cara lisa, cabelos brancos, magro feito um palito. Simpático. Não disse nada. – Mais um copo falei para o Toninho. Ficamos ali jogando conversa fora. Passava de nove da noite e ele entrou no assunto do Padre Lourenço. Contou-me toda a história. Triste. Muito. Podem até dizer que conhecem centenas de outras iguais. Concordo. Mas aquele "Velho" me contou de uma maneira tal que me emocionou. Olhe para dizer a verdade fui para a pensão onde estava há alguns meses e sentado na cama fiquei acordado por horas pensando. Não tinha tantos motivos para isto. Podem criticar. Paciência.

O Padre Lourenço era de família pobre. Sempre teve vontade de ser padre. Seu sonho era servir a Deus Nosso Senhor. Quando fez três anos mal falava e dizia a sua mãe sua vocação. Ela ria. Não era incrédula nada disto, mas

pouco frequentava a igreja. Rezava com ele todas as noites. Lourenço com quatro anos não perdia uma missa. Logo fez amizade com todos na igreja. O Padre Nonato, já velhinho tinha por ele um amor enorme. Com cinco anos ajudava na Missa e orações vespertinas. Cantava lindamente o Kyrie Eleison, todos gostavam de ouvi-lo cantar a Oração de São Francisco de Assis. Tornou-se na igreja um jovem que além de exemplo era um dos melhores alunos do grupo escolar que estudava.

Aos oito era conhecido por todos os católicos da cidade. Um menino de virtude que dava exemplo para todos os outros. As mães não cansavam de dizer aos seus filhos – Faça como o Lourenço, ele sim, é muito obediente e temente a Deus. Aos dez Lourenço foi para o seminário. Como seminarista estudava como nunca. Dominava Filosofia e Teologia como ninguém. Ajudava a todos os colegas, era bem querido pelos padres dirigentes, e seu sonho de ser um sacerdote sobrepunha a todas as dificuldades que os outros sempre reclamavam com ele. Não era uma vida fácil. Sempre em oração pela manhã, missa diária, aulas e serviços comuns ele participava com alegria e prazer. As atividades pastorais era motivo de alegria para ele. Sua dimensão comunitária que correspondia à convivência, relações humano-afetivas e caridade eram motivo de orgulho por todos os seus amigos. Todos diziam que ele seriam um grande sacerdote. Quem sabe um futuro bispo?

Sua ordenação aconteceu quando fez dezenove anos. Sua mãe estava presente e muitos parentes e amigos. A igreja do seminário estava totalmente cheia. A Santa Missa foi celebrada pelo Padre Nonato que fez questão de estar presente. Após o término Lourenço foi chamado a frente de todos e apresentado à assembleia que estava na primeira fileira da igreja. Foi questionado quanto a sua fé, seu trabalho, sua obra que iria realizar. Depois prometeu desempenhar com diligência suas funções do sacerdócio, respeitando e obedecendo aos seus superiores religiosos. Prostrou-se diante do altar e enquanto rezavam iam cantando a Ladainha de Todos os Santos. Em silencio, foi oferecido à oração consecratória, e Lourenço foi investido com uma estola e uma casula. Crismado foi apresentado com o cálice sagrado e a patena. Uma cerimonia linda. Lourenço agora o Padre Lourenço não cabia em si de contente. Ia servir a Deus conforme era seu desejo.

Apresentou-se uma semana depois a Vossa Excelência o Bispo Bonifácio. Beijou seu anel pastoral, fez uma genuflexão diante da cruz pastoral. O Bispo Bonifácio estava impressionado. Em todo seu prelado nunca tinha visto um padre como O Padre Lourenço. Achou que devia mandá-lo para uma paróquia em uma pequena cidade onde o padre atual estava nas últimas no hospital. Interessante. Era o oitavo padre que ficava doente e depois de dois ou três meses internado morria. Tinha de haver uma explicação. Contou tudo ao Padre Lourenço. Disse que ele devia descobrir o motivo desta mortandade. Padre Lourenço fechou os olhos e rezou. Pediu a Deus que lhe mostrasse o caminho. Despediu de sua Excelência e partiu para Santa Fé.

Dois meses depois os jornais de todo o país estampavam em manchetes garrafais. Padre Lourenço da cidade de Santa Fé matou a pauladas uma menina de dezesseis anos. Lavy Antares uma jovem querida por toda a cidade foi vítima criminosa, sem explicação de um padre que todos diziam ser um grande seguidor de Cristo. As autoridades episcopais não acreditavam no acontecido. Estavam estarelecidos. A mãe do Padre Lourenço foi internada as pressas quando soube e muitos parentes boquiabertos. Ninguém sabia explicar o motivo. Encontraram o padre sentado em uma cadeira, um porrete na mão cheio de sangue, a menina toda esfolada e parte do crânio aberto pelas porretadas. O padre não falou nada e até hoje ainda preso não explica o que fez. Ficou mudo.

Um repórter foi até Santa Fé e todos eram unânimes que o padre era uma flor de pessoa. Um passado impecável. Amável, tratava a todos com carinho, a igreja depois de sua chegada ficava sempre cheia quando das missas, pois ele celebrava com uma maneira tão linda que cativava a todos. Um crescimento quantitativo de fiéis aconteceu. Organizou as Filhas de Maria, deu força ao Grupo Escoteiro instalado em uma sala da paróquia, movimentou fiéis para organizarem melhor o Catecismo que não tinha boa presença. Visitava diariamente fiéis ou não que estivesse doente. Não tinha hora do dia ou da noite que era chamado e atendia sorrindo. Ninguém entendera bem o que aconteceu. Nenhum fiel nenhum morador tinha uma explicação.

Lavy era católica praticante como sua mãe e seu pai. Não perdia uma missa. Ficava de olhos fixos nos santos que adornavam o altar e balançava a cabeça para frente e para trás como a entender a palavra do padre. Diziam que ela quando a missa terminava pegava uma vassoura e varria toda a igreja. Quase não saía de lá. Desde pequena que todos a consideravam uma devota e para alguns uma santa. O repórter ficou uma semana em Santa Fé. Não descobriu nada. Porque um padre, considerado modelo matou uma menina indefesa? O que houve? Possessão? Obsessão? Tomado pelo Demônio? Difícil saber. Santa Fé era uma cidade pacata, quase todos os habitantes católicos e só uma Igreja Presbiteriana mesmo assim tinha poucos fiéis. O repórter desistiu. Um mês, dois e no quarto não havia mais manchetes, o público perdeu o interesse.

Naquela quinta chuvosa, sentado na sala paroquial o Bispo Bonifácio tentava pensar em outros temas em outros assuntos, mas não conseguia. O Crime do Padre Lourenço não saía de sua mente. Tentava uma explicação pelo acontecido. Não tinha. Lembrava a confissão do Padre Lourenço. Fora visitá-lo na prisão. Não sorriu uma única vez. Quase não falou a não ser quando confessava. Quem poderia imaginar? Seria verdade ou mentira do Padre Lourenço? E que adiantava agora? Lembrava palavra por palavra o que ele disse. Nunca ninguém saberia, pois o que ouviu era segredo de confessionário. Tinha que guardar para si tudo o que ele disse. Sabia que ele nunca contaria para ninguém. Não iria ajudar a igreja em nada. Para dizer a verdade seria

melhor que ele não tivesse dito nada. Pelo menos poderia dormir em paz o que agora não conseguia.

- Excelência, começou Padre Lourenço. Perdoe-me se puderes. Pequei contra Deus e contra os homens. Aceito minha penitencia de morrer aqui nesta prisão. Sei que não tenho futuro e meu passado não existe mais. Todos me conhecem como o Padre assassino. Sou mesmo. Piedade? Não quero e não mereço. Sabe excelência, os outros padres que morreram quem sabe poderão compreender melhor. Claro também não irão me perdoar. Mas olhe não quero o perdão deles. Não quero porque não mereço mesmo. Ninguém iria acreditar que ela era possuída. Nunca o demonstrou para ninguém. Se não tivesse feito o que fiz seria uma mortandade de padres naquela paróquia. Como? Simples Excelência. Lavy Antares tinha o rosto de um anjo. Quem a visse rezando nas missa e em orações poderia dizer que ela era uma santa, pois nem namorado tinha. Dizia para sua mãe que quando fizesse dezoito anos iria entrar em um convento.

Sabe Excelência, quando ela me procurou tive uma enorme simpatia pela menina. Educada, prestativa, e olhe só fiquei sabendo que era surda e muda dois dias depois pelo sacristão Leôncio. Muda e surda? Risos. Não era não Excelência. Enganou a muita gente. Ninguém acreditaria no que ela fazia com os padres na paróquia. Eu fui surpreendido cinco dias depois que assumi a paróquia. Estava em meu quarto quando ela entrou. Levei um susto enorme. Levantei da cama e pedi para ela me esperar na sacristia. Excelência precisava de ver o rosto dela. Afogueado, totalmente alterada e sorrindo sorrateiramente. Aproximou-se de mim e segurou meu membro com força e me beijou. Deus meu! O que era isto? Sai correndo e ela rindo atrás. Agarrou-me pelo ombro e me deu uma dentada na nuca. Sangrou. Achei que ela estava louca. Olhei em seus olhos e foi então que vi o Demônio. Sim Excelência. O Demônio.

Saí pela rua transtornado e olhei para trás e a vi de olhos baixos, indo para sua casa. Não sabia o que fazer. Não tinha a mínima ideia qual rumo devia tomar. Entrei novamente na igreja e rezei. Rezei muito, pedi a Deus que me ajudasse. Mostrasse-me o caminho que deveria seguir. A noite chegou. Rezei a missa das seis tremendo. Não sei se os fieis observaram alguma coisa. Dormir cheio de temor. Na missa da manhã lá estava ela. De olhos baixos rezando. Pedi a Deus por ela. Que a protegesse. A missa acabou e fui me trocar. Prometi a dona Joventina de visitar seu marido doente. Ela tinha insistido. Não deu. Ela a maldita entrou no meu quarto. Trancou a porta a chave. Tirou a roupa. Ficou nua em minha frente. Rangeu os dentes e falou com voz roca. "Padre maldito, agora você vai-me foder!" Pulou em cima de mim. Uma força descomunal. Rasgou minha batina, rasgou minhas roupas íntimas. Jogou-me na cama e sentou em mim.

Incrível Excelência. Não era ela, era o Demônio. Tremendo perguntei a ele o porquê de tudo aquilo. Ela ou ele, me forçando a entrar nela gritava e

rosnava. Malditos padres, odeio vocês todos! Nesta paróquia não vai ficar um vivo. Mordeu-me no pescoço. Senti uma dor imensa e logo o local passou a coçar. Ela ria. Um riso de gente morta. Ela fedia. Um mau cheiro incrível. Tentei tudo para me desvencilhar e não consegui. Meu membro não subia. Não tinha como. Ela forçava e ele saía. Desistiu e vestiu suas roupas. Abriu a porta e disse – Sua vez chegou. Vai morrer em breve maldito padre de merda! – Quem acreditaria que a menina estava sendo possuída pelo Demônio? Na presença dos outros era uma santa. Fui de novo a igreja e chorei. Pedi a todos os santos, pedi a Deus. Ajude-me!

Sabe excelência, tinha resolvido procurá-lo. Não sabia se ia acreditar em mim. Mas a decisão estava tomada. Avisei ao Sacristão que ficaria dois dias fora. Fui fazer a mala. Ela entrou. Maldita! Logo ficou nua. Gemendo disse que se não a comesse gritaria que eu a estava violentando. Deu-me um tremendo murro na testa que cai de boca no chão. Foram vários chutes. Quebrou dois dentes da minha boca. Ela sangrava. Agarrou meu membro e apertou. Doe muito. Gritei de dor. Ela ria. Soltou-me e disse – Deite, agora ou me fode ou eu te mato! Que me matasse Excelência preferia morrer. Mas uma voz me disse que eu tinha de acabar com aquilo. Outro viria mais outro e outro e nunca iria acabar. A menina possuída pelo Demônio seria sempre a virgem da cidade. Ninguém acreditaria em nenhuma historia que ela era possuída.

Saltei da cama. Ao lado da janela tinha um mourão que usava como tranca. Bati na sua cabeça com força. Fiquei possesso. Bati mais e mais. Vi o sangue jorrando. Sentei na cama. Ela estrebuchava no chão. Gemia e dizia com voz rouca. Matou essa, mas volto em outro filho da puta! Você não perde por esperar. Morreu e não ouvi mais nada. O sacristão vendo o barulho em meu quarto veio correndo. Abriu a porta e me viu sentado na cadeira todo ensanguentado com o porrete, ou melhor, o mourão e a menina esticada no chão e morta. Saiu correndo e gritando que o padre matou a virgem. Muito vieram. Tentaram me linchar. Achei que deviam. Mas a policia chegou logo. Transferiram-me de cidade. Agora estou aqui neste presidio. Fui julgado e condenado há trinta anos. Quero cumprir todos os dias. Nunca vou pedir para sair antes.

O Bispo Bonifácio levantou da cadeira que estava na Sala Paroquial. Não dava mais para pensar e raciocinar direito. Não julgava mais o Padre Lourenço. Deus sabe o que faz. Sabia que pelo menos uma vez ao ano iria visitar o Padre Lourenço. Um homem que como padre seria o maior exemplo que ele conheceu. Nada aconteceu e sua vida virou do lado avesso. Nunca mais repórteres o procuraram. Passaram-se alguns anos quando a policia invadiu o Presidio durante uma revolta, mataram mais de cem detentos. Soube que o Padre Lourenço foi um dos primeiros. Tentou segurar os policiais dizendo a eles que não fizessem nada. Iriam se entregar. Recebeu uma bala no estomago e outra na cabeça. Morreu na hora. Se foi para ao céu o Bispo não sabia. Rezou por ele. Rezou também pela alma de Lavy Antares. Uma menina que não teve culpa.

O "Velho" que me contava a história parou de repente. Seus olhos ficaram virados. Me olhou dentro dos meus e disse: - O Padre Lourenço era meu filho. Minha mulher ficou louca. Morreu em um hospício. Não tenho mais família. Ando aqui e ali e procuro paz. Não encontro. Que Deus tenha piedade da minha alma! Levantou e foi saindo. Na porta do bar virou e completou: - e De Celma minha mulher e do meu filho Lourenço. Sumiu na rua escura. Nunca mais o vi.

Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Vinícius de Moraes



É brando o dia, brando o vento
É brando o sol e brando o céu.
Assim fosse meu pensamento!
Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias
Deste céu limpo e este ar sem mim

Intervêm sonhos e memórias...
Ser eu assim ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.
Existe tudo porque existo.
Há porque vemos.
E tudo é isto, tudo é isto!

Fernando Pessoa

Pacto de sangue. O sonho de um grande amor.

A noite chegava calma e silenciosa. Não sabia se haveria lua. Agora não me importava com mais nada. Ali naquele banco tosco daquele parque a vida perdera o sentido. Rosa parecia dormir em meu colo. Devia fechar suas pálpebras, mas não fez. Era o único elo que me mantinha ali a olhar para aqueles olhos azuis turquesa que nas últimas oito horas me mostraram um outro sentido da vida. Já sentia a rigidez do seu corpo. Uma bala no pescoço a levava para longe de mim. A vida estava se esvaindo. Eu sabia que também ia morrer. Era questão de tempo. Com a bala que passou próximo ao meu coração ou pela própria polícia que fizera um cerco em minha volta. Sorria de leve. Minha arma? Um cabo de guarda chuva marrom. Eles? Dezenas gritando para sair com as mãos para cima. Deram-me cinco minutos. Cinco minutos que me fizeram voltar no tempo. Meu grande amor partiu e eu queria partir com ela. Se aguentasse eu sairia correndo com a “arma” a gritar e assim minha vida seria riscada do mapa por centenas de tiros. Lembrei-me do filme Butch Cassidy. Que morte gloriosa. Minha mente procurou no tempo os momentos mais felizes da minha vida. Momentos que não se apagarão na história. Oito horas. Oito horas sublimes que valeram toda uma vida sem sentido.

Tinha sido demitido. Assim sem mais nem menos. Eu sabia do meu câncer no pulmão. Meus chefes não. Não contei. Para que? Para sentirem piedade de mim? Poderia mostrar meus exames. Eles não poderiam me demitir. Mas nunca fui de pedir nada. Aceitava o que vinha sem reclamar. Se não me queriam mais paciência. Sessenta e seis anos, sem conseguir me aposentar. Chorar? Acho que não vale a pena. Nunca casei me uni a uma jovem há muitos anos atrás. Tivemos um filho. Ela conheceu outro e se foi. Foi melhor assim. Para mim e para ela. Nunca fui de ficar revoltado. Todos diziam que eu era calmo, nunca me viram zangado e eu acho que era assim mesmo. Não reclamava da vida. Para que? Pagaram meu Aviso Prévio. Certo. Vá à agência do Banco do Brasil na Avenida Paulista. Lá você recebe seu Fundo de Garantia. Peguei um ônibus da Paulista. Avistei próximo ao Parque Trianon a agência bancária. Dei o sinal e ao descer pisei em falso. Caí em cima de uma senhora que passava. Pedi desculpas. Perdão. Ela levantou e me vi diante dos mais belos olhos azuis turquesa que já tinha visto na vida.

Os cabelos brancos, um rosto ainda jovem, mas devia ter mais de sessenta anos. Um corpo bem feito. A convidei para um café para me redimir. Aceitou. Sentamos num barzinho em uma galeria que nunca tinha entrado. Afinal passei anos e anos sem ir à Avenida Paulista. Fiquei olhando aquela bela mulher. Seus olhos me hipnotizavam. Meu coração batia. Caramba! Nunca bateu assim por mulher nenhuma. Seu sorriso era confortador, me traziam paz e tranquilidade. Falamos banalidades. Disse que estava desempregado. Ia retirar meu Fundo de Garantia. Ela deu um sorriso maroto. Dinheiro! Para que serve? Nunca me serviu para nada. Vi uma pequena lágrima furtiva naqueles belos olhos azuis turquesa. A convidei para ficarmos umas horas no Parque Trianon. Ela sorriu e aceitou de pronto.

Olhe, nunca senti em minha vida o que estava sentindo. Nossa! Nesta idade me apaixonar? Toda vez que ela sorria mexia por dentro. Para dizer a verdade não a desejava sexualmente. Nem me passou pela cabeça. Mas meus olhos não saíam dos dela. Chegamos ao parque vazio àquela hora da manhã. Achamos uma sombra gramada, tirei meu paletó para ela sentar-se. Ficamos ali conversando sem ver as horas passar. Parecia que já éramos íntimos de muitos e muitos anos. Eu não tinha pressa. Não tinha ninguém a me esperar. O barracão que morava era alugado. Não tinha quase nada lá. Na periferia. Bem longe. Gostaria que àquelas horas ali com ela não passassem nunca. Conte pouco coisa de minha vida. Nunca tinha casado e a mulher que tive ao meu lado me abandonou. Expliquei que achei melhor assim. Não havia amor entre nós. Meu filho? Tinha seis meses quando ela partiu. Deveria estar agora homem feito.

Ela ficou calada por algum tempo. Eu também não disse mais nada. Não deixava de olhar para ela. Uma brisa gostosa acariciava seu rosto e o meu. O sol de vez em quando se escondia entre as nuvens. Estávamos muito perto um do outro. Levei meus lábios a sua face. Ela não se afastou. Beije leve seus lábios. Meu corpo tremia de emoção. Ela não esboçou nenhum abraço, mas deixou que a beijasse. Deitei na grama e ela também. Ambos olhando para o céu através das árvores. Uma borboleta pousou em um galho próximo. Ela começou a falar. Eu gostava de sua voz, suave, calma, sem impostação. Contou-me parte de sua vida. Diferente da minha. Bem diferente. Vi que ela era uma mulher de fibra, estudada e eu quem sabe um perdedor. Não seria mulher para viver ao meu lado se tivesse nos conhecido antes.

Tivera uma infância atribulada. Seu pai um político conhecido. Quase não dava atenção para a mãe. Colocaram-na em um colégio interno. Mesmo nas férias ela viajava com a mãe e o pai nunca aparecia. Conheceu a Europa, nunca foi aos Estados Unidos. Não tinha interesse. Não que desgostasse dos americanos nada disto, mas ela gostava de ver e sentir a história de perto. E a história está na Europa ela disse. Roma, Veneza, Paris, Madrid, Berlim, Lisboa, tantas que ela perdeu a conta. Quando fez vinte e um anos recebeu uma parte da fortuna do pai. Mais de oitenta milhões de reais. Uma fábula. Não sabia o

que fazer com o dinheiro. Encontrou um homem. Lindo, parecia um artista de cinema. Uma paixão avassaladora. Casaram com uma festa de arramba. Seu pai convidou dezenas de políticos. O casamento durou seis meses. Ele fugiu com outra e boa parte de sua fortuna.

Ela era simples na sua maneira de contar. Que coisa meu Deus! Estava enfeitiçado por uma mulher da minha idade e eu não tinha nada para oferecer. Deu fome. Convidei-a para um lanche. Voltamos novamente ao barzinho. Local sossegado. Não comi quase nada. Ela mal e mal engoliu alguma coisa. Tomei um uísque e ela também. Vi que chorava. Não perguntei o porquê. Afaguei os seus cabelos brancos. Ela me olhou nos olhos. Quando olhava eu me desmanchava. Voltamos ao parque. Ainda vazio. Era uma terça feira. Agora umas duas da tarde. Ela ainda chorava. Olhou-me e disse que ia morrer. Assustei. Porque? Perguntei. – Rosa sorria agora. Posso pedir para não ter pena de mim? – Claro disse. Tenho leucemia. O médico disse que seria um ou dois meses no máximo. Não quero morrer entubada em um hospital.

Pensei comigo que dupla estávamos fazendo. – Conte para ela que também tinha um câncer. Não tinha medo de morrer. Que a morte viesse quando chegasse a hora. Eu ia saber enfrentar. – Ela me perguntou assim sem mais nem menos – Já ouviu falar no casal Bonnie e Clyde? Sim disse. Morreram felizes fazendo o que gostavam. Não entendi – Quer morrer comigo? Ela me olhava com um sorriso zombeteiro. Nunca pensei isto. Morrer como? – Nós dois como Bonnie e Clyde – Continuo não entendo. Explique melhor. – Você não tem de ir ao banco? – sim! – Pois então, entramos você recebe e anunciamos um assalto. Levamos uma quantia, tomamos as armas dos vigilantes e esperamos a policia chegar. Jogaremos o dinheiro para o ar, sairemos rindo e gritando e morreremos crivados de balas!

Que ideia estapafúrdia! Morrer assim? Mas ela me olhou com aqueles olhos azuis turquesa que fiquei sem o que dizer. – Olhe, serrei um cabo de guarda chuva, engana bem como uma arma. Entramos você recebe seu dinheiro e eu anuncio o assalto. Tomamos a arma do vigilante, damos uns tiros para cima para assustar e saímos correndo, não antes que eu jogue todo o dinheiro roubado para cima. Será uma festa! – Minha mente estava a mil por hora. Morrer agora? Assim? Ao lado dela? – Ela me beijou. Ali naquele banco do parque, senti seus lábios colados ao meu. Se morresse agora morreria feliz. Um beijo que nunca tive. Lábios macios, molhados, que sensação incrivelmente deliciosa. Olhou-me. Lindos seus olhos azuis turquesa. – Não precisa ter medo - disse. Eu protegerei você lá no céu!

Interessante. Entrei no banco sem medo. Cheio. Fui até o caixa. Disseram que tinha de esperar. Ela anunciou o assalto. Todos deitaram no chão. O vigilante levou a mão à arma. Eu disse não. Se tirar morre na hora. Nossa! Eu agora era o Boniee? E a Clyde o que fazia? Pegava o dinheiro do caixa. Ria a mais não poder. As pessoas deitadas no chão não entendiam. Ouvi um tiro, vi o sangue saindo do pescoço dela. Ela me olhou e disse vamos –

Jogou o dinheiro para cima. Uma algazarra de todos querendo pegar. Saímos do banco. Outro tiro entrou nas minhas costas passou perto do coração e saiu perto do ombro esquerdo. Não senti dores. Ela não aguentava andar. Carreguei-a. Nenhum policial na porta. Atravessei a avenida sem o sinal abrir. Carros frearam. Batidas, uma algazarra. Ela queria sorrir, uma golfada de sangue saiu de sua boca.

Entrei no parque. Ninguém atrás de mim. Fomos para o nosso banco preferido. Um casal estava lá. Gritei para saírem e vendo o sangue correram alameda acima. Deitei-a no meu colo. Ela sorria. Queria falar, mas o sangue não deixava. Com os dedos fez sinal de positivo. Sentia agora uma dor tremenda. Ela tremeu e parou de se mexer. Acho que tinha morrido. Olhava seus olhos azuis de turquesa que permaneciam abertos. Minha mente não pensava em nada agora. Só em olhar para ela. A noite chegou de leve, comportada. A polícia começou o cerco. Achavam que estávamos bem armados. Queria gritar, sair correndo como fez Butch Cassidy. Queria morrer logo crivado de balas para encontrá-la no céu. Minhas pernas não me obedeciam. Uma nuvem começou a se formar. Fechei os olhos dela, dei o último beijo. Meu corpo caiu sobre o dela. Não vi mais nada. Acho que tinha morrido.

Os jornais deram a notícia em letras garrafais – Casal de idosos assaltam banco e morrem no Parque Trianon. Mais embaixo dizia – Rosa Allions, filha do senador Norberto Allions já falecido e sua esposa Nair Allions também falecida, e Ramon Silva, endereço desconhecido morreram ontem no Parque Trianon, após fazerem um assalto inexplicável na agência do Banco do Brasil. Não levaram nada, pois jogaram o dinheiro para o alto. Clientes disseram que pareciam loucos, pois ficaram sorrindo o tempo todo. A polícia os cercou no parque e não foi preciso dar um tiro. Encontraram os dois abraçados mortos e sorrindo um para o outro. Uma história de amor? Ele tinha sessenta e seis anos e ela sessenta e cinco. Para ela não havia motivos de assalto. Descobriram que em sua conta corrente tinha mais de cem milhões de reais.

A verdade, a história verdadeira nunca seria contada. O porque de um assalto infeliz e claro sujeito a morrer. O porque se ela era rica e não precisava disto. A autópsia mostrou que ela e ele estavam marcados para morrer. Ambos com câncer avançado. Seria este o motivo? Dizem a boca pequena que toda terça à tarde no Parque Trianon um perfume de rosas uma aroma com uma fragrância desconhecida percorre todas as suas dependências. Muitos foram lá para ver, mas poucos amantes tiveram a sorte de sentir aquele perfume sublime! Rosas com amor!

Ela ia, tranquila pastorinha,
Pela estrada da minha imperfeição.
Segui-a, como um gesto de perdão,
O seu rebanho, a saudade minha...

"Em longes terras hás de ser rainha
Um dia lhe disseram, mas em vão...

Seu vulto perde-se na escuridão...
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,
E em terras longe do que eu hoje sinto
Serás, rainha não, mas só pastora _.

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
E eu serei teu regresso, esse indistinto
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

Fernando Pessoa



Fluir de um rio.

Correm as águas do rio
Passam na agulheta do tempo
A mesma água não volta, nem pelo fio
Não repete a sua passagem, observo, lembro
A vida é como esse rio
Na superfície a velocidade instantânea
No fundo as correntes pesadas
As pedras roladas, as plantas prezadas
O que se esconde e funde no leito
Escorregadio que com os tempos feitos
Pouco mudam, pouco nadam
A vida de um rio, não é só a água que passa
É as margens descoladas, divididas
São quem passa quem refresca
É a vida num todo que se compõe
É quem mergulha, quem acha
Quem muda, leva ou põe
É quem toca no fundo
Traz a vida que mergulha num rio também.

O expresso do Rio Selvagem.

Carmem olhava pela janela do trem, as belas paisagens que iam ficando para trás. Sua mente rebuscava timidamente sua vida. Ela não sabia se era feliz, se tinha alegrias, tristezas, se sua vida estava valendo a pena. Achou que era hora de pensar. Com calma. Merecia umas férias. Quinze dias bastavam. Falou com seu diretor que autorizou na hora. Afinal ela tinha já duas férias vencidas. Trabalhava muito. Arduamente. Começou do nada e hoje era gerente na área de montagem. Telas de computador. Lembrava-se do seu passado. Não foi bom, mas o que passou, passou não volta mais. Lembrou-se quando chegou em Santa Fé. Não era uma cidade pequena. As margens daquele rio caudaloso ela se destacava pela sua beleza selvagem e pela sua competência. Não sabia por que dissera selvagem quando lá chegou. Talvez pelo seu frenesi de homens e mulheres que andam sem saber aonde ir. Queria esquecer tudo. Não lembrar. Passar uma esponja em sua mente. Sabia que não dava. Esquecer não é fácil.

Nasceu em Cidade Santa. Pequena. As margens do rio onde a ferrovia passava e morava com sua Vó. Ali viveu boa parte da sua vida. Ali viu seus pais serem enterrados. Mortos por nada. Uma peste? Assim disseram. Morreu muita gente. Ela não, sua Vó também não. Precisava de um emprego. Lá não conseguiria. Estava com dezenove anos, terminou o segundo grau. Difícil estudar mais. Queria ser alguém se formar, quem sabe ser professora ou então outra profissão que não fosse aquelas famosas que seria impossível de conseguir. Achou que uns dias em Cidade Santa para rever sua Vó e alguns amigos bastavam. Depois iria para Vitória. Procurar uma boa pousada em frente ao mar. Aí sim, iria colocar sua vida em ordem. Nada tão estranho. Era comedido. Tinha uma boa quantia na poupança. Poderia ter um carro, mas achou que morava a duas quadras do trabalho e não precisava.

Seria umas férias onde se daria ao luxo do bom e melhor. Nada de economias. Carmem não era linda. Bonita sim, simpática sim. Uns cabelos negros, olhos negros, um rosto muito simpático. Sua voz era calma. Cativante. Teve alguns pretendentes. Mas nenhum deles lhe interessou. Seu corpo era bem feito e ela cuidava bastante. Mesmo trabalhando de sol a sol não deixava de frequentar a academia. Conheceu um Engenheiro Espanhol que iniciou um trabalho na mesma empresa que ela. Era simpático, alegre, despretenso. Saíram diversas vezes. Nunca dormiram juntos. Carmem jurou a sua Vó que só iria fazer amor depois de casada.

Gostava de viajar de trem. Quanto tempo não fazia isto. Muitas saudades. A janela enorme, a vista linda, o verde, o amarelo, o rio caudaloso, uma fazenda aqui outra casinha ali, uns dados adeus e a menina correndo ao lado do trem. Sentiu fome e viu que não tinha almoçado. Levantou-se pegou sua bolsa e se dirigiu ao vagão restaurante. Não notou um homem mal encarado que a acompanhou até lá. Sentou-se duas mesas atrás dela. Carmem almoçou devagar. Não tinha pressa. Só chegaria em Cidade Santa lá pelas quatro e meia da tarde. Pelo visto o expresso estava no horário. Bebeu uma cerveja pequena.

Deu-se ao luxo. Não fazia isto, mas agora podia. Quando voltasse a sua poltrona iria cochilar até chegar ao seu destino.

Pagou sua despesa e voltou calmamente. Ao atravessar um vagão para o outro, onde fica a porta de saída do trem, um braço a agarrou pelo pescoço. – Não grite. Se gritar enfio-lhe uma faca nas costelas. Tomou dela sua bolsa. Começou a forçar sua calça para baixo. Ele queria estuprá-la! Meu Deus! Isto não! Proteja-me. Ela gritou e mordeu com força as mãos do maníaco. Ele gemeu alto e a chamou de puta. Abriu a porta e a jogou do trem. Carmem não sentiu nada. Rolou em cima de algumas pedras e foi parar próximo a uma moita de capim coloniã. Ficou desacorda. O trem sumiu no horizonte.

Carmem acordou quase à noitinha. Não lembrava de nada. De nada mesmo. Quem era o que fazia ali nada. Sentia uma dor tremenda na testa passou a mão e viu que tinha um corte enorme. Deve ter sangrado muito, mas agora já tinha coagulado. Não conhecia onde estava. Porque estava ali também não sabia. Levantou-se com dificuldade. Suas roupas rasgadas. Uma sede terrível. Começou a andar junto à linha do trem. Ouviu um barulho. Um barulho que achava que já tinha ouvido antes. Era um carro de boi. Atravessou um bosque e viu uma estradinha de terra. O carro de boi seguia devagar com duas juntas de dois bois cada uma. O carreiro era um menino de uns quinze anos. Correu para ajudá-la. Pediu para subir no carro, pois ele estava indo para casa. Não era longe.

Chegaram uma casinha de Sapé, pequena, apenas dois cômodos. Uma cozinha e um quarto. Feita de bambu com barro. Chão de terra. Carmem não estranhou. Não conheceu outra casa ou se conheceu não lembrava. Lico o menino disse que morava ali com seu pai. Não conhecera sua mãe. Ia sempre a Cidade de Manto Azul levar verduras e frutas para vender. Viviam disto. Seu pai ainda pescava alguns peixes e quando dava ele vendia também. À noitinha seu pai chegou. Assustou-se com Carmem. Lico explicou o que acontecera. Ele chamou Lico em um canto – Olhe filho, ela parece ser uma mulher fina. Não é daqui. Suas roupas mostram isto. – Pai, ela não trouxe nada. Não tem nenhuma muda de roupa extra. Nem documentos!

Manuel não sabia ao que fazer. Não tinha ideias. Era homem da roça. Entendia tudo dela. De mulher não. A única lhe dera um filho e sumiu no mundo. Dificilmente ia a cidade para dar uma “fiscada” em alguma na Rua do Taichim. Agora soubera da tal AIDS. Evitava tudo. Não podia morrer enquanto Lico não fosse maior de idade. Lico sugeriu que ela ficasse ali por uns tempos. Quem sabe recuperava a memória. Pensaram em levá-la a Manto Azul, mas lá não tinha delegado e nem prefeito. Era um arraial simplesmente.

Carmem ficou lá por muito tempo. Os dias passavam céleres. A noite sentava na porta da casinha e olhava as estrelas pensava quem era de onde era e o que fazia ali. Aos poucos acostumava a nova vida. Ajudava na horta, a colher jabuticabas, goiabas, laranjas, mangas tudo quando era época. Um dia

foi com Lico a Manto Azul. Todo mundo veio para a porta. O pequeno arraial se assustou. Era uma mulher jovem e bonita. Vestia um short e uma camisa velha. Devia ser de Manuel. Ninguém sabia que ele estava com mulher. Ela fez algumas compras de roupas para ela. Roupas simples. A lojinha ficou cheia de olheiros.

Carmem sem perceber começou a gostar de Manuel. Olhava para ele e sentia que o amava. Mas seria amor mesmo? Não sabia. O que era o amor? Também não sabia. Uma noite ele a beijou. Sentiu que ele não sabia beijar. Segurou sua língua e ele assustou, mas deixou. Fizeram um amor louco. Ele não sabia como ela também não. Ela era virgem ele não, mas não tinha nenhuma experiência. Foi gostoso. Ambos gostaram. Não parou por ai. Passaram a dormir juntos. Lico não se incomodou. Passou a gostar também de Carmem. Quem sabe ela poderia ser sua mãe? Manuel disse que queria casar com ela. Carmem achou melhor esperar para saber quem era.

Passaram-se quase um ano. Carmem ao seu modo era feliz. Ali naquela casinha junto a Manuel não pensava em mais nada. Não tinham luz, TV, geladeira e o fogão a lenha dava tudo que precisavam para fazer a alimentação. Ela mesma fazia. Lavava e passava. Uma verdadeira dona de casa. Não engordou seu corpo até ficou, mas esguio. Cuidava dos seus cabelos. Suas roupas simples para ela bastavam. Manuel era calado. Falava pouco. Conversava com ela em monossílabos. Não sabia ler e nem Lico também sabia. Ela passou a ensinar aos dois. Compraram em Manto Azul, cadernos, lápis canetas e uma tabuada.

Um ano e meio. Dois anos. Nada de Carmem voltar a lembrar. Ela não se preocupava mais com isto. Vivia feliz muito feliz ao lado de Manuel e para ela Lico era como se fosse um filho. Pensava que se um dia recordasse quem era não iriam deixa-los nunca. Uma tarde voltada da mata onde tinha muitos pês de jabuticaba e não abaixou a tempo de evitar uma galhada grossa de uma jabuticabeira. Bateu a cabeça tão forte que ficou zonza e caiu ao chão. Estava só, mas meu Deus! Ela voltou a se lembrar. Tudo veio assim do nada e ela agora sabia tudo de sua vida. Voltou correndo. Chamando alto Manuel e Lico – Lembrei-me! Agora sei o que fui! Mas ao olhar o semblante deles ficou triste também. O medo de perdê-la era grande. E ela não sabia que atitude tomar.

Dormiu abraçado a Manuel. Disse que nunca iria abandoná-los. Mas tinha de voltar em Cidade Santa para saber de sua Avó e depois iria a Santa Fé. Tinha lá um apartamento, roupas, móveis e dinheiro no banco. Precisava ver se tudo estava lá. Lico chorou quando ela partiu. Manuel abraçou-o e ambos choraram quando ela pegou o trem de volta a Santa Fé em Derribadinha. Carmem também chorou. Mas prometeu voltar. Manuel e Lico não acreditaram. Sabia que ela era uma moça de cidade grande, estudada e porque voltaria?

Na janela do expresso Carmem olhava o rio, as casas as fazendas e o seu passado. Desceu sem pressa na estação de Santa Fé. A cidade pouco mudou. Um taxi a levou em seu apartamento. Fechado. O porteiro a

reconheceu e sorriu quando ela contou por partes o que tinha acontecido. Disse que a policia, o diretor e muitos da empresa que ela trabalhava lá estiveram. Ele tinha copia da chave. Ela entrou. Olhou, não sentiu saudades. Saudades sim de sua tapera de barro com telhas de folha de coco e capim seco. Foi até a empresa. Uma surpresa de todos. O diretor pediu a ela para ir a sua sala. Uma festa. Era muito bem quista. Dois anos e meio fora e todos compreenderam o que aconteceu com ela.

O diretor disse que sua vaga estava em aberto. Ela podia começar a trabalhar quando quisesse. O salario seria aumentado. Não disse nada. Iria pensar e depois dar uma resposta. Ele não entendeu. Não quer mais o seu lugar? Vai voltar para a tapera onde morou muitos anos? Ela não sabia o que fazer. Duvidas e mais duvidas. Pediu um prazo. Duas semanas. O diretor riu. Claro que sim. Você não vai deixar isto aqui para morar lá no mato em uma casinha de barro. Carmem foi para o apartamento não antes de passar no banco. Estava tudo lá e até mais com os juros. Quase um milhão e meio.

Dormiu mal em sua cama de casal. Grande, colchão de mola, caro que comprou há muitos anos. Estava novo ainda. Ficou ali olhando para o teto e pensando. Dormiu sonhando com Lico e Manuel. Pela manhã já sabia o que fazer. Publicou no jornal local a venda de tudo. Apartamento mobiliado. Separou as roupas que precisava as demais doou para uma instituição de caridade. Deixou o dinheiro da poupança lá no mesmo banco. Tirou cem mil para despesas. Foi à empresa e agradeceu ao Diretor pela confiança. Abraçou a todos os seus amigos e ao espantado engenheiro espanhol que tinha namorado.

Pegou o expresso novamente rumo a Cidade Santa. Precisava ver sua Avó. Desta vez prestou atenção a tudo no vagão de primeira classe e quando foi ao vagão restaurante ficou de olho. Nada aconteceu. Sorriu quando viu sua Avó viva. Foi uma festa o encontro das duas. Contou tudo. Ela compreendeu e a motivou a continuar com sua tomada de decisão. Deixou um cheque com ela de cinquenta mil reais. Disse que voltaria daí a um ano e daria mais a ela. Em oito dias estava de volta. Desceu em Derribadinha. Uma maleta com poucas roupas. Nenhuma joia. Só com o saldo do dinheiro que tirou. Agora uns quarenta mil reais. Poderia ter comprado um carro, chegar lá de carro novo. Não era o que desejava.

Comprou uma pequena charrete de três lugares. Um cavalo baio bom para trotar. Saiu de Derribadinha às duas da tarde. Às quatro e meia chegou a Manto Azul. O povo todo veio à porta. Nunca acreditaram que ela ia voltar. Já sabiam de sua história. Ela cumprimentou a todos. Sorria. Às seis e meia da tarde avistou a Casinha. Avistou de longe Lico que veio correndo e gritando chamando seu pai. Desceu da charrete e o abraçou com força. Era seu filho. Não de “barriga”, mas de direito de mulher do seu pai. Manuel a olhou. Sorriu sem jeito. Pensou em abraçá-la. Estava bonita. Roupas novas. Sapatos novos. Um brinco de ouro. Teve medo. Achou que ela foi ali para despedir para

sempre. Ela o abraçou. Disse – Manuel sou sua mulher. Nunca mais me separarei de você. Abraçaram-se ali, um beijo enorme. A lua brotou no céu. “Bunita, que nem um queijo redondo”.

Ela de vez em quando voltava a Santa Fé. Levava Manuel e Lico juntos. Tirava dinheiro do banco, não muito, faziam umas comprinhas e voltavam ao seu lar, sua casinha de barro de chão de terra com um banquinho na porta para ver as estrelas e a lua quando estava cheia. Acertou em cheio. Nunca se arrependeu. O que sei é que viveram felizes por toda a vida. Um amor simples, uma aceitação de ambos que só podia ser de almas gêmeas!

**Não escrevas aos meus olhos.
Não me iludas se não
tens a intenção
de entregar-me
o teu coração!**

**Não escrevas aos meus olhos
lindas palavras de amor
se pensas fazê-lo
chorar de dor!**

**Não grites que me amas
se o teu silêncio
revela que apenas
me enganas!**

**Não quero mais
os teus beijos...
Quero apenas um pouco de paz!
Vou ardendo de desejo**

**quando lembro
das tuas mãos deslizando
no meu corpo gélido
nas madrugadas**

**que fui inocente
entregando-me a ti
Poeta indecente,
de corpo, alma**

**e coração.
Mas agora basta!
Não viverei mais de ilusão.
Já sofri demais
nessa vida madrasta!**



Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor,
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade;
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

Luís de Camões

Que o céu me condene!

Todos riam dela. Desde pequena chamavam-na de tudo, nomes feios, nomes que ele morria de vergonha quando ouvia e o pior não tinha como fugir. Quando sua mãe e seu pai eram vivos ainda tinham um pouco de respeito, mas quando a polícia os matou a tiros em uma cidade próxima acusando-os de serem bandidos perigosos, sua vida acabou. Depois viram que eram inocentes. E daí? Apenas dois pobres catadores de papel que trabalhavam para sobreviver. Ana Cláudia um dia tentou se matar. Pulou da ponte no rio pensando em se afogar. Alguém viu e a salvou. Uma família lhe ofereceu emprego. Abusavam dela. No final do mês uns trocados, nos fundos um quartinho simples que mal cabia uma cama e um armário. Ela aprendeu que o

sofrimento era parte dela e o aceitou normalmente. Mas dentro de sua mente e do seu coração ela odiava aquela cidade e todos que nela moravam.

Ana Cláudia era negra, feia, com um nariz grosso, cabelos crespos cortados curtos, e o pior era vesga, isto mesmo. Os outros a chamavam de Caolha. Sempre a chamaram assim. Abaixava a cabeça, mas não chorava. Evitava andar na cidade durante o dia. Não tinha amigos, fez só o primário, quase não ouvia músicas e TV? Nunca. Sua vida em Monte Azul não era divertida e nem colorida. Dona Esmeralda sua patroa só dirigia a ela falando improperios. Seu Astholfo então, nem olhava para ela. Isto não a preocupava mais. Agora com vinte e seis anos não tinha, ou melhor, nunca teve sonhos e esperanças. Sabia que assim seria até sua morte. Um dia ao voltar do armazém lá pelas nove da noite uns bêbados a encurralaram em um beco e a maltrataram muito. Chegou em casa toda machucada, sangrando e Dona Esmeralda e Seu Astholfo riram e nem ligaram. – Vai ver que foi você quem provocou Caolha!

Quando voltou da missa no domingo, viu uma enorme fila em frente a um mercadinho. Riu e se perguntou por quê. Entrou na fila. Gostava de filas. Quando terminou a moça atrás do vidro perguntou qual seu jogo. Qual jogo? Ora moça, não sei que jogo. Nem sabia o que era isso. Claro já tinha ouvido falar que grandes prêmios eram pagos a quem fosse sorteado. Não tinha dinheiro. Saiu da fila com todos gritando com ela. – Caolha! Caolha! Nunca ganhou nada e sabia que não iria ganhar. A virar a esquina viu um bilhete jogado no chão. Por curiosidade o pegou e levou para casa. Nem sabe o porquê o guardou. Todo dia tirava ele debaixo da cama, olhava, ria e sonhava. Continuou sua vida de empregada, sem salário a troco de um quartinho e alimentação que não era a que servia para seus patrões.

Na quarta feira ficou sabendo que o sorteado era de sua cidade. Todos querendo saber quem era. Passou uma semana e ninguém reclamou o prêmio. Ana Claudia anotou os números sorteados. Em casa conferiu. Era o seu bilhete! Seu? Não era seu, mas o que fazer? Ninguém reclamou e ela esperou mês. Nada. Resolveu procurar a Caixa, mas não em sua cidade. Tinha umas economias. Dona Esmeralda riu. Você viajar? Para onde Caolha? Para que ir a Recife? – Só conhecer disse. Vou no sábado à noite e na segunda estou de volta. – Pode ir, mas não vou lhe dar um tostão e a cada dia que faltar lhe desconto uma semana. Ana Claudia bem que pensou falar um palavrão, mas era melhor esperar.

No sábado pegou o ônibus das sete da noite. Adorou. Havia tempos que não viajava de ônibus. Ficou na janela. O passageiro ao seu lado a olhava com desdém. Nem a cumprimentou. Às cinco da manhã chegou em Recife. Ficou boquiaberta com a cidade. Passeou pelo centro admirando os belos prédios de uma altura que iam até o céu. Encontrou a igreja de São Pedro dos Clérigos aberta e entrou. Não rezou. Achava que Deus não iria perdoar o que ela estava fazendo. Assistiu a missa das seis e saiu. Passou pelo Convento Franciscano, na Casa da Cultura de Pernambuco, no Mercado de São José e ficou

encantada. Iria comprar uma casa ali. Tinha de morar em Recife. Mas isto iria demorar. Primeiro receber o prêmio depois à vingança.

Ana Claudia sabia que tinha de esperar a segunda feira. A caixa só abria em dias úteis. Rodou por várias ruas e descobriu uma agência enorme na Rua do Cais do Apolo. A tarde ia chegando e logo iria escurecer. Viu uma placa e deduziu que era uma pensão. Ana Cláudia lia com dificuldade. Entrou e alugou um quatinho por uma noite. Pagou adiantado. Levantou cedo. As oito já estava na agencia da caixa na Rua do Cais do Apolo. Abriram as dez. Falou com uma moça que tinha um bilhete premiado. Levaram-na ao gerente. Este se assustou. Era o prêmio do mês passado. Sessenta e cinco milhões de reais. Foram para um escritório fechado. Conversaram com ela toda a manhã. Levaram-na a um restaurante e ela comeu o que nunca tinha comido na vida. A vida de Ana Claudia começou a mudar.

Todo o dinheiro foi aplicado na poupança. Disseram para ela que daria mais de trezentos mil reais por mês. Ela estava rica por toda a vida. Pediu ao gerente que lhe contrata-se alguém para lhe ensinar tudo com o dinheiro. Queria aprender. Lucia Mortille lhe foi apresentada. Trabalhava no banco como escrituraria. Ofereceu a ela ser sua funcionária. Um bom salário. Dez mil por mês. Lucia não pestanejou. A partir daí Lucia ensinou tudo para ela. Mandou-a construir uma mansão em Monte Azul. A melhor e mais linda da cidade. Mandou comprar a maioria das casas comerciais da cidade. Lucia descobriu que a casa de Dona Esmeralda tinha uma dívida no Banco e se ela e marido não pagasse seria despejada. Comprou a dívida no banco. A casa ficou pronta. Na cidade um buchicho. Quem era! Um frisson tremendo em todo o povo de Monte Azul. Quando ficou pronta os olheiros esperavam a chegada do dono.

Quando o Padre Liovegildo Começou a missa, viram entrando na cidade uma limusine branca, enorme. A maioria nunca tinha visto nada igual. Um homem negro enorme, de terno e gravata, junto com o motorista do carro desceram e abriram o portão. Lucia abriu a porta e viu uma multidão chegando. Notou que a igreja se esvaziava até o Padre Liovegildo deixou a missa sem terminar e veio ver também. Quando viram Ana Cláudia levaram um susto tremendo. Era a mesma. Cabelos crespos, caolha, agora bem vestida e não mudara nada. Incrível! Dona Esmeralda e o Senhor Astholfo estavam embasbacados. Nunca pensaram o que tinha acontecido com Ana Cláudia. Acharam que tinha morrido em Recife e esqueceram logo sua figura.

Na segunda mandou chamar a todos que lhe venderam seus comércios. Os deixou no jardim e um a um entrava e saia cabisbaixo. Eram onze. Ofereceu-lhes um salário para gerenciar. Se comesse a dar prejuízo – rua. Chamou o gerente do Banco e disse a ele que queria a casa de Dona Esmeralda em um mês. Um susto! Mas por quê? Não lhe interessa disse Ana Cláudia. Dona Esmeralda e o Senhor Astholfo imploram para dar um tempo para pagar. Ana Claudia não os atendeu. Mandou Lucia falar com eles. – Um mês ela disse. Nem mais um dia! Todas as manhãs passeava pela cidade. Ao seu lado o Laudivino

seu guarda costa. Fazia medo em todo mundo. Entrou na igreja, doou cem mil reais ao padre. Mesuras, e o pároco virou um puxa saco de primeira.

A primeira casa comercial que deu prejuízo mandou o ex dono embora. Mandou botar fogo nela. Um susto. Delegado correu. Por quê? É minha faço o que quiser. Assim se sucedeu com mais quatro. Louca, louca! Todos disseram. Todos na cidade que ficavam em dificuldade ela pagava as contas e não recebendo queimava a casa dele. Um medo terrível passou a existir na cidade. O padre também ficou com medo. O que aquela mulher queria? Que vingança estava em curso? Em dois meses cinco casas residenciais e quatro comerciais foram queimadas. Uma fábrica de Tijolos e telhas ela comprou e fechou. Muitos desempregados. Todos se assustaram quando a casa dela ficou protegida por oito seguranças. Colocaram cercas eletrificadas e uma enorme quantidade de câmaras. Sua mansão virou uma fortaleza.

Uma reunião na câmara dos vereadores, com a presença do prefeito, do juiz, do delegado e do promotor de justiça discutiam a situação da cidade. Todos tinham seus comércios agora em mãos de Ana Cláudia. Ela tinha chamado um por um e dito que era candidata a prefeita. Que eles se virassem para ela ser eleita. O medo estava estampado na face de cada um. Vários disseram que iam abandonar a cidade. Perguntaram ao delegado se ele podia fazer alguma coisa para acabar com aquele regime de terror. Nada ele disse. Ela nos tem nas mãos. Doou uma grande quantia para o partido do governador. Ana Lucia foi eleita. Demitiu a maioria dos funcionários da prefeitura. Esta quase parou. Tudo estava acabando em Monte Azul.

Lucia era uma funcionaria leal, mas estava vendo que as coisas iam por um caminho sem volta e que muitos inocentes estavam pagando o que não deviam. Tentou falar com Ana Cláudia. Perda de tempo. Ela só tinha o pensamento de vingança. Jurou que iria destruir a cidade. A cidade na mão dela como prefeita estava paralisada. O povo começava a se revoltar. Ana Cláudia mal sai à rua. Lucia aconselhando para parar. Ela com seus olhos estrábicos só olhava e não dizia nada. Mais oito casas foram queimadas. Ninguém podia fazer nada. As casas eram dela. Podia fazer o que quisesse. Quando ela mandou queimar a casa de Dona Eucládia tudo degingolou. O povo inteiro foi para a mansão de Ana Cláudia e começou a gritar – Vamos queimar a casa dela! Uma anarquia. Chamaram o delegado e quando ele viu aquilo desistiu. Seria suicídio ir contra o povo.

Ficaram em frente à casa dela cinco dias. Ninguém entrava ninguém saia. Ana Cláudia começou a ficar assustada. O que fazer? Conversou com Lúcia que ligou para o delegado. Este disse que não podia fazer nada. Porque não chama um contingente militar? Não posso respondeu. Cortaram o telefone da delegacia. Ouviram um estalo. O povo invadiu a mansão. Ana Cláudia foi segura por vários homens e mulheres. Bateram nela. Lucia saiu incólume. A Colocaram na limusine e disseram que se ela voltasse à cidade eles a matariam. Quando saiam da cidade, Ana Cláudia sorriu. Olhou para trás e viu uma grande explosão. Ela havia mandado colocar dinamites em vários pontos

da mansão. Ela mesma tinha um controle e sabia que após ligar uma hora depois a casa explodiria.

Morreram mais de 20 pessoas que estavam saqueando a mansão. A policia procurou Ana Claudia. Nunca a encontraram. Hoje mora em Coupvray, uma cidadezinha próximo de Paris. Não é uma mansão e nem um castelo, isso não. Lucia aconselhou Ana Claudia a comprar uma casinha simples. Assim passariam despercebidas. Os vizinhos achavam que Ana Cláudia era a empregada e Lucia a proprietária. Risos. Bom isso. Viveram assim por muitos anos e ambas morreram com mais de noventa anos. Toda sua fortuna foi doada para uma instituição de caridade no Brasil.

Dizem que Ana Cláudia morreu sorrindo. Sua vingança aconteceu. Não foi como tinha planejado, mas a cidade de Monte Azul sempre se lembraria dela. A caolha, a vesga, a negra esfarrapada que fez muitos se ajoelharem-se diante dela. É, o dinheiro! Ele dizem que não trás a felicidade, pode até ser que não, mas compra tudo. Compra vidas, consciências, amor mesmo que fingido. Machado de Assis dizia que o dinheiro não traz felicidade, claro, para quem não sabe o que fazer com ele. Risos.

EXALTAÇÃO DO AMOR JG de Araújo Jorge

Sofro, bem sei... Mas se preciso for
sofrer mais, mal maior, extraordinário,
sofrerei tudo o quanto necessário
para a estrela alcançar... Colher a flor...

Que seja imenso o sofrimento, e vário!
Que eu tenha que lutar com força e ardor!
Como um louco talvez, ou um visionário
hei de alcançar o amor... Com o meu Amor!

Nada me impedirá que seja meu
se é fogo que em meu peito se acendeu
e lavra, e cresce, e me consome o Ser...

Deus o pôs... Ninguém mais há de dispor!

Se esse amor não puder ser meu viver
há de ser meu para eu morrer de Amor!



O FUNERAL

Parem todos os relógios, desliguem o telefone,
Evitem o latido do cachorro com um osso suculento,
Silenciem os pianos e com tambores lentos
Tragam o caixão, deixem que o luto chore.

Deixem que os aviões voem em círculos altos
Riscando no céu a mensagem Ele Está Morto,
Ponham gravatas beges no pescoço dos pombos brancos do chão,
Deixem que os guardas de trânsito usem luvas pretas de algodão.

Ele era meu Norte, meu Sul, meu Leste e Oeste,
Minha semana útil e meu domingo inerte,
Meu meio-dia, minha meia-noite, minha canção, meu papo,
Achei que o amor fosse para sempre: Eu estava errado.

As estrelas não são necessárias: retirem cada uma delas;
Empacotem a lua e façam o sol desmanchar;
Esvaziem o oceano e varram as florestas;
Pois agora nada mais de bom nos resta.

O Agente Funerário e a mulher do Barão da Mexerica.

Esta história eu ouvi de um amigo meu, quando nos encontramos em uma viagem de trem até Vitória no Espírito Santo. Minha empresa me mandou lá para tomar uma providencia urgente sobre alguns funcionários da filial. Gostava do trem. Fui um dia antes para chegar na data certa. Não gosto muito de avião. Sentou ao meu lado um senhor já de idade, mas extremamente simpático. Valdo Feer as suas ordens disse. Uma conversa boa gostosa e fomos jantar juntos no vagão restaurante. Contou sua vida, seus amores suas histórias. Uma ficou marcada. O Agente Funerário de Rio Verde. Guardei tudo para contar a vocês esta história que ele me garantiu verídica. Para dizer a verdade não acreditei. Se fosse verdade mesmo ele estaria com mais de cem anos. Mas quem sabe ele tem mesmo?

Toda tarde Picolino ia para os quartos dos fundos de sua Funerária mais conhecida como a “Aquele do sono gostoso e profundo”. Ninguém sabia o que ele ia fazer. Dormente e Mafalda que trabalhavam para ele nunca entraram naquele quarto. Sabiam que se perguntassem ou fossem lá seriam demitidos na hora. Emprego difícil, Picolino pagando bem porque facilitar? Claro eles sabiam da fama de Picolino. Nenhuma viúva deixava de visitar o quarto nos fundos de Picolino. O que todos não entendiam era por que. Picolino era feio. Alto. Cara chupada, nariz fino, olhos sumidos, cabelos negros com gumex para fixar mais para trás e sempre com um terno preto e chapéu coco preto.

Contaram-me uma vez, não sei se é verdade que Picolino mandou sua esposa para melhor só porque ela reconheceu um troço grande. Ele estava para mandar um tal Jamil Peixeira para ser cremado quando viu no seu corpo nu o maior membro que ele tinha visto na vida. Pediu desculpas ao morto o Jamil e disse a ele – Não posso mandar o senhor para o crematório com essa coisa enorme. Isto tem de ser conservado para a posteridade. Ele com um bisturi corta o treco do Jamil, guardou e o levou para casa. Não resistiu e resolveu mostrar a monstruosidade para a mulher que ao ver o conteúdo gritou! – Ai meu Deus! O Jamil morreu? Risos. Não sei se a história é verdadeira.

Bem quando cheguei na cidade me disseram que ele não era casado. Viúvo talvez. Não importa, portanto vamos voltar à história. Mesmo com aquele olhar e aquela maneira de cadáver ambulante, o danado atraía as mulheres. E como atraía. Todos se perguntavam o que ele tinha assim para que elas caíssem em cima dele como moscas no mel. Seu estilo cadavérico? Conversa de macho? Mandioca grande? Ninguém contava. Nenhuma mulher falava. Na cidade os maridos ficavam de orelha em pé. Ninguém queria morrer e cá prá nós, morrer ninguém quer mesmo. Risos. Mas lá em Rio Verde pensar que todos estavam te pranteando e Picolino comendo sua mulher ali na funerária?

Era comum a Funerária estar sempre cheia. As mulheres vinham e ficavam a passear em voltas dos caixões, vendo os preços, quem sabe o mais luxuoso e pagar a prestação. Claro, isto não importava para quem morreu, mas quem fica sempre quer impressionar. E atrás vem a mortalha, a decoração do lugar no dia da morte, plantas e flores, a coroa de flores e claro um pedreiro para arrumar o tumulto da família se houvesse. Ficavam todas alvoroçadas quando Picolino vinha atender. Picolino tinha na parede vários diplomas de cursos que fez para cuidar dos mortos. Um deles fazia questão de mostrar pessoalmente. Tratronopraxia Avançada de Terapia Facial. (quase quebrei o queixo para falar) Picolino fazia os mortos reviverem de tão bonitos. Alguns até diziam – Parece que está dormindo!

Telúrio era um homossexual muito conhecido em Rio Verde. O único que saiu do armário apesar de todos saberem que a cidade era cheia deles, mas enrustidos. Tinha uma queda por Picolino. Ninguém soube até hoje se tiveram algum caso ou se ele foi até o quartinho dos fundos da funerária. O que ninguém sabia é que Telúrio ajudava Picolino a deglutir a mulher do Barão da Mexerica. A Baronesa Olga Cata Prússia chamava a atenção pelo seu porte.

Linda, alta cabelos negros encaracolados. Usava brincos enormes, uns lábios carnudos vermelhos e por onde passava deixava um rastro de “Belle et Saine” um perfume que só ela usava e que vinha de Paris para ela. Coisa de duzentos mil reis.

Ninguém conhecia sua história. Chegou casada com o Barão das Mexericas numa tarde no trem da Central vindo da capital. O Barão, ou melhor, Doutor Archimedes Cata Prússia era um homem rico. Milhares e milhares de acres de pés de cacau. Ele tentou quando foi a capital comprar o título de barão pediu para ser o Barão do Cacau, mas já tinha outro. Disponível só o Barão das Mexericas. Sem alternativa aceitou. Dizem que ela era uma das moças mais bonitas do Bordel de Madame Solange, lá na Ladeira da Montanha. Assim me contaram e o Barão se encantou por ela. Ninguém tinha certeza. Fuçar no assunto era morrer nas Mãos do Barão das Mexericas. Um olho na mulher dele, um tiro no olho ou na bunda e bem no buraco como ele gostava.

Eu não sei não, mas acredito que o Barão das Mexericas era cornudo. Mas se era mesmo porque não mandou matar ou ele mesmo podia ter liquidado Picolino? Quem na cidade não sabia que tinha um belo par de chifres na testa colocada gostosamente por Picolino? Um segredo que muitos tentavam saber. Mas era difícil. Muito. A mulherada não contava nada. Na beira do rio das Borboletas, lá onde ele tem as corredeiras cheias de pedras e onde as lavadeiras trabalham e se divertem, as fofocas correm longe. Mas sobre Picolino? Nada. Simplesmente nada. Um silêncio sepulcral.

Rio Verde há quatro meses estava sem Delegado. O prefeito foi avisado da chegada de Mauzinho Tirocerto o novo Delegado transferido da comarca de Itabaiana. Foi informado que era um homem mau, não perdoava ladrão e assassino. Ele gostava de ser o Juiz e o Carrasco. Dizia que bandido bom é aquele que cheira a defunto. Dr. Mauzinho chegou a grande estilo no trem da tarde da Central do Brasil. Esperava Banda de Musica. Não tinha. Procurou autoridades. Nenhuma. Porra! Vou tirar o couro desta merda de cidade! Ele mesmo e sua bela mulher Pepita Tirocerto foram a pé para o hotel Bento das Flores. O prefeito quando soube, chamou o Doutor Juiz, o Doutor Promotor e correram para o hotel. O Delegado Mauzinho Tirocerto os mandou a merda. Não vou receber ninguém.

Assim começou o trabalho do Delegado Mauzinho Tirocerto em Rio Verde. Contra tudo e contra todos. Vão se foder comigo pensava. Mandou um recado para o prefeito. Urgente, quero uma casa boa no centro da cidade. Não tinha. A única era de Picolino. Estava vazia, mas ele nunca quis alugar para ninguém. O prefeito explicou ao delegado. Na mesma hora o valente homem foi à funerária. Vou mostrar a este “bosta” quem sou eu. Entrou sem bater e gritou: Quem é o dono desta merda?

Bem não sei como, mas me contaram que Picolino levou o delegado para o quarto dos fundos e ele nunca mais encheu o saco de Picolino. Mas sua mulher a Pepita Tirocerto passou a frequentar e mais um dos rioverdenses foi

coroado com um belo par de chifres na testa. Na morte do Doutor Malacacheta dos Santos a cidade em peso compareceu no velório. Para dizer a verdade sua mulher dona Zenilda dos Santos não era muito bonita e mesmo assim foi parar no quarto dos fundos de Picolino. Como eram muito ricos, donos de duas casas de comercio na cidade e único revender Ford da cidade ela resolveu dar uma grande festa na morte do marido. Bem isto era comum naquela época.

Contrataram uma Madame da Capital, uma tal de Eufrásia Rigoletto que era bamba na preparação de tais festas e muito falada em toda a capital. Ela organizou uma festança e rápida, pois o defunto já tinha dois dias que tinha morrido. Claro Dormente e Mafalda se locupletaram. O defunto sempre bonito e cheiroso. E a mulher dele não parava de ir ao quarto dos fundos de Picolino. Madame Eufrásia vendo aquilo resolveu participar também. Uma saia outra entrava e Picolino lá. Puxa vida, que animal era esse para dar tantas assim uma atrás da outra?

O Delegado Doutor Mauzinho Tirocerto chegou com a mulher dona Pepita Tirocerto. Ela disse que tinha de ir à toailete, mas o delegado sabia aonde ela ia. No quarto dos fundos de Picolino. Ele fechou a cara e não disse nada. O que aquele homem tinha? Deus do céu! Ninguém se revoltava dos chifres que estavam levando? A mulherada da cidade toda passou pelo quarto dos fundos de Picolino naquele enterro onde os comes e bebes corriam solto. E olhem, ninguém, ninguém dizia nada. Quase cinco mil habitantes e ninguém para se revoltar contra Picolino?

Lamartine de Vilavenco da Anunciação Caravajio, era um simples caixeiro viajante. Nunca fez aquela área, pois era de um colega seu. Agora que ele se demitiu da companhia Lamartine ficou encarregado. Chegou a Rio Verde no expresso da Central do Brasil as cinco da tarde de uma sexta feira, data programada para o enterro do Doutor Malacacheta dos Santos. A cidade vazia. Um moleque contou o que estava havendo. Foi ao hotel e estava fechado. Chamou o moleque para tomar conta de sua mala. Lá foi ele para o cemitério. Nunca tinha visto uma cidade parar por causa de um enterro. Assustou com tudo. Comida farta, bebida farta e nunca viu tantas mulheres bonitas.

Ficou de olho em uma. Moreninha linda, baixinha quase da altura dele. Devia ter o mesmo que ele um metro e cinquenta e cinco. Sempre gostou de jovens da altura dele. Adorava fazer o “negócio em pé”. Cada um com suas manias e suas taras. Quando ia aproximar viu que ela foi pelo corredor da Funerária sem olhar para trás. Achou que era um chamariz para ele. Não se fez de rogado. Ela entrou em um quartinho dos fundos. Riu para si próprio. Está no papo! Abriu a porta já com o negocio em ponto de bala! Meu Deus! Que diabo era aquilo? A moreninha estava de quatro com as calcinhas rasgadas gemendo e o Capeta atrás enfiando um membro enorme nela. Minha nossa senhora, ia sair correndo e o capeta com um olhar não deixou. Soltou à moreninha e colocou-o de quatro. Maldito demônio dos infernos! Comigo não seu filho da mãe!

Gritou alto. Jesus amado socorrei-me! O capeta ou o demônio sei lá gemeu e pegou uma espada em chamas e ia cortar seu pescoço. Pulou uma janela e sumiu em uma rua da cidade. Sua mala ficou lá. Uma semana depois chegou com vários milicos da capital. Não acreditaram nele, mas ele disse que se não fossem com ele publicava em todos os jornais da capital. Chegaram à estação e ela vazia. A cidade vazia. Parecia uma cidade fantasma. Foram até a delegacia. O delegado Mauzinho Tiro certo, o chifrudo mor, recebeu a todos com cara amarrada. Olhou para Lamartine com os olhos em chama. Filho da Puta! O Delegado era um merda. Um cornudo que gostava de ser. Foram até a funerária. Pranteavam um morto. Lamartine riu. Agora vamos pegar o danado com a boca na botija. Levou o tenente até o quarto dos fundos. Abriram e a surpresa. Picolino e duas mulheres de joelhos rezando em frente à Santa Erotildes.

O tenente estava putó. Vamos embora. – Vamos sumir daqui. Não sei onde arrumou esta história do demônio. Riram dele. Resolveu ficar até o dia seguinte. Afinal eram anjos ou demônio? Lamartine foi dormir. Não conseguiu. Uma luz vermelha em seu quarto. Picolino de capeta rindo. Mostrando o membro enorme. Lamartine saiu correndo. Correu pela estrada até a cidade de Batislau Amarelo. Pegou o trem. Na capital contou tudo para seus amigos repórteres. Riram dele, mas um resolveu ir até a cidade de Rio Verde. Na estação o bilheteiro disse que não havia aquela cidade servida pelo trem. Lamartine quando ficou sabendo correu mais ainda. Saiu pela fronteira do Paraguai. Deve estar correndo até hoje. Nos seus pensamentos a capetaiada estava montando um inferno particular nas cidades. Pegando todo mundo de quatro! Nunca mais voltou ao Brasil. A última notícia dele é que havia passado pela Mongólia. Lá nos montes Urais. Nunca mais souberam dele.

Se você quiser um bom enterro, procure o Picolino. Será um enterro nota dez. Mas não leve sua namorada e ou sua mulher. Risos. Agora me lembrei. Você é o morto. Não pode fazer nada. Feliz bom inferno para você chifrudo!

Suspiro - o derradeiro
Por quais devaneios tu reclamas,
Se tu és um homem coroadado,
Entre mil margaridas e rosas,
E gritas: “Deus! Estou acordado!”.

Que angústia invasora é essa?
Quando tu foste abençoado
Pelo padre, anjo dominical,
E gritas: “Deus! Sou um desgraçado!”.

Que paixão derradeira é essa?
Por entre o véu de rendas bordado,

Que na escuridão se manifesta,
Gritando “Deus! Estou acordado!”.

Que choro de lamento é esse?
Teu terno italiano foi passado.
Lindos sapatos te adularam.
Só porque vivo fostes sepultado?

Que engraçado! Até na morte tu és ingrato!

Elisa Maria Gasparini Torres



Vingança

Eu consigo a incrível façanha
de ser feliz e triste ao mesmo tempo

É que falta uma peça
tão grande e importante
que fica difícil percebê-la
mas ela existe...
e dói saber

Não há fardo maior na vida
do que os malditos sonhos
que te iludem

Eu não quero me vingar da vida
mas parece que ela se vinga de mim.

A doce vingança de Laudivino Centauro

Nuvens brancas, cinzentas perpassavam pela minha mente em um redemoinho nefasto. Minha vida mostrava devassidão, corrupção, bandalheira.

Este era eu? Não estava me reconhecendo. Tentava concatenar as ideias e não conseguia. Era como se toda uma vida fosse passada ali naquela tela imensa um relato do que fui, do que fiz e sem sombra de dúvida mostrava que eu não era ninguém. Apenas um ser perverso, maléfico e que a troca de riquezas e poder destruiu muitas vidas e tirou de quem precisava em benefício próprio. Mas onde eu estava? Tentava lembrar tudo que aconteceu e só via aquele filme maldito que passava naquela tela gigante me forçando a lembrar de toda minha vida desde que nasci.

Agora sim. Estava entendendo. Eu estava em um hospital. Vi-me ali cheio de fios na boca nas orelhas. Uma parafernália de aparelhos que me faziam respirar. Mas como se eu não estava lá no corpo? Como não sentia nada? Através do vidro vi Celina chorando e ela rezava. Sua reza me ajudava. Era pura, verdadeira. Celina, quem diria! A mulher que nunca pedi em casamento e me foi fiel por toda a vida. Uma empregada que nunca reclamou de salários nunca reclamou de meus carinhos. Maldito sou eu. Ficou do meu lado durante todo o tempo sem nada pedir. Celina, a mulher mais linda do mundo que não soube valorizar. Nunca quis o meu dinheiro, maldito dinheiro, sim, hoje digo maldito diferente do passado quando corria atrás dele como o diabo corre atrás das almas perdidas.

Mas onde estava Fernanda? Afinal foi a ela que dediquei muitos anos para ver se tinha uma vida feliz. Dei a ela o que queria. Seus sonhos de mulher rica foram concretizados. Tinha tudo que desejou. Fomos para a Europa, Américas, lugares que nunca desejei ir e ela adorava e ria, cantava quando estávamos lá. E eu iludido fazia tudo o que ela me pedia. Mas onde está ela? Não jurou que me amava? Que a paixão por mim era a única e nunca iria me abandonar? Começava a lembrar-me de tudo. Não de tudo e sim de uma boa parte. Agora via o caminhão carregado vindo em minha direção. O volante não obedecia. Parecia que estava solto. Um monstro a minha frente buzina alto, parecia dizer – Sai seu burro! Vais morrer e ir para o inferno onde é seu lugar.

Nem fizera dezoito anos e sai de casa. Minha mãe chorava e meu pai sério ficou na janela sem dizer adeus. Ele no seu íntimo sabia o que eu era. Sabia da minha cobiça, dos meus sonhos de riqueza. Aquela vida que ele deu a mamãe e a mim eu considerava um lixo. Não posso reclamar tanto. Ele deu para ela uma casinha simples, limpa, aconchegante. Meu deu estudos ou tentou já que não liguei muito para isto. Na minha cidade sempre tentei enganar as pessoas. Era conhecido como um embusteiro, enganador e trapaceiro. Minha mãe sempre chorava quando ia preso. Mas menor de idade ficava lá pouco tempo. Tinha pinta, as meninas eram apaixonadas por mim apesar dos pais manterem elas longe. Engravidei umas cinco. Risos. Problema delas. Quem mandou abrir as pernas? Tudo bem. Menor de idade. Mas de uma coisa tinha certeza, nunca matei ninguém. Nunca.

No Rio de Janeiro cheguei com uma mão na frente e outra atrás. Um mendigo que se dizia cego tentei roubá-lo. Não era cego. Chamou amigos e me

deram uma surra tremenda. Uma ambulância me levou ao hospital. Fiquei oito dias internado. Arrumei lá algum dinheiro. De madrugada ia aos apartamentos e roubava os pacientes ricos. Não era muito, mas deu para ficar uns meses em um hotel enquanto planejava outros golpes. Achei um interessante. Na página de necrologia dos jornais via os que morreram, procura seus endereços e telefones, ligava para a empregada pedindo um documento como se eu fosse o gerente do velório onde ele estava. Enquanto ela corria para levar o documento eu fazia uma limpeza na casa. Era chamado de rato de velório.

Apreendi também a não pagar o barbeiro. Pegava um menino qualquer, cortava meu cabelo, fazia a barba, as unhas e quando terminava colocava o menino para cortar o cabelo como se fosse o meu filho e dizia que ia tomar um café. Sumia é claro. Assim fui dando muitos golpes até que um amigo me convidou para ser seu sócio. Arrematar em um leilão, dez mil fraldas para velhos. Ri dele. E daí? Perguntei. Simples, montamos uma firma fantasma, entramos em uma concorrência pública em uma cidade do interior, compramos o responsável pela escolha e daí partimos para outras concorrências mais fortes. Conheço gente que está rico com isto! E quando vamos precisar para iniciar? Se tiver vinte mil já dá. Tinha. Foi só o começo. Ninguém das prefeituras do interior recusavam uma propina. Ganhamos muito dinheiro.

Comprei uma casa boa em um bairro de classe média. Celina apareceu um dia pedindo emprego. Negra, jovem ainda e sempre de cabeça baixa, humilde, simples. Ela me serviu na casa e na cama. Nunca reclamou. Não sei se fui bom para ela. O dinheiro que pagava não era nada. Mas nunca reclamou. Disse que não precisava de nada. O que sobrava guardava na poupança. Prá que Celina? Você é só no mundo. Não sei respondia. Um dia posso usar. Tudo cresceu mais quando entramos em uma concorrência em um estado. Desta vez era coisa grande. De cem milhões. Uma fábula. Ganhamos. Vinte por cento para meia dúzia de safados do governo. Daí foi um pulo. Outras e outras. Fiquei milionário. Deputados, senadores, prefeitos e vereadores me bajulavam. Sempre cada um querendo seu quinhão. É para o partido diziam! Partido. Eu sei que partido. O próprio bolso.

Quando estava no aeroporto para embarcar para Lós Angeles, conheci Fernanda. Ela também estava indo para lá. Disse que me conhecia pelos amigos que tinha. Fernanda era linda, alta quem sabe um e setenta e cinco, seios maravilhosos, olhos verdes profundos, cabelos loiros naturais. Uma voz rouca, gostosa que fazia dela a mulher perfeita. No avião ela não estava em minha poltrona. Havia duas vazias bem atrás. Fiz um sinal e ela foi. Amassos, beijos chupadas. Tudo terminou no WC do avião. Nunca tinha feito assim. Muito gostoso adorei. Nesta viagem fomos lá quatro vezes. Cheguei esgotado em Los Angeles.

Ela aceitou meu convite. Mesmo hotel mesma suíte. O que veio fazer aqui? Perguntei. – Ela – Passear somente. Acreditei. Sempre fui um sabido com os negócios e um idiota com as mulheres. Minha missão era encontrar

deputados, juizes, senadores na calada da noite para planejarmos negociatas longe das luzes de holofotes que se encontram no Brasil. Fernanda ia comigo. Aos poucos se inteirando de tudo. Os políticos e juizes a olhavam e ficavam loucos por ela. Ela disse-me que os durões ela amansava. E amansou. Fez sexo com muitos para me ajudar. Um ciúme enorme. Mas negócios são negócios, amores à parte.

Comprei um apartamento de cobertura na Vieira Souto no Rio de Janeiro e outro no Morumbi em SP. Ela gostava mais do Rio. Tudo bem. Ficava em São Paulo a maioria do tempo. Sempre com a fiel Celina. Grande Celina. Tentou me abrir os olhos e eu cego achei que era ciuemeira dela. Seu Laudivino, ela dizia, Fernanda já esteve aqui com outro homem quando o senhor Não estava. Eu ria e dizia, são negócios minha “nega”. Não sei como ela descobriu minha conta na Suíça. Uma grande quantia tinha lá, acho que mais de duzentos milhões de dólares. Uma fábula. No Brasil quase nada. Um dia poderiam vasculhar minha conta a vontade.

Tudo começou a desmoronar quando fui preso de manhã em meu apartamento do Morumbi pela Polícia Federal. Quantas acusações. Falsidade ideológica (nem sabia o que era isso), formação de quadrilha, e mais uma dezena de acusações. Deram-me uns cascudos. Mas foram benevolentes. Não tinha advogado. Liguei para Fernanda e pedi que escolhesse o melhor de todos. O preço não importava. Ela escolheu o pior. Não me tirou da cadeia. Através deste advogado arrumei outro. Conseguiu um Habeas Corpus. Solto voltei ao apartamento. Vazio. Roubaram tudo. Foi Fernanda eu fiquei sabendo. E Celina? Perguntei ao porteiro. Não sei me disse. Fernanda a pôs para fora do apartamento. Ela sempre ficava aqui sentada no meio fio esperando o senhor. Não veio ontem nem hoje. Já ia embora quando a vi. De cabeça baixa, chorando. O que será de mim senhor Laudivino sem o senhor? Calma Celina. Calma, vamos resolver tudo.

Mas tudo estava indo para o brejo. Ainda bem que no Banco Itaú e no Bradesco tinha uma merreca. Comprei um notebook e uma surpresa. Não tinha nenhum tostão nos bancos suíços. Tinham sido surrupiados. Consegui em quatro bancos mais de trinta mil reais. Mal deu para pagar o advogado. Procurei uns amigos. Todos me viraram as costas. Coloquei a venda o apartamento do Morumbi, o mesmo ia fazer com o da Vieira Souto. Não estava mais no meu nome e sim no de Fernanda. – Então foi ela! Dei tudo que queria e não ficou satisfeita? Deve ter descoberto minha senha e retirou nos bancos suíços. Maldita, pensei, vai pagar em dobro!

Aluguei uma casinha na Lapa, pedi a Celina para tomar conta e fui ao Rio de Janeiro. Encontrei Fernanda. Junto o Laureano. Um antigo Deputado Federal que foi cassado. Agora eram amantes. Laureano me ofendeu. Que eu sumisse da vida deles. Juraram-me de morte. Morte? Quem ia morrer eram eles. À tardinha de novo a Federal. Disseram que eu estava cerceando testemunhas. Mas não me prenderam. Só disseram para tomar cuidado. Um

delegado dos mais novos ao pé do ouvido me disse para ficar de orelha em pé. Muita gente querendo me ver morto. Muitos figurões. Voltei a São Paulo de carro. Quando passei por Resende notei uma folga no volante. Esperei o próximo posto. Lá veria o que era. Antes da entrada de Itatiaia o carro dançou na pista, não consegui dominar, invadiu a pista contrária e bati de frente a uma enorme carreta que estava a mais de cem por hora.

Estou me vendo ali na cama, cheio de fios, e no vidro chorando estava Celina. A única companheira de verdade. Fernanda eu sabia que não viria. Devia estar festejando com Laureano em algum lugar do Rio de Janeiro. Malditos. Tinha de me vingar. Minha mente só pensava em vingança. Notei ao meu lado dois homens vermelhos, como se estivessem queimando. Exalavam um mau cheiro parecendo enxofre. Nós ajudamos você disseram. Nosso mestre tem poderes e se os quiser mortos o faremos. Em troca vai conosco. Fechei os olhos. Tinha lido histórias de pacto com o demônio. Eles estavam me oferecendo um? Valeria a pena? Olhei para Celina no espelho. Ela rezava. Sua reza chegava até a mim. Dizia para me arrepender dos meus pecados que estavam passando na tela grande a minha frente. Eram muitos. Não sei se Deus iria me perdoar.

Os dois homens vermelhos começaram a me arrastar. A reza de Celina bateu fundo no meu coração. Comecei a rezar também. Chorava, um clarão apareceu. Vários homens e mulheres de branco. Junto meu avô que só me lembrava dele quando tinha cinco anos depois ele morreu. Pegou no meu braço e disse – Venha comigo meu neto querido. Levou-me rumo aos céus. – Laudivino meu filho, você cometeu muitos erros, prejudicou muita gente, mas Deus se apiedou de sua alma. Você vai ter que trabalhar em dobro para recuperar o que perdeu em suas ultimas andanças na terra. Alguém me levou para uma cidade cinzenta, onde todos choravam e gemiam. Uma mulher me abraçou e disse, vamos trabalhar meu amigo, aqui tem muito trabalho a fazer. São espíritos que precisam de nossa ajuda. Vieram das zonas inferiores. Aqui não vais ter folga, não vais ver o céu azul, só dores e sofrimento.

Ainda recebo as boas rezas de Celina. Elas me ajudam muito. Aos poucos fui esquecendo-se de Fernanda. Não pensava mais em vingança. Minha alma estava em paz. O Chefe da cidade me chamou. Venha me ajudar. Fiquei contente ia sair da cidade em que estava por anos a fio. Um trabalho incessante. Fomos a uma casa simples. Lá estava Fernanda, gritando. Laureano tinha atirado nela por uma discussão boba. Estava morta. Desencarnada. Gritava, queria ver morto o Laureano. Aproximei-me. Ele me viu e se assustou. Dei a mão a ela. Venha minha amiga, vamos a uma cidade onde poderemos trabalhar muito. Você vai gostar de lá. Ela se calou. Olhou nos meus olhos, não viu vingança viu amor. Um amor diferente do qual ela nunca teve. Ouvi o sorriso de Celina, na terra ela continua a horar por nós dois.

Lágrimas tristes tomarão vingança
Se somente hora alguma em vós piedade

De tão longo tormento se sentira,
Amor sofrera, mal que eu me partira
De vossos olhos, minha saudade.

Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Faz-me crer que esta ausência é de mentira;
Porém venho a provar que é de verdade.

Ir-me-ei, Senhora; e neste apartamento
Lágrimas tristes tomarão vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.

Desta arte darei vida a meu tormento
Que, enfim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

Luis Vas de Camões



O sentimento do avesso

Por te querer tanto
não mais te quero
Por me fazer pranto
não mais espero
Por te querer encanto
não mais me espanto
Meu sentimento é avesso
verso e reverso
acolhimento e arremço
os dois lados da mesma moeda
amor e ódio no mesmo endereço
Te quero aqui
te quero distante

te recebo em meu leito
te vejo errante
Aconchegada ao teu peito
te desejo amante
não te quero livre e saltitante
te almejo preso ao meu regaço
te encontro no tempo de um abraço
Vá embora
Fique aqui
Não demora
Saia de mim

Úrsula de Almeida Vairo

A vingança de Chico Mortalha.

Chico Mortalha, o matador.

É uma história que me foi contada por um amigo um dia quando chorávamos a vida em um botequim de uma esquina na Rua do Machado. Eu estava quase dormindo quando ele começou. Não sei por que bebia, não era um ébrio isto não. Pode ser que minha vida acabou de pronto quando perdi meus pais em um desastre de avião. Solteiro, dependente dos dois sofria calado sua perda. Os amigos me consolaram por uns tempos depois me esqueceram. Mas minha dor continuava. Sem emprego parei de estudar. Agora que ninguém poderia se interessar por mim bebia aqui e ali. Um ébrio sem motivo aparente a chorar um passado que já devia estar morto há muito tempo.

Gastei o que meu pai tinha de reserva e aos poucos vendi tudo que tinha. Mas eu parei de chorar quando conheci Neco. Um amigo verdadeiro. Foi ele quem me contou a história de Chico Mortalha e Tininha, a gostosa. Não foi uma história de mil e uma noites, não poderia ser. Foi uma história contada de arredo em duas ou três noites e talvez fosse à história que transformou a minha vida, pois resolvi ser escritor. Escritor? Risos, nem pense nisso. Andei escrevendo tanto e ninguém se interessou. Coloquei no papel tudo que o Neco contou. Publiquei em um blog. Poucos leitores e não desisti. O conto do Chico Mortalha se transformou em um incentivo. Um dia alguém disse que seria ótimo escrever um livro. Assim o fiz, mas quem publicaria? Mas deixemos esta trilha do conto, pois aqui vamos contar é a vida de Chico Mortalha.

Nasceu de família simples, pai professor e mãe dona de casa. Aos três anos descobriram que ele era gago. Muito. Falava com extrema dificuldade. Seu nome verdadeiro era Simplício da Anunciação Louzeiro. O apelido veio depois. Muito depois quando ele matou a pedradas seu primeiro desafeto. Chico à medida que crescia evitava falar. Via o semblante dos outros a rirem dele e isto ele odiava. Até os onze anos de idade brigou muito. Chegava sempre em casa com as roupas em farrapos. Aos doze ao voltar do colégio uma turma começou

a gritar e a zombar dele pela sua incapacidade de falar direito. Lá vai o gago! Xô Gaguinho! Risos e risos. Chico pegou uma pedra e arremeçou na multidão que troçava dele. A pedra pegou bem na testa de Leandrinho que morreu na hora.

Durante muito tempo ficaram longe dele. Claro era menor de idade e o delegado admoestou sua família para olhar melhor o filho e educá-lo conforme os preceitos cristãos. Mas tudo na vida tem uma razão de ser e um recém-chegado da capital achou que poderia trocar de sua gagueira. Mais um morto. Desta vez a faca. Levaram-no preso. Com medo de linchamento foi transferido para a penitenciária estadual até o julgamento. O camburão sofreu um acidente na estrada e todos morreram menos Chico Mortalha. Chico resolveu que não iria preso mais. Só morto. Fugiu para outro estado. Lá começou a trabalhar como servente de pedreiro. Por pouco tempo é claro, pois mandou para o inferno um companheiro que morava com ele em um quartinho e achou que ele era “viado”.

Dai para matador foi um pulo. Era um matador que ninguém conhecia. Só um sabia como ele era. Seu padrinho Malecio. Padrinho? Risos, nada disto. Conhecia seu segredo quando mandou para a cova o amigo de quarto. Ofereceu um serviço, dois, três e agora tinha perdido a conta. Tornou-se um matador famoso entre os bandidos e até entre grandes homens da sociedade que não hesitavam em lhe pedir um trabalhinho. Ganhou muito dinheiro. Guardava tudo em poupança em diversos bancos. Assim era mais fácil diversificar e não ser identificado. Um dia se encheu de tudo. Falou para seu padrinho que não mais iria matar. Ia mudar de vida. Malecio riu. Duvido – disse. Mas Chico Mortalha sumiu no mundo. Foi parar em uma cidade lá perto de Alta Floresta no Mato Grosso em um pequeno povoado de menos de cinco mil habitantes chamado Martelo.

Abriu um pequeno bar, e fez muitos amigos. Falava pouco. Alguns acharam que era mudo. Tinha medo de sua gagueira. Gostava de sua nova vida. No fundo do bar construiu uma pequena vivenda e lá tinha uma sala, uma cozinha, um quarto e tudo que ele precisava para viver tranquilamente. Comprou muitos livros e passou a ler sem parar. No bar sempre tinha um embaixo do balcão. Isto o ajudou muito. Através dos livros conheceu lugares, viajou pela Europa, Ásia, Oceania, e Américas. Notou que sua gagueira diminuía. Chico Mortalha se transformou. Um simples homem um emérito matador agora era bem quisto na cidade. Até o delegado se dizia amigo o que ele matinha um pé atrás. Tudo ia bem, mas sua vida não tinha jeito. A desgraça não tardou a se aproximar novamente.

Tininha, a gostosa.

Tininha estava agora com dezesseis anos. Olhe Tininha era indescritível. Era a mulher mais gostosa de Martelo. Quando ia a Alta Floresta era comum batidas de carros, mulheres querendo dar uma sova nela, maridos sendo beliscados

pelas esposas, noivados desmanchados. Incrível! Mas olhe, tente analisar Tininha. Coxas grossas lisas queimada de sol. Um metro e sessenta bunda redonda arrebitada. Não tinha barriga e um belo par de seios que ela fazia questão de deixar à metade a mostra. Sempre usou uma microssaia. Sempre de cor berrante. Vermelha, amarela, rosa e sapatos altos. Lábios carnudos um olhar profundo reluzente como se fossem duas enormes jabuticabas. Um cabelo comprido pintado de vermelho dava o tom lascivo que ela completava em tudo que tinha em volta de sí.

Quando Tininha fez doze anos sofreu uma tentativa de estupro por parte de seu tio. Ele entrou no seu quarto e a viu trocando de roupa. Estava sem calcinha e seu púbis apesar da idade, era espesso, liso e brilhante. Isto colocava qualquer um de “pau duro” na hora. E foi isto que aconteceu. Ele tentou conversar e ela gritou. Mesmo com o pinto para fora ela se recusou a pegar e não parava de gritar. Seu pai chegava a casa e ouvindo os gritos correu para seu quarto vendo a cena dantesca de um estupro no seu início. Seu tio pulou a janela e sumiu da cidade. O pai de Tininha nervoso não aguentou olhar para a filha seminua com aquele púbis lindo, aqueles seios desabrochando e saiu rápido dali com o pau subindo por dentro da calça.

Tininha cresceu. Sabia que era gostosa. Não escondia. Que os outros olhassem suas coxas, seus seios, seus lábios carnudos e seus olhos negros enormes e brilhantes. Todos que a olhavam diziam que dariam tudo para uma noite com ela. Mas ninguém sabia se houve alguém que comeu a Tininha. Um dia o filho do seu Antônio do armazém, metido a Doutor, pois tentara se formar com advogado e não conseguiu, falou aos quatro ventos que tinha comido a Tininha. Não deu outra. No sábado na praça, à noite no “foot” Tininha aproximou dele e o chamou de tudo. Viado, fresco, filho da puta, você comeu sua mãe e nunca encostou a mão em mim. Realmente Tininha era virgem. Nunca pensou em dar para ninguém a não ser para seu príncipe que um dia sabia que ia encontrar.

Continuava na escola. Terminou o segundo grau e tentava um emprego na farmácia do Seu Thadeu. Mas quando foi conversar com ele viu que suas calças se avolumaram. Mais um de pau duro pensou. Desistiu. Pensava em ir embora de Martelo. Nem Alta Floresta serviria para ela. Melhor ir para longe. Se todos a achavam gostosa e ela sabia que era porque não aproveitar na capital em algum programa de televisão? Mas precisava dos dezoito anos. Dezesseis não davam. Agora evitava andar muito pelas ruas de Martelo. Sabia que se facilitasse seria estuprada em qualquer canto. Mas como disse antes a vida tem os caminhos traçados. O de Tininha era só um. No sábado foi à padaria quando ao passar em frente ao bar do Chico Mortalha três jovens da cidade começaram a esfregar e passar a mão nela. Belisca aqui, aperta dali e soltaram sua blusa que sem sutiã os seios apareceram em todo seu esplendor.

Tudo aconteceu muito rápido. Tininha correu para dentro do bar. Chico Mortalha não gostou dos rapazes agindo daquela maneira. Tentou “manejar” aconselhar, mas um deles o mandou “tomar no rabo”. Foi à conta, Chico

Mortalha o pegou pelo colarinho e o arremessou fora do bar. O danado caiu como uma banana podre na rua. Os outros tomaram as dores e avançaram em direção a ele. Chico Mortalha era um matador. Treinado para matar. Matava a tiros, faca ou punhal e era mestre com as mãos. Ninguém sabia do perigo que corria. Na carótida de um ele partiu seu pescoço e do outro pegou no seus ovos apertou e quando os olhos esbugalharam ele meteu os dois dedos e os olhos saltaram para fora. Uma gritaria sem sessar. Dois mortos. Um aleijado. Ninguém mais no bar para testemunhar a não ser Tininha, a gostosa.

Tininha chorava e via Chico Mortalha espantado com tudo. Tentou agradecer, mas sua voz não saia. Pegou na mão de Chico Mortalha e beijou. Ao beijar sentiu seu cheiro e sabia. Chico Mortalha era seu príncipe. Era o seu homem esperado. O abraçou e lhe deu um longo beijo. Gritou para ele antes que a policia chegasse que ele não deixasse de procurá-la. Ele era seu homem e ela não queria perde-lo. – Estou indo para Alta Floresta, espero você lá na Rua dos Cabritos 44. Tenho uma amiga lá. Não falte eu te amo muito!

Chico Mortalha o matador e Tininha, a gostosa.

Só deu tempo para ele pegar umas roupas, dinheiro que tinha guardado e sumiu no meio do mato e dali em diante ninguém nunca mais o viu. Um dia apareceu na cidade um homem engravatado dizendo ter uma procuração sua. Vendeu tudo. E sumiu de novo da cidade. Tudo deu certo agora na vida de Chico Mortalha. Na rua dos cabritos encontrou Tininha, a gostosa. A beijou como nunca tinha beijado uma mulher. No melhor Motel da cidade ele a comeu saboreando cada pedaço. Assim como ela ele também era virgem. Ficaram se amando por uma semana. Ele não saia de cima dela. Arrumou em Vargem Alegre, uma cidade próxima ao Rio de Janeiro um homem que lhe fez documentos novos para ele e ela. Agora ele se chamava Paulo Roberto Santini e ela a senhora Vanessa Santini. Claro tinham se casado. Conseguiram um visto para os Estados Unidos e lá se radicaram.

Em Sacramento na Califórnia ele abriu um mini mercado. Tininha era sua companheira em todas as horas. Continuava gostosa, mas agora se vestia pudicamente. Iam à igreja pentecostal, aprendeu inglês, e hoje seus quatro filhos são a alegria do lar. Não sei se eles ainda moram lá. Soube que um pé rapado morador do Martelo os viu na rua principal e os chamou. Nunca mais voltou para sua terra e sumiu naquele enorme estado americano. Se Chico Mortalha deu um jeito ninguém sabe. Claro, cinco anos depois acharam após uma tempestade de areia no deserto de Mojave uma caveira cheia de buracos de bala.

Neco parou de contar. Disse que esta era a história. Claro que dei um toque de escritor. E quem não dá? Foi a minha primeira história que nunca esqueci. Foi meu inicio nas sendas da escrita e hoje tenho oito livros publicados. Dizem que sou famoso. Não sei. Para dizer a verdade um dia em visita aos Estados Unidos fui a Sacramento, mas nem sinal de Chico Mortalha. Uma cidade grande como

aquela não seria fácil. Uma agulha no palheiro. Um tarde quando saia de um cinema em um shopping vi uma garota morena, com uma micro saia colorida, pernas morenas lindas, uns seios de tirar todo mundo do sério, uns lábios carnudos, olhos negros brilhantes, cabelos vermelhos longos e esvoaçantes de braços dados com um cara magrinho, caolho, boca murcha, andava mancando e até ri dele quando observei ao seu lado um homem grande, bigodudo, dentes de ouro que todos chamavam de Don Castilho e cercado de capangas todos armados. Levei o maior susto me mandei e sai correndo quando ela gritou – Chico Mortalha! Onde você deixou o carro?

Tercetos

Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

E ela abria-me os braços. E eu ficava.

Olavo Bilac



CANÇÃO DE OUTONO

Perdoa-me, folha seca,
não posso cuidar de ti.
Vim para amar neste mundo,
e até do amor me perdi.

De que serviu tecer flores
pelas areias do chão,
se havia gente dormindo
sobre o próprio coração?

E não pude levantá-la!
Choro pelo que não fiz.
E pela minha fraqueza
é que sou triste e infeliz.

Perdoa-me, folha seca!
Meus olhos sem força estão
velando e rogando àqueles
que não se levantarão...

Tu és a folha de outono
voante pelo jardim.
Deixo-te a minha saudade
- a melhor parte de mim.

Certa de que tudo é vão.
Que tudo é menos que o vento,
menos que as folhas do chão...

Cecília Meireles

DOM PANCHO E SUA GALINHA DOS OVOS DE OURO

Isto mesmo. Dom Pancho. Era seu nome verdadeiro. Não, não se enganem a história não se passa no México e nem na Espanha. Ela é quase

toda em Martelo do Birimbau. Um lugarejo perdido no interior do Piauí. Bem próximo a Jenipapo, onde se desenvolveu a célebre batalha do mesmo nome, às margens do rio Jenipapo. Risos. Não riam. É verdade. Os historiadores sabem, ela foi decisiva para a Independência do Brasil. Consistiu na luta de piauienses, maranhenses e cearenses contra as tropas do Major João José da Cunha Fidié, Comandante das tropas portuguesas. Não vamos aqui entrar na história. Deve ser bem conhecida de todos os brasileiros (risos). (História real. Aconteceu).

Dom Pancho nasceu em julho de 1950. Sua mãe, Eduardina Pereira, e seu pai, Mello Leitão Pereira, levaram-no para batizar em Martelo do Birimbau um mês depois. O tabelião, Sr. Marcondes das Onças, não quis aceitar o nome. Não pode, dizia. É nome estrangeiro. Veio das estrangeiras. Proibido no Brasil. Os pais ficaram inconsoláveis. Tentaram explicar que era um nome de um grande espanhol chamado de Dom Caixote das Manchas. Ela tinha visto um livro. Por que não? Marcondes disse que era Dom Quixote de La Mancha e não Dom Caixote. Tudo a mesma “merda”, ela disse.

Mesmo assim, nada. Marcondes das Onças irredutível. Dona Eduardina chorava o dia inteiro. Mello Leitão não aguentou. Pegou sua garrucha velha e disse. – Vamos. Se não registrar, mato aquele “filudaputa”. E ele vai tabeliar nas “profundas dos infernos”. Marcondes não titubeou. Registrou o menino.

O pobre não podia ir à cidade. A meninada corria atrás gritando: Dom Puxa-puxa. Vai puxar até o saco rebentar! Dom Pancho chorava. Resolveu reagir. Preparou um belo cacete de pau Brasil, limpou, lixou e estava no papo.

A meninada levou cacetada por todo lado. Mudaram seu nome de Dom Puxa-puxa para “Dom Cacete”. Melhor. Mesmo assim não gostava. O tempo passou. Não frequentou a escola. Seu pai sumiu para São Paulo quando tinha cinco anos. – Vou juntar dinheiro e buscar vocês. Nunca voltou. Sua mãe não chorou. À “merda”, com ele dizia. Que se “foda”. Dizia que ele se “amigou” com uma “puta mineira”. Que ele fosse “prá casa do caraio”. Era assim, sua mãe. Desbocada. Paciência. Dom Pancho não era assim. Palavrão? Nunca. Religioso? Não sabia.

Um dia levantou e não viu sua mãe na cozinha. Procurou no terreiro e nada. À tarde, desistiu de procurar. Estava com 17 anos. Só podia ter caído no rio do “Mardito”. Rio Amarelo. Sua mãe o chamava assim porque seu pai desceu de canoa e nunca mais voltou. Mardito! Dizia. Cinco dias depois a acharam inchada, perto do rio em São João do Livramento. Alguns a reconheceram. O enterro foi simples. Ali mesmo atrás das bananeiras da casa de Dom Pancho. Dom Pancho não chorou. Ninguém se preocupou. Era um rapagão forte, com um e setenta e cinco de altura, pardo, cabelos lisos, peitoral que mostrava exercícios frequentes. Nada disso. Apenas roça, pesca e cuidar das galinhas e cinco porcos. Duas prenas.

Pouca gente sabia, mas Dom Pancho tinha um amor secreto. Cinco galinhas que ele criava com carinho. Tinha mais trinta, mas não era da turma de Dom Pancho. Bem, para dizer a verdade eram seis. Ele dizia cinco porque a Siri ele não contava. Nome interessante, mas bem apropriado. Siri só andava de costas. Risos. Verdade mesmo! Nunca andou normalmente. A galinhada no terreiro ciscando e Siri ciscando de costas! Dom Pancho achou interessante quando ela nasceu. Pensou que era cega, mas não era.

Quando ela botou seu primeiro ovo, viu que era azul. Azul escuro. Estranhou. Foi até a cozinha e bateu o ovo na mesa. Vamos ver essa “omileta” da Siri como era. Nada, não tinha gema. Parecia que uma pequena pedrinha balançava e ele viu que era uma pepita redonda. Um pouco maior que um feijão. Ouro? Será? Melhor guardar. Se desse bandeira, iam roubar Siri. Dom Pancho juntou muitas pepitas. Siri só botava oito ovos por ano. Dom Pancho cresceu. Vinte anos, trinta, trinta e cinco. Não casou. Não conhecia ninguém. Ia a Martelo do Berimbau três ou quatro vezes por ano. Só para comprar sal, “pementa” do reino, “pementa” malagueta e algumas roupas, umas rapaduras que gostava muito e mais nada.

Ele tinha o que precisava. Plantava arroz, feijão, mandioca, uma horta com quiabo, tomate, couve e muitas outras verduras. O rio do Mardito dava muitos peixes. Matava um porco a cada seis meses. Tinha cinco latas de vinte litros. Guardava lá tocinho frito na gordura, pedaços de carne e era um craque em fazer linguças e chouriço. Adorava. Fazia chouriço doce e salgado. Delícia. Até minha boca encheu d’água. Assim vivia sozinho sem ninguém. Vizinhos de vez em quando vinham e compravam alguma coisa dele. Um verdadeiro ermitão. Sua companhia era Siri e a galinhada, o galo Mico Seco seus porcos e as estrelas. Não precisava de mais.

- Duda perdeu seu padrasto com quinze anos. Eduarda Leitão Pereira. Seu nome completo. Seu padrasto se chamava Mello Leitão Pereira. Isso mesmo. O pai de Dom Pancho. Em São Paulo, amigou com sua mãe quando ela tinha um mês de vida. Sua mãe morreu de doença nos rins. Seu padrasto a criou como uma filha. Nunca contou sua vida, mas um dia ela viu uma carta de Eduardina Pereira, sua mulher verdadeira, na cômoda de quatro gavetas. Leu. Nossa! Quanto palavrão. Ela o chamava de viado, filodaputa de uma égua, castrado, parido no meio dos infernos.

Deixou a carta no lugar e nunca mais pegou. Mello Leitão morreu ao cair de um andaime do prédio onde trabalhava. A firma disse que não podiam entregar para ela a indenização. Era menor de idade. Iriam abrir uma caderneta para ela. Quando fizesse vinte e um anos, poderia retirar. Sabia que era conversa. Não iam depositar “porra” nenhuma. Que enfiassem no “rabo”. Duda também falava palavrão e muito. Pensou que se ficasse ali iam levá-la para um orfanato. Juntou um dinheiro que encontrou nas gavetas, nada mais que uns duzentos reais, fez as malas e partiu.

Quinze anos, bem bonita, coxas firmes, seios grandes, cabelos longos e negros caindo nos ombros, olhos negros enormes. Um sorriso de deixar qualquer um baqueado. Sabia que muitos a desejavam. Mas sempre disse a si mesma que só ia “dar” para quem casasse com ela. Teve alguns namorados. Beijos, amassos e mais nada. Todos querendo que ela pegasse no “pinto” deles. Nunca. Mandava tomar no “rabo” e ia embora. Risos. Não se assustem. Duda era assim mesmo. Para dizer a verdade muitos achavam que ela tinha mais de 20 para sua idade.

Antes de ir, pegou a carta da mulher do seu pai. Olhou o endereço. Martelo do Birimbau. Sabia como chegar a Jenipapo. De lá, perguntaria. Isso mesmo. Ia fazer uma surpresa. Iria dizer que era filha de Mello Leitão Pereira. Para isso tinha a certidão de quando a registrou. Demorou cinco dias até chegar a Martelo do Birimbau. Perguntou tanto que achou um canoeiro chamado de Chico Louco. Na beira do rio Mardito ele sentado em sua canoa velha, cantava:

Segunda-feira de tarde, tava caindo garoa,
Cheguei na beira do rio, peguei a velha canoa.
E a canoa foi rodando...
Aí, eu fui sentado na proa.
Lá no porto das araras, que o rio Mardito desagoa
Vou entrando na vazante água pesada recoa...
No lugar que não dá nada a gente descorçoa.
Deixo o meu anzol de espera onde o peixe grande amoa.
Eu volto alegre pro rancho...
Ai, ai quando faço pesca boa. (*)

Não o deixou terminar. Ela era direta, sem rodeios. Seu Chico, me leve até a casa de dona Eduardina Pereira? Quanto vai me cobrar? Ele olhou aquela menina “gostosa” e disse. Só se for para Dom Pancho. Filho dela. Ela morreu “fogada” no rio faz uns 20 anos. Duda pensou, pensou e disse “vamo” lá seu Chico. Pago vinte. Ele topou. Ela entrou com a mala e partiram. Eram umas duas da tarde. Estava escurecendo quando chegaram. Seu Chico mostrou a casinha e voltou rio abaixo.

Duda viu Dom Pancho sentado num banquinho de madeira fumando um cigarrinho de “paia”. Cumprimentou e ele não respondeu. – Sou filha do Sr. Mello Leitão de Oliveira. Dom Pancho só olhou. Entrou e fez sinal para ela entrar. Fritou uns ovos, umas linguças e tinha arroz do almoço. A mesa estava cheia de coisas. Não dava para usar. Jantou no banquinho do lado de fora. Estava com fome. Ele mostrou uma esteira em um canto da cozinha. Fez sinal para ela dormir ali. Ele dormia no quarto da mãe. Só dois cômodos.

Dom Pancho ficou cismado. Mas a “muié” era boa prá “caraio”. Muié não. Uma menina. Mas gostosa, muito. Dom Pancho ainda era virgem. Tentou

várias vezes “comer uma porca”, não deu. Sujou-se todo de “merda”. Desistiu. Será que era sua irmã mesmo? Melhor “assuntar” devagar. Tinha tempo. Ela veio para ficar. Sabia pelo seu tipo. Precisava de companhia. Se fosse irmã, tudo bem. Era bem-vinda. Chega de viver sozinho naquela terra de ninguém.

Os dias foram passando. Dom Pancho começou a gostar de Duda. Era trabalhadeira. Ajudava em tudo. Não ficava parada. Cuidava da cozinha e ainda ajudava na roça. Duda riu de “braçada” quando viu a galinha Siri. De costas! Deus, o que era aquilo? Dom Pancho riu com ela. Sempre foi assim. Dom Pancho começou a falar o que nunca falou. Pudera desde que sua mãe morrera ficara sozinho ali por 20 anos. Falar com quem? Só com Siri e suas galinhas.

Seis meses depois, Duda e Dom Pancho fizeram amor. Ela não sabia. Ele também não. Mas foi gostoso. Assim os dois disseram. Dom Pancho foi à cidade para oficializar o casamento. O Sr. Marcondes das Onças ainda era o tabelião. Bem velhinho. Mas vocês não são irmãos? Não, disse Dom Pancho. Ele ia retrucar, mas lembrou do pai de Dom Pancho. Melhor não facilitar. Fez o casamento. Resolveram ir até Jenipapo. Dom Pancho levou suas economias e lá ficaram dois dias. Foram ao cinema e se assustou com o filme. Um faroeste! Quantos tiros. Já ia correr quando Duda disse que era só na tela.

No hotel pediram certidão de casamento. Duda olhou o porteiro e mandou ele se “foder”. Aqui tá minha identidade. Ele não tem. Vai tirar. Mas você é menor de idade disse. Menor o “cacete”. O porteiro se calou. A menina ou era puta ou era um biscate. Deu as chaves. Pagaram adiantado. Foram comer em um restaurante. Duda ensinou a Dom Pancho como usar a faca e o garfo. Ele achou uma frescura. Partiu o bife com os dedos. Duda ria de Dom Pancho. Adorava ele. Se existia amor, ela o amava.

Quando voltaram para o sítio, ela viu um ovo azul que Siri tinha botado. Dom Pancho contou. Ela foi ver. Cento e tantas pedrinhas. Agora mais uma. Uma fortuna. Dom Pancho, vamos mudar isso. Você vai comigo até São Paulo. Vamos vender umas e você vai ver. Chega de viver na miséria. Dom Pancho concordou. Mas onde vamos deixar as galinhas e os porcos? E a Siri? Siri vai conosco. Falo com Chico Louco, o canoeiro. Dou a ele uns cinquenta para ele vir aqui todos os dias tratar. Parece-me ser uma boa pessoa.

Dom Pancho se assustou com a cidade. Sempre com a Siri debaixo do braço. Muita gente rindo dele. Casas de uma altura tremenda. Quantos moram aí? Perguntava. Duda ria e respondia. Entrou no metrô. Com a galinha não pode, disse o guarda. Olharam e o trem entrou num buraquinho e sumiu. Puta merda! “Tamo fudido”. Neste buraco não vou, disse. Duda não parava de rir. Dá peixe nesse rio fedido? Era o Tietê. Não. Mas tem capivara. Cacete! Como elas vivem? Dom Pancho perguntou por que todo mundo conversava com um “trequinho” preto na mão. Celular, Dom Pancho. Vou comprar um para nós. Dom Pancho riu. Falar com quem? Só se fosse com o capeta!

Venderam 35 pedras. Apuraram cinco milhões de reais. Uma nota. Voltaram. Duda mandou construir uma casa nova na colina. Dois andares. Quase uma mansão. Estilo vitoriano. Uma vista linda para o rio Mardito. Comprou um carro. Mandou abrir uma estrada até a rodovia. Vinte quilômetros. Mobiliou. Contratou mão-de-obra. Comprou um trator. Plantaram soja. “Enricaram”. Duda adora Dom Pancho. Dom Pancho adora Duda. Siri era tratada como uma rainha. Um galinheiro bonito, uma casinha no puleiro e muito milho. Sempre cozido para não fazer mal.

Quando fez 21 anos, Duda voltou a São Paulo. Levou com ela três jagunços matador. Zé do Bode, Chico Boa Morte e Mané Castrador. Chegou ao prédio da construtora e foi direito na sala do Presidente. A secretária fez tudo para não deixar – Lembra de mim? Ficou de depositar em uma caderneta a indenização do meu pai. Dr. Julio sorriu azedo. Chamou o Diretor Financeiro. Não tinha poupança. Calcularam e deram a ela um cheque de dez mil reais. Duda riu. Nem pensar. Na época eram uns quarenta mil. Se passaram oito anos. No mínimo uns trezentos e cinquenta mil. Me dá trezentos e “tamo” conversado. – Não, disse o Dr. Julio. Duda chamou Mané Castrador. Castra esse filho de uma égua. Zé do bode enfia seu punhal no rabo dele. Chico Boa Morte, limpa a pança desse “porra” barrigudo e corte o “pau” dele com seu punhal. Saiu de lá com a quantia esperada.

Comprou um título de comendador para Dom Pancho. Comendador Dom Pancho. Ele queria de Coronel. Ela comprou também. Agora era o Coronel Comendador Dom Pancho. Ele comprou um chapelão preto tipo mexicano. Charutos. Camisas de seda. Um “trequinho preto falante” nas mãos. Ficava na varanda feito uma Maria Fumaça. Ria. Boa vida agora. Dinheiro, casa boa, uma “periquita” gostosa à disposição. Nunca usou outra. Adorava sua mulher. Ela era um pau de toda obra. Ele virou um folgado, mas nunca um aproveitador. Quem te viu e quem te vê. Fizeram um porto. Pequeno. Um bom barco a motor.

Siri viveu por muitos anos. Morreu no dia que Dom Pancho morreu. Aos noventa anos. Duda ainda viveu mais. Até os noventa e cinco. Tiveram onze filhos. Todos letrados. Dom Pedrito o mais velho, dirigia a fazenda quando morreram. Etelvina, Macaima, Dom Pixote, Dom Lá Mancha, Dom México, Dom Espanha, Matilde, Dom Sancho Pança, Lorenita e Dom MacBeth ficaram por ali até crescerem. Uns foram para os Estados Unidos. Outros para a Espanha.

Quando Siri morreu, de seu último ovo nasceu um pintinho. Deram o nome de “Espirro”, vivia espirrando. Seu primeiro ovo também tinha dentro uma pepita de ouro! E como dizem os contadores de história, viveram felizes para sempre! Quem? O “cacete” que viveram!!! Risos e risos!!!

(* Letra de Zé Carreiro / Vieira, cantada por Tião Carreiro.)

A flor de Maracujá

Apois antonce
Eu lhes conto
A história que ouvi contá
A razão porque nasce roxa
A frô do maracujá

Maracujá já foi branco
Eu posso inté lhe jurá
Eu posso inté lhe jurá
Mais branco que a caridade
Mais branco do que o luá

Quando as frô brotava nele
Lá pros confim do sertão
Maracujá parecia,
Um ninho de argodão

Mais, um dia...
Há muito tempo,
Num mês que inté não me lembro
Se foi maio... se foi junho
Se foi janeiro ou dezembro
Nosso Senhor Jesus Cristo
Foi condenado a morrê
Numa cruz, crucificado
Longe daqui, como quê

E havia junto da cruz
Aos pés de nosso Senhor
Um pé de maracujá
Carregadinho de frô

Pregaram Cristo a martelo
E ao ver tamanha crueza
À natureza inteirinha
Pôs-se a chorá de tristeza

Chorava o vento nos campo
Chorava as fôia e as ribeira
Sabiá tomem soluçava
Nos gáio da laranjeira
E o sangue de Jesus Cristo
Sangue pizado de dô
No pé do maracujá
Tingia todas as frô

Catulo da Paixão Cearense



A FLOR E A FONTE

"Deixa-me, fonte!" Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria
Cantava, levando a flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"
Dizia a flor a chorar:
"Eu fui nascida no monte...
" Não me leves para o mar".

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.

"Ai, balanços do meu galho,
" Balanços do berço meu;
"Ai, claras gotas de orvalho
" Caídas do azul do céu!..."

Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flor.

"Adeus, sombra das ramadas,
" Cantigas do rouxinol;
"Ai, festa das madrugadas,
" Doçuras do pôr-do-sol;

"Carícias das brisas leves
" Que abrem rasgões de luar...
"Fonte, fonte, não me leves,
" Não me leves para o mar!"

*

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor..
Vicente de Carvalho

A canção de Bernadete

O sol estava vermelho junto às nuvens escuras que chegavam de mansinho naquela tarde fria de final de inverno. Bernadete se dirigia para sua casa depois de fazer sua peregrinação de casa em casa pedindo ajuda para sua mãe. Não tinham o que comer. Seu pai morreu de tuberculose e sua mãe ia pelo mesmo caminho. Mas Bernadete não sabia disto. Apenas oito anos e ninguém para explicar a ela que sua mãe partiria em breve. Não fora um dia ruim. Ganhou um pouco de arroz, um pouco de macarrão. Não era nada, mas daria para uns dois dias as duas se alimentarem. Bernadete não estudava. A escola não aceitou com medo que ela passasse a doença para as outras alunas.

Não tinham luz elétrica e água encanada. Ela tirava a água necessária na cisterna no fundo do quintal. Bernadete cantava. Estava feliz. Dois dias sem ter o que comer. Sua mãe lhe ensinou a cantar nas horas difíceis. Cantava e sonhava com a música que aprendeu com ela. Luar do Sertão. Sozinha pela rua quase deserta ela cantava. "Não há, oh gente, não luar Como esse do sertão. Oh que saudade do luar da minha terra, lá na serra branquejando, folhas secas pelo chão...". Bernadete amava cantar esta canção. Ao entrar em casa saudou a mãe carinhosamente. Pela primeira vez não teve resposta. Foi até ao quartinho e sua mãe inerte. Não falava. Ela balançou chamando Mamãe! Mamãe! Era o fim. Ela sabia. Sua mãe se fora. Ela a tinha prevenido.

No dia seguinte enterraram sua mãe no cemitério da Saudade no centro da cidade. Uma senhora da prefeitura se encarregou de tudo. Os olhos de Bernadete estavam vermelhos de tanto ela chorar. Agora não chorava mais. Esqueceu-se de pensar para onde ia, qual seria seu destino. Não conhecia ninguém. Nem sabia se tinha algum parente. Sua mãe nunca disse nada. Cantou baixinho quando sua mãe desceu a sepultura para sua última morada. "Este luar cá da cidade tão escuro, não tem aquela saudade do luar do meu sertão!". A mulher da prefeitura disse para ela arrumar suas coisas. Ela ia morar com Dona Heloisa mulher do Seu Nivaldo o tabelião. Bernadete não disse nada. Não conhecia ninguém. Quem sabe seria feliz lá?

Dona Heloisa a olhou de uma maneira que a fez tremer e baixar a cabeça. Disse – Menina, eu não gosto de preguiça. Não gosto de gente respondona. Não gosto de gente suja. Portanto faça o que eu mandar e vamos viver bem as duas. Curto seco e grosso. Nada mais. Nem uma palavra de carinho. Perdera sua mãe e agora perdera também alguém que a pudesse acariciar e dizer palavras como sua mãe dizia – Eu gosto de você, eu amo você. Bernadete recebeu as tarefas do dia. Varrer e passar pano molhado em toda a casa. Limpar todos os dias o quintal das folhas das arvores. Arrumar as camas, lavar as roupas dos meninos. Esqueci-me de dizer, Dona Heloisa era mãe de Larita e Lourenço. Não reclamou. Ambos eram quase da mesma idade dela com exceção de Lourenço. Dois anos mais velho. Quem sabe seriam amigos?

Queria ser amiga deles, mas Dona Heloisa não deixou. – Você é empregada eles são os patrões. Fique no seu lugar. Bernadete quase ficou triste, mas lembrou de sua mãe e cantou: - “Não há oh gente, oh não luar...” isto a fazia lembrar-se da sua mãe e assim ela sorria. Seu Nivaldo nunca a cumprimentou. Nem olhava para ela. Era normal. Ela aceitava. Dona Heloisa não quis colocá-la na escola. Não disse o porquê. Bernadete ficava quando tinha folga escrevendo seu nome. Achou um livrinho de beabá jogado no lixo. Em pouco tempo aprendeu a ler sozinha. Ela era muito inteligente.

O tempo passou. Os anos passaram. Os filhos de Dona Heloisa foram estudar em um colégio interno na capital. Bernadete torcia contando os dias e as horas quando eles de férias voltavam para casa. Ela se sentia feliz com eles ali. De vez em quando Larita falava com ela, mas Lourenço nunca. Estava ficando um belo rapaz. Com seus dezesseis anos já era bem alto, seus cabelos loiros caíam na testa e era um charme vê-lo balançar cabeça para tirá-los dos olhos. As moças da cidade morriam de amores por ele. Bernadete estava com quatorze anos. Nunca foi bonita. Tinha uma perna mais curta que a outra e andava mancando. Seu rosto não era feio apesar de ter os cabelos crespos e por isto ela mesma o cortava para não ficar grande demais. Tinha um lindo sorriso e isto encantava quem não a conhecia. Dona Heloisa a presenteava uma vez ou outra com as roupas de Larita que não serviam mais nela. Bernadete se deliciava. Sorria e cantava: “E a gente pega na viola que ponteia, e a canção é a lua cheia a nos nascer do coração!”. Não conseguia fazer amigos. Não podia sair. Quando saía era para ir à padaria ou ao armazém.

Bernadete nunca esqueceu o semblante de sua mãe. Dormia em um quartinho no fundo do quintal que ela arrumou ao seu modo. Gostava quando estava lá, pois fez amizade com um canário Belga amarelo que vinha sempre cantar para ela na janela. Não tinha cortinas. Não podia ter. Mas tinha uns vasilhos com flores silvestres que ela regava diariamente. Agora não era mais só o canário amarelo. Um sabiá e um Pássaro Preto se juntou aos outros. Eles sempre pela manhã acordavam Bernadete com seu cantar na janela e ela contente corria para saudá-los.

Bernadete levantava cedo. Muito. Tinha de fazer o café, ir à padaria, e voltar à velha rotina da casa. De uns tempos para cá Dona Heloisa a deixava passear até a praça aos domingos à tarde. Gostava muito. Via gente, meninos brincando e ela sorria para eles com sua alegria infantil, pois a pureza de Bernadete persistiu por todos os anos da sua vida. Ela olhava as meninas a brincarem no pula-pula, no balanço e a descer e subir o escorregador. Quando todos sorriam ela cantava. Nunca deixou de cantar a canção que sua mãe ensinou para ela. “Não há, oh gente...”.

Bernadete quando fez vinte anos ainda continuava a mesma. Sempre alegre, sempre fazendo tudo naquela casa. Agora cozinhava também, pois Dona Heloisa teve um problema nas pernas e não podia andar. Ficava em uma cadeira de rodas azucrinando o dia inteiro sua vida. Bernadete ficou mais encorpada. Seus seios cresceram. Suas pernas apesar de uma mais curta ficaram mais grossas. Seu cabelo ainda crespos cortados curtos lhe davam um aspecto faceiro e até sensual. Mas ela não sabia o que era isto. Um dia ao varrer o corredor ouviu gritos e correu para ajudar. Mas era no quarto de Dona Heloisa. Ela gemia e pedia mais. Bernadete não entendeu nada. O que seria? Um dia ao sair da igreja Sentou em um banquinho onde varias meninas conversavam. Falaram de sexo, de penetração, mas penetrar o que? Nunca tinha visto um membro de um homem. Ouvia falar, mas não sabia como era. Não era um assunto que ela queria pensar. Todas as noites ajoelhava próximo a sua cama e agradecia a Jesus por tudo que estavam dando a ela. Não passava fome, tinha um quartinho só dela e tinha os passarinhos que eram seus amigos. Ela quando deitava sentia os lábios de sua mãe a lhe beijar. Ela vinha todas as noites. Bernadete sabia. Dormia sorrindo!

Um dia Lourenço chegou da cidade grande com uma moça linda. Faceira. Loira também e os cabelos compridos iam até sua cintura. – Meus pais, esta é Edna, minha esposa. Sua mãe levou um susto e seu pai quase caiu da cadeira. Bernadete sorriu para ela como a dizer – Seja bem vinda moça linda! Edna perguntou quem era Bernadete – Lourenço respondeu que não era ninguém. Uma empregada mal agradecida, pois deram tudo para ela e fazia tudo errado! Bernadete abaixou a cabeça e sem perceber começou a cantar baixinho – “A lua nasce por detrás das verdes matas...” – O que é isto Edna perguntou. Nada, ela é louca. Cuidado com ela.

Um ano depois Lourenço deixava Edna sozinha em casa e ia para a Rua do Quebra Cachaça. Bernadete não sabia o que era isto, mas achou que não era boa coisa. Voltava tarde, bêbado e chingando todo mundo. Um dia chegou calado e foi até o quarto de Bernadete. Entrou e deitou com ela em sua caminha estreita. Bernadete assustou e ia gritar quando ele disse – Se gritar vou contar a todo mundo que você me chamou. E vão escorraçá-la daqui para fora. Rasgou sua camisola. Ela sentiu a dor da penetração. Foi forte. Ele logo parou, pois a molhou toda por dentro. Bernadete chorava baixinho. De dor e de vergonha. Lourenço arrumou as calças e foi embora. Por vários dias nem olhava para ela.

Edna suspeitava que Lourenço tivesse feito “mal” a Bernadete. A maneira como ele procedia em casa junto a ela não dava para esconder. Notou que Bernadete quase não ria mais. Andava sempre triste, de cabeça baixa. Não demorou e a barriga de Bernadete começou a crescer. Dona Heloisa não perdoou. Queria a todo custo mandar ela embora. Uma “puta” isto sim dizia. Faltou com o respeito! Meu filho casado e ela nem pensou nisto? E minha filha o que vai dizer? Bernadete sempre ficava de cabeça baixa. Os olhos cheios de lágrimas, mas ela cantava sem ninguém ouvir – “E a gente pega na viola que ponteia...”. Seu Nivaldo não deixou. E você nesta cadeira de rodas vai fazer tudo?

Quando o filho de Bernadete nasceu, foi em outubro. À noite. Ninguém ajudou. Edna ouviu os gritos e correu a ajudar. O menino já havia nascido. Quando pegou o menino sentiu que era lindo! Não falou nada com ninguém. O levou para seu quarto e disse a Lourenço que ele seria filho dela, pois ele era o pai. Um susto. Lourenço não falou nada. Bernadete no outro dia tentou levantar. Lavou-se. Os pássaros cantavam para ela na janela apesar de sua dor e tristeza. Sentiu que toda a noite sua mãe estava lá. Sorrindo para ela e dizendo – Calma minha filha, sua recompensa não tarda. Bernadete com dificuldade voltou ao trabalho. Edna a chamou em um canto e disse que ia tomar conta do filho dela, bastava ela amamentar. Daria tudo a ele. Não iria faltar nada. – Você nunca teria condições de cria-lo! Bernadete chorou. Chorou muito, mas mesmo assim conseguiu cantar – “Este luar cá da cidade tão escuro, não tem aquela saudade do luar do meu sertão!”.

Passaram-se os anos. Antônio Carlos cresceu. Bernadete o olhava com amor e carinho e sorria. Ele não gostava dela, sempre lhe virava as costas. Seu filho não sabia que ela era sua mãe. Nunca o beijou, nunca o abraçou. Viveu junto a ele até quando fez sessenta anos. Ele rapagão, bonito, forte, se formou engenheiro. Vinha em casa, trazia presentes para todo mundo. Para Bernadete não. Ela o olhava orgulhosa, seus olhos brilhavam. Lágrimas se faziam cair. Ela fazia tudo que ele pedia. Mas ele nem sequer lhe sorria. Mesmo assim ela cantava de alegria – “A canção e a lua cheia a nascer no coração!”.

Um dia Bernadete começou a tossir, da tosse viu que sangrava. Tentou esconder. Dona Heloisa bem velha, mais de oitenta anos disse – Como sua mãe. Tuberculosa! Tire ela desta casa! Internem ela em um sanatório! Seu Nivaldo não deixou. Afinal Bernadete dedicou uma vida inteira a família, nunca teve nada, e agora por ela para fora? Dois meses depois, em uma manhã de sol brilhante, Bernadete ao acordar viu os passarinhos cantarem em sua janela, não era só os três, eram centenas. Foi uma surpresa. Ela nunca viu um dia tão bonito, ensolarado, lindas nuvens no horizonte. Parecia que estava em um enorme jardim e o perfume das flores era trazidos até sua janela por aragens refrescantes vinda do céu. A família veio correndo para ver o que era. Uma multidão de passarinhos a cantar próximo a janela de Bernadete. Entraram e a viram deitada inerte. Um fio de sangue escorria em sua boca. Estava morta.

Bernadete os viu entrar tentou sorrir, ia pedir desculpas. Mas viu seu corpo na cama. Ia falar com eles, mas sua mãe chegou. Estava toda vestida de branco. Atrás uma luz brilhante com vários anjos a cantar e os passarinhos cantaram também. O que é isto perguntou Dona Heloisa, assombração? Saiu rápido em sua cadeira de rodas. Seu Nivaldo estava boquiaberto. Larita que estava visitando não suportou a forte luz que vinha da janela. Lourenço tremia e Edna sorria. Antônio Carlos não estava em casa. Tinha viajado para o “estrangeiro”.

Os vizinhos acorreram à casa dos Nivaldos. Eram milhares de passarinhos. Nunca se viu tanto e todos voando em volta da casa de Dona Heloisa. Cantavam e faziam uma enorme algazarra. Bernadete ficou em dúvida. Ficar ali ou ir com sua mãe? Sentiu tristeza em deixar aquela família que apesar de tudo ela os amava. Sua mãe sorria e dizia, - vem minha filha, eles ficaram amparados apesar do que fizeram a você. Todos passamos por isto. Eles irão um dia também passar as dificuldades da vida. E Bernadete seguiu sua mãe. A luz forte e brilhante a acompanhou enquanto desapareciam no horizonte. A passarada foi atrás e nunca mais voltaram naquela casa.

Bernadete ficou deslumbrada com a cidade onde foi morar. Era linda, toda colorida e cheia de flores. Não sabia que tinha tanta gente que a conhecia. Sempre diziam – Olá Bernadete. Seja bem vinda! Esperamos muito este dia. Que Jesus esteja com você! E todos sempre sorrindo. Eram centenas que iam visitá-la em sua casinha branca cheia de rosas perfumadas de todas as cores. Eles sorriam para ela, a abraçavam e beijavam carinhosamente. Ela sentiu ali que o amor era o elixir da vida que sustentava a cidade. Sentia que agora pertencia a uma família, uma família enorme, linda, a família de Jesus. Ele havia atendido seu pedido e as suas preces. Viu que sua tosse não existia mais. Viu que também se vestia de branco e adorava. E as tardes, ela e sua mãe sentavam na varanda e cantavam. Não se sabe como, uma viola invisível dedilhava a canção e os passarinhos seus amigos faziam um coro tão lindo que a transformavam na mais bela canção do mundo. Era Maravilhoso. Impossível descrever e tão incrível de ouvir que toda a cidade do além parava para escutar a Canção de Bernadete:

Não há, oh gente
oh não, Luar
Como esse do sertão.
Oh que saudade
Do luar da minha terra
Lá na serra branquejando
folhas secas pelo chão

Este luar cá da cidade
Tão escuro
Não tem aquela saudade
Do luar lá do sertão

Não há, oh gente...

**Se a lua nasce
Por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
Prateando a solidão**

**E a gente pega
Na viola que ponteia
E a canção
É a lua cheia
A nos nascer do coração**



Remorso

**Às vezes, uma dor me desespera...
Nestas ânsias e dúvidas em que ando.
Cismo e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.**

**Versos e amores sufoquei calado,
Sem os gozar numa explosão sincera...
Ah! Mais cem vidas! Com que ardor quisera
Mais viver, mais penar e amar cantando!**

**Sinto o que desperdicei na juventude;
Choro, neste começo de velhice,
Mártir da hipocrisia ou da virtude,**

**Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que sofrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!**

Olavo Bilac

O simpático e alegre prefeito Marcolino Santo Ângelo

Já passei por poucas e boas em minha vida. Muitas situações inusitadas e quando me lembro delas parecem um farol nas noites de inverno a procurar um navio perdido no imenso oceano. Mas o caso do prefeito Marcolino Santo Ângelo para dizer a verdade foi uma surpresa. E põe surpresa nisto. Interessante que quando chegou era um simplório, para dizer a verdade um “banana”. Depois passou a exigir que o chamássemos de Doutor Prefeito Marcolino Santo Ângelo. Afinal não nasci ontem. Que ele me enganou não tenho a menor sombra de dúvida. Neste mundo de meu Deus eu vi causos e causos, e quantas vezes enganei a mim próprio? Assim foi Marcolino Santo Ângelo. Enganou milhares de pessoas. Mas quem podia duvidar dele?

Cheguei à cidade de Sol Nascente no final de agosto de 1979. Faz tempo. Acho que vinte e seis anos atrás. Quando Lola morreu São Paulo perdeu a graça para mim. Engenheiro civil vendi minha empresa, minha casa e até um pequeno sítio em Limeira. Tinha visto um pôster de Sol Nascente. Adorei a cidade. No litoral norte quase divisa com o Rio de Janeiro. Fui até lá um fim de semana e voltei dois dias depois, proprietário de uma casa a beira mar. Uma encosta bem próximo à praia. O mar se descortinava da minha varanda numa visão celestial.

Encontrei um povo hospitaleiro e logo fiz muitos amigos. Já não trabalhava mais. Quando cheguei tinha cinquenta e um anos. Estou com mais de setenta e sete anos hoje. Mas meu coração ainda bate forte. Levanto cedo, faço caminhadas e dou grandes braçadas mar adentro. Alguns amigos se assustaram na primeira vez e depois acostumaram. Costumo ficar à tarde na varanda do Totim, um barbeiro que é um dos meus principais amigos. Olhe acho que conhecia todo mundo na cidade. Quando as temporadas acabavam ali era um paraíso.

Marcolino Santo Ângelo chegou numa tarde de novembro. Acho que foi em 1993 não tenho certeza. O vi pela primeira vez no boteco do Jamil. Eu jogava uma “sinuquinha” para passar o tempo com apostas de um real. Na cidade não tínhamos muito que fazer. Era ali ou ir para a praça ficar com os velhos na biriba ou truco. Sem esquecer claro, minhas belas tarde na minha varanda e ver o por do sol se esconder no infinito do oceano. Marcolino Santo Ângelo em pouco tempo fez muitos amigos. Ria, abraçava todo mundo. Seu sorriso era radiante. No primeiro dia todos ficaram amigo dele. O danado era bom demais para fazer amigos. Perguntou onde poderia comprar uma casinha. Comprou do Rosildo sem pagar nada. Assim começou a vida de Marcolino Santo Ângelo na cidade de Sol nascente.

Chegou sem nada e seu patrimônio começou a crescer. Ninguém notou ou fingiam não notar. Ele nunca aprontou de uma maneira afrontosa. Educado,

prestativo, ajudava nos sábados quando precisavam de amigos para carregar baldes de cimento na construção de uma Lage qualquer ou na igreja. Com ele não tinha hora nem lugar. Sempre pronto a ajudar. Nunca faltou uma missa. Sempre doava mais que os outros e o Padre Jacinto o adorava. Acho que ele sempre dizia que era um santo em suas confissões.

A vida seguia seu curso. Ah! Esqueci-me de dizer, em poucos meses Marcolino Santo Ângelo abriu a melhor casa de tecidos da cidade. Sua loja era muito concorrida. Pediu ao Vicentino o dono da agencia de automóveis que trouxesse para ele um conversível amarelo. Não importava a marca. Pagou a vista. Como? Não me perguntem, pois não sei. Todos os sábados fechava a loja ao meio dia e ia como o Delegado Jailton pescar na lagoa do Marimbondo. Disseram-me que ele nunca foi pescar em alto mar. Tinha medo de morrer afogado.

Duas vezes por semana, ele o delegado Jailton, o Juiz Moreno Silva e o Prefeito Malta Santos iam à casa do Valdico, o dono da Merceria Santo Antônio jogar truque. Dizem que as apostas eram altas. Não sei. Interessante que nunca o vi de braços dados com uma mulher. Nos primeiros anos todos achavam que ele era “viado”. Que nada. Sarita uma loira do Bairro do Pinguim contou para Rose, que contou para Lavinia que contou para Otho que contou para Mimi, que contou para a cidade toda que ela “deu” para ele.

Todos ficaram embasbacados em saber que ele tinha uma “piroca” enorme, e que fazia todas as mulheres que dormissem com ele “gosar” a noite toda. Se ele já era bem considerado por todos os homens, agora era amado pelas mulheres curiosas em conhecer aquela “piroca” infernal. Sua fama se espalhou. Algumas delas só para provocar inveja contavam entre si que tinham “dado” para ele e olhe não havia uma que não queria experimentar a “piroca” do Marcolino Santo Ângelo. Claro, só ficávamos sabendo dos bochichos. A verdade ninguém sabia. Um dia soube que Sarita tinha “embuchado” e sumira da cidade. O mesmo aconteceu com Naldinha, uma pena. Uma morena linda, nova, não tinha vinte anos quando as más línguas contaram que Marcolino Santo Ângelo arreventou seu “cabaço”.

O tempo foi passando, Marcolino Santo Ângelo “enricando” e comendo a mulherada da cidade que misteriosamente desaparecia para ninguém mais saber por onde andavam. Claro, as más línguas sempre disseram que Marcolino Santo Ângelo ajudava as famílias das desaparecidas. Marcolino Santo Ângelo era agora dono do moinho do português, de duas barracas de lanches na praia, de uma loja de eletrodomésticos, da sorveteria, do restaurante Brinco de Ouro e a cada dia aumentava suas posses.

A cidade um dia amanheceu em festa. Marcela, a bela filha do Delegado Jailton ficou noiva de Marcolino Santo Ângelo. Como? Perguntaram. Ninguém sabia. Nunca viram ele e ela juntos. Se eles namoravam era escondido, mas esconder para que? O delegado Jailton era muito amigo de Marcolino Santo Ângelo. Não havia necessidade de esconder. Se houve amor, se houve paixão e mesmo se houve algum mais era um segredo bem guardado. Poucas mulheres

na cidade agora diziam ter usufruído da “piroca” de Marcolino Santo Ângelo. Mesmo assim comentavam do sumiço da Mercedes, da Lindalva, da Guiomar, da Marialva e da Gloria Chumbinho.

O casamento foi uma apoteose. Vieram da Capital seis senadores, sendo dois da oposição, trinta deputados, o Vice Governador Florentino Sinclair e um general aposentado que não fiquei sabendo o nome. A missa e a benção foi celebrada pelo cardeal Mota. A força de Marcolino Santo Ângelo era enorme. A festa durou três dias. Dizem que mataram oito bois, doze ovelhas, trinta e cinco porcos, seiscentas galinhas e foram mais de trinta mulheres para preparar tudo no campo do Catumbi Futebol clube.

A boca pequena dizem que foram passar a lua de mel no Caribe. Ninguém sabia o que era esse tal de Caribe. Diziam que era o lugar mais lindo do mundo. Mais que Sol Nascente? Todos duvidavam. E como todos invejavam a sorte de Marcolino Santo Ângelo desejaram a ele uma feliz Lua de Mel. Já pensou diziam? “Comer” marcela? Uma tetéia de gostosa. Deve ter sido uma bela “foda”. Marcela sempre foi o xodó da rapaziada. Era mesmo uma gostosinha de quebrar o queixo dos “punheteiros” da cidade. Se ela gostou ou não da famosa “piroca” de Marcolino Santo Ângelo ninguém soube. Mas diziam que dois anos depois do seu casamento e disso eu não tenho certeza, ela passou a se encontrar com o Totonho da Merceria Gabiroba, seu antigo namorado. Totonho sumiu no dia que Marcolino Santo Ângelo foi eleito prefeito de Sol Nascente. De oito mil e duzentos eleitores, Marcolino Santo Ângelo teve sete mil e quinhentos votos. Nunca em minha vida soube de tal proeza.

Voltando ao Totonho, ele era ponta de lança do time do Catumbi e tinha até uma proposta do Santos para jogar lá. Por amor a Marcela não aceitou. Devia ter aceitado. Sumiu sem dar notícias. Diziam que aceitou uma proposta do “estrangeiro”. Não sei. Depois que ele se foi Marcela quase nunca era vista nas ruas da cidade. Eleito, Marcolino Santo Ângelo passou a exigir de todos o título de Doutor Prefeito Marcolino Santo Ângelo. E ai de quem não o chamasse assim. Ele na hora sorria depois o pobre levava uma surra das boas em algumas esquinas escuras de Sol Nascente.

Sei que ele asfaltou algumas ruas, melhorou algumas escolas, acabou com a sujeira das praias, e sempre com seu terno branco e chapéu de panamá, com seu bigodinho “sem vergonha” e um sorriso de grande político, viajava toda semana para a capital. Ia três vezes por ano para a Europa ou Estados Unidos. Sua casa virou uma mansão. Tinha oito guardas. Cinco empregadas e diziam que contratara um mordomo inglês e um “chief de Cuisine” francês. A boca pequena todos davam como certo sua eleição para deputado. Que fosse estadual ou federal, não importava, ele estaria eleito sem sombra de dúvida. Alguns até diziam que em poucos anos ele seria o Presidente do Brasil! Olhe para ser sincero eu não duvidava.

Tudo corria bem para o prefeito Marcolino Santo Ângelo. Na rua era saudado e adorado. Agora as moças quase não falavam da sua famosa “Piroca” e quando o olhavam era de esguelha. Tinha medo de desaparecer

como as outras. Risos. Como se ele tivesse alguma culpa. Com quatro anos de casado soube-se que Marcela estava muito doente e faleceu no final outubro. Mas caramba, não houve enterro na cidade. Se ela morreu onde enterraram? Uma pergunta que correu de boca em boca na cidade. Interessante que seu pai também foi transferido para Tocantins bem longe dali. Um comentário dizia que seu pai a levou a um famoso hospital na capital e ela foi enterrada por lá mesmo.

A boa vida de Marcolino Santo Ângelo durou até março passado. A cidade em polvorosa viu o que nunca tinha visto na vida. De uma hora para outra se materializou nas ruas de Sol Nascente carros e mais carros da policia federal. Dois na saída da cidade, dois na prefeitura e quatro na mansão de Marcolino Santo Ângelo. Cinco camburões da policia militar davam o reforço necessário se houvesse alguma represália. Nunca iria haver ali em Sol Nascente. Todos acorreram assustados. Que diabo estava havendo? Malaquias e Pedro Honório juraram que viram Marcolino Santo Ângelo sair algemado e jogado num camburão. Não era possível! Eu não podia acreditar. Dois carros continuaram em frente à casa de Marcolino Santo Ângelo e sempre de olho em quem passava. Quem estava dentro não podia sair e os de fora não podia entrar.

O novo delegado Doutor Tibúrcio Menor, se fingiu de morto. O Juiz, o Presidente da Câmara dos vereadores, do Lions, do Rotári e até o Promotor grande amigo dele a ponto de dormir em sua casa deu chá de sumiço. Dos amigos ricos de Marcolino Santo Ângelo ninguém soube informar onde estavam. Nada como os federais em uma operação X-9 para afugentar todo mundo. Ninguém agora queria ser amigo dele. Marcolino Santo Ângelo nunca mais voltou para a cidade. Os jornais do dia seguinte em manchetes garrafais traziam nas primeiras páginas a noticia de sua prisão. Não por ele ser importante no estado ou no país, mas sim pelo que tinha feito. Isto mesmo.

Marcolino Santo Ângelo era um dos maiores “Serial Killer” que tivemos noticia no Brasil. Pelas contas da Policia Federal ele matara em São Cândido onde nasceu e viveu até seus vinte e quatro anos, nada mais nada menos que nove mulheres, quatro homens e doze meninos e meninas. E agora descobriram em sua mansão em Sol Nascente, um cemitério que ele construiu sozinho no porão. Todo chumbado com massa de cimento pesado, (tiveram que dinamitar algumas). Era uma verdadeira fortaleza. No primeiro momento descobriram dezesseis vitimas, esquartejadas e regadas a sal com cal virgem. Diziam ser bom para derreter tudo. Encontram o corpo de Marcela, de seu pai o Delegado Jailton, Totonho o ex-namorado e todas as mulheres que tinham sumido durante os anos que morou em Sol Nascente.

Incrível como ele conseguiu esta façanha. Enganou uma cidade inteira. O “cara” era “foda” mesmo. Até eu fui enganado, mas sempre com a dúvida na cabeça. O que pretendia este sujeito? Eu sempre me perguntava. Seu julgamento foi uma festa. Repórteres do mundo inteiro. Pegou 500 anos de cadeia, mas sabemos que só vai cumprir trinta e depois de 12 anos, lá estará ele de novo na rua. Bem doze anos é muito para mim. Somando com meus

setenta e seis teria oitenta e oito anos quando ele sair. Estaria vivo ainda? Ou quem sabe ele sairia regenerado?

Catorze anos depois, estava internado em um hospital público, praticamente sem o movimento das pernas e com grandes problemas de falta de ar, quando ao meu lado foi internado um rapaz, dos seus trinta anos, com pedras nos rins e precisava ser operado. Contou-me que era de Monte Dourado. Ficamos amigos e dentre as muitas histórias que me contou uma surpresa. Na última eleição em sua cidade um candidato da situação obteve mais de noventa por cento dos votos. – Todos gostam dele dizia um boa praça, mal chegou à cidade fez milhares de amigos – disse. Perguntei qual era o nome – Marcolino Santo Ângelo. Você conhece? Perguntei a ele: - Você sabe se sumiu alguma mulher lá depois que ele chegou? – Olhe para ser franco soube de quatro. Mas por que pergunta isto? – Perguntei de novo - Comentaram o tamanho de sua “piroca”? Ele riu e concordou com a cabeça.

Falar mais o que? Marcolino Santo Ângelo de volta a lida. A mulherada vai adorar a “piroca” dele até ir dormir o sono eterno de uma facada no pescoço e no coração. (como ele fez com todos que matou antes). Que o danado morra um dia como um cão (pobre dos cães) e vá pagar seus pecados nas “profundas dos infernos!”. Esse é nosso país. Direitos iguais. E como dizem por aí, quem já foi rei nunca perde a majestade!

Um beijo

Foste o beijo melhor da minha vida,
ou talvez o pior... Glória e tormento,
contigo à luz subi do firmamento,
contigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:
queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
e do teu gosto amargo me alimento,
e rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,
batismo e extrema-unção, naquele instante
por que, feliz, eu não morri contigo?

Sinto-me o ardor, e o crepitar te escuto,
beijo divino! E anseio delirante,
na perpétua saudade de um minuto....

Olavo Bilac



Menina sensível

**Minha linda,
Minha menina sensível,
Garota carente!
Quero fazer de você
Uma fêmea ferosa,
Devassada,
Penetrada
Na frente e verso,
Sacudida e virada ao avesso,
Mas saciada,
E satisfeita,
Enfim
Uma mulher realizada.**

**E eu,
Eu serei o que você quiser.
Serei seu abrigo,
Seu aconchego,
Seu primeiro homem,
Seu conforto,
Seu amante,
Vibrante,
Um comediante,
Ator galante,
Um macho fulgurante,
De Olhar penetrante,
Seu guia ora em diante.**

**Serei aquele que vai lhe ensinar
A ser atrevida, ferosa e ardente,
Mas sem deixar de ser
Aquela garota sensível,
Gentil, carente,
Que trás no rosto
Um sorriso terno e meigo,
Propensa a sonhar**

Com venturas sem fim...

Menina sensível

O Gigolô, a menina virgem e o Padre Exorcista.

Tentei me esconder em vários lugares. Ninguém queria me ajudar. Por mais que pedisse todos me viraram as costas. Até as meninas que eu tomava conta e que pensei que gostavam de mim se viraram contra minha pessoa. Claro eu entendia o medo de todos. Cicatriz era temido no bairro. Diziam que ele tinha parte com o Demônio. Eu não pensava assim e para dizer a verdade não tinha medo dele. Maldita hora que tomei emprestado aquele dinheiro. Maldito agiota. Uma merda, uma merreca, menos de cinco mil reais. Mas o valor foi crescendo, crescendo e o filho da puta dizia que já devia a ele mais de vinte mil.

Lembro que cheguei aqui com uma mão na frente e outra atrás. Todos me achavam bonito. Lá em Santo Antônio do Monte diziam que eu podia ser ator de novela, ou até de cinema. Diziam que eu parecia com Mel Gibson. Risos. Minha mãe não gostava do meu estilo. Dizia que eu era espalhafatoso. As meninas viviam atrás de mim. Ainda não tínhamos telefone, mas os bilhetinhos e as cartas no correio chegavam aos montes. Claro, tive uma ou outra, mas sempre fui respeitador. Sabia que ali transar com alguma ou era morte certa ou então tinha de casar com uma arma nas costas junto ao delegado.

Com dezessete anos me mandei para São Paulo. Nunca mais voltei. Soube um dia pelo Limão, um caixeiro viajante que ia sempre lá que minha mãe não chorou com minha partida. Dizia que ele me amaldiçoou. Disse que nunca mais queria me ver. Bem a principio eu a esqueci. A cidade grande, os amigos, as coroas ricas que levava para a cama, faziam de mim um folgado. Eu levava um vida que pedi a Deus. Mas tudo foi só uma ilusão. As noitadas, as bebidas e eu virei um trapo. Não achava mais as mulheres ricas para sair comigo. O dinheiro começou a rarear. Tive então uma ideia, porque não arrumar algumas meninas e mostrar que eu poderia tomar conta delas?

A primeira foi a Rosangela. Uma morena linda. Um corpo lindo. Tinha um dente cariado, mas isto era fácil. Um dentista, e pronto. Conversei com Lidonio, o dono de um hotel de terceira na esquina da São João com a Rua Formosa. Ele me emprestou um quartinho, que dava para iniciar. Se o lucro conforme esperava fosse maior, alugaria outro quarto. Enquanto as meninas usavam com seus clientes eu ficava por ali de olho nelas. Sabia que tinham outros querendo aliciar para seu covil.

Marlene foi à segunda. Baixinha mas um lindo corpo. Recém-chegada de Várzea da Roça uma pequena cidade no interior da Bahia. Marli foi a terceira e última. Não era fácil meu trabalho. Muitos cliente não queriam pagar, outros achavam que podiam espancar e era a hora que tinha de agir. Marli era o tipo de mulher que eu me casaria. Mas ela nunca se interessou por mim como amante. Claro uma vez ou outra dormia com ela. Mas tudo parava por aí.

Ninguém entendia meu trabalho. Para mim um trabalho como qualquer outro. Achavam que eu era um aproveitador, demagogo e explorador de mulheres. Não sou nada disto.

Uma tarde Marlene passou mal. Rosangela correu a me avisar. Levei-a em um pronto socorro. Mau atendimento. Ela ficou lá jogada as traças. Levei-a em um hospital próximo. Pediram uma caução. Dei o dinheiro que tinha no banco. Acharam que era pouco. Gritei para atendê-la e um médico me deu uma hora para ver o saldo. Já tinha ouvido falar no Cicatriz. Ele me emprestou os cinco mil. Pagar a ele em uma semana com juros de vinte por cento.

Durante quinze dias ela ficou entre a vida e a morte. Gastei o que não tinha. Cicatriz veio me cobrar, pedi mais uma semana. Ele deu. Agora dizia, devia a ele mais de dez mil. Marlene saiu do hospital e me pediu para passar uns tempos com sua mãe em Buritizeiro Minas Gerais. Não tinha como negar. Mas o dinheiro não entrava. Cicatriz me deu vinte e quatro horas. Depois iria me cortar todo com navalha. Disse que ia dar meu “pau” de graça para as pombas do Vale do Anhangabaú.

Precisava desaparecer por uns tempos. No dia anterior Cicatriz pelas costas enfiou uma faca pontuda no seu braço. Isto é só o começo, disse. Rosangela fez um curativo. Expliquei as duas que tinha de dar um sumiço. Que elas agentassem sozinhas. Cuidado com falsas promessas de outros homens que poderiam querer me substituir. Peguei um ônibus até Guarulhos lá embarquei para Santo Antônio do Monte. Ia procurar minha mãe. Ela não negaria ajuda. Foi uma viagem cansativa. Mais de quinze horas. Bem no interior de Minas Gerais.

Havia mais de doze anos que eu tinha saído da cidade. Quando o ônibus entrou na periferia vi que nada mudou. As mesmas casas, as mesmas ruas barrentas, o coreto, a igreja, a prefeitura alguma ruas com o mesmo calçamento de pedra. Estava com uma pequena maleta e atrai a atenção de todo mundo. Ninguém parece tinha se esquecido de mim. As moçoilas na janela sorriam e piscavam o olho. A casa de mamãe era a mesma. Uma pintura amarela descascada, uma janela simples e o mesmo portão de ferro do passado.

Mamãe me recebeu com um sorriso. Oitenta e cinco anos. Agora em uma cadeira de rodas. Falava pouco. Dona Mercês era quem cuidava dela. Uma santa, pois o dinheiro que recebia da aposentadoria do meu pai não dava para nada. Mas a casa era limpinha. A roupa também. No quintal sempre tivemos uma horta. Muito tomate, verduras, pés de mamão goiaba e tantas outras frutas que sempre tínhamos alguma não importando o mês. Cheguei sem dinheiro. Mal tinha para cobrir o gasto com um café no bar do Joca.

Os amigos não demoraram a aparecer. Alguns mais duro que eu. Fiquei um bamba na sinuca e ganhava uns trocados apostando. Divaldo foi quem me mostrou a menina virgem. Lá estava ela na praça com sua mãe do lado. – Todo dia ela vem com a mãe. Sentam no banco da praça e depois vão à igreja. Lá sempre tem muitas beatas que acreditam que ela faz milagres. Eu mesmo

nunca vi, mas dona Clotilde disse que a pedra do rim sumiu depois que ela colocou a mão. Divaldo era um pândego. Não contou a verdade. Parecia um pacto de silêncio.

Prestei mais atenção na Virgem. Caramba! A danada era linda. E que rosto meu Deus! Vestia-se de branco e os cabelos cobertos por um manto também branco. Ela me olhou de soslaio. Divaldo riu e disse que podia tirar ao cavalo da chuva. Sua mãe não desgrudava dela. Mas gostei de flertar com a Virgenzinha. Fui para casa pensando que ela seria um “patuá” na cama. Como mudei Nossa Senhora! Dormi sonhando com a Virgem. Ainda não era meia noite e batiam na porta com força. Abri. A surpresa! Era a mãe da Virgem.

- O Senhor tem de vir comigo a minha casa. Ela está tomada de novo. O Demônio não a deixa em paz! Quase um ano sem ataque. Está quebrando tudo em minha casa e diz que se não for lá ele vai desgraçar minha filha! Pelo amor de Deus! Vem comigo! Não estava entendendo nada. Que diabos era o tal demônio? Mas vesti uma roupa as pressas e fui com ela. O que vi me deixou boquiaberto! Ela a Virgem estava nua na porta. Ninguém na rua olhava, pois todos se escondiam atrás das janelas de suas casas.

Seu rosto mesmo angelical tinha um que de maldade. Rosnou grosso e me disse a queima roupa – Ainda bem que veio filho de uma égua, agora você vai-me foder! E com força! Estou doida para dar para você! Deus do céu! O que era aquilo? Não era ela. Estava tomada por alguém que diziam ser o demônio. E que força descomunal! Agarrou-me pelo braço e me arrastava para seu quarto. A mãe gritava e berrava. Pelo amor de Deus, não faça isso com minha filha. Não sabia se ela falava comigo ou com o satanás que estava dentro dela.

O padre José chegou correndo. De novo Dona Maria? – De novo padre. Ela quando viu o jovem na praça começou a se transformar. Nem fomos à igreja. Ela não deixou. Vi que ia dar um espetáculo no meio da rua e corri para a casa. Lá ela se acalmou um pouco, mas tão logo escureceu o Demônio tomou conta dela. Rasgou as roupas, tirou a calcinha e ficou dançando na varada. Não sei mais o que fazer. Padre – O que fiz para merecer tudo isto?

O padre jogou água benta na virgem. Ela olhou para o padre e lhe deu um belo soco no queixo. Com tanta força que o padre caiu desmaiado de encontro à parede. A virgem não me soltava. Rasgou minhas calças, pegou no meu membro e gritou – Bota ele duro filho da puta! Duro? Nunca daquele jeito. Tentei me desvencilhar e nada. Vi encostado atrás da porta um banquinho de madeira. Peguei o mesmo e arremessei na cabeça da virgem.

Ela me soltou e sai correndo pela porta atingindo a rua. Entrei em casa e tranquei a porta. Eu tremia. E como tremia. Que diabos seria isto? Jesus Cristo me ajude, pois nunca imaginei uma coisa desta. Deitei em minha cama e custei para dormir. Acordei tarde. Abri a janela de leve. Nada na rua. Tomei um banho frio e um café bem quente e fui para o bar do Joca. Todos me cercaram. O que aconteceu? Comeu a virgem? Todo mundo sabia do acontecido.

Lembra-se do Joildes? Aquele que trabalhava no armazém do Coelho? Ela encrencou com ele. Um dia arrastou ele para a casa dela. O obrigou a foder com ela. Ela gritava e berrava. Saiu de lá correndo todo ensanguentado. “Ela cortou seu pau e ele ficou ‘cotoco’”. Fugiu daqui e ninguém nunca mais o viu. Estava mesmo assustado. Menos de dois dias na minha cidade e tinha conhecido o inferno. O que fazer? Voltar para a capital era morrer na mão do Cicatriz. Ficar ali a danada ia me capar.

Nem fiquei por muito tempo no bar do Joca. Fui para casa e arrumei minha mala. Quando ia sair o ônibus estava chegando. A surpresa era grande. Nada mais nada menos que Cicatriz nele. O desgraçado deve ter descoberto com as meninas onde eu estava. Não saí de casa naquele dia. Quando amanheceu soube do ocorrido. Ela viu o Cicatriz. Agarrou-o e levou para a casa dela. Dizem que ficou “comendo” ele a noite toda. De manhã ele saiu correndo com a mão no saco. Sangue prá todo lado.

Não sei para onde foi. Nunca mais o vi. Voltei para São Paulo. Minha vida voltou ao normal. Agora fazia boas economias. Abri uma firma fictícia. Só para registrar as meninas e dar a elas um plano de saúde. Quando souberam disto as outras começaram a me procurar. Agora agenciava mais de dez meninas. Arrumei um contador. A firma ia de vento em popa. Cicatriz sumiu. A virgem nunca mais a vi, pois não voltei mais a Santo Antônio do Monte. Acho que lá os rapazes são todos capados. Que se fodam.

Contaram-me depois, muito tempo depois que o padre fugiu da cidade. Também sem saco. Risos. O Coronel Fagundes da Fazenda Córrego D’água comeu ela e não deixou que cortassem seu saco. Acho que o demônio apaixonou pelo coronel. Anda com ela de braços dados pela rua e ela dá grandes gargalhadas. Eu perdi o tesão por um bom tempo. Só de pensar cortarem meu saco ele murchava.

Ainda estou solteiro. De vez em quando dou uma ou outra nas minhas meninas. Aos poucos vou voltando a acreditar que nenhuma delas é a virgem de Santo Antônio do Monte. Que Deus me ajude. Sei que mamãe ainda está viva, mas não pretendo voltar lá nunca mais. Se tem uma coisa que preso muito é meu saco!

O final a pensar

Virgem! Filha minha
De onde vens assim
Tão suja de terra
Cheirando a jasmim
A saia com mancha
Da flor carmesim.
E os brincos da orelha,
Fazendo tlintlin?
Minha mãe querida
Venho do meu jardim,
Onde a olhar o céu

Fui, adormeci.
Quando despertei
Cheirava a jasmim.
Que um anjo esfolhava
Por cima de mim...

Vinicius de Moraes.



Flores do campo

Vejo as flores dos campos tão lindas
Com mil cores e suaves como a seda
Qualquer espécie de flor é bem-vinda
Tanto as da selva como as da alameda

As flores enfeitam todas as veredas
E quando à tardezinha o dia se finda
Peço a Deus do céu que me conceda
Que eu possa ver muitas flores ainda

Pois o mundo sem flores é tão vazio
Como deserto muito quente, sem rio
E sem haver brisa da praia soprando

Como deve ser triste a terra sem relva
É o mesmo que se caminhar pela selva
E não ouvir nenhum pássaro cantando.

Flor do Campo e Árvore da Vida.

Pamela conhecida como Flor do Campo

Todas as minhas tardes eram assim. Não mudavam. Nem sempre podia olhar o por do sol, pois, meu tempo de descanso não existia, ou se existia era uma nuance de momentos. Sabia que o mundo tinha me reservado essa vida. Não haveria mudanças, mas eu me sentia feliz. Afinal estava viva, acreditava

em Deus e tinha a maior das alegrias que uma mulher pode ter. Minha filha. Nalva, ou melhor, Borboletinha como a chamavam.

Meu nome é Pamela, nome que minha mãe achou em um jornal jogado numa esquina do nosso povoado. Achava bonito, mas preferia Flor do Campo. Era assim que ele me chamava. Pedia a todos para me chamar assim. Hoje o dia está lindo, um céu azul poucas nuvens, e já estou vendo o por do sol que vai se esconder atrás das Montanhas dos Pastores. Já fui lá algumas vezes. A última com ele. Foi lindo. Um passeio incrível. Valeu enquanto durou.

Meus vinte e cinco anos ainda mostram que sou bonita. Cabelos negros curtos, olhos cinzentos, não gosto do meu pescoço, acho ele meio grande. Mas adoro meu nariz, minhas orelhas e meus brincos são grandes. Dizem que chamo atenção com eles, mas para dizer a verdade, ele sempre dizia que eu era a mulher mais bela do mundo e nenhuma espanhola poderia se igualar. Sou professora. A única deste povoado quase na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais.

Eu morava em Nova Venécia. Povoado ao norte de Colatina. Diziam que éramos mineiros e outros diziam que éramos capixabas. Uma briga surda entre os dois estados se faziam acontecer a anos. Quase não lia jornais e as poucas notícias eu escutava na Radio Nacional à noite. Ela falava pouco sobre o assunto. Seu tema maior era a cidade do Rio de Janeiro. Nova Venécia tinha menos de cinco mil habitantes e só uma escola. Escola? Bem, uma construção de pau a pique, que quando chovia não tinha aula.

Uns homens do governo estiveram lá uma vez e convidaram moças para um curso rápido de quatro semanas. Tinha só o primário. Mas lia muito e acharam que eu iria servir. Nomearam-me professora primária. Mas cinco desistiram logo. O salário não vinha e quando vinha não era o prometido. Os poucos rapazes na cidade eram comprometidos. A maioria procurava cidades maiores.

Morava só. Minha mãe e meu pai já haviam morrido. A malária os matou. Nunca eu pensei em sair dali até o dia que Venâncio bateu em minha porta. Como era gostoso lembrar. Lembrar-me dele. Do seu rosto, da sua voz do seu sotaque caipira. Meu Deus! Como é difícil esta lembrança doída. Afinal estava com dezesseis anos, e apesar de nova me considerava uma mulher. Desculpem. Era virgem. Até aquele dia. Ainda não era professora. Como disse ele bateu em minha porta. Abri e quando olhei para ele minha mente virou. Era o homem que sonhava!

Estava magro, barbudo e com olheiras. Mas era ele sem tirar nem por! Mandeí entrar sem mesmo perguntar o que ele queria. Sentou no banco em volta da mesa rústica de madeira. Olhou-me, pediu água e se podia dar a ele uma comida quente. Tinha seis meses que não comia nada quente. Só agora notava que estava fardado. Militar mineiro. Claro, esfarrapado, a roupa suja de barro, barba por fazer e tinha um cheirinho de quem não tomava banho há muito tempo.

Disse ia fazer um almoço para ele. O mandei ao meu quintal e lá se lavasse. Existia uma bica de águas cristalinas de uma nascente ao lado do abacateiro. Tinha quase um metro de altura. Ele me olhou assim meio cismado e foi. Levei para ele umas roupas de meu pai. Eram grandes. Deviam servir. O almoço foi frugal. Arroz, carne de porco frita, ovos e farinha de mandioca. Comeu com vontade.

Venâncio conhecido como o Matador

Seis anos encarcerado aqui. Não era ruim. Diziam que só militares e pessoas com curso superior estavam aqui. Eu tinha amizade com todos, só ficávamos na cela depois das dez e as sete já estava aberta. Se não fosse por isso e o tédio, até que dava para morrer ali. Diziam que iria ficar vinte anos. Soube que estudavam um perdão não só para mim, mas a todos que estiveram na “guerra” do Contestado. Guerra. Quando me lembro disto dá vontade de rir.

Porque entrei nessa fria até hoje não sei. Tinha pensado em assentar praça e voltar para minha cidade. Não tinha pretensão de ser mais nada na vida. Uma “vidinha” de soldado, quem sabe cabo e isso seria minha redenção em São Jacinto. Sabia que não tinha muita escolha e lá fui eu e claro aceito logo. Um físico de lutador acho que era inteligente e em um ano já era um “milico” da policia militar.

Nada deu certo nos meus planos. Uma manhã, nos formaram, entregaram-me uma mochila e deram meia hora para preparar para a viagem. Viagem? Claro. Fomos para uma cidadezinha perdida nos confins de Minas Gerais. Agua Doce. Bem perto de Nova Venécia. Passamos por lá e andamos mais umas duas léguas. O sargento desceu todos e nos mandaram fazer uma trincheira. Um sol de rachar. Dois dias furando buraco. Éramos uns quarenta homens. Só no quinto dia fiquei sabendo que estávamos em guerra. Sim era a guerra do Contestado. Minas Gerais contra o Espírito Santo.

Soube mais tarde que por uma simples cobrança de impostos, cada um dizia que ali era seu. Depois me contaram que Minas sem mar queria um pedaço da terra dos capixabas e ter seu navio. Uma merda. Cada dia um sol de rachar. Um calor de matar moscas que voavam a procura do nosso suor fedorento. Fiz amizade com Romualdo. Minha idade, vinte e cinco anos. Contávamos prosas, causos, cantávamos. Ficamos amigos. Achei que seria uma amizade para sempre. Eu gostava dele.

Durante o dia não ouvíamos nada. Nem um tiro. Guerra de merda mesmo. Comíamos mal. Comida fria trazida da cidade em panelões fedorentos. Café aguado. Um pão mais duro que a terra que pisava. À noite os capixabas gritavam – Mineiros! Filhos de uma puta! Vão tomar no cu! E a gente ria e retornava – Capixaba! Filho de uma égua parida! Vou comer o cu da sua mãe! E eram uma profusão de palavrões de um lado e de outro. Depois grandes gargalhadas. Que guerra era essa?

Uma noite Romualdo se encrencou em ir colocar água nos cantis no córrego em frente. Era proibido. Ele servia como divisa de um lado e outro.

Teimosamente escondido lá foi ele. Ouvi um estampido. Não! Saí correndo até ele. O sargento gritando para voltar! Uma saraiva de tiros. Não me incomodei. Lá estava ele deitado de bruços no riacho. Os cantis iam com a correnteza. Sua nuca havia sumido. Um tiro de fuzil estoura tudo. Uma raiva enorme. Tremia. Não pensei outra coisa a não ser em vingança. Coloquei a baioneta e corri em direção aos filhos da puta dos capixabas.

O sargento, o tenente e o capitão gritavam para eu voltar. Não voltei. Tiros. Nenhum me acertou. Pulei na trincheira deles. Atirava e usava a baioneta. Matei mais de dez. Os outros fugiram. Fiquei ali respirando e não sabendo o que fazer. Voltei. Prenderam-me. Mas afinal não tinha acabado com a guerra? Nem uma palavra. Antes da chegada do caminhão fugi. Andei não sei quantos quilômetros. Vi um lugarejo. Uma casa afastada. Bati. Pedi comida. A fraqueza era tanta que nem vi quem era. Um anjo acho eu. Linda. Me deu roupas limpas. Me deu comida. Me deu amor. Me deu carinho e hoje eu sei que me deu a mais linda Borboletinha do contestado. Nalva. Minha amada Borboletinha.

Pamela conhecida como Flor do Campo

Foram os mais belos dias da minha vida. A paixão entre nos foi avassaladora. Andávamos de mãos dadas. Abraçados. Quando acordava achava que era um sonho. Mas lá estava ele. Com seu ronco gostoso. O beijava e nos amávamos. Achava que o mundo para mim era de felicidade. Até o dia que Nalva nasceu. Em uma semana o pior aconteceu. Um caminhão da polícia militar parou na praça do coreto. Vários soldados de casa em casa. Um tenente perguntou por ele. Se apresentou. Levaram-no preso. Me disse que voltaria. Prometeu voltar.

Um ano, dois, quatro seis anos se passaram. Borboletinha cresceu. Era a única que me fazia feliz. Não a felicidade que esperava ter. Nos primeiros anos me mandou cartas. Depois diminuíram. Meu coração partido chorava todas as noites por ele. O crepúsculo para mim era um suplício. A lua cheia me amedrontava. Voltei à escola. Mas já não era a mesma Pamela do passado. Queria fugir. Ir embora com a Borboletinha. Me mandava cartas a principio semanal. Depois mensal e por fim uma aqui outra ali. Até o dia que nunca mais recebi notícias suas.

A vida para mim não tinha mais sentido. Vivia em função da minha filha. Procurava não conversar com ninguém no povoado. Sabia que ninguém iria compreender a minha dor. Sabia sim que todos me condenavam pelo que fiz. Parei de chorar. Não adiantava. Sorria quando Borboletinha sorria. Íamos a todos os lugares onde eu e ele fomos. Até na Montanha dos Pastores. Lá no alto chorei. Borboletinha não entendia. Mamãe – dizia – Não chores! Eu estou aqui!

Uma manhã de abril bateram em minha porta. Corri. Ele? Não era. Um homem simpático, alegre, com o carro na porta me perguntou se tinha mecânico no povoado. Expliquei que só o Tônico entendia alguma coisa. Agradeceu e se foi. Fui à janela vendo-o ir devagar com seu carrinho. A tarde

voltou. Agradeceu. Disse que estava indo para Colatina. Era médico. Iria tomar conta hospital da cidade. Convidei para um café. Do café ficou para a janta e da janta... Nem sei por que fiz aquilo. Seria falta de homem?

Me pediu em casamento. Rafael Saldanha fez o pedido de uma maneira tão simpática que não recusei. Ele e Borboletinha tinham uma química que até hoje não entendia. Amigos ou pai e filha para sempre?

Venâncio conhecido como o Matador

Fiquei preso por nove anos. Um dia vi que vários amigos meus ali no presídio foram soltos. O governador assinou um indulto. Nele não fui incluído. Por quê? Perguntei ao Sargento da guarda. Ele não soube responder. Procurei o capitão e ele nem quis falar comigo. Se afastava quando o peguei pelo braço. Queria uma resposta. Me deu um safanão e um tapa no rosto. Retribuí com um murro direto no seu nariz. Sangue espirrou. Tirou seu revólver me apontou e atirou. O tiro pegou de raspão no ombro. Tomei dele a arma. Descarreguei na sua cabeça. Porque fiz aquilo? Por quê? Não sei.

Sai correndo pelo portão e ouvi muitos tiros. Os prisioneiros não ficavam atrás das grades durante o dia. Tínhamos essa regalia. Afinal éramos militares. Consegui chegar à rua. Parei um automóvel que passava. Entrei ameacei e o obriguei a me levar fora da cidade. Próximo a Ponte Queimada desci. Não sem antes pegar sua carteira. Corri beirando o rio por muitos quilômetros. Avistei um pequeno bote apoitado na margem. Entrei e desci o rio. Muitos quilômetros. Passei um dia e uma noite remando.

Uma fraqueza enorme. Três dias sem comer. Meu corpo tremia. Sabia que se não colocasse alguma coisa no estômago eu iria morrer logo. Lá pelas oito da noite do segundo dia notei na margem esquerda uma pequena cidade. Desci do barco e caminhei pelas ruas e não vi ninguém. Um ou outro veículo passava e eu me escondia. Fiquei numa esquina até de madrugada. Já estava amanhecendo. A fome enorme. As ruas desertas ainda. Avistei uma casinha branca, com rosas vermelhas. Lembrei-me de Flor do Campo. Ela gostava. Em nossa casa tinha muitas.

Bati de leve. Ninguém. Bati de novo ninguém. Insisti e a porta abriu devagar. Um homem barbudo, com um olho parecendo ferido (escorria um líquido escuro) dente cariado me perguntou o que queria. Fome meu amigo. Fome. Não aguento mais. – Suma daqui! Disse. Não me mexi. Vi atrás dele nada mais nada menos que Flor do Campo. Olhos vermelhos, ainda chorava baixinho. Ela me reconheceu. Não disse nada. Falou para o brutamente que tinha uma sobra da janta de ontem.

Sem esperar resposta entrei. O sujeito tentou me barrar, mas ela insistiu. Vi que ele tinha uma arma sob a camisa. Eu precisa comer. E logo. Não tinha forças. Vi que ali tinha alguma coisa. Ela estava sendo subjugada. Mas eu não podia reagir. Sentei-me à mesa da cozinha. Logo ela trouxe um pedaço de pão. Comi com gosto. Nem mastigava a comida. Engolia. Meu organismo precisa

absorver tudo. Só assim teria forças para pegar o tal de jeito. Não vi Borboletinha. Nem pensava porque Flor do Campo estava ali.

As forças estavam voltando. O Brutamonte me deu um tapa no pescoço. – Já comeu que chega! Agora se manda sem bosta! Levantei o garfo na mão esquerda para ele não ver. Enfiei entre seus olhos podres. Ele berrou de dor e não tinha como reagir. Tirei sua arma. Um Colt 45. Dei uma tremenda coronhada na sua cabeça. Tirei seus cadarços. Amarrei suas mãos e seus pés. Flor do Campo me abraçou chorando. Soluçando me contou o que aconteceu.

Ela tinha casado com o dir. Rafael Saldanha. Moravam naquela cidade há anos. O bandido encontrou a porta aberta. Entrou em luta corporal com Rafael e o matou. Ele esta no quarto lá em cima. Ainda bem que Borboletinha dormiu na casa de uma amiguinha. Ela o abraçou e chorava. Montaram um plano. Ele tinha uma identidade do homem que roubou o carro. Parecia muito com ele. Diriam para o delegado que ele era um primo distante do Dr. Rafael e veio fazer uma visita. Foi atacado. Legítima defesa.

Pamela conhecida como Flor do Campo

Pamela nunca esqueceu aquele dia. Nunca pensou que isso pudesse acontecer. Achou que seria feliz para sempre com Rafael. Venâncio apareceu. Uma fatalidade. Resolveram fazer uma vida só deles. Ele contou para ela tudo do que aconteceu no presídio. Se ficassem ali poderia ser preso. Ela colocou a casa venda. Ele já tinha partido para Nova Almeida no Espírito Santo. Ela chegou um mês depois. Compraram uma casinha. Na frente Venâncio montou uma vendinha de secos e molhados.

Venâncio conhecido como o Matador

Venâncio tinha encontrado a felicidade. A mulher que amava e a filha que era seu sonho. Era agora um cidadão honesto naquela cidade e levava uma vida pacata e simples. Sua vendinha não era grande, mas tinham o necessário para viver. Ninguém o procurou. Seu nome não apareceu nos jornais. Achou que o deixaram em paz.

Na Árvore da Vida, Venâncio, Flor do Campo e Borboletinha viveram felizes para sempre!

Crepúsculo de Outono

O crepúsculo cai, manso como uma benção.
Dir-se-á que o rio chora a prisão de seu leito...
As grandes mãos da sombra evangélicas pensam
As feridas que a vida abriu em cada peito.

O outono amarelece e despoja os lariços.
Um corvo passa e grasna, e deixa esparso no ar
O terror augural de encantos e feitiços.

As flores morrem. Toda a relva entra a murchar.

**Os pinheiros, porém viçam, e serão breve
Todo o verde que a vista esparecendo vejas,
Mais negros sobre a alvura unânime da neve,
Altos e espirituais como flechas de igrejas.**

**Um sino plange. A sua voz ritma o murmúrio
Do rio, e isso parece à voz da solidão.
E essa voz enche o vale... O horizonte purpúreo...
Consoladora como um divino perdão.**

**O sol fundiu a neve. A folhagem vermelha
Repontá. Apenas há, nos barrancos retortos,
Flocos, que a luz do poente extática semelha
A um rebanho infeliz de cordeirinhos mortos.**

**A sombra casa os sons numa grave harmonia.
E tamanha esperança e uma tão grande paz
Avultam do clarão que cinge a serrania,
Como se houvesse aurora e o mar cantando atrás.**

Manoel Bandeira



Lúcifer

**Então, Deus, são estas tuas imagem e semelhança...
Por elas varreste-me de teus céus que minha luz esfuziava.
Por tais criaturas, arrogantes e francas,
Interrompeste o diálogo;
Desdenhaste o encontro permanente,
Deste-lhe o amor que só nosso.
Como com todas tuas outras, travestiram-no de tudo:**

Menos de teu amor.

Eu Lúcifer, hei de compor um vírus, uma anti-vida
Escondido no rubro que vida representa,
Tão faminta da vida que criaste,
Que aniquile, com insídias, a obra que amaste.

Que o amor que lhes deste seja a porta
Pela qual entre minha criação, portal da morte.
Tocada por mim, tua imagem te amaldiçoará a cada instante.
E nela, ferida, que te feriei. Porque te amo ainda.
Júlio Dias de Queiróz

A dança da morte

Desde que nasceu Jove ouvia falar em Deus. Sua mãe o obrigava a rezar, o padre a confessar, na escola professoras enchendo sua cabeça de Deus. Sempre quis falar com ele, mas ele nunca o atendeu. Entrava em igrejas, em templos em busca de Deus. Nada. Ficou cinco dias no monte Caparal olhando as estrelas procurando um sinal. Nada. Resolveu ficar jejuando para ver o que Deus faria. Não fez nada. Nando desistiu. Esse Deus não existia.

Se Deus não existe e o diabo? O demônio? O capeta? Ia provar que ele também não existia. Mas para isso teria que fazer a invocação com a Dança da Morte. O que iria fazer seria horrível, mas valeria a pena provar que o inferno não existia. Jove era magrinho, cara de “fuiinha” na escola o chamavam de “porquinho da índia”. Alugou um sitio próximo a cidade. Avisou seus pais que iria fazer uma viagem de um mês para não se preocuparem.

Ele conhecia Safira, uma menina magrinha, com treze anos, muda e que morava com a avó próximo a sua casa. Safira quase nunca saía de casa. Olhos pequenos boca grande, cabelos escorridos, não tinha nada de belo em sua aparência. Nando a raptou quando ela ia a padaria comprar pão. Fazia isso toda a manhã. Colocou em seu fusquinha e partiu para o sitio. Tinha comprado éter e com ele embebido em um lenço viu que Safira tinha desmaiado.

Ao chegar ao sitio, tirou a roupa de Safira, deixou-a nua. Pequena, magra, apenas treze anos não possuía nenhum atrativo sexual. Levou-a ao quintal, colocou-a dentro de um tanque de água fria, amarrou seus braços abertos em duas estacas fincadas ao lado do tanque com cordas finas. Ela não tinha como levantar e teria que ficar dentro da água só com a cabeça para fora. Safira quando acordou estava horrorizada. Abria a boca e só saía grunhidos. Seus olhinhos saltavam como se fosse fugir. A dor era incrível.

Um horror enorme saía de seus olhos quando Jove se aproximava. Ele cortou com canivete varias lascas finas de bambu. A cada hora enfiava uma lasca em uma parte do corpo de Safira. Sempre ria quando o sangue se

misturava a água do tanque. No segundo dia a água já estava vermelha. Com um pequeno alicate, arrancou a força duas unhas de sua mão direita. E duas do pé esquerdo. A pobre da Safira gemia horrorizada tentava gritar um grito que não saía. Desmaiava e acordava. Uma dor tremenda. Não entendia nada do que estava acontecendo.

À noite Jove tirou sua roupa. Pintou-se de preto. Matou um galo que tinha comprado. Espalhou as penas e o sangue em cima de Safira que agora estava desmaiada. Daquele jeito Safira iria morrer no dia seguinte. Não aguentava mais de tanta dor. Jove começou a gritar a meia noite em ponto. Gritava e dançava, cacarejava e pedia – Apareça demônio! Mostre sua força! Mostre que você existe! Onde está você demônio dos infernos! E dava grandes gargalhadas e gritos. Dançou por muito tempo a Dança da Morte.

Estonio acordou assustado. Dois dias como o mesmo pesadelo. Estonio era investigador de polícia e também "Chefe" Escoteiro. Adorava sua profissão e ria quando os meninos e meninas da tropa pediam para ele contar histórias de bandidos em acampamentos ou mesmo na sede. Considerava-se um bom policial. Nunca abusou e nunca deixou de cumprir suas obrigações dentro da lei.

Sempre o mesmo sitio que ele não conhecia. Uma menina indefesa na mão de um maníaco. Teria que ser verdade. Isso só podia ser um sinal de Deus. Teria que descobrir onde era o tal sitio. Sem querer comentou com amigos seu sonho. Estava preocupado. Afinal era casado também e tinha dois filhos homens. Ainda crianças com dois e três anos. Rildo um colega de trabalho lembrou que seu pai alugou um sitio para um homem e que ele tinha comentado que o tal queria só por um mês. Pagou adiantado e dobrado.

Junto ao pai de Rildo ele foi ao sitio. O que viram um verdadeiro terror. Nunca imaginaria algum parecido e olhe, ele era um policial. Tinha visto muitas coisas na sua profissão. Ainda encontraram Safira com vida. Desmaiada. Toda machucada, mas respirava. Em volta pedaços de corpo de um homem todo queimado. Tinha sido esquartejado. Seus membros fediam. Acharam sua cabeça fincada em um bambu. Sua língua para fora mostrando que morrera gritando e horrorizado. Em todos os membros cortados, lascas de bambus pontiagudos. Nas duas mãos e nos dois pés nenhuma unha. Foram todas arrancadas a alicate.

Estonio ficou estarecido. Depois que a ambulância levou Safira, ele olhou e viu em uma porteira próxima fumaça como se ela estivesse queimando. Foi até lá. Viu escrito a fogo nas taboas e o que leu gelou suas veias. Estarecido imaginou o que poderia ter acontecido ali. Dizia: – “Não se preocupem. Ele queria me ver, duvidava de mim. Ele agora vai morar comigo. Lá no meio dos infernos e vai queimar comigo para sempre” assinado o “Demônio”.

O que viu, o que sentiu mostrou a Estonio que não se pode duvidar da morte, das pessoas, de Deus e do Demônio. Não soube explicar quando do

seu relatório policial. Não sabia o que dizer. Escreveu o que viu. Hipóteses somente. Safira se recuperou. Com quinze anos começou a balbuciar. Aos dezoito já falava normalmente. Sua mente apagou tudo que tinha acontecido. A dor do passado agora eram alegrias do futuro.

Não sei quantas vezes outros fizeram a “Dança da Morte”. Espero que não sejam muitos pois seu final é trágico.

Anjo ou Demônio

**Por vezes te quero, anjo
Para afugentar meus demônios
Mas quando estou possuído
Peço-te socorro em meus sonhos**

**Muitas vezes és demônio
Pecando me leva ao delírio
Minha alma fica entregue
Ardendo no seu martírio**

**Anjo que me fascina
Demônio que me instiga
E eu fico envolvido
No mistério que me domina**

**Sedutora e sensual
Me hipnotiza e conduz
Com seu olhar demoníaco
Sugando-me toda luz**

**Possuindo-me aos poucos
Demônio, Lasciva, Mandraca
Salvando-me de meus pecados
Anjo, Mulher, Fada**

**Angelical e endemoniada
Forte como um vulcão
Arrebatou-me por inteiro
Corpo, alma, coração**

André Ferreira



Canção do Adeus

Digo-te adeus e talvez
Ainda te queira
Não sei se vou te esquecer,
Mas te digo adeus
Não sei se você me quis
Não sei se eu te quis
Ou talvez a gente se quis
Demais os dois.
Este meu carinho,
Apaixonado e louco.
Eu o semeei na minha alma
Para te querer a ti.
Não sei se te amei muito,
Não sei se te amei pouco.
O que eu sim sei é que nunca
Voltarei a amar assim.
Fico com teu sorriso,
Gravado nas minhas lembranças
Y o coração me diz,
Que não vou te esquecer.
Mas ao ficar sozinho,
Sabendo que perco você
Talvez comece a te amar,
Como jamais te amei.
Digo-te adeus e talvez,
Nesta despedida.
Meu sonho mais bonito,
Morra dentro de mim,
Mas te digo adeus,
Para toda a vida.
Ainda que toda a vida,
Continue pensando em você,
Continue pensando em você,
Continue pensando em você.
(Horácio Guarany – José Angel Buesa)

A canção do adeus

Há dias eu estava assim. Não me lembrava do meu passado. Não sabia de onde tinha vindo. Lembrar para que? Estava bebendo sempre, achava que não tinha parado nem um minuto. Eu devia ser rico, pois sempre tinha uns tostões para pagar a bebida. Sempre ficava ali naquela cadeira do canto do bar do Joel. Não olhava para ninguém. Não tinha motivo. Conhecia o Joel, o único, o barman que se tornou meu amigo. Ele era prestativo e educado. Não perguntava o que houve, não dava conselhos e não ficava encarando. Os outros bares que já tinha percorrido não.

As madrugadas, Joel me colocava em um taxi e dava o endereço. Joel sabia. Não entendia como o porteiro do prédio me levava até meu apartamento. Abria a porta, me colocava na cama, tirava meus sapatos e ia embora. Devo ter sido boa pessoa. Todos eram gentis comigo. Acordava ainda de madrugada. Suando. Nem me lembrava do que sonhei, mas tinha sido um pesadelo. Tinha sido sempre assim. Levantava e olhava a mesinha. Lá estava meu uísque. Não podia faltar. Nem sabia quem o comprava.

Já começava o dia bebendo. Sentia uma fraqueza no corpo, um vazio, como se fosse explodir para dentro. Devia haver um motivo. Tinha de haver. Mas minha mente se recusava a voltar ao passado. Eu tinha passado? Claro que sim. Todos têm. Parece a piada que dizia assim – “Ontem eu bebi para esquecer. Bebi tanto que esqueci. Hoje estou bebendo para lembrar”. Disso eu me lembro. Risos. Lembro até das outras piadinhas:

- Uma mulher me levou a beber... E eu nem agradei!
- Aos que bebem para esquecer, favor pagar adiantado!
- Quem bebe morre, quem não bebe morre também, então vamos beber!

Eu lembrava, mas não ria. Não achava mais graça. Não achava graça de nada. Preferia estar morto. Acho que era um zumbi, a andar por aí como um morto vivo. Sem nada para fazer a não ser beber. Vesti uma roupa limpa. Uma camisa branca de mangas compridas, uma calça cinza esporte, um paletó também cinza esporte e achei um Mocassin marrom que poderia calçar sem meia. Custei a achar a porta da sala. Nem fechei. Sabia que alguém a fecharia. Na porta do prédio todos me chamavam de doutor. Doutor? Doutor de que? Não respondia. Não sabia o que dizer.

Olhei para o céu, o sol estava se pondo. Tão tarde assim? Achei que tinha dormido pouco. Dormi o dia todo. Meu estomago pedia um bife. Um bife ou um drink? Acho melhor um drink primeiro. Já conhecia todos os bares e restaurantes ali perto. Não gostava de nenhum deles. Sempre me aconselhando. Dizendo o que tinha de fazer. Preferia o bar do Joel. Lá em me

escondia em meu próprio corpo e nem sabia quem estava lá. Peguei um taxi. Só disse bar do Joel. Ele sabia onde era.

Parei na porta. Desci, uma jovem linda me cumprimentou. Boa tarde Doutor Marcio Basseto. Ela sabia meu nome? Chamei-a, ela sorriu e se aproximou. Você me conhece? Quem não conhece o senhor Doutor Marcio Basseto? O maior cientista vivo do país. Riu e se foi. Meu nome é Marcio? Boa bisca não devo ter sido para não me lembrar de nada. E ainda vivo? Estou morto e só ela não sabia. Risos. Entrei no bar do Joel. Foi para minha cadeira e minha mesa. Joel colocou uma garrafa na mesa. Um legítimo Buchanans 18 anos. Não era barato. Mas era o meu preferido.

Chegava ao anoitecer e quando Joel ia fechar eu saia. Sempre o mesmo taxi. O mesmo porteiro, o mesmo apartamento, a mesma cama e os pesadelos. Uma noite no bar do Joel, alguém sentou em minha frente. Doutor Marcio Basseto, permite-me. Permite-me? Já sentou “cacete” falei. Nem olhei, não precisava, varias vezes alguém aparecia para conversar e eu não queria. Conversar o que? Não sabia nada, não me lembrava de nada. Não conhecia ninguém. – Estou aqui a pedido de dona Eugênia Basseto. Olhei para ele. Na casa de seus 55 anos. Cabelos negros grandes com mechas brancas. Um bigode já ficando também branco. Todo o tipo de um advogado.

Doutor Marcio eu estou aqui em nome da Dona Eugenia Basseto. Levantei. Olhei para ele e sai do bar. Não estava a fim de conversar. Não estava a fim de lembrar. Não estava a fim de nada. Cacete! Ele devia saber. Não foi a primeira vez que me procurou. Se eu bebia era para esquecer e não ficar conversando com advogados idiotas. Não queria lembrar-se do meu passado. Pequei o primeiro taxi. Parou, entrei, para onde Doutor Marcio? Era sempre assim, eu era um “merda”. Não poderia me esconder nunca. Me leve ao inferno, por favor! Quem sabe o diabo me dá sossego?

Ele sabia. Levava-me ao bar do Joel de novo. Dava umas duas voltas e voltava ao ponto de partida. Minha garrafa de Buchanans estava lá. Joel sabia que eu ia voltar. Um dia desmaiei na mesa. Joel correu e chamou uma ambulância. Só acordei com o corpo em pandarecos num apartamento de um hospital. Em volta duas enfermeiras e um médico. Gritei – Meu uísque onde está? Ninguém respondeu. Tentei levantar não deu. Fios e buracos no corpo para todo lado. Chorei. Chorava querendo meu drink. Eles não diziam nada. Desmaiei. Acho que me sedaram.

Acordei calmo. Olhei o teto, não era do hospital. Um azul profundo. Não era teto ou era? Eu via o céu. Mas estava em uma cama. Meu corpo não doía. Não tinha fios ligados ao meu corpo. Olhei de lado e não vi ninguém. Muitas árvores. Muitas flores, bem perto uma bica de água doce corria e cantava sons intermitentes como se fosse uma obra de Bach. Johann Sebastian Bach. O meu preferido. Não sabia qual sonata, mas uns sabiás pousaram em

uma árvore próxima. Canários rajados, amarelos e azuis faziam acrobacias no ar.

Onde estava? Uma nuvem branca se aproximava. Era ela. Tinha certeza. Maria Inês se aproximava com aquele seu sorriso que nunca esqueci. Ou já tinha esquecido? Junto a ela de mãos dadas, Darlene de um lado e Mauricio de outro. Todos sorriso se aproximando. Bach estava chegando ao auge com sua melodia. Minha cabeça começou a doer. Gritei alto. Não! Não deixe que ela se vá de novo!

Acordei suando. Gemendo. Médicos e enfermeiras do meu lado. Chega! Pelo amor de Deus! Não me cedem mais. Não estou aguentando! Eles não diziam nada. Apenas sorriam. Um sorriso enigmático. Porque não tiram minha vida? Matem-me ou me deixem ir para o meu lar. A mesa do bar do Joel. Lá pelo menos ele me entende. Ninguém dizia nada. Mamãe estava ali. Assim ela dizia. Claro lembrava que Já tinha dito que desaparecesse da minha vida. Nunca me ajudou. Sempre me odiou por ter casado com Maria Inês. Agora ficava sempre ao meu lado como uma ave de mau agouro.

Na minha mente, tocava harmoniosamente as Sonatas para flauta de Bach. Mas meu estomago pedia meu uísque. Malditos. Tragam meu uísque! Mas ninguém me atendia. Médicos e enfermeiras ali, feito idiotas sorrindo e me sedando. Dormi de novo. Uma sensação de alegria de novo. Lá estava Maria Inês correndo para mim, ao seu lado Darlene e Mauricio. A música aumentava o som. Pedia a Bach para não tocar tão alto as sonatas para flautas. Minha mente começava a gritar, o suor chegava. Tudo desaparecia. Meu Deus! Acho que estou louco. Uma bebida pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus!

Naquele dia quanto acordei não havia médicos. Ninguém no quarto. Levantei cambaleando. Muitos fios. Arranquei todos. Estava amarrado com uma bata azul clara. A bunda de fora. Por baixo nada. Olhei a janela, três andares. Dava para tentar descer. Tinha saliências entre um andar e outro. Consegui chegar ao primeiro depois caí no vácuo. Não perdi os sentidos, mas a perna esquerda doía muito. Mesmo assim saí mancando. Peguei um taxi, nem precisei falar. Levou-me ao meu edifício. Zezé o porteiro abriu a porta e me conduziu ao apartamento.

Lá estava ela, linda, como a amava aquela garrafa. Corri até ela. Coloquei o liquido no copo. Não sei por que nunca bebi no gargalo. Talvez fosse um costume do passado. Não sabia. Sentei em uma cadeira. Fechei os olhos. Enchi o copo novamente. Estava melhorando. Sabia o que fazer. Um banho! Isso! Tinha mais de duas semanas que não tomava um. Escolhi uma camisa azul clara. Mangas compridas. Uma calça azul de mescla. Um paletó marrom esporte. O Mocassim de sempre.

Pela primeira vez resolvi ir ao bar do Joel a pé. Estava um ar gostoso. Já tinha bebido quatro drinks. Notei que todos que me olhavam me

cumprimentavam. Devia ser muito conhecido ou tinha muitas dívidas. Meu estomago doía de fome. Nunca pensava em comer só beber. Vi na esquina um carrinho de cachorro quente. Quanto tempo não comia um? Acho que muitos e muitos anos. Ainda não sabia o motivo, mas agora ia tirar o atraso. Sentei no meio fio, comecei a comer um. Pela primeira vez senti o gosto.

Alguém sentou ao meu lado. Um mendigo. Sujo. Imundo. Um cheiro ruim. Não importei. Pedi ao moço do cachorro quente que fizesse um para ele. Ficamos ali os dois sem falar nada. Comemos quatro cachorros quentes. Levantei, tirei do bolso duas notas de cem, dei para o mendigo. Paguei com uma de cinquenta ao moço do cachorro quente. Fique com o troco eu disse. Se tinha tanto dinheiro no bolso tinha que ser rico.

Já estava escurecendo quando cheguei ao bar do Joel. Alguém na minha mesa. Não gostei. Joel me disse que a moça queria falar comigo. Não iria embora enquanto eu não atendesse. Merda! Merda! Fui até lá. – Diga logo, essa mesa é minha e não gosto de convidados. Ela levantou a cabeça, sorriu. Um sorriso de Mona Lisa. Estava gostando daquele sorriso. Não podia. Tinha um passado que não lembrava e que me proibia.

Sentei. Ela me olhou dentro dos olhos. Tenho uma proposta disse. Obrigado, eu mesmo compro minha bebida. E não gosto de prostitutas. Nada disso completou – Minha empresa tem um bom salário a lhe oferecer se resolver voltar a trabalhar e largar a bebida. Olhei para ela profundamente. Proposta? A única proposta que quero fazer é com Deus se ele me aceitar quando partir desta para melhor. Ela completou - Vou lhe deixar um cartão. Qualquer coisa me telefone.

Levantou-se e saiu rebolando. Pela primeira vez assim achava, senti um pequeno calor no corpo. Logo Joel trouxe meu uísque. Beberiquei devagar o primeiro drink. Não estava entendendo. Só fazia isso quando passava dos dez. Por mais de uma hora não sorvi ele todo. Estava pensando. Mas juro que não sabia em que. Minha mente se fechava quando tentava lembrar. Agora lembrava mais amiúde do meu pesadelo. No início o sonho mais lindo que um homem podia ter depois o seu pior pesadelo.

Pedi ao Joel colocar Bach. As Sonatas para Flautas. Não sei por que a chamava da Canção do Adeus. Tinha de haver um motivo. Não sabia. Não lembrava. Que merda meu Deus! Desculpe Deus! Foi sem querer. Fechei os olhos. Lá estava ela, linda, sorrindo, flutuando em nuvens brancas levadas pelo vento. Juntos Darlene e Mauricio. Mas que diabos eram isso? Quem eram eles? Abria os olhos. Joel atrás do balcão, alguns outros bebendo nas mesas subsequentes. Um reclamou da Sonata de Bach. Joel o mandou para o inferno. Ri baixinho.

Hora de fechar Doutor. Joel agora me chamava de Doutor. Levou-me até o taxi. Este me deixou na porta do meu prédio. Não vi o Zezé. Era outro

porteiro. Onde está o Zezé? - Foi embora. Pediu demissão. Voltou para sua terra no norte. Dizia que lá se vive aqui se vegeta. Pela primeira vez ninguém me levou ao meu apartamento. Subi as escadas com dificuldade. Não quis ir de elevador. Achava que desta vez bebi menos. Precisava me exercitar. No segundo andar senti uma forte dor no peito.

Acordei de novo no tal hospital. Lá estavam duas enfermeiras e o médico. Em pé, feito três panacas. Olhando-me e sorrindo. Não diziam nada. Ao lado minha mãe. Dona Eugenia Basseto. Mãe? Que mãe? Quando conseguia me lembrar nunca pensava em amor, só em ódio. – Ela dizia você vai morrer assim, Marcio Basseto. Eu sei que é o que você quer. Mas não se foge assim dos problemas. Senti uma dor aguda de novo no coração. Médicos acorreram. Massagens cardíacas. Nada. Meu coração parou de bater.

Prólogo

Há três anos, os maiores jornais do país em letras garrafais de primeira página, traziam escritos – DOUTOR MARCIO BASSETO, O PRIMEIRO BRASILEIRO A GANHAR O PREMIO NOBEL. Comparavam-no a Pierre Curie e Maria Curie pelo estudo da radioatividade. A maior descoberta na época. O Doutor Marcio, sem ajuda governamental e muitas vezes gastando do próprio bolso comprovou que a explosão de um tipo específico de estrela no fim de sua vida (supernova) e a análise da luz emitida nessas situações, demonstra que o universo cresce de forma acelerada e não cada vez mais devagar como se supunha.

A nação estava em polvorosa, pois nunca esperavam que um brasileiro pudesse ganhar um prêmio desta magnitude. Dois anos depois, os jornais traziam em letras garrafais na primeira página – O DOUTOR MARCIO BASSETO, É BALEADO NO JARDIM DAS ROSAS, E VIROU HEROI DO POVO. Seis terroristas tentaram matar os filhos do Presidente da Republica, que acompanhado de amigos e seguranças, estavam indo a pé para uma partida de futebol de salão.

O Doutor Marcio Basseto, sua esposa dona Maria Inês e seus dois filhos de seis e sete anos, Darlene e Mauricio, brincavam no jardim das Rosas quando os terroristas começaram a atirar. Doutor Marcio num ato heroico pegou um dos terroristas, tomou sua arma e matou três deles, outros dois ficaram feridos e o sexto fugiu, sendo capturado logo a seguir pela policia. Infelizmente os tiros dos bandidos mataram na hora a esposa e os filhos do Doutor Marcio. Ele levado ao hospital sobreviveu de uma bala alojada no cérebro que o fez perder a memória para sempre.

O Doutor Marcio Basseto e sua mãe dona Eugenia Basseto, pertenciam à aristocracia nacional. Ela sempre requisitada para festas beneficentes. Parece que não se dava bem com o filho. Doutor Marcio, filho

único se distanciou de tudo e de todos quando resolveu se casar com Maria Inês uma jovem simples e humilde que morava em uma favela da capital.

Os jornais do dia trouxeram a última notícia do dia, desta vez em uma página escondida onde se lia – Doutor Marcio Basseto. 1960 – 2008. O famoso físico Doutor Marcio Basseto, morreu ontem à tarde, no hospital Conrado Pacífico, vítima de parada cardíaca. A família enlutada convida para o féretro que será realizado hoje, às quatro da tarde, no cemitério Jardim da Saudade.

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luis de Camões



Inventário das sombras

O que deixou o espólio?
Algo além do imbróglio
de rebuscar documentos
e reencontrar a estirpe

antes mero acessório?

O que sugeriu o espólio?
Que utilizemos
o que nos restou de dignidade
numa derradeira homenagem?

O que exigiu o espólio?
Que alguns naveguem
pelos vales das lágrimas
enquanto outros
no inventário das sombras
não partilhem sequer a dor premeditada?

(Luso poemas)

O fabuloso espólio de Madame Jovina dos Prazeres

Lovelino não parava de pensar. Não pretendia e não queria nada do espólio de Madame Jovina dos Prazeres. Ninguém acreditou em seu amor por Madame Jovina. – Que se danem pensava. Agora ali, esperando uma recompensa? Um absurdo. O que mais ele queria é que ela estivesse ali com ele. Mas sabia que isso não iria acontecer. Ela tinha ido para sempre. Agora só as saudades lhe faziam companhia. Doces lembranças de um passado.

Foi uma exigência do Comendador Praxedes da Aluvião. Achou que foi mais do que um convite. Uma intimação isso sim. Recusar? Impossível. Sentia-se um peixe fora d'água ali sentado na poltrona enorme de couro marrom, legítimo couro inglês (Deve ter custado uma nota!) importado. Nem olhava para os outros que estavam ali. Não eram amigos nunca foram.

Sua mente não parava de buscar o passado. Não fora ninguém até o dia que a conheceu. Uma diferença de idade enorme. Poderia ter sido sua mãe, mas acabou sendo sua amante. Amante? Era muito mais. A mulher de sua vida eterna. Quantos anos se passaram? Muitos. Achava que mais de trinta. Afinal estava com vinte e cinco e agora com cinquenta e cinco não esperava mais nada da vida. Se houvesse um espólio, que os filhos dela tomassem conta. Ele não queria nada. Ao perdê-la perdeu a vontade de viver. Perdeu o sentido da vida.

O Comendador Praxedes da Aluvião além de juiz da comarca da cidade de Santa Genoveva era também o tabelião. Muito respeitado. Um vasto bigode que ele fazia questão de enrolar com os dedos sempre que estava junto a alguém. Usava sempre um jaquetão preto, uma gravata borboleta, uma botina “Jeca-Tatu” preta, não tinha carro e adorava sua charrete que dizia ter sido da

Corte Inglesa. Ninguém o desobedecia. O ultimo que o desafiou está enterrado no cemitério da cidade, em uma cova nos fundos, com uma plaquinha que diz – Aqui jaz, um merda que morreu como um merda! Risos. É verdade. Quem duvidar pode ir lá ver.

Lovelino voltou no tempo e lembrou quando viu Madame Jovina pela primeira vez. Nos seus vinte e cinco anos foi fazer uma entrega de vinhos importados que chegou pelo navio Pirineu no porto de Suape em Recife. Vindos da Itália, comprado especialmente para ela. Fora uma viagem longa. Mas seu chefe o explicou da sua responsabilidade e da figura do Comendador, o intermediário de Madame Jovina. Quando a viu seu coração bateu forte. Ela nem o notou. Agradeceu e ele se foi pensando que aquela era a mulher de sua vida.

Claro, era uma boate de ricos. Cheia de luzes coloridas, cortinas vermelha de seda, um amplo salão com poltronas também vermelhas de couro importado e as mulheres, eram lindas. Novinhas, sempre sorrindo com roupas transparentes. Maquiadas. Vendendo o que tinham de melhor. Mas ele não se interessou por nenhuma delas. Só por Madame Jovina. Uma morena de cabelos presos em coque, um rosto angelical apesar dos seus quarenta e poucos anos, uma face corada, lábios carnudos, vermelhos, olhos verdes, como se fossem duas esmeraldas incrustadas naquele rosto maravilhoso. Seus dentes quando sorria eram perfeitos.

Estranhou, pois Santa Genoveva não era uma cidade grande. Mas depois soube que ali tinha as maiores fazendas de café de todo o país. Exportavam para o mundo todo. Coronéis, Comendadores, Duques, Marqueses, Viscondes eles eram assim chamados. Era fácil comprar um titulo naquela época. Quando se instalou em Santa Genoveva, Madame Jovina sentiu um ambiente propício para montar a melhor boate de mulheres de todo o nordeste.

Procurou primeiro o Comendador Praxedes da Aluvião. Ele a olhou rressabiado. Mas gostou do que viu. Logo desejou estar com ela em uma cama enorme, fazendo estripulias mil. Afinal ainda era jovem. Menos de cinquenta anos. Madame Jovina tinha experiência. Desde que fora expulsa de casa a vinte e cinco anos atrás, só porque se apaixonou por um português fegoso, sabia que sua vida seria aquela. Não uma prostituta qualquer. Mas teria classe. Seria chamada de madame.

Lovelino largou o emprego em Recife e partiu para Santa Genoveva. Com a cara e coragem procurou Madame Jovina e se declarou. Disse que não queria que ela correspondesse, bastava aceitá-lo como empregado. Faria qualquer coisa. Ela não precisava pagar. Refeições e um quatinho para dormir. Em pouco tempo ele dormiu com ela. Um sonho. Achava que era o homem mais feliz do mundo. Ela o ensinou como proceder na cama. Nunca foi o amante perfeito. Sempre fora um “janota” nestas coisas.

Nunca soube se Madame Jovina o amava. Nunca perguntou e ela nunca disse. Mas passaram a dormir juntos e ele já ajudava na direção da casa. Ela

comprou muitas roupas para ele. Ensinou como dar o nó em uma gravata, a escolher a cor certa, a se portar como um cavalheiro. Ensinou como tratar as “funcionárias” para que elas dessem o máximo do seu corpo aos clientes famosos. Conheceu a nata dos grandes fazendeiros. Tinha grande respeito pelo Comendador Praxedes da Aluvião.

Aos poucos foi ficando íntimo de Madame Jovina. Íntimo de sua vida, de suas escolhas, de como guardava as economias. Mas tinha dúvidas. Acreditava que ela não devia entregar tudo para o Comendador Praxedes da Aluvião. Afinal em Recife tinha ótimos bancos e lá seu dinheiro estaria mais seguro. Mas Madame Jovina ria e dizia – Calma meu amigo. Eu sei o que faço. Não nasci ontem. Que seja pensava.

Na cidade ficou conhecido por todos. Era respeitado. Afinal se alguém disse algum contra ele não entraria nunca mais na casa de Madame Jovina. Ela lhe dava algum dinheiro semanalmente, que ele sabiamente guardava em um banco em Recife. Não era muito, mas dava para ele fazer umas economias. Um dia uma surpresa. Ela o apresentou a duas crianças. Manuelita de oito anos e Andresinho de dez. – São meus filhos disse. Estudam na Europa. – Na escola Tasis, uma tradicional escola Suíça. Localizada na região italiana da Suíça, em Lugano. Lovelino não sabia o que dizer. Achou as crianças lindas, mas elas o esnobaram.

Um mês depois voltaram para a escola. Era assim. Uma vez por ano apareciam. Lovelino nunca teve ciúmes deles. Afinal eram filhos. A Cesar o que é de Cesar. Mas seu coração a cada dia ficava mais profundamente apaixonado por Madame Jovina. Seus olhos brilhavam em sua presença. Na suíte dela, na enorme cama de casal estilo Luiz IV, (importada da França) ele acreditava estar em outro mundo. Madame Jovina fazia sexo devagar, sem pressa. Gostava de ficar minutos e minutos sentada no membro dele de olhos fechados suspirando, seus lábios molhados até que um grito forte e ele sabia que ela estava terminando.

Um dia lera um livro onde conheceu a história da mitologia grega dos Doze Deuses Olímpicos. Moravam no Monte Olímpo. Eram peritos na arte, no amor, nos sonhos, e ele se transportava para ali, quando estava nos braços de Madame Jovina. Achava ela superior a Atena e Afrodite. Ah! Afrodite a deusa do amor. Ela teria muito a aprender com Madame Jovina. Ele não era nenhum Zeus, Poseidon, Neptuno, ou mesmo Apolo. Não era bonito. Achava-se feio. Tinha o nariz achatado, seus lábios eram grosseiros, seu cabelo mais para crespo do que liso. Era alto, talvez um metro e setenta e oito. Não sabia. Meio cambota. Risos. Feio mesmo.

Os anos se passaram. Cinco, dez, vinte anos. Os filhos de Madame Jovina cresceram. Manuelita virou uma linda moça. Puxou a mãe. Andresinho também se tornou um rapaz bem afeiçoado. Agora era médico. Ela se formou em Ciências Humanas. Não gostavam de Santa Genoveva. Visitavam a mãe esporadicamente. Ambos moravam agora na Itália. Ambos solteiros. Nem

cartas escreviam. Lovelino notou que ela chorava por eles não darem notícia. Mas ela nunca reclamou com Lovelino. Madame Jovina um dia se desentendeu com o Coronel Liturgo. Ele queria que Márcia Lavínia ficasse com ele. Mas ela estava com Jaubert, por quem tinha se apaixonado.

Era uma situação incomoda. Márcia estava ali para servir a clientela. Agora só vivia com Jaubert. Madame Jovina já a havia repreendido. – “Se gosta dele vá viver com ele”. Mas Jaubert era um perfeito gigolô. Não queria nada. Só mulheres e que elas o sustentassem. Lovelino resolveu agir. Deu uma prensa em Jaubert. Márcia caiu em prantos. Madame Jovina interveio e deu em nada. Tudo continuou como antes. Até que o Coronel Liturgo aprontou uma arruaça em pleno salão. Abarrotado de gente. Gritava, dizia palavrões.

Lovelino foi até ele. Recebeu um soco na cara. Sem consultar Madame Jovina, Lovelino o agarrou pelo paletó e o jogou fora da casa. Ele sacou um revolver e atirou em Lovelino. O tiro pegou de raspão, mas Lovelino tomou dele a arma e lhe deu uns pontas-pé no trazeiro. Foi à conta. Lovelino encontrou um inimigo de morte. Agora era ele ou Lovelino. Melhor que fosse o coronel. Armou uma emboscada a noite. Deu cinco tiros no Coronel Liturgo e dois em seu capanga. Todos desconfiaram dele. O delegado o inquiriu várias vezes. Mas era amigo de Madame Jovina. O assunto morreu por aí.

Lovelino pegou fama. “Jagunço de Lampião” Todos tinham medo dele. Madame Jovina até gostou. Agora em sua “casa” haveria maior respeito. Mais dez anos se passaram. Cada dia mais Lovelino sentia que seu amor crescia. Era como se Madame Jovina fizesse parte dele. Não ficava muito tempo longe dela. O dia inteiro a procurando pela casa. Tornou-se até inconveniente. Ela lhe disse um dia. - Meu amigo Lovelino. Não seja assim, você sabe que eu gosto de você. Aqui nunca fiquei com ninguém. Mas você está sendo “chato” não sai de perto de mim.

Lovelino se tocou. Sabia que não era “dono” dela. Poderia colocar tudo a perder. Tudo que conquistou. Madame Jovina estava com setenta e cinco anos. Mantinha ainda aquela pose altiva, aquele semblante de uma dama irresistível. Lovelino sorria por dentro. Fosse o que fosse era feliz. Muito. Um dia foi a Recife fazer umas compras para Madame Jovina. Ficou por lá cinco dias. Quando voltou encontrou um grande ajuntamento de pessoas em frente à boate. Assustou. Correu e subiu as escadas. Madame Jovina estava deitada na cama de casal, e seus olhos fechados.

Lovelino se aproximou chorando. Minha Deusa! Meu único amor! Você não pode partir! Não pode morrer. Morrerei contigo se você se for. Mas Madame Jovina estava morta. Morte natural. Lovelino chorava como um menino. Estava com cinquenta e cinco anos. Um homem apaixonado. Seu amor partiu. Não havia motivo para ele continuar vivendo. As moças da boate choravam com ele. Não tinham ideia do que iria acontecer. Foram dois dias inconsoláveis para Lovelino. O funeral ele assistiu soluçando. Ninguém para

consolá-lo. Os filhos de Madame Jovina não estavam presentes. Ele tinha passado um telegrama. Sabia que não chegariam a tempo.

A necrópole estava vazia. Todos já haviam ido. Lovelino não. Sentado no mausoléu de Madame Jovina ele não parava de soluçar. Pensou em tirar sua vida ali. Mas era um cristão. Não acreditava que morrendo iria encontrar Madame Jovina. Sabia que não. Sabia que um dia iria encontrá-la. Mas só Deus deveria saber como e onde. Ficou ali no cemitério a noite toda. Os responsáveis vieram dizer para ele que era hora de fechar. Ele não respondeu. Fechou os olhos e a viu em sonhos. Ela dizia que ele fora seu melhor amigo. Quando ele se fosse do mundo ficariam juntos novamente.

O dia amanheceu. Uma garoa fina. Não havia trovões. O céu cinzento. Lovelino foi para casa. Um ultimo adeus a Madame Jovina. Uma pequena rosa ele colocou em seu mausoléu. Reuniu as moças no salão vermelho. Disse que não tinha vontade de continuar. Iria esperar os filhos dela para saber o que fazer. Que elas tirassem umas férias de vinte dias. Depois ele iria dizer o que foi resolvido. Lovelino ficou só na boate. Mandou fazer uma foto enorme dela. Passava horas e horas sentado na cama de Madame Jovina. Olhando a foto dela e sentindo sua presença. Parou de chorar. Alguém devia tomar as providencias necessárias para tudo.

Agora estava ali. Na sala de espera do Comendador Praxedes da Aluvião. Ao seu lado Manuelita e Andresinho. Os filhos de Madame Jovina nem olhavam para ele. Sérios. Mal conversavam entre si. Lovelino se sentia desconfortável. Mas não tinha saída. O Comendador Praxedes da Aluvião o havia convocado para essa reunião. Iria dizer o que Madame Jovina tinha decidido de sua fortuna. Ele não queria nada. Nunca pediu nada. Suas economias no banco em Recife seriam suficientes para ele viver o resto de sua vida.

Nunca mais iria se unir a uma mulher. Para ele só tinha havido uma. Madame Jovina. Ninguém poderia substituí-la. Fechou os olhos e pensava do que seria sua vida daí em diante. O passado se fora. Não iria enterrá-lo. Nunca. Ela iria viver em sua mente para sempre. Fora parte de sua vida. A mais importante. A mulher de seus sonhos. O amor de sua vida. Queria sair dali logo, mas tinha de aguardar. Era surreal tudo que estava acontecendo com ele.

Finalmente o Comendador Praxedes da Aluvião os chamou ao seu escritório. Queria ficar em pé, ouvir e partir. Mas foi obrigado a sentar como os demais. – Que todos fiquem sabendo, que no ano da graça de Nosso senhor Jesus Cristo, no dia 22 de agosto de 1977, dona Madame Jovina dos Prazeres, aqui esteve junto com as testemunhas Sr. Mario Tenedes e Senhor Escrutino Xandoval, ditou seu testamento conforme abaixo escrito e que leio para todos vocês.

De plena posse de minhas faculdades mentais, quero que toda minha fortuna, seja assim dividida: – Tudo que tenho em mãos do Comendador Praxedes da Aluvião seja entregue em partes iguais, aos meus filhos Manuelita dos Prazeres e Andresinho dos Prazeres. Também as terras e fazendas

localizadas no vale do Imbu, próximo ao Rio Quitanda, seja inventariada e dividida entre eles. Caso eles acharem melhor fazer uma divisão entre si, estou plenamente de acordo.

O Comendador Praxedes da Aluvião fez uma pausa. Olhou para Lovelino como a dizer, você não ganhou nada. Mas não foi bem assim. Continuou o Comendador Praxedes da Aluvião – Que minha boate, seus pertences, tudo que ali se encontra seja doado ao meu amigo Lovelino Santo Ângelo, inclusive a escritura da casa, e que ele prometa que irá cuidar das moças, dirigir e dar prosseguimento a tudo àquilo que amei em vida. Lovelino se assustou. Não esperava aquilo.

Os filhos de Madame Jovina se levantaram e se retiraram. Lovelino nunca mais os viu. Não era o que queria. Pensou em vender tudo e ir embora por esse mundo de Deus. Mas não foi esse o desejo de Madame Jovina. Que assim seja. Sua vontade será cumprida. Lovelino cumpriu sua sina. Nunca mais sorriu. Passava horas e horas sentado na cama Luiz IV de Madame Jovina olhando sua foto na parede. Dizem às moças que ali trabalhavam que ele conversava com ela horas e horas.

Conta-se uma fábula, que Lovelino “enricou”. Comprou um título de Marques e se tornou o Marques de Lovelino Loreal. Diz também à fábula que ele deixou os cabelos crescerem, brancos, meios crespos. Um enorme bigode que ele enrolava com os dedos. Comprou um jaquetão azul, gravata borboleta, se tornou um profeta dizendo que os fins dos tempos estavam próximos. Não saía do quarto de Madame Jovina.

Ali foi encontrado um dia. Sentado. Mas mortinho da silva. Seus olhos estavam abertos. A olhar profundamente o retrato de Madame Jovina. Um sorriso em seus lábios grossos dizia que havia encontrado o que procurava no outro lado da vida. Ninguém soube mais nada, pois não sabiam também de onde ele teria vindo, se tinha parentes, nada. As moças resolveram fazer uma sociedade da casa. Descobriram uma carta de Madame Jovina. Nela ela dizia que sempre amou Lovelino e ficaram intrigadas. Porque nunca disse isso a ele?

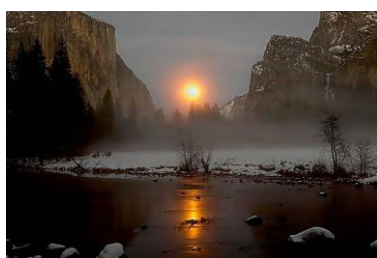
Setenta anos depois, nasceram em uma cidade chamada Pontal do Amor, no interior do Ceará, dois jovens, filhos de pais diferentes. Ela foi batizada de Jovina. Ele de Lovelino. Um dia se encontram em um jardim da praça da cidade. Ela colhendo flores, ele olhando as borboletas. Dizem, ou melhor, a fábula conta que se apaixonaram e que viveram felizes para sempre. Mas fábulas são fábulas. São contadas por escritores, poetas e trovadores. Eu não posso dizer se é verdade ou não. Que cada um faça sua própria história e dê o final que achar válido. Para dizer a verdade, eu não acredito em fábulas! Risos.

- Quanto nos cobra o poema:
- por uma sinfonia de metáforas
 - por uma visita à alma
 - por um deslumbre de vãos?

**Ou desapegado da matéria
doa-nos, ele, complacente
as suas inefáveis asas?**

**O preço do poema, senhores,
é o poeta quem paga!**

(Luso poemas)



O funeral azul

**Parem já os relógios, corte-se o telefone,
dê-se um bom osso ao cão para que ele não rosne,
emudeçam pianos, com rufos abafados
transportem o caixão, venham enlutados.**

**Descrevam aviões em círculos no céu
a garatuja de um lamento: Ele Morreu.
no alvo colo das pombas ponham crepes de viúvas,
polícias-sinaleiros tinjam de preto as luvas.**

**Era-me Norte e Sul, Leste e Oeste, o emprego
dos dias da semana, Domingo de sossego,
meio-dia, meia-noite, era-me voz, canção;
julguei o amor pra sempre: mas não tinha razão.**

**Não quero agora estrelas: vão todos lá para fora;
enevoe-se a lua e vá-se o sol agora;
esvaziem-se os mares e varra-se a floresta.
Nada mais vale a pena agora do que resta.**

O estranho funeral de Jacinto Malaquias

Era estranho, muito. Jacinto não reconhecia aquele salão. Nunca o tinha visto, afinal sua cidade pequena não possuía salões assim. Lá dentro viu várias pessoas, muitos amigos. Seria uma festa? Festa estranha. Todos sussurrando, não havia musica. Grupinhos aqui e ali. Num canto do salão Pedro Bala e Antonio da Linda davam risadinhas sacanas. Claro, eles eram sempre assim. Nanci da Nadir e Napoleão espoleta também estavam lá. Sempre agarradinhos. Os dois namoravam há quinze anos (risos), nem noivos ficavam. Diziam que assim que era melhor.

Jacinto pensou que poderia estar em um sonho. Mas não se lembrava de ter dormido. Claro já tinha tido outros sonhos, mas nunca tão real como esse. Viu no fundo do salão uma figura de um homem que ele não conhecia. Fazia sinais para ele se aproximar. Ao adentrar viu na entrada uma plaqueta escrita – Jacinto Malaquias – 1980-2010. Era ele! Então estava sendo homenageado? Sorriu e entrou. Nunca na vida recebera uma homenagem. Viu seu avô em um canto sentado em uma cadeira de cabeça baixa. Sua avó não estava. Claro morrera cinco anos antes.

Quando estava entrando ouviu um sussurro no salão, olhou e viu Maysa chegando. Estava linda! Toda de preto com um véu negro sobre os olhos. Nossa! Como estava linda! Durante seus cinco anos de casados ele nunca tinha visto ela tão linda. Ela passou por ele sem dizer nada. Ele não se preocupou. Era sempre assim. Ela só o procurava quando queria. Nunca parava em casa. Mas ele gostava tanto dela que além de ganhar seu sustento na sapataria, também fazia a limpeza da casa e as refeições diárias.

Ele sabia disso quando casou com ela. Diziam que era frívola fútil e interesseira. Não era surpresa. Afinal era a única que desde os doze anos só andava com um “micro-saia” que os homens adoravam e as mulheres detestavam. Sabia até que ela tinha vários casos com diversos homens da cidade. No entanto nenhuma mulher se interessou por ele nesses seus trinta anos de vida. Disseram-lhe uma vez que o homem verdadeiro quer duas coisas: perigo e jogo. Por isso escolhe a mulher, o jogo mais perigoso. Seria mesmo? Ela o enfeitiçou. Entrou na sua sapataria com um salto alto que quebrou. Sussurrou baixinho se ele podia fazer alguma coisa.

O que ele não faria por aquela mulher? Todos na cidade a desejavam. Jacinto sabia. É mais claro que o sol que Deus criou a mulher para domar o homem. E olhe, o homem que não mente para uma mulher tem muito pouca consideração pelos sentimentos dela. Risos. Jacinto era louco por Maysa. Depois da primeira vez ele voltou varias vezes na sapataria. Ele ficava sem ter o que falar. Só olhava para ela. Um feitiço isso sim ela tinha colocado

nele. Um dia quando estava fechando ela chegou. Ajudou a fechar a porta e ficaram dentro da sapataria. O que ela fez quase matou Jacinto.

Jogou-o com força sobre uma velha poltrona de couro rasgada. Pegou um cinto e bateu nas pernas dele. Ele estava atônito! Quando ia reagir ela começou a se despir. Devagar. Sensual. Jacinto ficou petrificado! Deus meu! Ela tinha um corpo fenomenal. Única loira autêntica da cidade. Cabelos curtos, olhos azuis profundos. Ficou nua na sua frente. Jacinto não fez nada. Estava tremendo. Ela rasgou as roupas de Jacinto. Ela o possuiu. Jacinto fechou os olhos. Achou que estava no paraíso. Sempre fora assim. Terminavam e ela sussurrava em seu ouvido - “quero mais!”

Casaram-se na igreja de São Francisco numa tarde de setembro. Ele nunca esqueceu aquele dia. Seu vestido de noiva era transparente e mostrava a calcinha biquíni preta. Terminado o casamento, por sinal bem concorrido ela sumiu. Sumiu mesmo da cidade. Voltou duas semanas depois. Foi para a casa de Jacinto. Entrou olhou para ele e não disse nada. Com o dedo polegar fez sinal para ele segui-la. Ele suspirou fundo. Achou que deveria inquiri-la, mas se calou. Ele era assim e aquela mulher o dominava. Toda a cidade sabia como ela era todos os homens a desejavam e Jacinto foi um privilegiado. Ele sabia que ia dividir. Seria normal.

Durante cinco anos seu casamento foi entremeado de idas e vindas de Maysa. Interessante que nunca pediu dinheiro a Jacinto. Sempre quando sumia deixava uma boa quantia em cima da penteadeira. Jacinto não usava. Abriu uma poupança em nome dela. Um dia fechou a sapataria e ao chegar em casa ele viu saindo o Vadico do seu Leôncio. Ele conhecia Vadico. “O garanhão”, todos os chamavam de ‘gostosão da cidade’ o tal ‘Ricardão’. Nem se deu o implante de cumprimentar Jacinto. Ele a encontrou deitada, nua, de pernas abertas, olhando para ele. Claro, esqueceu tudo e cumpriu sua função de marido.

Agora ele estava ali, naquela festa estranha, ou melhor, dizer bizarra depois que Jacinto viu seu pai e sua mãe em volta de um esquife dourado. Ora, quem seria? Porque seu pai e sua mãe estavam chorando? Jacinto viu quando Maysa se aproximou deles e levantando o véu viu que algumas lágrimas desciam dos seus lindos olhos azuis da cor do céu de outono. Queria se aproximar, pois o amigo que tinha feito o sinal insistia em sua presença. Ele foi até ele. O cara que não conhecia sorriu e disse – “Bem vindo ao clube dos chifrudos mortos!”

Ele deu uma gargalhada e sumiu. Jacinto aceitou. Sempre fora pacato e tranquilo. Nunca brigou nem reclamou. A vida para ele era assim. Quando alguém perguntava a ele que “A vida é dura”, ele sempre respondia “Comparada a que”? E ainda completava a vida para os desconfiados e os temerosos, não é vida, mas uma morte constante”. Simplório este Jacinto.

Ingênuo? Não sei. Havia pelo menos umas trintas pessoas na sala, mas em volta do esquife que intrigava Jacinto. De quem seria? Aproximou-se – Nossa! Era ele! Mas não podia ser ele estava vivo, ali presente.

Deu-se conta que ninguém falava com ele. Tentou falar com Maysa. Ele nem olhou para ele. Chamou sua mãe e seu pai. Nada. Alguém cutucou suas costas e ele se virou e outro estranho sorria, com dois pares de chifres na cabeça. Disse – Quando terminar me procure. Sou o chefe do Clube dos Chifrudos mortos. Vou fazer sua admissão no clube. Ria e a valer e saiu como entrou. Viu Maysa ir ao banheiro. Logo em seguida viu Vadico indo para lá. Ele atravessou a porta com facilidade. Maysa estava sentada no colo dele e ele sentado no vaso. Se ele estava morto, até no enterro Maysa botava chifre nele?

Saiu Dalí quando viu dois homens de uniforme dizendo – Chegou a hora, quem quiser que despeça agora. Todos fizeram volta no esquife. O sinal da cruz e os homens fecharam a tampa. Jacinto podia ler os pensamentos e ninguém pensava nele. Ao caminhar nas alamedas da necrópole, viu que os homens só olhavam a “bunda” de Maysa. As mulheres beliscando os homens. Maysa sabia disto e mais se rebolava. Jacinto riu. Gostava disto. Sabia como todos sonhavam em levar Maysa para a cama. Claro muitos levaram, mas ele a levou muito mais.

Chegaram a um canto bem no final do cemitério. Uma roda, a mãe de Jacinto chorava e o pai se despediu dele. Disse um Pai Nosso e Jacinto viu que o pai pensava outra coisa. Vai meu filho, um frouxo, ficará na memória de todos como o maior chifrudo que esta cidade já teve. Jacinto não chorava aquilo era estranho para ele. Todos que se aproximaram do caixão para se despedir aproveitavam a multidão (pequena) para passar a mão na “bunda” da Maysa. Que mulher pensava Jacinto. Até no meu enterro deixava os homens fazendo “continência”.

Só então Jacinto percebeu que o cemitério estava cheio. Tinha centenas e centenas de homens, sentados nos muros, nas cruzes, nos mausoléu e nas catacumbas. Todos com um par de chifres na cabeça. Todos riam. Gargalhavam. Gritavam para Jacinto, “Bem vindo ao clube”. Jacinto riu. Parece ser uma turma boa, acho que vou gostar daqui. Os amigos e parentes se foram. A noite chegou. Jacinto tentou sair do cemitério, não deixaram. Tentou dormir também não deixaram. Jacinto era de paz. Não quis discutir. Sentou em um galho de um abacateiro e lá passou a noite.

Jacinto acordou. Não estava no cemitério. Estava em baixo da mangueira do quintal de sua casa. Ficou de pé. Estava estranho. Muito. Ele sentia que estava vivo, ficou com sede e foi até a pequena bica que passava em seu quintal. Bebeu com gosto. Olhou para a porta da cozinha. Estava aberta. Entrou. Não tinha café. Ele fez. Bebeu e comeu alguns biscoitos. Foi para a

sala. Viu Maysa nua deitada na poltrona abraçada a Vadico. A Televisão estava ligada. Um desenho de Popeye.

Pela primeira vez não gostou do que via. Uma coisa entrou na sua cabeça. Não sabia o que era. Foi cozinha. Pegou uma faca de cortar carne. Voltou e enfiou de uma só vez no pescoço de Maysa. Ela nem gritou. Passou a faca com o sangue no “pênis” de Vadico. Cortou seu saco. Ele berrou. Jacinto bateu com um vaso de flores em sua cabeça. Subiu ao seu quarto, arrumou umas roupas e suas poucas economias. Levou também o cartão do banco onde depositava o dinheiro de Maysa. Ela agora não iria precisar mais.

Saiu sem fazer barulho. Ninguém o viu. A cidade acordou. O padeiro foi entregar o pão. Jacinto não atendeu. O leiteiro entregou o leite. Ninguém atendeu. Dona Cotinha a vizinha achou estranho. Chamou o Delegado. A porta estava aberta. Viu que Maysa estava morta. Ao lado Vadico desacordado. De Jacinto nem sinal. Foi uma festa na cidade. Fofocas de boca em boca. Vadico matou Maysa porque ela cortou seu saco! Que isso, não foi assim. Jacinto cortou o saco de Vadico e matou Maysa.

Vadico saiu do hospital e foi preso. Julgado foi condenado por quinze anos de um crime que não cometeu. Mas na cidade todos ficaram aliviados. Enfim deram um sumiço no Ricardão. Os maridos sorriram. As mulheres iriam sentir falta. Os pais de Jacinto venderam sua sapataria. O delegado desconfiou que eles soubessem onde ele estava. Juraram não saber. Ficou sabendo que Jacinto fez uma Poupança para Maysa. O gerente disse que tudo foi retirado. Não tinha mais um “tostão”.

Seis anos depois, Miguezinho um vendedor de utensílios de alumínio da capital, em uma roda de sinuca no bar do Peixoto Pinto Morto, jurou que tinha visto Jacinto em Pacaraima. Uma cidade fronteira com a Venezuela. Aproximou-se, mas Jacinto disse que seu nome era Alberico das Flores. Miguezinho disse que não discutiu. Jacinto tinha na cintura um parábélum e seu olhar não era de bons amigos. Na pensão disseram que ele era o maior fazendeiro da região. Plantador de soja. Tinha mulher e quatro filhos. Quem diria.

É vida. Hoje uma amanhã outra. Se Jacinto ganhou claro que Maysa e Vadico perderam. Mas quem tudo quer tudo perde não é assim que se fala? O tempo não cura tudo. Aliás, o tempo não cura nada, o tempo apenas tira o incurável do centro das atenções. Aconteceu na cidade de Jacinto. Ninguém lembrava mais dele, mas os homens nunca esqueceram Maysa e sua “bunda” de ouro. Enfim, tudo que existe existe. Talvez porque outra coisa existe. Nada e tudo coexistem: talvez assim seja o certo...

Enterro de Maysa

**Morreu, vai a dormir, vai a sonhar, deixai-a!
(Fale baixinho, agora mesmo se ficou...)
Como padres orando, os choupos foram ala,
Nas margens do ribeiro onde ela se afogou...**

**Toda de branco vai, n'esse hábito de opala,
Para um convento: Não o que Hamlet lhe indicou,
Mas para um outro horror! Que em por nome Vala,
De onde jamais saiu quem, lá, uma vez entrou!...**

**O lindo pôr-do-sol, que era doido por ela,
Que a perseguia sempre, em palácio e na rua,
Vede-o, coitado! Mal pode sustar a vela...
Como damas de honra, ninphas seguem-lhe os rastros,
E assomando no céu, sua Madrinha, a Lua,
Por ela vai desfiando as suas contas, Astros!**

Antonio Nobre



Um beijo

**Foste o beijo melhor da minha vida,
ou talvez o pior... Glória e tormento,
contigo à luz subi do firmamento,
contigo fui pela infernal descida!**

**Morreste, e o meu desejo não te olvida:
queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
e do teu gosto amargo me alimento,
e rolo-te na boca malferida.**

**Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,
batismo e extrema-unção, naquele instante
por que, feliz, eu não morri contigo?**

Sinto-me o ardor, e o crepitar te escuto,
beijo divino! E anseio delirante,
na perpétua saudade de um minuto...

Olavo Bilac Vinte e cinco segundos para morrer!

Tempo atual

Quinta feira – 15 horas

- Você tem vinte e cinco segundos para rezar seu filho da puta. Vou matar você como se mata um cão! Não espere piedade. Você me tirou Leticia nada mais me resta. Vai se encontrar com o diabo nos meios dos infernos! – Eu estava branco, lívido, pálido e tremia. Que situação! Nunca pensei em morrer assim. Tentei falar e não conseguia, só balbuciava. O que fiz? Não podia acreditar no que estava acontecendo. Todos estavam espantados. Assim como eu estavam no lugar errado na hora errada!

Impossível descrever meu pavor. Tudo parecia um grande engano, mas era real. Meu nome é Roberto. Sou um simples professor de história. Não sei o que é violência e nem tampouco estive com ela algum dia. Como fui parar ali era uma situação inusitada. Melhor é começar contando tudo. Incrível como a vida nos reserva surpresas assim. Dizem que na vida temos muitas surpresas. Boas, ruins e inesperadas. Temos de estar preparados para reagir a cada uma delas. Até me disseram que não devemos ter medo de viver e ser feliz. Mas eu não estava vendo assim.

Quarta feira – 22 horas – um dia antes

Tinha rodado por toda a cidade não só nos melhores colégios, mas também aqueles mais humildes. Cinco meses desempregado. Achei que era um bom professor. Sempre a mesma desculpa. Volte no fim do ano, quem sabe teremos alguma desistência de professores e poderemos admitir você? Educadamente é claro. Minha família era muito unida. Casei com Karina há dez anos. Deus nos abençoou com Antero e Maria Eugenia. Um casal de filhos lindos e que agora se aproximando dos oito e nove anos faziam de nossa família o lado extremo da felicidade.

Dizem que a vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente. Nunca tive problemas com minha atividade profissional. Provi minha família de um lar humilde sim, mas cheio de alegrias e felicidade. Era professor de um grande colégio que para surpresa de muitos fechou as portas e me vi na rua. Como não estava conseguindo nenhuma oportunidade, li que uma universidade no interior, por sinal muito bem quisto na sua área, estava oferecendo vagas para professores que tivessem formação acadêmica ou pedagógica.

Karina concordou e até fez planos se fosse admitido. Ela achava que uma cidade menor teria uma vida mais simples, mas bem mais calma e pacata. Peguei o ônibus das 22 horas, e deveria chegar à cidade por volta de 07 da manhã. Uma viagem calma deu até para tirar bons cochilos. Notei com alegria que a cidade tinha aquele aspecto de interior, e era bem provida de árvores com um belo rio cortando de ponta a ponta vários bairros.

Quinta feira – 07 horas – o dia fatídico

A rodoviária era pequena e logo que desci peguei minha maleta e procurei alguém para me informar sobre a universidade. Uma moça próxima a uma banca de jornais me fazia sinais para aproximar. Era uma linda morena de olhos castanhos, grandes, um lindo cabelo negro amarrado em rabo de cavalo e ela sorria para mim. Deus do céu! Ela era linda demais. Fui ao seu encontro, primeiro pela sua beleza segundo porque achei que ela queria algum de mim e não era eu, pois não era bonito, e até tinha o corpo meio encurvado para os meus 42 anos.

Pedi desculpa e se apresentou como Cecília. Queria saber se poderia acompanhá-la até o Banco da cidade, pois iria retirar uma grande quantia em dinheiro e tinha medo e de ir lá só. Poderia ter aconselhado a pedir ajuda a um policial, mas não o fiz. Tinha dúvidas sobre sua história se era verdadeira. Eu estava absorto com sua imagem, pois apesar de amar profundamente Karina, não podia deixar de aproveitar alguns minutos ao lado dela. Não pensem mal de mim. Nunca iria trair Karina. Mas como era cedo, fomos até um restaurante/bar que estava aberto e tomamos um café acompanhado de pães e biscoitos.

Quinta feira – 09 horas – o dia fatídico

Se fosse um bom observador, o que não sou, poderia ter visto do outro lado da rua um pequeno Fiat com três pessoas dentro, a observar nosso colóquio amigo no restaurante. Conversamos amenidades, e eu não sei por que, estava fascinado com aquela mulher. Não deixava de olhar dentro dos seus olhos grandes, seus lábios grossos e vermelhos. Senti-me culpado por Karina. Eu ali com uma bela mulher, agora desejando ela ardentemente e ela a labutar e dar assistência aos filhos que lá ficaram.

Cecília falava naturalmente. Quando ria, sua boca estremecia para a direita e seus lindos dentes apareciam fazendo um trejeito irresistível. Não sei se falou a verdade ou se contou pequenas nuances de sua vida de maneira ficcional só para me enganar. Eu não tinha experiência com mulheres. Nunca tive. Cecília em poucas horas estava me conquistando fazendo de mim um escravo de tudo que ela desejasse. Agora ali, eu não olhava para traz. Este estava sendo o dia mais feliz de minha vida. Vivia ele como se fosse o único, e especial, com uma pessoa especial.

Quinta feira – 10 horas – o dia fatídico

Saímos do restaurante e nos dirigimos ao banco. Sua história do dinheiro me deixou intrigado, mas sua beleza me enfeitiçou. Entramos e ela

procurou o gerente. Não sei o que conversaram, mas o gerente saiu com ela branco como uma folha de papel. Ela me olhou e sorriu. Aproximou de mim e disse – Muito obrigado, não preciso mais de você e me deu um beijo mordido. Um beijo que nunca tive na vida. Foi realmente incrível. Fiquei estático com aquele beijo. Logo vi que a trama que me envolveram não estava de maneira nenhuma preparado para ela.

Os três bandidos que estavam no Fiat entraram armados até os dentes. Mandaram todos deitar e um cliente que demorou levou uma coronhada no ombro caindo como uma pedra no chão. Eu não deitei e o que parecia ser o chefe, um barbudo, se aproximou e me disse baixinho. – Pela sua ajuda vais levar uma parte, agora não se faça de bobo e deite como todo mundo. Eu tremia. Não deitei e ele me olhou de novo e me deu uma rasteira. Mesmo assim não cai. Dei nele um tremendo soco no rosto. Nossa! Nunca fiz isso! Um dos bandidos atirou em mim e Cecília entrou na frente recebendo a bala que a mim era destinada.

Quinta feira – 11 horas – o dia fatídico

Virou uma balburdia o banco. Gente gritando, outros tentando correr para a porta e eu boquiaberto com tudo. Não sabia como reagir. Ouvimos lá fora a sirene do carro da policia. O banco estava cercado. O barbudo que parecia ser o chefe e dava ordens a todos inclusive a mim se aproximou de Cecília. O tiro tinha entrado no ombro e sangrava muito, mas ela ainda estava viva. Poderia ter sobrevivido, mas o barbudo não quis que ninguém a socorresse. Porque não sei. Ela estava de olhos abertos, deitada em uma poltrona e fez um sinal com os olhos para me aproximar.

Fernando Pessoa dizia que o próprio viver é morrer. Não temos um dia a mais na nossa vida que não tenhamos nisso, um dia a menos nela. Foi uma carnificina. Os três ouviram os policiais para se renderem. Fizeram tudo ao contrário. Disseram alto que a cada cinco minutos matariam um se a policia não saísse de frente do banco. Policia do interior, não preparada para esse tipo de ação. Não saíram. Deram um tiro na cabeça do gerente. Cinco minutos depois outro no pescoço de uma moça jovem.

Quinta feira – 13 horas – o dia fatídico

Cecília queria falar e não conseguia. Sua boca enchia de sangue. Fui até ela mesmo com o barbudo gritando para ficar onde estava. Ela baixinho pedia perdão, não queria isso, não era assim que tinham planejado. O plano falhou. Eu teria outro papel. Não sei que papel seria, pois ela morreu em meus braços. O barbudo me deu uma tremenda coronhada com o fuzil que portava. Cai esparramado no chão próximo a um vigilante desmaiado e não desmaiei. Deu para pegar seu 38. Nem sei o que pensei. Não sabia atirar. Nunca dei um tiro na vida.

Meu primeiro tiro pegou no peito do magrinho que não falava e ele caiu duro no chão. Corri atrás do balcão. Uma saraiva de balas pelos dois que lutavam ainda para escapar. Olhei e vi que só tinha duas balas. Mirei no cara do

jaleco preto, ele também quase não falou, mas matou três pessoas no banco a sangue frio. Ele veio na minha direção rindo, debochando e acertei um tiro em sua boca. Ele caiu estrebuchando feito um porco capado.

Quinta feira – 14 horas – o dia fatídico

Ouve um silencio macabro no banco. A policia não se mexia. Não queriam entrar. Receberam ordens da capital. Um major de uma cidade próxima chegaria logo para negociar. Eu fiquei calado e quieto. Só uma bala na arma. O barbudo começou a cantar baixinho e depois cantava alto. Louco, ele é louco pensei. Um homem de idade levantou e saiu correndo em direção à porta. O barbudo o derrubou com um tiro.

Fiquei ali sem saber o que fazer. O barbudo não se aproximou. Não sabia quantas balas tinha e eu achava que ele se amedrontou com meus tiros certos. Não sei por que fiz aquilo. Um simples professor. Nunca tinha usado da violência. Nunca dei um tiro em minha vida. Agora não tremia mais. Fiquei preocupado, pois achava que estava gostando de tudo. Deus meu! Isto não pode acontecer. Uma saraiva de balas entrou pela janela. Fui atingindo no braço e minha arma caiu. Os policiais resolveram atirar não sei por quê.

Quinta feira – 15 horas

- Você tem vinte e cinco segundos para rezar seu filho da puta. Vou matar você como se mata um cão! Não espere piedade. Você me tirou Letícia e matou meus amigos. Nada mais me resta. Vai se encontrar com o diabo nos meios dos infernos! – Ele me pegou desprevenido. Olhava para a porta e ele veio por trás. Não reagi, não dava mais. Só vi a policia de choque invadindo o salão do banco. Ele atirou em mim e o tiro pegou no outro braço. Caiu para trás com vários tiros dados pelos policiais. Acho que morreu na hora.

Levaram-me para o hospital da cidade. Não tinham condições de me tratar. Duas balas em cada braço. Fui para outra próxima. Fiquei lá por 15 dias. Minha esposa me acompanhou. Quando soube veio correndo. Os jornais me tratavam como o herói que salvou muitos reféns. Não salvei ninguém. Nem sei até hoje porque fiz aquilo. Mas me fizeram um herói que nunca existiu. Não adiantava explicar.

Segunda feira – 07 horas – dois meses depois do acontecido.

Meu primeiro dia de faculdade. Fui aceito como professor e todos me olhavam admirados. Não gostava disto. Mas sabia que era um fato e este fato iria desaparecer com o tempo. Karina estava contente com a nova casa. Simples mas uma morada cheia de amor. Meus filhos adoraram a cidade. Fui homenageado por diversos clubes da cidade. O Rotary e o Lyons Clube. O prefeito me deu uma medalha que disse ser a mais alta condecoração já dada a alguém. Não me sentia bem com todas aquelas homenagens. Mas a vida é assim mesmo.

Diziam que na vida, nada se resolve, tudo continua. Permanecemos na incerteza e chegamos ao fim sem sabermos com o que podemos contar. Nunca mais esqueci Cecília. As pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem. Karina nunca soube da minha paixão momentânea por ela. Nunca contei. Se nossas vidas só pode ser compreendida olhando-se para trás, que assim seja. Mas acredito que só pode ser vivida olhando-se para frente.

Sei que os anos irão passar como o vento passa e se vai. Diferente do vento não esqueci. Tudo que aconteceu permanece vivo na minha mente. Amo Karina e não esqueço Cecília. Quem sabe as voltas do mundo me farão ver o outro lado que ainda não tinha visto. A violência nunca existiu em mim até o dia que ela apareceu. O deus da guerra e da violência aparece sempre em atitude de repouso. Não sei quanto tempo ficarei nesta inércia do passado e do presente. Mas se a vida quis assim, quem será eu para mudá-la?

CANÇÃO DE OUTONO

Perdoa-me, folha seca,
não posso cuidar de ti.
Vim para amar neste mundo,
e até do amor me perdi.

De que serviu tecer flores
pelas areias do chão,
se havia gente dormindo
sobre o próprio coração?

E não pude levantá-la!
Choro pelo que não fiz.
E pela minha fraqueza
é que sou triste e infeliz.

Perdoa-me, folha seca!
Meus olhos sem força estão
velando e rogando àqueles
que não se levantarão...

Tu és a folha de outono
voante pelo jardim.
Deixo-te a minha saudade
- a melhor parte de mim.

Certa de que tudo é vão.
Que tudo é menos que o vento,
menos que as folhas do chão...

Cecília Meireles



Ouvir estrelas...

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e entender estrelas"

Olavo Bilac

O doce sabor de um sorriso

Nasci em uma manhã de sol radiante, num pequeno hospital próximo ao bairro que minha mãe morava. Era um bairro humilde, onde os vizinhos tinham respeito entre si, eram grandes amigos e ninguém deixava de ajudar quando preciso. Quando nasci todos sorriram. Mesmo chorando eu tinha um lindo sorriso no rosto. Amargo sorriso. Acompanhou-me a vida toda.

Tinha desprezo pelos espelhos. Não gostava de me ver. Aquele sorriso não se modificava mesmo que quisesse. Podia chorar gritar entortar o rosto e lá estava ele nos meus lábios. Cresci odiando meu sorriso. Na escola todos viviam sorrindo para mim, os professores me olhavam e sorriam. Deus meu! Porque era assim? Uma aberração da natureza?

Os rapazes se aproximavam de mim com extrema facilidade. Claro, eles achavam que eu estava sorrindo para eles e era uma presa fácil. Corpo cheio, seios volumosos, nem gorda e nem magra e meus cabelos para dizer a verdade eram negros brilhantes e todos me olhavam embevecidos. Aqueles que escolhia ficavam comigo pouco tempo. Cansavam do meu sorriso. Achavam que eu estava fingindo.

O namorado que mais durou foi com o Mario Augusto. Oito meses. Até o dia em que ele me levou a um imundo motel e me possuiu brutalmente. Ele também era virgem e fez o que os outros o ensinaram. Ridículo. Nem a roupa tirou. Tinha vergonha. Fez um sexo idiota que eu mesma sendo virgem quase ri da sua estupidez em me possuir.

Até hoje não sei se choro por dentro ou se sorrio. Mario Augusto se vangloriou com seus amigos que eu “dei” para ele sorrindo. Um sorriso idiota de puta “sacana”. Que ódio. Vontade de matar o Mario Augusto. Mas a vida nos ensina muitas coisas. Dizem que a vida é uma grande universidade, mas acho que ela pouco ensina a quem não sabe ser bom aluno e eu acredito não ser uma.

Antes de completar dezoito anos, consegui um emprego. Fiquei nele dois dias. Meu chefe achou que eu estava sorrindo para ele e veio com aquela conversa enviesada. Porque não podia ficar séria? Tirar aquele sorriso “besta” no rosto? Isto não podia continuar assim. Chamei minha mãe e ela conversou com meu pai. Meu pai não se preocupava, achava que eu era feliz. Nunca entendeu por que eu sorri a vida toda ao lado dele.

Um médico me examinou e sorriu. – Linda sua filha! Linda, e que sorriso! Meu Deus ninguém para entender? Resolveram me levar a um psicólogo. Deitei na poltrona e ele me olhando e sorrindo. Não tirava aquele sorriso idiota do rosto. Nunca mais voltei lá. O tempo foi passando, todo mundo me olhando e sorrindo. Acostumei. Sabia que não havia como evitar.

Conheci Joca quando estava uma livraria próxima a minha casa. Tentava achar um livro que procurava há muito tempo. O Outono do Patriarca. De Gabriel Garcia Marques. Foi quando o vi retirando um livro da prateleira. Devia ter visto o livro que procurava e se assim o fosse teria tomado conhecimento de quem era ele, mas como diz um velho ditado, só o tempo sabe a resposta. Um belo jovem. Alto, cabelos pretos bem penteados, magro, e também tinha um belo sorriso.

Foi amor à primeira vista. Apaixonamo-nos e nos casamos em dois meses. Meus pais foram contra. Mas quem segura à juventude? Os seus sonhos? Os seus desejos? Disseram-me uma vez que a infância é a idade das interrogações, a juventude a das afirmações e a velhice a das negações. Será verdade? Não sei. A vida real do ser humano consiste em ser feliz. Isto porque está sempre na esperança de sê-lo muito em breve.

Fui morar com ele em sua fazenda no interior de Goiás. Não era a casa dos meus sonhos, mas vivi com ele uma linda historia de amor. Amamo-nos em todos os lugares da fazenda. Joca era paciente, um amante a moda antiga. Sabia como fazer e eu me tornava super excitada com ele nestes momentos. Uma vez nas margens do pequeno rio Corumbá, um pescador nos viu nus, nos amando como dois amantes sedentos. Ele parou o barco e ficou ali até terminamos. Nunca fui uma “voyeur”. Naquele dia senti um prazer enorme em saber que estava sendo observada.

Vivi mesmo um conto de fadas com Joca. Mas alguns meses depois, notei que ele estava meio estranho quando recebia a visita de Morel da Silva. Morel era um senhor de idade, de uns sessenta anos, uma barba branca, cabelos compridos, amarrados em rabo de cavalo. Ele me cumprimentava com educação. Nunca me olhava diretamente. Não sei por quê. Joca pedia para eu ir dormir e saia com Morel. Aonde iam? O que faziam? Nunca perguntei. Amava Joca e confiava nele. Só voltava de madrugada. Aquilo sempre me intrigou.

Notei que Joca estava mudando de atitude. Não era mais o meu príncipe. Tratava-me muito bem, mas me negava muitas coisas que pedia. A ida a Alto Paraíso se tornou uma raridade. Era a cidade mais próxima da fazenda. Quando precisávamos de víveres, manda o Onofre, um jovem de dezesseis anos, que levava o dia inteiro a cavalo para ir e voltar.

Joca nunca teve um carro. Achava que não precisava. Tínhamos uma charrete, e no principio eu me divertia quando íamos a Alto Paraíso. Mas tudo estava mudando. Uma tarde chamei o Onofre e devagar fui “assuntando” o que ele sabia sobre as saídas de Joca e Morel. Onofre ficou branco, balbuciou alguma coisa que não entendi e saiu correndo. Minha descoberta aconteceu da pior maneira possível.

Joca me trouxe um vestido branco e pediu para vestir. Disse que ia junto a ele e Morel participar de uma “reza”. Será que era isso? Não era. Quando lá cheguei amarrou meus braços e me sentou em uma cadeira. Logo a sala se encheu. Pelo menos vinte pessoas. Todos homens. Começaram a cantar algum estranho, e cada um deles vinha até a mim e passava as mãos sujas de sangue no meu rosto. Sangue de algum animal cuja bacia estava em cima da mesa.

Vi que estava em uma espécie de um altar. E no alto o símbolo de Baphomet. Eles eram da seita os Adoradores do diabo. Meu Deus! Morel era um

espécie de sacerdote. Dizia sempre – “Shemramforash!” e gritava. Grito alucinantes. Todos gritavam também. Era apavorante. Quando Morel parou, todos pularam gritando “Satan!” Alguém tinha um tambor e começou a bater nele com toda força.

Meu corpo tremia. Estava apavorada. E Joca? Onde estava? Como podia deixar que eles fizessem isto comigo? Não havia roupas especiais, só Morel usava uma pele de ovelha na cabeça. Gritei por Joca. Ele apareceu e me disse para ficar calma, não ia acontecer nada. Meu medo era terrível. Joca aproximou-se de mim e de uma vez só tirou minhas roupas me deixando nua e me penetrou com força. Gritei, gemi, pedi para parar, mas Joca parecia estar alucinado.

Uma fila se formou, todos gritando pulando e tiraram seus membros para fora. Joca terminou e desvencilhando das cordas que prendiam a minha mão, me levantei correndo e pulei uma janela aberta. Morel correu atrás de mim. O rio estava perto e saltei de uma ribanceira ainda com parte das mãos amarradas. Se tivesse de morrer que fosse afogada, não naquele ritual macabro. O rio estava cheio. Consegui boiar de costas. Nadava bem. Graças a Deus. A noite escura eles andando pelas margens. Continuei no meio do rio. Não ouvi mais vozes.

Com dificuldade me aproximei da margem. Vi uma canoa. Alguém pescava. Gritei. Socorreu-me e desmaiei. Acordei em uma cabana improvisada em uma mata espessa. Vi meu salvador. Não era bonito. Tinha uma feia cicatriz na face. Não falava. Vi que tinha me desamarrado e estava deitada em uma cama de folhas improvisada. Disse-me que no dia seguinte partiríamos. Deixar-me-ia em Alto Paraíso. Pedi pelo amor de Deus que não. Levasse-me em outra cidade.

A vida tem altos e baixos. Dizem que ela é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso nos dizem para cantar, chorar, dançar e rir. Viver intensamente antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos. Não era a heroína e nem queria ser. Queria voltar a minha vida de antes. Eu era feliz a não sabia. Voltar a minha cidade tinha dúvidas. Acho que Joca e Morel iriam atrás de mim. Meu salvador me disse que não tivesse medo. A vida é maravilhosa dissera. Claro se não tiver medo dela.

Tonho não era bonito, mas tinha uma elegância que não parecia ser um pescador das barrancas do rio Corumbá. Levou-me para sua casa, sua mãe uma simpatia. Não tinha pai e só mais dois irmãos eram seus companheiros. Contei a eles o que aconteceu. Ficaram todos calados. Já sabiam do ritual macabro. Disseram que eu tive sorte. Fiquei na casa de Tonho por três meses e resolvi voltar para a casa de minha mãe.

Dois meses depois Tonho apareceu por lá. Disse que queria que eu fosse sua mulher. Chorei de emoção. Ele era meu salvador não o amava com

paixão, mas achei que podia acontecer. Fomos morar próximo a Parati. Tonho tinha um tio pescador. Fomos bem recebidos. Vivemos felizes, uma felicidade incrível. Hoje nem imagino o que fui. Chegue a cursar o primeiro ano de letras e parei. Agora era a mulher de um pescador.

Tonho sai todas as manhãs no barco com seu tio. Dia sim dia não voltam com muitos ou poucos peixes. Não levo uma vida de ricos. Nada disto. Mas sou muito feliz ao lado de Tonho. Esqueci de dizer, hoje consigo chorar, rir, pensar, cantar e meus lábios me acompanham. Não sei por quê. Talvez pelo susto de ter passado pelo ritual dos Adoradores do Diabo. Estou grávida. Espero ansiosa este filho.

Faz cinco anos que estou aqui. Adoro minha casinha de folha de taipa em frente ao mar. As tardes fico na areia sentada em um banquinho a espera de Tonho. Sempre vejo o por do sol. É um espetáculo que cura qualquer ferida. Dizem que ninguém se preocupa em ter uma vida virtuosa e sim o tempo que poderá viver. Claro todos querem viver bem, ninguém tem o poder de viver muito. Mas eu quero ter muitos filhos, e morar aqui com Tonho agora minha única paixão além dos meus filhos.

Como na vida não há dois momentos de prazer parecidos, tal como não há duas folhas na mesma árvore exatamente iguais, quero fazer de minha vida o que nunca tive. Dois grandes poetas disseram que há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinhos, e outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas! Eu tenho certeza, tenho tudo que almejei. Nada falta para transformar minha vida. Hoje eu vivo com prazer, pois tenho amor no coração e um sorriso nos lábios.

Risos. Desculpem, não disse meu nome. Acho que não importa, importa em saber que hoje meu sorriso é verdadeiro. E acredito que sou feliz. Alcancei a felicidade sem saber!

SONETO DO AMOR TOTAL

Amo-te tanto, meu amor... Não cante,
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante,
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade,
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude,
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente,
Hei de morrer de amar mais do que pude

Vinicius de Moraes



Você
Em cada dia, um ato
Em cada ato, um pensamento
Em cada pensamento, uma saudade
Em cada saudade... Você

Em cada vida, um livro
Em cada livro, uma história
Em cada história, uma lembrança
Em cada lembrança... Você

Em cada momento, um instante
Em cada instante, um saber
A cada saber, uma certeza
A certeza de amar Você!

Lisa Marie

A lenda dos beijos perdidos.

Estava atrás do balcão quando ela entrou. Nem me olhou e nem cumprimentou. Dirigiu-se a mesinha do canto da parede e se sentou. Ficou de

olhos baixos. Não dava para ver seu rosto. Ficou de costas para mim e de frente para a porta da rua. Meu bar era pequeno. Detestava o bar. Herança de meu pai. Só cachaceiros e arruaceiros. Devia ter vendido e sumido desta cidade maldita.

Ouvi sua voz, meiga, macia, deliciosa. Um rouxinol cantando ao nascer do sol. Mas não era o que esperava – Traga-me qualquer lanche quente que tiver e uma dose de Martine. Depois um suco de laranja. Não me olhou, continuou com a cabeça baixa. Pronto, fui a sua mesa. Ela me olhou pela primeira vez. Incrível! Linda! Impossível descrever tamanha beleza. Sorrii, quase caí de costa. Morena jambo, olhos verdes, grandes, cabelos presos em coque, seu rosto liso como a pele de um bebê, uma boca de lábios grossos, vermelhos, deliciosos.

Mastigava com educação. Via-se que era uma mulher de classe. Agora olhando a rua. Quase ninguém. Cedo ainda, cidade pequena. Um buraco perdido no fim do mundo. Fiquei ali olhando para ela e pensando. Chamou-me, pagou. Perguntou onde era a toailete. Mostrei. Uma privada imunda. Limpava só à noite. Ouvi a descarga, olhava a rua e ela veio de mansinho. Deu-me um beijo. Não um beijo comum. Um beijo que nunca na vida experimentei.

Colou seus lábios ao meu. Senti seus dentes mordendo de leve minha língua. Forçou sua língua na minha, passeou em minha boca. Voltava para a língua, forçava. Eu comecei a tremer. Encostou-se a mim seu corpo escultural. Forçou. Gemia baixinho. O desejo a posse seria natural ali. Não tinha coragem. Não estava pronto para o assalto. Ela gemeu alto. Deixou-me. Saiu sem dizer adeus.

Continuei ali por muito tempo. A respiração ofegante. O membro duro. Suava. Uma experiência que nunca tive. Afinal só conhecia algumas putas da cidade. Poucas. Não podia dar esse luxo. O dinheiro era pouco. As moças eram casadoiras. Minha mãe se foi há muito tempo. Fugiu com outro homem. Meu pai nunca disse nada até morrer vomitando sangue. Tuberculoso. Triste destino.

Nasci ali. Agora com vinte e cinco anos. Só o segundo grau. Ir pra onde? Bonito não era. Dinheiro não tinha. Algumas jovens se interessavam por mim, eu não interessava por elas. Chico Negro Monte me ofereceu uma ninharia pelo bar. Fiquei de pensar. Afinal o que faria depois? Em meus pensamentos não vi dois homens de terno e gravata se adentrarem. Sentaram na mesma mesa da moça dos lábios de mel.

Pediram-me duas cachaças. Quando me aproximei um me agarrou pelos cabelos. O outro me forçou contra o tampo da mesa. Socou-me forte nela. Senti uma dor tremenda. Falaram baixinho no meu ouvido. Conte tudo ou vai encontrar seu pai no inferno. Não sabia o que contar. A morena que entrou aqui hoje disseram. O que dizer? Expliquei o que sabia. Um me deu um tremendo soco, o outro me encheu de pontapés. Arrastei-me até o balcão cheio de sangue. Eles nem me olharam mais. Acharam-se os tais. Peguei a faca de cozinha. Enfiei na garganta de um. O outro sacou um revólver. Deu-me um tiro.

Pegou no braço esquerdo de raspão. Com o direito cravei a faca no seu coração.

A cidade em peso agora em frente ao meu boteco. O delegado Idelfonso fazia perguntas. Achou-se o máximo com o crime. Nunca isto aconteceu ali. Expliquei tudo e ele sempre insistindo na mesma tecla. Assistia muito o detetive Columbo na TV. Na semana seguinte me chamou de novo a delegacia. Disse que eu devia sumir. Eles eram bandidos da capital. Uma espécie de máfia. Viriam outros com certeza. E desta vez era para me liquidar.

Vendi o bar para o Chico Negro Monte por dois mil reais. Valia muito mais. A casa era minha, mas tranquei tudo e parti em um sábado a noite. Fui para Campinas. Lá iria decidir o que fazer. Já conhecia a cidade. Nem bem desci do ônibus e vi dois homens em um opala preto me seguindo. Dei a volta no quarteirão e retornei a rodoviária. Comprei passagem para Belo Horizonte. Minha vida agora estava se tornando um inferno.

Cheguei a Belo Horizonte e prestando muita atenção fui até a Estação Ferroviária. Tinha tudo planejado. Comprei passagens de trem para Vitória. Vinte e quatro horas de viagem. Achava estar livre deles. Uma linda viagem. Primeira classe. Dormia quando senti alguém ao meu lado. Impossível! Era ela. Aquele sorriso maroto, sensual. Não falava nada e nem eu. A mulher que me condenou para sempre estava ali ao meu lado. Ela aproximou os lábios de mim de novo, me beijou o mesmo beijo, sensual, forte, cheio de tesão, língua com língua. Eu tremendo, ela gemendo. Ela me dominava. Eu não sabia o que fazer. Sem ação. Mulher incrível!

Muita gente no vagão. Muitos nos olhando, ela nem se importava. E nem eu para falar a verdade. Se ela quisesse faríamos amor ali mesmo na presença de todos. Ouvimos a voz do chefe do trem. Ela se levantou. Tirou da bolsa uma pequena beretta e mandou o chefe do trem sumir. – Se na próxima estação falar com alguém sobre nós, te mato e mais uns cinco aqui no vagão. Deus meu! Com quem eu tinha me metido? Ela me pegou pela mão e me levou até o último vagão. Vazio, cinco pessoas. Ela mandou todos embora.

No que eu estava entrando? Numa fria? Não tive tempo de pensar. Possuiu-me como uma gazela faminta. Sim ela me possuiu. Comandava tudo. Nem tiramos a roupa. Ela levantou a saia e entrou em mim com força. Perdi a respiração. Explodi em um gozo tremendo! Ela não me deu folga. Continuava e não parava. Enfim não agüentei mais e dormi. Acordei com a policia me puxando. Ela tinha sumido. Descemos em Aimorés. Fiquei preso por trinta dias. Soltaram-me numa quarta feira pela manhã. Devolveram-me meus pertences e meu dinheiro.

Resolvi ficar ali naquela cidade. Arrumei uma pensão barata. Não demorou dois dias. Pegaram-me no meu quarto a noite. Uma tremenda surra. Eram cinco desta vez. Arrastaram-me até um buick negro. Viajamos por horas. Eu estava todo machucado. Chegamos a Vitória. Direto ao aeroporto. Um jatinho nos esperava. Dentro o chefão. Eles o chamavam de “Casco Duro”.

Conversa mole, falando feito um homossexual. Não fazia perguntas, só ria com os lábios entortados. Não me olhava. Dizia que eu tinha escolhido o meu destino. Levaram-me para um banco nos fundos da aeronave. Chegamos ao Rio de Janeiro pela manhã.

Em um carro preto que nem vi a marca, fomos para a Barra da Tijuca. Uma bela mansão a beira mar. Entramos. Levaram-me a um casinha com dois guardas. Deixaram-me lá por cinco dias a pão e água. Que “Diabos” era tudo aquilo? Em que me metí? Quando abriam a porta eu me enroscava em um canto com medo de apanhar. E sempre apanhava. Mas naquele dia entrou um dos vigias com ela atrás e sua famosa beretta. Que mulher! Uma coronhada, duas, três e o vigia caiu desmaiado. Fez um sinal com a cabeça para segui-la. Não falou mais nada.

Não havia ninguém de vigia, saímos pela porta dos fundos. Ela tinha um pequeno corsa wagon, cinza. Saiu em desabalada carreira. Nada falou. Deixamos o Rio de Janeiro rumo a Petrópolis. Parou em uma pequena saída e uma vista linda mesmo a noite. Agarrou-me de novo. Deus meu! Que mulher é essa? Mesmo todo ferido, ainda com sangue no rosto ela chupava minha língua com força. Fizemos amor à noite toda. Dormimos. Acordei com ela fora do carro olhando a vista que era realmente espetacular.

Saí, tentei uma conversa. Nada. Ela me olhou e apontou para o carro. Viajamos por quatro horas. Passamos por Juiz de Fora e muitos quilômetros depois entramos rumo a Ponte Nova. Almoçamos nesta cidade. Ficamos pouco tempo. Logo embarcamos. Não me disse aonde íamos. Nunca dizia nada. Parou logo na saída da cidade. De novo me possuiu com violência. Não tinha como recusar. Estava louco de paixão por ela. Ficamos horas fazendo sexo. Nunca vi nada em minha vida.

Estava escurecendo quando chegamos a um sítio perto de Barra Longa pequena cidade de 12.000 habitantes. Uma casa pequena, mas aconchegante. Foram dois meses de amor. Dois meses que ela não me dirigiu a palavra nenhuma vez. O sítio tinha uma senhora que vinha diariamente fazer a limpeza e as refeições. Um dia levantei e ela tinha sumido. O carro não estava na garagem. Dona Matilde chegou para a limpeza. Perguntei.

Francesca era o nome dela. Italiana. Mal falava português. Seu pai a vendeu ainda moça para “Casco Duro”. Moravam em uma pequena cidade na região da Sicília. Na cidade de Palermo. Em uma semana fugiu. Foi pega. Apanhou muito. Matou cinco deles. Fugiu de novo. Casco Duro nunca mais a encontrou. Comprou este sítio ano passado. Sabia da conta bancária de Casco Duro e a senha. Roubou mais de vinte milhões de reais. Passou tudo para a conta dela em um banco europeu. Sabia como fazer.

No sítio ela praticava todo tipo de exercícios. Gastava com balas a mais não poder. Acertava com sua beretta um lata de cerveja a mais de trinta metros. Estava apaixonado por uma Rambo de saias! Meu Deus! Um jovem do interior, sem eira nem beira, agora vivendo esta aventura sem fim? Mas olhe, a

paixão era enorme. Não tinha como sair dali. Ela demorava dois três meses para voltar. Depois desaparecia de novo. Como o vento levado para qualquer lugar.

Quando ficava só, sentava a beira de uma lagoa e ficava a pescar, mas com a mente voando para o passado e pelo presente. Futuro? Creio que nada. Sou um homem dominado pelo medo. Nunca tomei decisões e quando as tomei escolhi as armas erradas. Nunca tive o que quero e o que aprendi em meus sonhos. Acredite não sou cego de orgulho, mas o que sonhei me escorregou pelos dedos. Não me considero um jovem velhaco. Não. Até sou meio religioso. Ia à missa todos os domingos em minha cidade.

Dizem que o amor de mãe por seu filho é diferente de qualquer coisa no mundo. Ele não obedece à lei ou piedade. Ele ousa todas as coisas e extermina sem remorso tudo o que ficar em seu caminho. Seria isto verdade? Não. Para mim não. Minha mãe me deixou com oito anos. Nunca mais me procurou. Eu não sabia o que era amar uma mãe. Foram vinte anos sem ela. Mas agora minha vida tinha mudado. Uma paixão avassaladora. Uma pistoleira de saias. Meu coração explodindo a cada dia que ela chegava.

Ficávamos dias e dias juntos. Ela não dizia nada. Eu não podia acreditar que depois de tantos anos não falasse nossa língua. Porque então? Não sei. Nunca soube. Varias vezes ao dia ela me possuía. Não ria. Por favor. Era assim mesmo. Ela dirigia tudo. Subjugou-me. Transformou-me em seu escravo. Aprendi a aceitar e seu silêncio agora era por mim compartilhado. Ninguém ousa dizer adeus aos seus hábitos. Muitos se detiveram no limiar da morte ao pensar no amanhã sem saber o que esta fazendo hoje.

Assim como chegava desaparecia. O que estaria fazendo? Onde andaria? Um mistério. Um mistério que nunca resolvi. Nunca. Um dia ela não voltou mais. Dois meses, três, seis um ano. Meu coração insistia em me machucar. Uma dor imensa. Sabia que estava morta. Não haveria outro motivo para seu sumiço. Se assim fosse sabia que seria daqui para frente um homem sem alma. Um ser ignóbil e perverso. Não haveria mais motivo para viver.

Um ano e seis meses. Resolvi ir embora. Uma dúvida cruel. Ir para onde? Voltar a minha cidade? Será que “Casco Duro” tinha me esquecido? Não sei. Não me importei se ele me encontrasse e acabasse com minha vida. Resolvi ir ao Rio de Janeiro. Iria enfrentar o bandido cruel. Quem sabe ela estaria lá? Sabia onde morava. Fiz uma campana de cinco dias. Surpresa, meu grande amor estava lá. Ele a mantinha a sete chaves. Agora vi que não estava tão bela. Estava tristonha. Olhos fundos Devia ter apanhado muito.

Esperei a noite. Peguei duas enormes pedras. Pulei o muro. O primeiro vigia caiu como abobora partida. O segundo nem teve tempo para respirar. Tirei suas armas. Entrei pela casa atirando. Ria. Um riso de idiota suicida. Ela estava no quarto. Não acreditou. Saiu comigo pela frente. “Casco Duro” nos esperava. Dei vários tiros nele. Levei outros tantos, mas não cai. Francesca atirava com precisão. Conseguimos chegar a um velho. Mas

bom de corrida. Por sorte só um tiro entrou próximo ao joelho e saiu do outro lado.

Chegamos a Ponte Nova à tardinha. Um lanche e fomos para nosso esconderijo. Vivemos um romance que ninguém e nunca haverá alguém que poderá ter. Um romance de amor que não sei como descrever. Os anos passaram. Francesca não saiu mais do sítio. Dona Matilde se encarregava de tudo. Francesca a pagava bem. Deu até um carrinho para ela. Quando fiz cinqüenta anos, a maldita tuberculose me alcançou. Assim como meu Avô e meu pai. Sabia que ia morrer. Não queria que Francesca tivesse o mesmo destino que o meu.

Comecei a me afastar dela. Não adiantou. Ela me possuía quando queria e eu não sabia recusar. Não tinha como. Francesca era minha paixão. Agora muito mais, meu único e grande amor. Ela também ficou doente. Cuspíamos sangue, mas nunca deixamos de nos beijar. Quando estávamos melhor ela me beijava, como se fosse aquele dia, no meu bar, um beijo ardente, forte, incrivelmente cheio de paixão.

Ela morreu uma semana antes de mim. Foi uma morte sorrindo. Seus olhos tinham pequenas lágrimas e não chorava. Eu também não. Fiquei ali olhando para ela toda a noite. A enterrei no quintal do sítio, a beira da lagoa que apelidei de Solidão. Ficava horas e horas sentado em seu leito de morte. Conversava com ela. Sabia que ela estava ali me esperando.

Morri uma semana depois. Não senti e nem vi como meu corpo se separou do meu espírito. Uma luz forte apareceu e nela Francesca. Linda, com o mesmo vestido que tinha enterrado seu corpo. Só vi quando ela me abraçou e me beijou. A mesma Francesca. O mesmo beijo, o mesmo gosto, a língua quente na minha. Forçando seu corpo ao meu. Onde estávamos? Será certo o que fazíamos? Não sei. Nunca me preocupei com isso. Eu e Francesca nos amamos em todos os lugares da terra. Em lugares lindos onde as flores são mais belas, onde os pássaros gorjeiam músicas maravilhosas. Onde os sonhos são realidade.

Confesso que não sabia o tempo. O tempo agora para nós não existia. O amanhã era hoje e o ontem era agora. Não nos preocupávamos com nada. Só mesmo nosso grande amor. Francesca mesmo ali, na eternidade nunca falou. Nunca me disse nada, nunca me contou sua vida. Eu aprendi a respeitar. Nunca perguntei. Bastava sua presença e com ela eu me completava. Ah, universo. Eu sei que muitas vezes sou levado por uma série de pensamentos. Bons e ruins. Mas não importava e sim o amor que eu e ela estávamos vivendo.

Talvez eu não conhecesse a força da perfeição. Eu não conhecia o melhor de mim. Agora eu me entrego me comprometo comigo mesmo, vou manter minha mente aberta, e a luz que irradia em mim será para sempre ao lado de Francesca! Os espíritos que nos viam na eternidade sorriam e nos cumprimentavam prazerosamente. Soubemos depois, muitos anos depois que

ficamos conhecidos por muitos. Tornamo-nos uma lenda. A lenda dos beijos perdidos! Os amantes e seus beijos apaixonados na terra e no céu!

Meu nome? Eu sou Ninguém. Na terra procurado por crimes de amor. Extremamente perigoso. PROCURADO VIVO OU MORTO! Risos. Estou morto e ninguém sabe...

Olhos Assim

Seus olhos lindos
São como espelhos
Me vejo refletida neles.
Eles me olham
Me partem ao meio
Como uma espada
Transpassasse meu corpo
Seus olhos...
Seus olhos dizem tanta coisa
Dizem da sua saudade
Dizem da minha saudade
Dizem tudo que você quer dizer
E não pode dizer
Seu olhar é minha vida
Minha vida é seu olhar.
Através dele consigo sentir
Tudo que vivi
Tudo que sinto saudade.
Mas, agora tenho a absoluta certeza
Nada acontece por acaso
Seu olhar é meu!
Meu olhar é seu!

Lisa Marie



Sensual

Ainda sinto o teu corpo ao meu corpo colado;
Nos lábios, a volúpia ardente do teu beijo;
No quarto a solidão, desnuda, ainda te vejo,
A olhar-me com olhar nervoso apaixonado...

Partiste!... Mas no peito ainda sinto a ânsia e o latejo
Daquele último abraço inquieto e demorado...
Na quentura do espaço a transpirar pecado,
Ainda baila a figura estranha do desejo...

Não posso mais viver sem ter-te nos meus braços;
- Quando longe tu estás minha alma se alvoroça
Julgando ouvir no quarto o ruído dos teus passos...

Na lembrança revejo os momentos felizes,
E chego a acreditar que a minha carne moça
Nua carne moça até criou raízes!...

J.G. de Araujo Jorge

Perverso entardecer

(Baseado em uma história real)

A brisa da tarde varria as folhas mortas da castanheira em frente à minha moradia. Era uma linda castanheira. Principalmente quando ficava verdejante, e na primavera as castanhas maduras amareladas, faziam com que a criançada subisse na árvore para saborear a fruta doce que ela oferecia. Já não sei mais e nem lembro como foi a minha infância e como era a castanheira no passado. O tempo passou, e durante muitos anos morei em tantos lugares que deles só guardo a lembrança de Ana Laura. Se ela era cheia de graça, formosa, hoje tudo acabou. Eu a vejo como se fosse uma espécie de nômade a buscar um lugar ao sol e que nunca encontrei.

Ana Laura. O meu único e grande amor, por quem dediquei uma vida e ainda tenho dúvidas se foi realmente uma vida. Sempre fugindo. Sempre buscando refúgio e nunca encontramos um lugar onde pudéssemos viver a nossa vida... Não sei se todo homem é poeta quando está apaixonado. Um homem sensato dizem, pode apaixonar-se como um doido, só não pode ser um tolo. Eu fui tudo isso, um louco de paixão, e um tolo como homem. Quanto a poeta não. Nunca fui. Minhas palavras neste sentido saem com dificuldade.

Busco lá no passado, como tudo começou. Meus vinte e três anos. Sonhos. Ambições. Somente um mísero ginásio que não me dava oportunidades na vida profissional. Empregos escassos e as oportunidades não apareciam. Eu tinha lido que a oportunidade bate em nossa porta somente uma vez. Não podemos

deixá-la ir embora. Se ela se for nunca mais vai voltar. Portanto devemos agarrá-la logo. Mas se eu ficasse em casa esperando, sabia que nunca ela viria. Eu tinha que correr atrás.

Consegui através de um amigo, uma oportunidade de ganhar bem. Ganhar bem? Não sei. Era vendas. Nunca fui um bom vendedor. Mas fazer o que? Emprego na minha cidade não tinha. Então me embarquei nesta aventura. Vendia livros. Enciclopédias famosas. Éramos três. Eu Lazio e Paulo. Cidades do interior. Lá estava eu na minha primeira experiência. Após o café no hotel saíamos cedo. De porta em porta. Uma conversa já treinada antes para convencer.

Primeira casa bati a porta abriu. Fiquei pasmo! Espantoso! Ali estava a moça mais linda que já tinha visto. Meus pés viraram chumbo. Minha cabeça ia a mil por hora, meu coração acelerou. Se fosse um cardíaco, ali teria sido o meu fim. Foi assim que conheci Ana Laura pela primeira vez. Nenhum dos dois dizia nada. Eu estático na porta, ela dentro de casa, mas na porta. Um olhava para o outro. Minutos, até que ela balbuciou algum como se fosse, “pois não”?

Entrei. Não sabia como iniciar a conversa para vender meus livros. Ela sorria. O sorriso mais lindo que já tinha visto. Seu olhar, seus olhos, era como se fosse um novo dia para mim. Poderia estar na natureza esquecida, ou na própria essência da vida, ou no frescor da aragem da brisa neste dia que Ana Laura apareceu na minha vida. Ou eu apareci na vida dela. Queria dizer mais, não vender, queria dizer que agora eu viajava no meu mundo de sonhos, pois agora todo o dia seria para mim ano novo, colorido, pois encontrei o meu grande amor.

Ficamos ali conversando, um olhando fundo nos olhos do outro. Conversa banais, mas sabendo que a paixão estava florescendo. Sentia nela um perfume silvestre, como as folhas novas que brotam na primavera. Ana Laura tinha dezessete anos. Pele clara, um sorriso encantador, olhos negros bondosos, cabelos encaracolados castanhos, magra, lindos seios, uma mulher perfeita. Onze horas, uma duas horas. O tempo foi passando, o amor aumentando.

Naquele dia possui Ana Laura. Não foi uma posse, foi mais um sentimento profundo, um amor transformado em pétalas de rosa, usufruindo nosso enlace, dois corpos que se fundiam. Incrível. Sem arrebatamento. Amor sublime, calmo, adorando cada parte, sentindo o doce sabor do clímax, na hora certa, no ponto certo. Ana Laura fechava os olhos, gemia baixinho, aceitava tudo como se fosse a última vez que iria fazer o que estava fazendo. Às seis da tarde me escorreguei do leito e um beijo calmo, saboroso, selou meu até logo. Ela e eu sabíamos que não iríamos parar ali.

Fui para o hotel. Sonhando. Não via ninguém. Os olhos de todos a espreita, vigiando, sabendo o que aconteceu. Um banho sorrindo, cantando, e a mesa do jantar, olhei meus companheiros. Não disse nada, não contei nada. Eles sim disseram como foi o dia. Venderam alguns livros. Meu pensamento estava longe. Jantei, fui para a varanda e fiquei olhando a noite escura. Muitas estrelas

no céu. Não tinha sono, não queria dormir, não queria esquecer a paixão avassaladora que estava sentindo. Eu amava Ana Laura. Agora nunca mais iria deixá-la. Aconteça o que acontecer.

O dia amanheceu. Logo estava a sua porta. Ela me recebeu chorando. Não me deixou entrar. Dizia que eu devia partir. Imediatamente. Se ficasse eu seria morto. Não me explicou. Não disse o porquê. Não havia tempo a perder disse. Não me queria morto e sim vivo. Agora não podia ficar. Tinha de partir dizia. Não estava entendendo e ela fechou a porta. Fiquei ali pasmo, sem saber que atitude tomar. Ouvi um barulho, meu ombro sentiu uma pontada. Tinha levado um tiro. Voltei-me, quatro homens me apontando armas. Mais tiros. Sai em desabalada carreira e eles atrás.

No final da rua virei à esquerda e entrei em um matagal. Consegui me esconder. Eles passaram por mim varias vezes. Ficava imóvel. Foram-se. Fiquei só. E agora? O que eu devia fazer? Voltar ao hotel fora de cogitação. Peguei uma trilha e fui em frente. A bala tinha entrado no antebraço e saído. Não havia sangue. A dor era pequena. Meu lenço de bolso serviu para fazer um dreno. Avistei uma casinha, lá me informaram que a próxima cidade não estava longe. Havia a possibilidade de pegar o noturno que me levaria à capital.

Passado duas semanas, voltei à cidade de Ana Laura. Cheguei à noitinha. Não disse nada a ninguém. Não iria ficar sem ela. Era a mulher da minha vida. Iria propor fugir naquela noite mesmo comigo. Ela iria decidir. Se não iria ficar ali junto a ela e morrer. Minha vida não tinha mais sentido sem ela. Tentando me desviar das pessoas e não ser visto, cheguei e bati a porta. Se o atirador estivesse lá que seja. Não me importava mais. Ela abriu a porta e entrei. Falei o que tinha de falar. Nos abraços, beijamos e ela fez as malas. Pequena, pouca coisa. Saímos sorrateiramente.

Eu tinha poucas economias. Ela tinha algum. Pegamos o trem noturno para a capital. A levei a casa dos meus pais. Cinco dias depois partimos para o interior de Minas. Ela já havia me contado tudo. Era casada com o capitão Levegildo. Intitulavam-se “Polícia de captura”. Era um valente militar que passava dias e dias a procura de bandidos em diversas cidades. Ela não gostava dele. Sabia que não teríamos paz em lugar nenhum. Ele iria nos procurar em todos os lugares. Tinha amigos poderosos.

Durante seis meses ficamos escondidos perto de Guajará Mirim. Uma casinha pequena de pau-a-pique. Trabalhava em uma fazenda de café. Aceitaram-me como auxiliar de escrita. Salário pequeno. Dava para as despesas. Vivi com Ana Laura os mais belos dias de minha vida. Contava as horas e minutos que voltaria para casa. Ela me recebia como um príncipe. Casa humilde. Caixotes servindo de cadeira. Fogão a lenha. Luz de lamparina, uma esteira como cama de casal.

Uma manhã vi diversos cavalos na venda do Zé das Quantas. Sabia quem eram. Corri em casa, juntei alguns trapos e sai com Ana Laura correndo em sentido contrário à estrada de chegada. Andamos a pé quase a noite toda.

Cedinho chegamos a Tarumim, e lá pegamos um ônibus para Visconde de Avelar. Ficamos uns dias na pensão da dona Matilde. No quinto dia vi que não iria conseguir nenhum emprego naquela cidade. Andava de volta a pensão quando um tiro ecoou. Olhei e lá estava o filho da puta do capitão a rir e atirar em mim.

Escondi-me nuns espinheiros próximo ao rio Peroba. Já noite alta fui como um fantasma até a pensão. Ana Laura estava lá, sentada na sala, e ao seu lado o capitão Levegildo. Entrei por uma janela e ele não me viu. Por trás peguei uma cadeira e soquei com força em sua cabeça. Caiu desmaiado ou morto não sei. Eu e Ana Laura juntamos nossos trapos e partimos de novo a pé como sempre. Não havia ônibus àquela hora.

Resolvemos sair do Estado de Minas. Fomos em direção à Bahia. Em Feira de Santana trabalhei uma semana na construção de um Grupo Escolar. Logo que recebi botamos o pé na estrada. Desta vez fomos direto a Salvador. Pretendíamos ver um navio qualquer para nos levar para longe. Difícil muito difícil. O dinheiro era escasso. Minha única alegria era estar ao lado de Ana Laura. Ela estava enfrentando tudo com uma força que me fazia orgulhar da mulher que eu amava loucamente.

Uma tarde chuvosa ela me comunicou que estava grávida. Bendito seja Deus! Eu ria, mas rir por quê? Será que aquele menino ou menina teria futuro? Não sei só o tempo sabe a resposta. De novo um tiro, de novo senti a picada desta vez nas navegas. Maldito capitão. Maldito. Não nos dava trégua. Onde fossemos ele estava atrás. Como ele estava à paisana foi preso por dois militares que estavam próximos. Deu tempo para fugir. Mas a bala ficou alojada em um lado das minhas nádegas. Sangrava bastante e Ana Laura fez compressas durante as paradas de ônibus. Desta vez nos dirigimos a São Paulo. A maior cidade do país. Seria difícil sermos encontrados.

Durante mais de dez anos, vivemos uma vida cheia de alegria e felicidade. Nestor nasceu em fins de outubro, hoje com nove anos e meio. Um lindo garoto. Estuda, é um ótimo filho. Ana Laura mantém seu belo sorriso. Ainda é a mulher mais linda do mundo! Estava aproximando o natal. Eu trabalhava como mestre de obras em uma grande empreiteira. Ganhava bem. Tínhamos um casa boa em um bairro da zona norte.

Recebi um telefonema de Ana Laura e ela estava desesperada. Nosso filho tinha sido raptado. O capitão Levegildo nos tinha descoberto. Maldito. Maldito mesmo! Nunca teríamos sossego. Pegou meu filho e disse a Ana que só o soltaria se eu fosse buscá-lo pessoalmente. Não tinha medo, mas não andava armado. Fui até onde ele estava. Nem bem me viu e me deu um tiro certeiro. Entrou na barriga, caí desmaiado. Ele veio rindo e atirando, mas cinco tiros. Um na perna, outro na coxa direita, outro no pescoço, os demais não me atingiram.

Ele soltou meu filho e levou com ele a força Ana Laura. Deixou meu filho com um vizinho. Fui dado como morto. Fiquei entre a vida e a morte por seis meses.

Recuperei mas andava coaxando. Juntei a pequena economia que tinha e comprei uma Magnum 357 semi-automática. Deixei meu filho aos cuidados de uma comadre, que morava próximo a nossa casa. Sabia onde encontraria o capitão Levegildo. Cheguei a Don Marcos pela manhã, em um pequeno Fiat que tinha comprado. Fui direto a casa dele. Não estava lá. Ana Laura quando me viu correu e me abraçou chorando.

Ela me disse que ele estava na delegacia. Pedi a ela para juntar tudo e entrasse no carro na parte de trás. Fui direto a delegacia. Desci e o vi em pé na porta conversando com outro policial. Dei oito tiros nele. Fugi correndo no Fiat. Seu amigo ainda atirou e atingiu Ana Laura na cabeça. Fiquei maluco. Acelerei mais e na primeira cidade deixei Ana Laura no hospital, mas não podia ficar. Agora seria caçado por toda a policia do estado.

Passaram-se dois anos. Mandeí uma carta no meu antigo endereço e lá estava Ana Laura que tinha sobrevivido. Liguei para ela e disse que fosse me encontrar em Porto Alegre. Que felicidade em estarmos junto novamente. Nestor agora tinha quinze anos. Um belo jovem. Conseguimos em um caminhão de transporte de grãos, ir até a divisa com o Paraguai. Em Villarica uma pequena cidade no interior do Paraguai alugamos uma casinha. A felicidade tinha voltado as nossas vidas.

Mais três anos e um dia, lá estava de novo o filho da puta do Capitão Levegildo. O desgraçado não tinha morrido. Desta vez não errou. Matou com um só tiro Ana Laura. Meu filho também foi atingido e morreu. Fiquei transtornado, fui em casa correndo e consegui alcançá-lo na fronteira. Um tiroteio feio. Mas desta vez ele estava morto. Para não haver duvidas dei quinze tiros em sua cabeça. Virou uma peneira. Eu também estava morto, tinha perdido tudo. Tudo que mais amava na vida. Maldito, se amava Ana Laura porque a matou?

Passaram-se mais de quarenta anos. Voltei para a casa dos meus pais em belo Horizonte. Eles haviam morrido. Nunca mais fui importunado. Ainda faço uns biscates com minha idade. Estou beirando os setenta e oito, mas me considero forte e mesmo sentindo o peito vazio, uma saudade imensa. Ainda ando sem precisar de ajuda. Acho que não tenho mais coração. Não sinto nada por ninguém. Dizem que a vida é conforme nosso merecimento. Não sei.

Meu amor hoje está escondido no fundo do meu ser. Minhas saudades é amar um passado que ainda não passou. Não posso recusar o presente mesmo ele me machucando. É como se a saudade fosse o inferno dos que a perderam e a dor dos que ficaram. Parece que o gosto da morte me acompanha e ela não vem. A cada dia peço a Deus que me leve, pois tenho certeza que Ana Laura me espera lá no céu, onde as flores são mais lindas, onde as cores são mais vivas, onde o sorriso faz parte do amanhecer e do por do sol. Sei que meu dia irá chegar e eu e Ana Laura iremos viver felizes para sempre...

Desculpem. Esqueci de dizer meu nome. Podem me chamar de Rodrigo, aquele que foi sem nunca ter sido...

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Carlos Drummond de Andrade



Não tenho medo do frio, não tenho medo de nada
Não tenho medo da vida e com ela me sinto forte,
Minha vida é tristonha, talvez a chuva molhada
Lembra-me do meu pavor, o choro da madrugada
Só a solidão me apavora, por isto não tenho sorte
E repito mil vezes se preciso, não tenho medo da morte
Oswaldo, um escoteiro

A sombra do medo

Eu tinha 16 anos quando matei meu pai. Não se assustem. Ele merecia. A morte para ele foi até um bálsamo. Eu devia tê-lo capado como se capa uma porca no chiqueiro quando o matei. Não sei se éramos uma família feliz. Não sei mesmo. Eu minha irmã mais velha e a minha mãe estávamos sempre juntas. Quando meu pai vinha da lida na roça, nós ficávamos apavoradas. Meu pai estuprou minha irmã quando ela fez onze anos. Minha mãe não pode fazer nada. Ele a amarrou no pé do Juazeiro que tinha em frente de casa. Eu ele não se preocupou. Tinha apenas seis anos.

Dizem que tudo tem uma primeira vez, depois a culpa não mais existe. Torna-se uma rotina. Meu pai fez de minha irmã, uma puta particular. O ódio começou a tomar conta de mim já com meus sete anos. Minha mãe tentou tudo,

mas não conseguiu nada. Só perder todos os dentes da boca, devido à sova que levava todos os dias. Minha irmã ficou prenhe e quando nasceu seu menino ela não agüentou e morreu ao dar a luz. Meu pai pegou o bebê e o jogou nas águas do rio Curimataú. Nem soube se ele estava vivo. Se estava às piranhas o comeram vivo.

Nosso vizinho mais próximo ficava a mais de vinte quilômetros. Meu pai plantava mandioca, abobora na barranca do rio, tínhamos um pouco de feijão que ele cultivava na larga do capão redondo. Ali também tinha feijão. Soltas em no pasto, oito vacas nos dava o leite do dia. Ovos não faltava, as galinhas ciscavam em volta da casa. O rio era piscoso. Não passávamos fome, mas ele tinha outra fome. Insaciável. Não dava sossego a Barbara. Era de manhã, de tarde e de noite. Um dia pegou uma vara grossa de marmelo e bateu em minha mãe até ela morrer implorando perdão. Perdão não sei de que.

Nessa época tinha feito 10 anos. Meu ódio já existia e eu o olhava como se olhava um monstro. Não sabia que monstro era. Eu não conhecia nenhum, mas tinha ouvido falar. Não aprendi a ler e nem escrever. Meu pai enterrou mamãe junto a Barbara, lá bem próximo à curva das cinco pontes. Não, claro que não havia pontes. Nem sei por que esse nome. Ninguém estranhou. Ninguém deu falta de mamãe e da minha irmã. Não recebíamos visita. Todos tinham um enorme medo de papai.

Na primeira noite que ficamos sozinhos, ele se embebedou de cachaça. Me pegou pelos cabelos, rasgou minhas roupas e me comeu como se comesse uma franguinha no mato. Gritei de dor. O maldito nem aí. Quando ele entrou em mim, que dor dos infernos! Filho da Puta eu penso até hoje. Dez anos. Violentada pelo próprio pai. Virei daí em diante, a nova puta de papai. Onze anos, doze, treze e engravidei. Meu neném nasceu e ele o pegou ainda sujo do meu útero. O pobre ainda chorava quando meu pai o jogou no rio. Implorei para não fazer isso. Mas ele nem ligou. Me deu um chute no rosto. Parei de chorar. Agora não falava mais nada. Não valia a pena.

Quando fiz dezesseis anos, resolvi acabar com a vida dele. Chegou da lida, pegou a garrafa de cachaça e bebeu feito um porco. Eu sabia como era. Todos os dias a mesma coisa. Se embebedava e vinha me comer. Sem banho, sujo fedendo feito macaco prego do peito amarelo. Naquele dia fingi que gostava, ele estranhou. Disse-me até umas palavras carinhosas. Trouxe mais cachaça. Ele bebeu e ria babando no seu corpo nu. Ficou desfalecido na cama. O arrastei até o pé de Juazeiro e coloquei óleo e querosene que usávamos para as lamparinas, e risquei o fósforo com prazer.

Ele berrava de dor, tentou levantar, mas estava muito bêbado e eu tinha um pau enorme e grosso nas mãos. Dei nele uma cacetada e ele desmaiou queimando como se queima a roça abandonada. Ele ainda gemia e eu sorria. Por minha mãe, por Barbara dizia. Pelos bebês que você jogou para as piranhas. Quando o fogo apagou ele ainda não tinha morrido. Peguei a faca de cozinha e cortei o membro dele. Ainda deu um grito estridente. Agora sim,

estava morto. O joguei no rio para as piranhas. Não merecia um enterro decente.

A vida mudou para mim. Estava agora sozinha. Não tinha idéia do que devia fazer. Meu nome é Branca, minha mãe dizia que significava luminosa, brilhante e eu era uma moça receptiva e otimista. Não sei. Não era nada disto. Eu nunca tive vida própria. Fui até a roça de papai e vi que podia colher muita coisa. Não sabia plantar, mas eu iria aprender. Aprender? Afinal será que ia ficar ali sozinha de novo? Cheguei à conclusão que devia partir. Para onde não sabia. Mesmo assim fiquei mais oito meses sem saber aonde ir.

Modesto apareceu pela manhã, assim, como se não quisesse nada. Disse que estava de passagem. Perguntou pelo meu pai e minha mãe. Disse mentindo que tinham ido a Lázaro Feliz fazer compras. Lázaro ficava a vinte e dois quilômetros e a pé, quando meu pai ia até lá, demorava dois dias para voltar. Ele apeou do cavalo mesmo sem eu o convidar. Me pediu um gole d'água. Eu já sabia no que ia dar. Afinal ainda era bonita. De pele clara, cabelos castanhos, seios desenvolvidos, um belo corpo para os meus dezessete anos.

Ele entrou em casa sem me pedir e me chamou dizendo que ia me comer. Outra vez? Pensei. Modesto era forte, muito. Eu não tinha como lutar com ele. Fingi aceitar. Fui até a cama da cozinha, ele tirou a roupa, ficou nu com um membro enorme balançando. Sorri para ele, e comecei a tirar a roupa, disse que antes tinha de lavar o que ele queria. Ele riu. Fui até o gaveteiro, tirei uma enorme faca de capar e limpar porco. Tirei a roupa e com a faca escondida nas costas me aproximei dele sorrindo. Ele ria, agora sim deve ter pensado. Vou comer essa linda menina!

Modesto Foi comer a mulher do capeta. Lá nas profundas do inferno! Enfiei a faca nele sem dó. Cortei seu pescoço como cortava as galinhas quando eram preparadas para o almoço. Ele deu um grito só e o sangue espirrou para todo o lado. O arrastei até o rio. Coitado do rio Curimataú. Não fazia nada só nos ajudava e tinha que aguentar aquelas “porqueiras’ que eu jogava em suas águas”.

Eu já sabia onde papai guardava suas reservas financeiras. Tinha mais de oito mil reais. Um dinheirão. O filho da mãe não gastava e vendia sempre uma vaquinha, um bozinho e nunca nos deu nenhum conforto. Parti em uma manhã de junho. Cheguei à noitinha em Lázaro feliz. Soube que um ônibus partiria às onze da noite para Salvador. Uma viagem gostosa, nunca tinha andado de ônibus. Dez horas de viagem e amanhecemos na capital da Bahia.

Me espantei com a cidade, linda, casas e prédios. Procurei uma pensão e me instalei. Meu dinheiro guardei a sete chaves. Debaixo da cama abri um buraco, enterrei numa lata de doce vazia. Fiquei só com duzentos reais. Dormi até tarde. Para dizer a verdade não lembrava mais de nada do que me tinha acontecido. Aqueles dois que matei mereciam. Se tivesse de prestar contas, seria a Deus o meu protetor. O diabo que fosse para os infernos. Risos esqueci que ele morava lá.

Seis meses de Salvador, já conhecia a cidade e muitos homens me procuravam, mas eu não me interessei por ninguém. Arrumei um emprego de Gari. Foi ótimo. Fiz muita amizades. Uma noite Marcelinha me convidou para uma festa de aniversário próximo a casa dela. Fui apesar de que não gostava muito de festas. Um homem loiro, até bonito não tirava os olhos de mim. Marcelinha me disse que era Frances. Falava mal o português. Estava de férias e ia voltar para a França daí a uma semana.

Aceitei seu convite para sair. Gerard era educado. Muito. Nunca vi ninguém assim. Dizia estar apaixonado por mim. Eu não sabia o que sentia. Uma tarde antes de ele partir me levou a um motel. Foi calmo, amoroso, acho que até gostei do que fizemos. As dores que sentia de meu pai desapareceu. Quando saímos do motel disse que queria casar comigo. Eu iria com ele para a França.

Não devia ter aceitado, mas minha amiga tanto insistiu, dizia que eu seria uma Lady ou uma Mademoiselle. Eu nem sabia o que era isso. Mas lá fui eu com Gerard. Que viagem. Uma maravilha. Adorei a viagem de avião. Primeira classe, as moças sempre perguntando o que eu queria. Em Paris ele me levou a diversos lugares lindos. O Museu do Louvre, o Chateau de Versailles, A Torre Eiffel, o Arco do triunfo, a Basílica de Sacre Coeur. Mas o que mais me encantou foi o Jardim de Luxembourg, um dos mais bonitos de Paris. As flores, as cores delas estavam lindas. Tudo florido. Muita gente sentada nas cadeiras observando. Fiquei ali estática, sem nada dizer.

Uma moça ignorante, analfabeta, vivendo aquilo sem saber o que era, foi como um conto de fadas as avessas. Ficamos em Paris uma semana e partimos para Colmar. Seria onde iríamos morar. É uma pitoresca cidadezinha francesa, situada na Alsácia bem pertinho da divisa com a Alemanha. Não merecia aquilo. Deus me deu o que eu não podia ter. Gerard me tratava como uma princesa. Sabia que eu era analfabeta e me prometeu ensinar a ler. Claro, seria em Frances.

Mas nem tudo que é doce dura para sempre. No segundo mês de casada Gerard foi até Stuttgart na Alemanha a serviço. Gerard era advogado e sempre tinha coisas a resolver fora de Colmar. Ah! Destino. Ele me persegue. Não quer que eu seja feliz. De novo um vizinho gordo, feio e claro, bêbado bateu a porta da minha casa. Abri e ele entrou sem pedir. Eu já o conhecia e educadamente o cumprimentava. Acho que ele não entendeu.

Tirou o pinto para fora e disse para eu pegar. Fazia gesto, eu horrorizada tentei sair pela porta correndo. Ele não deixou. Apesar de gordo era forte. Só sabia dizer - Puta brasileira. Puta brasileira. Me arrastou até o quarto, era no andar de cima. Um lance de escada, ele escorregou e caiu com a cabeça no piso. Morreu na hora. Sai gritando chamando os vizinhos. A polícia chegou. Me levaram presa.

Eu estava em minha casa, me defendi e fui presa. Mas acho que merecia, matei meu pai e o homem que tentou me estuprar pela segunda vez.

Agora não. Não encostei no “leitão bêbado Frances” Ele caiu de bebida no bucho. Gerard tentou entender. Mas não sei se entendeu. Acho que ele acreditava que eu queria alguma coisa com o vizinho, pois só assim ele entraria na casa. Ele até que foi condescende. Pagou um advogado, pois ele não queria me defender.

Fui condenada a 18 anos de cadeia. Sem direito a sair mesmo com bom comportamento. Estou aqui há 15 anos. Falta somente três. Fiz muitas amigas aqui na prisão. Todas elas me disseram que poderiam me ajudar quando eu saísse. Eu não sabia se ia voltar para o Brasil. Acho que lá o passado poderia voltar. Gerard nunca me visitou. Uma amiga de cela ficou marcada em meu coração. Rosália era natural de San sebastian, uma cidade localizada a beira mar no golfo de Vizcaia, no norte da Espanha. Ela dizia que era linda. Me lembrei de Salvador.

Quando sair, irei morar lá com Rosália. Ela nunca me disse o que fazia e nem perguntei. Mas acredito que depois de tudo que passei, mereço uma vida melhor e vou lutar por isto. Sei que não será fácil, mas eu vou conseguir. As lembranças do passado já estão sendo esquecidas. Meu pai e Modesto devem estar juntos se abraçando com o demônio, pois nunca mais voltaram a me importunar com pesadelos. Não posso dizer que Deus os tenha. Mas digo com prazer, que o tinoso, o maldito, o coisa-ruim e o lúcifer das trevas proteja-os para nunca mais sair deste fogo dos infernos.

Às vezes tenho medo...

Medo de olhar e enxergar
Medo de sentir e gritar
Medo de escorregar e cair na lama
Medo de viver e morrer

Fico paralisada por algum tempo...

Esqueço que na vida nada é certo ou errado
Que tudo pode ser ou não
Que não há garantias
E tudo depende das minhas escolhas

Esqueço que meus olhos são estrelas
Que meus cabelos são os ventos das tempestades
E das pequenas asas nos meus pés

Esqueço que existe um vulcão dentro do meu coração
E que o sol brilha em meu peito
Intensificando a emoção
E clareando a razão

Dai-me força, meu Deus, para ser o que sou.

Força para seguir meu caminho sem medo
E ser feliz.

CLÁUDIA PEROTTI



"Há homens que têm patroa.
Há homens que têm mulher.
E há mulheres que escolhem o que querem ser."

Os ventos que às vezes tiram
algo que amamos, são os
mesmos que trazem algo que
aprendemos a amar...
Por isso não devemos chorar
pelo que nos foi tirado e sim,
aprender a amar o que nos foi
dado. Pois tudo aquilo que é
realmente nosso, nunca se vai
para sempre...

Uma história de amor perdida no tempo

Um conto baseado em uma história impossível

Leonora, trinta e quatro anos, morena jambo, cabelos castanhos avermelhados, lábios carnudos, corpo bem feito, muito bonita. Quando passava próximo a minha casa, eu a via no seu porte altivo. Um olhar arrogante olhando sempre em frente. Quem a via não sabia o que se passava em sua mente. Ela planejava, era uma máquina trabalhando sem cessar. Buscava uma solução, um milagre. Sua vida pelo avesso. Dificuldades, sentimentos doidos, casamento fracassado, amigos distantes, credores ligando, ameaçando. Sua vida cada dia piorava. Só mesmo uma surpresa amiga que nunca esperou.

Nunca teve vida fácil. Nasceu de um parto difícil, lá pelas bandas do centro oeste, em uma pequena cidade, onde seu pai era dono de um pequeno armazém. Lutara com dificuldade desde pequena. Sua mãe a protegia muito.

Seu pai não. Era severo, cara amarrada, fazia tudo que ela não queria. Não a deixava sair de dentro de casa, não tinha amigos e só foi para o colégio com oito anos. Mesmo assim a vigiava entrar e sair. Ele mesmo fazia questão disso todos os dias.

Cresceu, virou mulher, sonhando em sair de casa, ter a sua, seu homem, mas esse dia não chegava. Terminou a oitava série. Era bonita, muito. Todos os homens corriam para ela. Ela criteriosa escolhia. Seu pai morreu numa tarde de setembro. Dia frio. Ela não chorou. Poucos compareceram ao seu féretro. Um ano depois, sua mãe amasiou com outro. Era um casal feliz. Ela passou a amar o padrasto. Suas irmãs a adoravam. Eram grandes amigas.

Por um capricho do destino, mudou de cidade. Sua mãe a expulsou. Por causa de nada. Não confiava nela. Pequenos pedaços de história mal contada. Conhecia um homem. Rude, não sabia se gostava ou não dele. Bruto, sem cultura, mas seu coração batia por ele. Mas naquele momento era sua bóia naquele mar revolto. A primeira decepção. Sua mãe vivia dizendo do valor da virgindade. Colocou-a sem mais nem menos para fora de casa porque duvidou dela. Como se ela fosse uma qualquer. Sabia de sexo o que tinha lido. Ele lhe fez um convite. Ela curiosa aceitou.

Levou-a um motel de terceira. Feio, fedido. Ela não se sentiu bem. Aquilo não era o que esperava. Entraram. Um quarto sem janelas. Cheiro ruim marcas na cama no chão na mesinha. Ele colocou em um filme pornô. Ela olhou. Primeira vez, quem sabe aprenderia. Ele ficou nu na cama. Ela olhou e assustou, ele nu na cama, medo, horror. Nunca tinha visto. O que fazer?

Deitou com ele. Só com roupa de baixo. Ele a forçou. Ela o empurrou. Não era aquilo que pensava como seria a primeira vez. Levantaram e se foram sem fazer sexo. A semana não foi boa. Sua mente sempre voltava aquele motel. Ficou noiva dele. Será que iria dar certo? Ela sonhava com isso. No fundo achava que gostava dele. Não aquele amor que lia nos romances nas novelas.

Casaram-se. Houve sexo. No início nada bom. Depois ela sentiu que ele não tinha experiência. A possuía com força. Não era e nunca foi carinhoso. Satisfeito virava e ia dormir. Se ela sentia ou não, ele não importava. O tempo foi passando, o primeiro filho, o segundo o terceiro.

Sua família fora do casamento não era muito unida. Se preocupavam com ela, não sabia. Uma bela tarde soube que sua mãe tinha morrido. Suas irmãs casaram-se e não soube mais delas. Ela verteu lágrimas, gostava muito da mãe e de suas irmãs. Criou os filhos com dificuldades. Uma lutadora. O tempo passou, doze anos para ser exato. Largou o emprego fixo para uma aventura. Iria tentar nunca desistiu. Comprou um pequeno negócio.

Com dificuldade, não tinha capital, mas arregaçou as mangas e foi em frente. Seu casamento estava no fim. Queria mudar de vida, viver com e para seus filhos. Sem ele. Mas eram doze anos de casada. Uma vida. Seus filhos não entendiam o porquê das brigas, das discussões, da sua tristeza.

A cada dia mais seu casamento piorava. Ela era jovem, bonita, glamorosa, simpática, chamava atenção quando jogava seus cabelos castanhos avermelhados para um lado e outro. Atraía atenção. Muitos homens a queriam. Clientes que iam beber alguma coisa a olhavam com volúpia nos olhos. Ela via em algumas ocasiões um ou outro que poderiam lhe chamar a atenção. Olhe, não fiquei sabendo se ela teve ou não um caso. Nunca me falou sobre isso. Hoje, aqui em minha casa, eu e ela sentados nesta varanda em frente à praia das Palmeiras, conversamos sempre. Mas ela não diz nada.

Seu marido era um homem sem cultura. Tentava de todas as maneiras ajudar, mas brigavam muito. A princípio até que foram felizes. Ela chegou até a gostar dele. Ele era perverso. Exigia muito dela. Um ciúme doentio. Agora faziam sexo por fazer. Ela não tinha mais nenhum interesse por ele. Quando ela me contava isso, eu não sei. Acreditava, pois sempre a achei sincera.

Não sei por que estou contando isso. Ela é uma grande amiga. Gostamos muito um do outro como pai e filha. Visita-me sempre. Vem sempre a minha casa. Nunca tivemos relacionamento. Sou viúvo, moro de frente para o mar. Coisa que adoro. Gosto de ficar aqui, olhando as ondas jogando na praia, o vento soprando, costumo ficar até altas horas. Varias vezes dormi pensando em Maria. Sei que isso não vai trazer ela de volta. Mas minhas lembranças são minhas. Minha cadeira de balanço de palhinha que vive comigo a mais de 40 anos é minha companheira de nostalgia.

Leonora estava em grandes dificuldades. Não tão grandes assim, ela uma mulher lutadora iria vencer. Mas sentia falta de um companheiro que lutasse ao lado dela. Contou-me que tentou muito. Mas o diálogo tinha chegado ao fim. O sexo ela sentia como obrigatório. Não gostava mais. Não acreditei muito nisso. Acho, no entanto que ela era honesta comigo. Agora só fazia quando ele insistia. Durante o dia, vinha para almoçar, e sempre lá estava ele, flertando com uma vizinha. Não tinha ciúmes acreditava que não era certo. Falou com ela um dia, foi franca, gosta dele? Pode levar! Achei graça.

Era uma luta. Uma grande luta. Cuidar, criar e sustentar três filhos não era fácil. Levantava cedo, abria sua loja, voltava para fazer as refeições, cuidar da casa, a tarde voltava de novo. Clientes, crianças gritando, correndo dentro do seu estabelecimento a enervava. Gostava de ficar ali, na telinha, no computador, vendo e ouvindo tudo que encontrava. Tinha amigos, recebia email, sorria, jogava os cabelos longos para o lado para o outro, mastigava uma bala, trabalhava. Assim era Leonora. Uma mulher de verdade.

Ontem veio me contar, uma historia fantástica. Rocambolesca mesmo. Não sei se acreditei. Era inverossímil. Impossível mesmo. Mas partindo dela, porque não? – Olhe, ela me dizia, apaixonei por um homem, que nunca vi, nunca senti seu calor, seu aperto de mão, sua respiração. Eu vejo sua foto, algumas, muitas antigas, quase não mostra o que é hoje. No entanto ele é para mim real. É Leonora, sua fantasia de mulher que sonha em conhecer algum dia seu príncipe encantado, desta vez passou dos limites.

Ele é atencioso, educado, parece simpático. – continuou. Sei que tem Sessenta e oito anos, mas me parece ter uma saúde de ferro. Diz-me coisas lindas. Respeita-me, diz que gosta de mim. - Eu fiquei em dúvida. Acho que Leonora está indo para um caminho sem volta. Isso não existe. Não se pode amar uma fantasia, um fantasma, mesmo que ele seja de carne e osso, mas cuja pele você nunca sentiu e que nunca viu. Ela ria. Aquele sorrindo lindo, ardente. Olhe, vou lhe contar uma coisa, se fosse mais novo, pediria ela em casamento. Acho que ela apesar de pura nos pensamentos para comigo, devia ser ardente, ferosa, uma mulher que todo homem sonha.

Leonora voltou mais algumas vezes em minha casa. Sentávamos sempre a varanda, olhando o mar, as ondas, o som do vento balançando as árvores. Sempre me contava do seu homem. Do seu amor por ele. Ficava abismado com sua maneira de dizer, de contar. Sorria sorriso de menina apaixonada. Ainda persistia Leonora? Dizia eu. Ela sorria de novo, com aquele seu jeito espalhafatoso de dizer – Claro amo ele, gosto dele não sei viver sem ele. Olhe passo os dias pensando só nele, é o sol da minha vida. O meu acordar das manhãs.

Pensei comigo, pobre Leonora. Apaixonou-se por uma tela de computador. Alguém que não existe. Será que isso vale à pena? Um Engodo. Uma enganação. Achei que alguém a estava tapeando. Mas a mulher, principalmente Leonora, acreditava que aquela ilusão era real. Sonhava com ela. Comprou um celular e quando não estava na sua loja, ligava para ele de qualquer lugar. Gastava, gastava sem poder. Incrível um amor assim. Em meu pensamento não podia idealizar o que não existe.

Leonora era simples. Claro uma mulher forte. Agora, aproximando da maturidade dos 34 anos, ela se portava como uma pantera, ágil, forte, mostrando que não era para qualquer macho do seu bando. Não sei se ainda interessa por sexo. Ela não me contou. De seu marido ela não esperava mais nada. Mas mesmo com muitas cantadas de outros, não aceitou nenhuma. Olhe, não sei se é verdade. Leonora era ferosa demais, se mostrava sempre como uma gata no cio. No seu subconsciente contava uma coisa, mas eu mesmo pensava que haviam outras.

Ria desbragadamente, quando as tardes, ficava comigo na varanda, esperando o por do sol que se estendia no vasto azul do mar. Era um espetáculo novo para mim todos os dias. Vivia ali a mais de 15 anos. Diziam que morar ali era solidão de quem perdeu o bem amado. Não sei. Nunca esqueci Maria, minha esposa que morreu de câncer. Eu a amava mais que tudo. Nenhuma mulher a substituiu e nem iria substituir. Ali todas as tardes eu a via, saindo do mar, no seu vestido rosa, aquele que usava quando a conheci. Eu tinha poucos amigos. Leonora era a mais próxima. Gostava muito dela. Sempre a respeitei. Nutria um sentimento de pai para filha.

Lembro-me bem quando entrei em sua loja, e me deparei com ela. Lembrava quando passava em frente a minha morada. Por um motivo que não lembro bem, precisava fazer uma consulta de um pequeno gerador que queria

comprar para minha casa. Faltava sempre luz e apesar de gostar do escuro e da solidão, achava que precisava ter um. Entrei e me deparei com aquela linda mulher. Adorei suas maneiras. Tratou-me como se fosse uma amiga de longa data. Conversamos banalidades, fiz o que pretendia e me fui. Lembrava-me sempre dela.

Um dia, passando perto voltei lá. Conheci dois dos seus filhos. Os convidei para um domingo almoçar comigo. Foram. Nasceu uma grande amizade. Hoje, passado alguns anos ela sempre me procura. Não me considera um conselheiro, pois não vai à busca de conselhos. Mulher determinada nunca pede isso. Ela acho eu, gosta de mim por ser bom ouvinte. A sua maneira é sincera. Conta tudo, até os detalhes mais sórdidos. Fiquei perplexo com certos detalhes que me contou. Mas era assim Leonora. Uma mulher de verdade.

Grande Leonora. Uma grande mulher. Ficou dias e dias amando sua ilusão. Uma quimera. Desmaio de segunda em seus braços. Flor que não desabrochou na primavera. Em seu devaneio via seu amor em todo o lugar. Dizia que o sentia que sabia como era seu toque. Sonhava com ele em todos os lugares por onde andava. Eu não ria, não podia, não era assim que a tratava. Gostava dela, me sentia feliz, extremamente afortunado para não dizer bem-aventurado por ter sua amizade.

Alguns meses depois, ela chegou. Com os olhos vermelhos. Chorou ali, copiosamente naquela tarde de maio, inverno rigoroso. Disse que seu sonho acabou. Nada mais existia. Tentei saber o porquê, mas ela não disse. Seus olhos negros grandes como jabuticabas colhidas nas grande matas escondidas nas extensas florestas verdes do amazonas, deixava escorrer lágrimas. Não pude dizer nada. Nada havia a dizer. Dizem que chorar faz bem. Eu quando perdi minha mulher não consegui chorar. Quem chorou e chora até hoje, é meu coração. Ficamos ali, ouvindo o anoitecer coberto pelas estrelas no céu. Uma brisa correu em seus cabelos, e ela sentiu um calafrio. Leonora estava silenciosa. Nada dizia. Olhava para o céu e mais lagrimas corriam no seu lindo rosto.

Foi embora. Ao levantar, me olhou, e chorando disse. - Ele se foi. Meu único e grande amor se foi. Desejei morrer quando soube. Ele dizia que me amava, não sei. Acho que amava todas as mulheres. Disseram-me que morreu sorrindo. Foi melhor. Acho que foi o destino que quis assim. Deus não foi bom comigo. Desejei tantas coisas na vida, o único homem que amei, queria tocá-lo, sentir o calor do seu rosto, sentir o seu sorriso, ouvi sua voz umas poucas vezes e não pude vê-lo. Perdi o único homem que amava. O queria muito. Sempre pensei que um dia teria ele comigo em carne e osso. Ele sempre dizia não. Sei que sou infeliz. Perdi alguém que não podia perder. Que esteve ao meu lado longe de mim. Gostava dele, falar com ele. Agora só tenho meus filhos que muito amo. Ajudam-me a viver.

Pobre Leonora. Também chorei por ela. Uma pequena lágrima escorreu pelo meu rosto. Gostava dela, minha única filha que nunca tive. O que ela sentia eu também sentia. Mas o amanhã nunca morre tudo tem seu tempo e sua hora.

Sei que iria esquecer. A alegria de Leonora se foi. O tempo quem sabe vai fazê-la recuperar. Ao seu modo foi feliz por um mês ou dois não sei. Amou alguém que era uma ilusão. Manteve na mente um amor impossível.

Nunca me contou quem era de onde era. Isto ela guardou para sempre. Hoje, perambula entre sua casa, seus afazeres, sua loja. Não sei se separou do marido, não sei. Só me disseram que fica horas e horas de frente para o computador, muitas vezes desligado, ou então ouvindo musicas que achei que antes não gostava. Quando estive lá, ela estava ouvindo “A montanha azul dos grandes amantes”, eu conhecia. Era uma paródia romântica de Stavivinsky. Ou melhor, Igor Fiodorovitch Starvinsky, um grande compositor russo. Ou então ouvia Somewhere in time (Em Algum Lugar do Passado) e chorava copiosamente.

A vida é assim, feita de sonhos de pedaços de historias que não existem, mas que resistem ao sabor do tempo, na memória daqueles que puderam um dia vive um grande amor. Grande Leonora. Espero que seja feliz. Muito feliz. Ela merece e muito. Faz tempo que não a vejo. A última vez que estive aqui, quase não falou. Pediu para colocar Have I told You Lolely, com floid Cramers, um grande pianista que tocava divinamente musicas românticas. Eu tinha o CD, Ela ficou horas e horas olhando para o mar. Ouvindo a melodia e chorava baixinho.

Naquele dia, não ouve por do sol, os pássaros noturnos não gorjeavam. Uma chuva fina caia sobre o mar. Um véu cinzento cobria a encosta da montanha ao longe. E ela, Leonora, chorava copiosamente. Descanse minha filha. Linda e Bela Leonora. Também fiquei ali. Mudo. Sem nada dizer. Só as recordações dela e minha faziam do silencio uma memória viva da realidade!

Quero Amar-te

Quero amar-te como ninguém te amou;
Em toda a parte quero ter-te sem fim;
Como se fosses tu uma parte de mim;
Amar-te até desconhecer quem sou;

Quero encontrar-te se ninguém te encontrou;
Passear contigo entre as flores do jardim;
Colher as mais perfumadas que o jasmim;
Para que por ti saibas quem se apaixonou.

Quando te imagino sabes o que eu vejo:
Alguém que encheria todo o meu ego;
Por isso encontrar-te é o que eu almejo.

E se não podes amar-me por medo
Aqui te deixo um secreto desejo:
Seremos amantes em grande segredo!

Ass: amante virtual



Um poema desvaireado perdido no tempo...

- Tinha uma vida, diferente, normal, anormal não sei
Tudo mudou, o passado se foi. E o presente não sei
Quando busco o passado, não vejo o presente. Futuro não tem
Sem eira nem beira, se olho não vejo pareço um cego
O que vai ser de mim, de uma vida que foi e hoje não é

Mudou. Sou um sonâmbulo amador a vagar por aí
Vivo de sonhos, que nunca vão ser e nem nunca serão
São frutos do agora, e jamais terão um amanhã.
Vida inútil, perdida no tempo, que o vento malvado
A levou... Sem destino, sem eira e sem rumo se foi

O que tenho? O que faço? Maldito que sou.
Não esqueço, não posso não quero esquecer
Alimento mentiras, pecados de homem
Que um dia já teve e agora não tem
Pedaços do nada busca incessante, errante.

Enganar-me? Mentir? Não posso, não devo
Mesmo tendo motivos, encravados no peito
Doendo sem jeito, mentiras de amor.
Plantado no nada, do seu consciente
De maneira indecente, não devia ser assim

Dor aguda, machuca, fere não ter você
Dependo do nada, do momento do tempo
Sem hora sem dia, sem até amanhã
Estou perdido agora, esperando o meu sonho
Plantado na mente, a vagar por aí...

Devaneio? Sonho? Imaginação? Fantasia sim...
Claro, não posso mentir tudo é presente
Você ausente, e quando voltar, se voltar

E quiser, se achar um pedaço, da imaginação
Vai dizer, oi, humm, kkkk, isto é tudo que tem.

Mas louco, não penso nem um pouco
Esquecer de você. Mesmo que me faça
Explodir em pedaços, com o seu retrato
Na mente do nada, esperando que um dia
Possa sonhar de novo, com você...

Sei que sinto sua falta, doendo
No fundo, ferido, animal enjaulado
Que não sabe sair, não esquece você
Do seu rosto, do seu corpo, como a imaginação
E você pediu que eu fizesse a você
E eu fiz... Maldito que sou... não há final feliz!

.....

Retrato
José Aparecido Botacini



Remexendo meus guardados
Encontrei um retrato seu
Era preto e branco já desbotado,
Que no dia dos namorados você me deu.

O meu coração se recolheu
O meu olhar ficou molhado,
Meu corpo sobre a cama tremeu,
Ao me recordar do passado.

Só um flash num segundo dourado
Iluminou num instante o que foi meu
Atrás do retrato já quase apagado
Uma declaração de amor que você me ofereceu.

Amar-te-ei para sempre
Do seu amor...

O céu é testemunha

Três almas, três destinos e uma só história que entrelaça os personagens para sempre.

Lavinia estava na primavera de sua juventude. 22 anos. Sentia-se feliz, mesmo sabendo de suas dificuldades familiares e profissionais. Uma mãe doente, um pai ausente, longe que morava em um sítio afastado de tudo e de todos. Dificilmente se encontravam. Lavinia era morena, achava-se meio corcunda, uma superstição dela. Não sei se para chamar atenção ou porque se sentia bem, usava os cabelos ruivos, bem avermelhados. Lavinia gostava de si própria. Muito. Achava-se bonita. Ela tinha mesmo uma beleza especial. Era franca. Direta, não tinha meio termo.

Poderia até dizer que ela tinha história, não sei se triste, pois até me pergunto quem não tem seu pedaço de vida triste? É não dá para sair por aí contando. Mas Lavinia mesmo dizendo que não, eu não sabia se era feliz. Cuidava de sua mãe mais que tudo. Brigava por ela. Sentia-se infeliz só por morar em um bairro afastado da cidade, de má fama, onde marginais cruzavam as ruas armados, drogados e isto a exasperava todo o tempo. Evitava ter amigas e as poucas que tinha nunca as convidava para o convívio do seu lar.

Um curso técnico lhe deu condições de enxergar um futuro. A vida era precária, difícil e porque não dizer cansativa. Fazia um estágio, pois desejava mudar de vida, de bairro e ser alguém. Meticulosa passava horas e horas lendo viajando nas páginas dos livros por lugares nunca antes imaginados. Conheceu alguns rapazes, mas todos desinteressantes. Não deixava que ninguém a levasse em casa, tinha vergonha de onde morava. Porque não sei.

Otto caminhava para seus 78 anos. Sua vida foi cheia de nuances. Sua esposa falecera há cinco anos. O câncer nos seios só diagnosticado tarde demais. Para ele foi como se o mundo acabasse. Mas sempre lutou para conseguir o que queria e enfrentou tudo de coração aberto. Dois filhos um na Alemanha e outro em Portugal. Quase não mantinham contato. Vivia de rendas, era um homem rico. Uma bela casa no litoral norte do estado, dois apartamentos de cobertura, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro.

Saia pouco. Gostava mais de sua casa no litoral. Adorava o mar. Ficava ali horas e horas, ouvindo musicas românticas orquestradas. Não bebia, nunca bebeu. Seu único vício era um cachimbo, amigo inseparável de longos e longos anos. Dormia tarde e acordava cedo. Andava muito pelas areias quentes pisando na água fria do mar. Seu corpo ainda mantinha certo equilíbrio. Quem não o conhecia de perto, diria até que era um “guapo” bem conservado. Cabelos brancos, cacheados, caindo na testa encobrendo um pouco seus olhos azuis da cor do mar.

Uma vez ou outra papeava com amigos, que raramente iam visitá-lo. Otto sempre foi muito dado a causas de jovens carentes. Contribuía financeiramente com duas e nelas participava diretamente em serviços locais. O sorriso de uma criança era para Otto uma benção dos céus. Uma das poucas coisas que fazia esquecer Laura, sua esposa que se foi. Nunca se envolveu em aventuras, não era mulherengo, e sua vida não tinha nada que o fizesse desmerecer seu grande coração e sua ética pelo respeito.

Zeildo era pobre. Muito. Toda sua vida lutou com dificuldades nas barrancas do Rio Buriti, plantando mandioca, abóbora, alguns poucos pés de mamão e pescava. Assim ele tinha seu almoço e seu jantar. Zeildo morava com Matilde sua irmã, de 13 anos. Sua mãe morrera e seu pai ele nunca soube quem era. Conheceu o pai de Matilde. Sua mãe sempre dissera para ele se afastar dele. Nunca disse por quê. Um dia sumiu e nunca mais voltou.

Zeildo nunca entendeu porque Matilde um dia sumiu de casa. Até que era bonita, corpo bem desenvolvido olhos negros sonhadores para os seus treze anos. Cabelos negros soltos nos ombros. Matilde era calada, nada dizia, nunca reclamou da vida, e quando muito ia a Salamanca da Santa Maria um povoado distante mais de vinte quilômetros e sempre acompanhada por ele. No principio ficou desnorteado e depois aceitou. Coisas de Deus pensava. Zeildo uma tarde de novembro sentou na beira do rio. A tarde ia findando e ele começou a pensar em sua vida. Agora sozinho ali, sem ninguém, sem noticias de Matilde ele chorou. Achou estranho. Nunca tinha chorado antes. Ficou ali por horas, até que uns pingos de chuva fria o fez voltar para sua choupana.

Pela manhã, Zeildo tomou uma resolução. Fez uma pequena trouxa de suas poucas roupas, pois não tinha malas, e partiu. Não deixou nada para trás e nem se despediu de ninguém. A terra não o pertencia e sim ao Seu Tiago um fazendeiro amigo. Ia sentir saudades. Ele sabia disso. Ali enterrou sua mãe. Ali viveu sua infância. Pegou a estrada que levava a Capital Federal. Era longe, muito. A pé sabia que ia levar anos. Tudo bem, ele não tinha pressa. Acreditava que lá arrumaria um emprego. O presidente dizia que todos eram iguais.

Lavinia trabalhava. Um estágio mal remunerado. Fazia com gosto tudo que lhe pediam e muito mais. Não se engraçava com ninguém. Pela manhã ajudava sua mãe na labuta da casa, a tarde ia trabalhar e retornava sempre lá pelas

sete. Ia para seu quarto e lia, lia até altas horas da noite. Quando dormia sonhava. Sonhos de todos os tipos de todos os matizes. Ao acordar lembrava-se de um ou dois. Não sonhava com homens, com grandes amores, com romances proibidos.

Lavinia não era religiosa a ponto de freqüentar alguma igreja. Acreditava no seu Deus e sempre se referia a uma Deusa desconhecida, para ela sua mentora espiritual. Uma amiga a convidou para participar de um coral. Ela gostava de cantar, porque não? Pensou. Foi lá, umas vezes, cantou, mas achou que não era o que queria. Por um capricho do destino a tempos atrás, conheceu alguém, resolveu viver uma vida com ele. Não deu certo. Sua mãe precisava dela. Retornou. Jurou que nunca mais a deixaria.

Naquela quinta Lavinia ia despreocupadamente para seu trabalho. Desceu do ônibus e perdeu o equilíbrio. Quase caiu ao chão e foi amparada por um senhor de idade, aparentando seus 60 anos, que sorrindo levemente a segurou em seus braços. Ela se levantou, pediu desculpas e ia partir quando ele a convidou para um café na esquina. Estava de passagem não conhecia ninguém e ela apareceu em sua vida do nada. Ela devia esse favor. Lavinia não soube o que dizer.

Ele era simpático. Lavinia achou seu rosto bem afeiçoado, mas as rugas mostravam que era bem mais velho do que tinha pensado. Achou ele falante, mas agradável. Ficaram conversando e ela se esqueceu do horário do seu serviço. Ora bolas com o serviço. Há tempos não conhecia ninguém para conversar como ele, e resolveu não ir trabalhar naquele dia. Ficaram horas conversando. Depois ele a convidou para jantar. Foram em um belo restaurante no centro. Ela se vestia displicentemente e nem tampouco se incomodava com que os outros pensassem dela.

Otto estava naquele dia no apartamento em São Paulo. Um amigo ligou para ele contando as novidades. Tinha sido convidado para trabalhar no Ministério da Agricultura, pois uma devassa estava sendo feita pelos mais graduados, e confiavam que ele poderia ajudar a sanear a área e dar um novo rumo na agricultura no país. Seu amigo sempre fora um apaixonado por agricultura. Era proprietário de um grande empreendimento agropecuário, que englobava terras no Mato Grosso, em Minas Gerais e em Goiás.

Convidava Otto para a solenidade onde tomaria posse. O presidente estaria presente disse! Não aceitava recusa. Otto confirmou a ida. Passou o dia em casa, foi a uma Casa Transitória à tarde, onde meninas grávidas eram atendidas e ele via ali o desespero de uma sociedade composta de uma juventude mal preparada para a vida. Imberbes e inexperientes jogavam sua juventude pela janela. Na casa transitória, onde era o principal benfeitor sempre era bem recebido e muito querido. Ficou lá até o início da noite. Retornou, tomou um banho e foi para o aeroporto.

Chegou a Capital Federal por volta de uma da manhã. Já tinha reserva em hotel e a cerimônia de posse do seu amigo seria por volta das nove horas. Foi uma chatice, mas ao terminar ele se despediu e saiu a esmo pela rua. Não tinha destino. Pensou em pegar um taxi, ir ao hotel e aeroporto. Ao atravessar uma esquina, uma jovem desceu do ônibus e caiu em seus braços. Não era bonita, era extramente educada e irradiava uma simpatia incrível. Fez o convite e depois de um café, foram passear em vários lugares. Ele estava entusiasmado pela moça. Lavinia era seu nome.

Zeildo sofreu por oito meses na estrada. Dormindo ao relento, muitas vezes com chuva, na primeira semana roubaram sua trouxa, o deixaram com sua roupa do corpo. Almas caridosas aqui e ali lhe davam a única refeição do dia. Uma carona em um caminhão de tijolos o deixou a 30 quilômetros da capital. Em um dia chegou e se assustou. Um formigueiro de gente. Não sabia aonde ir. Um homem de bigode preto e calvo aproximou-se dele. Quer trabalhar? – Claro Disse.

Carlito levou Zeildo até a periferia da cidade. Entraram em um bairro humilde cheio de casebres feitos de madeira e lona. Em um deles encontrou mais dois que fumavam despidoradamente. Carlito mandou Miraildes servir almoço para Zeildo. Ele almoçou com gosto estava com muita fome. Almoçou e tinha de fazer perguntas. Muitas. Estavam sendo muito gentis com ele. Mas o que desejavam? Carlito disse – Olhe, precisamos de um homem a mais em um assalto que vamos fazer.

Zeildo era de paz. Sempre fora. Não sabia ler e nem escrever. Disseram isso para ele. Não ia conseguir nenhum emprego aqui a não ser se tivesse amizade com algum político. Pediu para pensar. Pensou e pensou. Qual a saída? Agora não tinha nenhuma. Se desistisse sabia que iriam dar cabo da vida dele. Era uma testemunha viva. Morto seria melhor. Aceitou. Foi à noite. Um arrastão em um restaurante. Fácil, ninguém reagiu. Sua parte foi ótima. O segundo foi um banco. O saldo melhor ainda.

Lavinia estava nas nuvens. Otto a foi levar em casa. Não queria. Tinha vergonha de sua moradia. Otto não se preocupou. Até entrou em sua casa. Falou com sua mãe. Lavinia ficou envergonhada. Em pouco tempo Otto e sua mãe conversavam, contavam “causos” e riam como dois antigos amigos. Lavinia estava se apaixonando. Ela não queria isso. Não queria. Mas quem manda em seu coração? Otto ficou lá até de madrugada e voltou novamente à tarde do dia seguinte. Ficaram juntos por três dias. Ela não foi trabalhar.

Tudo aconteceu muito depressa. Otto a pediu em casamento. Foi um choque, uma surpresa. Lavinia não esperava por isso. Amor? Não sabia. Achava-o atraente, educado, um verdadeiro cavalheiro. Ela nunca tinha conhecido alguém como ele. Porque não pensou? Mas e sua mãe? Otto parecia adivinhar seus pensamentos. Vamos levar sua mãe conosco, ou ela pode

continuar aqui, vamos melhorar sua casa e dar a ela uma vida digna. Quem sabe até seu pai anima a retorna?

Otto estava radiante. Para dizer a verdade, apaixonado. Lavinia era encantadora. Parece que sua vida tinha mudado da noite para o dia. Pela primeira vez se esqueceu de Neide, sua esposa. Achava-se culpado por isso, mas acreditava que sua felicidade não podia ser jogada fora. Pediu Lavinia em casamento. Ela aceitou. Sua mãe concordou. Otto não se fez de rogado. Nada de pompas. Casar-se-iam ali mesmo na capital do Brasil. Depois iriam dar uma volta ao mundo em uma grande lua de mel.

Zeildo teve sua vida mudada pelo avesso. Era agora um perigoso bandido. Um assaltante. Ainda não havia matado ninguém, mas era temido e procurado pela polícia em seu estado. Uma noite foi encurralado pela polícia na saída da casa de um magnata, que diziam ter um cofre cheio de dólares. Um forte tiroteio e dos quatro que estavam junto a ele, três morreram na hora. Zeildo escapou por uma casa vizinha. Teve que bater em uma mulher que gritava desesperadamente. Soube depois que ela ficou em coma por meses, mas graças a Deus voltou a si.

Zeildo viu sua vida virar um inferno. A polícia o “caçava” como se ele fosse um animal. Resolveu ir para São Paulo. Soube que lá uma quadrilha precisava de alguém como ele. Eram temidos e respeitados. Tirou seu bigode e cortou o cabelo naturalmente. Tinha uma boa quantia em dinheiro. No Banco do Brasil mais de R\$50.000 e no bolso outro tanto. Não tinha carro, não queria dar “bandeira”. Andava mais de ônibus. Gostou de São Paulo. Cidade grande fez logo muitos amigos. Claro todos marginais como ele.

Lavinia viveu um conto de fadas. Conheceu muitos países na companhia de Otho. Ele era gentil e até para fazer amor tinha toda calma para não a ofender (ele assim pensava) e não a machucar. Ficaram na Europa por três meses e retornaram ao Brasil. A vida de Lavinia agora era uma rotina. Ela não trabalhava, e quase não fazia nada em sua casa. Otho dava a ela empregadas e um gordo cartão de crédito. Mas tudo tem seu limite. Seu amor por Otho, se é que existiu estava se apagando. Ela sentia falta de gente jovem. Os amigos de Otho eram todos da idade dele.

Lavinia passava mais tempo em sua casa de praia, em Ubatuba. Lá ela ficava mais sonhadora, tentava fazer planos, e Otto descia a serra a cada quinze dias deixando-a sempre só. Mas não eram mais o casal feliz do passado. Ela sentia que nova como era não podia continuar ao lado de um homem bem mais velho. Ele agora tinha mil defeitos que ela antes não via. Estava absorta em seus pensamentos quando viu um homem invadindo sua casa. Assustou-se, ele estava armado e perguntava se tinha mais alguém.

Otto agora tinha uma vida muito ativa. Sentia isso depois que conheceu Lavinia e se casou com ela. Foi realmente uma mudança em sua vida. Ele ficou

perdidamente apaixonado e sentia agora que seria um amor impossível. Lavinia era jovem e ele um velho. Já não eram o mesmo casal de antes. Fazer amor para ele era um sacrifício. Bem, se fosse mais espaçado tudo bem, mas Lavinia era insaciável, queria todos os dias. Ele se olhava no espelho e maldizia ter conhecido Lavinia naquela idade.

Ele deixava que Lavinia fizesse o que quisesse. Afinal ele não queria perdê-la. Nunca deixou de mandar a mesada da mãe em Brasília. Lavinia tinha mudado e muito. Aquela moça de outrora não existia mais. Ela não reclamava, mas ele sentia que faltava alguma coisa em seu casamento. Claro a idade era preponderante, mas o sexo? Ele ainda não era um amador, mas não satisfazia Lavinia. Notou que ela preferia mais ficar na casa de praia que com ele na capital.

Zeildo viu vários de seus amigos mortos pela policia. Eles o caçavam como a um cão. Em São Paulo dava para ganhar mais nos assaltos e nos roubos a mansões. Tudo a cada dia ficava mais difícil. Era sempre um ou outro que acabava baleado. Uma nova modalidade estava em curso, explodir caixas eletrônicos, ele não conseguiu entrar na quadrilha especializada. Um dia ao chegar a casa em que morava sentiu no ar que estava sendo vigiada. Não viu ninguém. Um caminhão baú parado na esquina era suspeito.

Não guardava nada em sua casa. Era alugada. Só algumas roupas. Tinha no Banco do Brasil mais de R\$200.000 reais. Pegou um ônibus e foi para Ubatuba Hospedou-se em uma pequena pensão longe da praia. Não queria chamar atenção. Ficava muito tempo na amurada vendo o mar, as pessoas se divertindo. Ele mesmo nunca entrou lá. Notou uma jovem que toda tarde fazia caminhada e viu onde ela morava. Sentiu que estava sozinha. Deveria ter ficado na sua, mas achou que ela poderia saciar sua fome de macho e quem sabe financeiramente. Vendo-a entrar entrou atrás e ficou a espreita até que a rendeu com seu colt, um 38 de suas longas jornadas de assaltos.

Lavinia não se impressionou com o bandido. Sorriu para ele. Ele a pegou pelos cabelos e levou até o quarto. Possuiu-a brutalmente. Lavinia gostou. Não entendeu por que. Ficou marcada em vários lugares. Foi somente o começo. Ele se mudou para a casa de praia. Os dois viviam um romance bandido. Ela passou a gostar dele e a odiar Otto. Pensava o dia que ele descesse a serra. Ela não se preocupava, ele sempre telefonava avisando. Zeildo era agora o seu homem. Mas ela sabia que não podia durar. Qualquer dia seria morto e ela não queria manter um romance com ele muito tempo.

Deixou transparecer para Zeildo que Otto possuía grande fortuna. Quem sabe ele poderia acabar com a vida dele e ambos partiriam para longe? Em um país distante talvez? Falou isso varias vezes. Viu que Zeildo já pensava na possibilidade. Um dia de quinta feira, quase oito meses de casamento, Otto desceu a serra. Entrou despreocupado e Lavinia o atraiu até o quarto. Quando

fazia amor com ele, Zezildo enfiou um punhal em seu coração. Otto morreu na hora.

Otto estava preocupado. Uma nova leva de jovens necessitados precisava de sua ajuda. Tentava conseguir financiamento para aumentar os dormitórios da casa onde mais de 100 jovens recebiam dele através de uma organização, toda a educação e amor de pessoas que caridosamente davam sua colaboração. Não corria na estrada, nunca correu. Ao se aproximar da descida da serra, sentiu uma dor forte no coração, foi para a pista secundária próximo a um posto de gasolina e lá parou o carro. Ficou quase uma hora parado até sentir que melhorava.

Pensou em ficar somente aquela noite em Ubatuba. O que havia sentido o preocupava. Iria voltar no dia seguinte a São Paulo. Precisava fazer exames médicos para ver o tinha. Lavinia o recebeu com os braços abertos. Há muito tempo ele não a via assim. Estava alegre, e aquela alegria a tornava linda, como se fosse o dia que se conheceram. Logo ela o convenceu a ir para o quarto e fazer amor. Ele tinha dúvidas, mas achou que se não atendesse seu pedido ficaria mal. Mal tirou a roupa e sentiu alguém no quarto, olhou e viu um homem. Ele estava com um punhal. Não deu tempo de desviar. Sentiu que morria e seu corpo parecia flutuar.

Zeildo estava vivendo um sonho de amor. Ele era um bandido. Não podia fazer aquilo. Não ia durar, mas aquela jovem era irresistível. Não era bonita, mas tinha algum que o atraía e o fazia se sentir um escravo. Ela determinava tudo que devia fazer. Quando comentou sobre matar o marido ele ficou horrorizado. Nunca matou ninguém. Era um bandido sim, mas respeitava a vida. Ela não o deixou em paz. Fazia juras de amor e planos em fugir do Brasil.

Zeildo viu Otto chegando. Era um velho, andava claudicante com a cabeça encurvada. Zeildo odiou tudo aquilo. Não iria fazer. Não iria matar ninguém. Viu quando Lavinia o cercou de carinho e o levou para o quarto. Ela praticamente o forçou a fazer aquilo. Ele estava escondido atrás de um armário e ela fez sinal. Ele foi e enterrou seu punhal no coração de Otto. Logo ouviu um estampido e sentiu balas entrando em seu corpo. Virou-se e viu Lavinia com seu revólver atirando nele. Ficou surpreso. O que ela estava fazendo? Não sentia dores, seu corpo caiu e ele se sentiu levado. Não havia luz, não havia escuridão. Ele sabia que estava morto.

Lavinia tinha planejado tudo nos seus mínimos detalhes. Chamou a polícia. Contratou um bom advogado. Não ficou presa. Legítima defesa. Foi julgada e absolvida. Lavinia sorria pela sua esperteza. Todos a consolaram. No enterro de Otto seus amigos mostraram solidariedade e junto sentiam sua perda. Lavinia nunca pensou que poderia fazer aquilo. Não sabia como até Zezildo aparecer em sua vida. Durante todos os dias que ele permaneceu ali, ela não deixava ser vista com ele pelos vizinhos. Mantinham uma vida reclusa. Só ela saía para comprar o necessário. Soube dominar bem aquele bandido. Quando

falou em matar viu que ele era um poltrão, mas sabia que ele cumpriria suas ordens.

Lavinia vendeu todos os imóveis em São Paulo e no Rio de Janeiro e até a casa de praia. Os filhos vieram e pouco se interessaram pela parte que lhes cabia. Lavinia transformou em dólares todo o dinheiro que recebeu. Deixou somente em aberto às ações e investimentos que Otto tinha em várias instituições financeiras. Contratou um escritório para tomar conta de tudo e enviar os lucros para ela onde estivesse. Chamou sua mãe e seu pai, comprou uma casinha na Itália, onde ela e Otto ficaram alojados na lua de mel, bem na região de Toscana, em uma bela cidadezinha, linda, com suas estradinhas, seus campos de girassóis, vales, ciprestes, oliveiras, vinhedos a perder de vista.

Hoje, passado muitos anos de toda a história de Lavinia, ela vive sorrindo, satisfeita, em uma bela casa, cercada de flores. Sua mãe e seu pai já velhinhos, não sabem o que aconteceu. Lavinia não conheceu nenhum homem para se unir a ele em matrimônio. Agora ela era feliz, não precisava de ninguém. Tinha uma motoneta e um pequeno Fiat que a levava para muitos lugares. Se pudessemos vasculhar o coração de Lavinia iríamos conhecer que nada ali tinha de ódio. Não tinha remorso. Tudo o que fez e planejou ficará um dia para ser escrito na eternidade, pois lá Otto e Zezildo vivem. Ambos esperam o dia que ela irá se juntar a eles. As saudades que sentem de Lavinia, ainda compensa a vida que ambos levam na eternidade. Haverá retorno. Quantos? Ninguém sabe.

Desígnios

“alguém pode me dizer
se estava prevista na palma da minha mão
esta paixão inesperada
se estava já escrita e demarcada
na linha da minha vida
se fazia já parte da estrada
e tinha que ser vivida

ou foi um desgoverno repentino
que surpreendeu os deuses, todos
os que desenham o nosso destino
ou foi um desatino, uma loucura
uma imprevisível subversão
que só a partir de agora eu trago marcada
na palma da minha mão”

Bruna Lombardi



O CONDENADO

O que importa se vivo sentido, sem tino, sem valor?
Eu não consigo ser diferente de mim mesmo.
Não consigo não sentir o que sinto.
Estranho é ser reticente...

Não me julgue! Que não me condeno!
Faço-me impune e detenho-me.
Aprisiono-me em teus braços
E declaro-me culpado! É prisão perpétua!

Servidão humana

Moro no inferno. Aqui onde estou é a casa do demônio. Não me invejem e nem queiram me fazer companhia. Onde estou à degradação e o sofrimento humano não é mais que um antro de podridão. Quem me visita e são poucos, ou melhor, ninguém eu sempre digo que se existir um inferno na terra ele é aqui nesta prisão onde a devassidão é inimaginável. Só quem vive aqui sabe que não existem palavras suficientes que explicam como é essa morada. Quem por aqui já passou pode lembrar o sofrimento, pois aqui eles são o pior que existe. Aqui sou um inquilino do príncipe das trevas.

Não durmo o sono dos justos. Não sou inocente. Se estou aqui é porque mereço. Ouvi de alguém dizer que quem não recorda o passado está condenado a repeti-lo. Eu não consigo parar de lembrar. Marcou profundamente minha alma, meus sentimentos e até hoje não sei se os tinha. À tarde quando saio da cela nada tenho a fazer. No pátio ando de um lado para outro como todos. Olho as paredes do pátio, descascadas e úmidas cheirando a bolor. É melhor que nas celas, também úmidas, cheirando a podridão e onde as paredes sujas são cobertas pelos companheiros com fotos das namoradas ou de mulheres nuas rasgadas de revistas masculinas.

Não tenho cama. Um levantado de cimento com um colchonete fino. Meu corpo já acostumou. Estou aqui há oito anos. Até a comida podre servida em mamitex de terceira já aprendi a comer. Muitas vezes infestadas de insetos, baratas e excremento de ratos. Não me incomoda mais. Eu mesmo tento lavar

minha roupa não mais que quatro peças. Não tenho ninguém para fazer isso. Os meus companheiros de cela recebem visitas e sempre trazem roupa limpa. O banheiro? Só rindo. Um quadrado pequeno chamado por todos de “boi” é compartilhado pelos quatro amigos, ou melhor, companheiros de cela, pois aqui não se tem amigos. Aqui me chamam de Pato o coxo, não sei por quê.

Meu nome é Ivete. Tenho 19 anos. Não sei se sou feliz. Vivo como posso. Não tenho muito, mas não passo fome e nem frio. Moro com uma amiga, Leda, ela nunca me disse o nome completo e nunca perguntei. Trabalhamos juntas em uma lanchonete no centro da cidade. Trabalho simples. Ivete recebe muitas cantadas dos clientes eu não. Ela tem estilo, é bonita, loira, e veio de uma cidade do interior. Seu pai a expulsou de casa. Namorava um jovem negro. O pai não aceitava. Ele a abandonou quando vieram para a capital. Ela sozinha conseguiu o emprego e nós duas alugamos um quartinho barato na periferia da cidade.

Não reclamo da vida que levo. Não sou bonita, nunca fui. Sou morena, quase negra, meus cabelos crespos não ajudam. Um dos meus olhos são meio estrábico. De nascença me disseram. Fui criada em um orfanato. Não conheci um lar e ali eu tinha um. Madre Maria era enérgica e uma mãe para mim. Tive lá muitos amigos. Aprendi a cozinhar, a arrumar uma casa, a lavar e passar. Esqueci de dizer, aprendi a ler e escrever também. Nunca ninguém interessou em me adotar. Quando alguém aparecia, todos ficavam alvoroçados. Eu não. Sabia que não seria escolhida.

Nunca sai. Sempre lá, junto com minha amigas que fugiam ou que morriam. Muitas delas foram parar ali viciadas em drogas. Eu não sabia o que era isso. Via pela televisão que assistíamos toda tarde de duas as cinco. Madre Maria conversava pouco, mas por ela fiquei sabendo que cheguei com dois meses. Minha mãe me abandonou numa esquina movimentada em uma caixa de papelão. Quando fiz 18 anos Madre Maria me chamou e disse que eu tinha de ir embora. Era a lei. Não entendia de lei e nem sabia o que era. Me deram uma mala, algumas roupas, cem reais em dinheiro e um endereço onde disseram que eu poderia trabalhar de empregada doméstica.

Quando cheguei aqui há oito anos, fui violentado por dez presos. Diziam que era meu batismo pelo que fiz. Depois matei dois lá mesmo na prisão à escondida e ninguém até hoje sabe que fui eu. Os demais me pediram perdão e disseram que eu era o chefe, podia mandar e eles obedeciam. Mas com o tempo matei também todos eles. Não mereciam perdão. Apesar de baixo, sou forte, e diariamente não deixo de fazer meus exercícios físicos. Francamente eu sabia que um dia iriam acabar com minha vida ali. Se isso acontecesse tudo bem. Ainda tinha mais 22 anos pela frente. Poderia sair antes, mas não podia pagar advogado. Coisa que os outros faziam. Antes de irem presos, tinham quem pagasse para eles.

Sou caladão. Converso pouco. Aqui não dou as costas para ninguém. Muitos se dizem meus amigos, mas vá acreditar neles! Na cela os quatro que lá estão me olham sempre com medo. Desde que cheguei mais de 30 passaram

pela minha cela. O diretor já me deixou varias vezes na solitária. Não fazia nada e lá estava eu. Mal cabia um homem ficar deitado. Só com as pernas encolhidas. Era um lugar fétido. Sem sol. Sempre na escuridão. De vez em quando baratas cruzavam meu corpo. Aprendi a comê-las. Assim elas diminuíaam e me deixavam em paz. Não reclamo. Nunca reclamei.

Nunca disse nada a ninguém porque estava ali. Todos que conheci se diziam inocentes. Não fizeram nada. Eram puros. Só rindo! Eu nunca disse que era inocente. Não era. Antes de fazer o que eu fiz, trabalhei na roça de sol a sol. Não tinha medo e nem preguiça. Meu pai não queria que eu viesse para a cidade grande. Acho que sabia o que ia acontecer. Peguei umas poucas roupas, um ônibus. Cheguei em uma rodoviária cheia, carros passando, prédios, gente, fiquei pasmo. Sabia que seria assim. Tinha visto na televisão, mas ao vivo era outra coisa. Perguntei ao um carregador onde poderia achar uma pensão. Ele riu e me mostrou um homem de bigodes grandes.

Custei a encontrar o endereço. Uma casa com muro alto. Me identifiquei e me mandaram entrar. Uma senhora gorda de uniforme falou comigo e perguntou se sabia passar e lavar. Balancei a cabeça. Ela me levou para um quartinho pequeno nos fundos. Uma cama, uma penteadeira, uma cadeira e um espelho pequeno. Não era difícil. Eu sabia como fazer. Fiquei lá três meses, não me deram nenhum dinheiro. Quando fui reclamar disseram que eu comia e dormia, não merecia mais. Não concordei com isso. Não foi o que Madre Maria me disse. Insisti. A gorda me disse que a porta da casa é a serventia da rua.

Sai de lá, sem dinheiro, só minha mala e sem ter para onde ir. Andei alguns quarteirões. A fome apertou. Vi uma lanchonete. Uma loira servia alguns clientes. Falei para ela que faria tudo por um prato de comida. Ela me mandou sentar. Comi bem. Levantei e ela mandou esperar. Conversou com o proprietário. Fiquei sabendo depois que ele não queria. Me achava feia, sem graça e poderia espantar os clientes. Fui admitida. Fiquei amiga de Leda. Quando a noite terminou, ela me disse até amanhã e se foi. Eu fiquei por ali. Ela voltou e perguntou onde morava. Falei a verdade. Me levou para a casa dela. Um quartinho e uma cozinha pequena. Disse que eu pagaria a metade das despesas com meu salário. Sorri. Agora achava que minha vida tinha recomeçado.

Já fazia mais de cinco meses que trabalhava na lanchonete. Adorava o trabalho. E seu Jorge passou a gostar de mim me elogiando. Recebia o pagamento, dava a Leda à parte dela e o que sobrava guardava. Comprei poucas roupas. Não tinha namorado não era atraente e, portanto não gastava com que considerava supérfluo. Uma tarde servi a um rapaz baixo, calado, nunca me encarava, ou seja, não encarava ninguém. Foi educado comigo e passou a vir todas as tardes para jantar. Aos poucos entabulamos conversa e ele me convidou para ir ao cinema. Fiquei de boca aberta. Nunca pensei que aconteceria comigo.

O homem de bigode foi educado comigo. Depois soube que era um “gato”. Arregimentava trabalhadores para obras de construção na cidade. Disse que lá tinha alojamento. Fui. O salário não era bom, mas tinha de começar. O “Gato” queria meus dois primeiros salários. Não concordei. Ofereci a metade de um e só isso. O mestre de obras não aceitou a imposição dele. Sabia que eu era bom trabalhador e dedicado. Não tinha horas para parar e nem incomodava em receber ou não horas extras.

Conheci uma moça em uma lanchonete próxima. Passei lá a fazer minhas refeições que era só um jantar a noite. Não almoçava. A firma dava um café quente e um pão com manteiga pela manhã. Comia dois. Seu nome era Ivete. Não era bonita. Acho que até feia sim. Mas ela me atraía. Era educada, simples sem afetação. Começamos a namorar. Conheci a historia dela, ela conheceu a minha. Em menos de dois meses convidei ela para casar comigo. Ela sorriu e aceitou. Uma semana antes aconteceu a desgraça. Uma turma de playboy a encurralou na saída de sua casa a noite quando retornava do trabalho.

Ela não me contou. Nada disse. Mas seus olhos mostravam medo. O que antes não existia. Com muito custo narrou-me tudo. Achou que agora eu não ia mais casar com ela. Não era mais virgem. Isso não era importante para mim. Mas não ia deixar passar em branco o acontecido. Ela disse-me que se lembrava de um. Era o filho do proprietário da casa onde trabalhou. Ela me contou tudo que aconteceu lá. Fiquei sabendo onde era e fiz uma “campana” de cinco dias. Pelos amigos que andavam com ele, sabia que todos tinham participado da curra. Um dia, quando saiam no portão, meti o revolver na boca do playboy. Os demais em numero de dois, não reagiram.

Tudo aconteceu muito rápido. Nosso namoro se transformou em noivado. Estava feliz. Muito feliz. Vivia fazendo planos. Muitos. Que beleza! Eu teria minha casa, meu marido meus filhos. Daria a eles o que não tive. Minha vida de plena felicidade se desmoronou. Fui currada por três playboys na rua onde morava. Voltava para casa à noite, eles estavam em uma picape. Me agarraram e me levaram para um terreno baldio. Fizeram comigo coisas incríveis. Todos três. Depois me deixaram lá, meio desacordada com as roupas todas rasgadas e toda suja de sangue. Doía muito, por fora e por dentro. Me senti imunda. Não pensei mais na minha vida de sonhos. Eles destruíram tudo.

Devia ter ido fazer um boletim de ocorrência. Não fui. Achei que não ia resolver nada e iam rir de mim. Uma meia negra, feia, sem pai e mãe, criada num orfanato, não teria razão e nem acreditariam em mim. Um deles reconheci como o filho do patrão na casa que trabalhei e não me pagaram nada. Escondi tudo de Leda. Não queria piedade. O que diria para o Nelson? Não sei. Meu medo era grande demais. Não consegui esconder. Leda tanto insistiu que contei para ela que contou para o meu patrão. Eu e o Nelson saímos à noite e desatei a chorar. Resolvi contar tudo. Sabia que ele iria terminar comigo. Ele me ouviu calado. Só insistiu se eu sabia ou tinha reconhecido alguém.

Nelson desapareceu da lanchonete. Eu sabia que isso iria acontecer. Soube depois o que tinha acontecido com ele. Deu dois tiros na boca de cada

um e depois capou todos. Uma sangueira danada ficou na rua onde aconteceu. Todos morreram. A policia o encurralou na cidade onde ele morava antes de vir para a capital. Deram vários tiros nele. Ele revidou. Ficou ferido e não morreu. Levado para o hospital tiraram as balas e depois ele foi para a prisão. Foi julgado e condenado há trinta anos. O juiz fez questão de dizer que teria de cumprir toda a pena. Ele não tinha advogado, sua defesa foi improvisada. Ele nunca contou porque matou os playboy. Só eu sabia.

Dizem que aqui é a sucursal do inferno. Não sei. Vai ser minha vida. Tenho 29 anos, quando sair, se sair, pois acho que me matam antes, terei mais de cinquenta anos. Bem novo ainda, mas sem vida. Acabou as ilusões, os amores, os sonhos. Sempre me disseram que lugar de bandido é na cadeia. Acho que sou um bandido. A vida passa e a minha vida também. Ainda tenho dignidade, acho que ainda sou um ser humano. Sei que aqui muitos aprendem a ser melhores ladrões, bandidos e assassinos. Somos todos aqui demônios dominados pelo ódio e alimentados pela sede de vingança.

Não há ninguém inocente aqui. Por um motivo ou outro estamos na prisão porque merecemos. Até pode ser fatos desta ou de outra vida passada. Acredito nisso. Vários pastores tentaram me catequizar. Não quis. Não preciso disso para acreditar em Jesus. Nunca deixei Ivete me visitar. Não queria alimentar ilusões. Ela nunca mais seria minha e nem eu seria nada dela. Soube que ela vinha sempre. Chorava e implorava para entrar. Mas eu era irredutível. Sinto que alguma coisa vai acontecer. Parece que sou um médio vidente. Não sei bem o que é, mas muitos irão morrer. Eu estarei junto. Irei prestar contas ao Satanás nas profundas do inferno.

Foi num sábado, uma grande rebelião, ou motim sei lá, fogo nos colchões, fizeram carcereiros prisioneiros, arrebentaram portas, quebraram e botaram fogo em tudo. O pavilhão nove onde eu estava virou um inferno. A policia militar invadiu o pavilhão e instalaram o terror. Entravam de cela em cela, e atiravam em todos que ali estivessem. Eu ouvi os primeiros tiros, depois de metralhadora. Não corri, permaneci na cela sem me mexer. Sabia que tinha chegado minha hora. Estava só eu lá, os demais procuravam refugio, mas eu sabia que não encontrariam. Se tinha de morrer, que fosse como homem. Não iria pedir perdão e nem iria chorar.

Eles entraram mais de dez. Me viram, Olhei para eles sorrindo. Uma saraiva de balas me pegou em cheio. Não senti nada. Parecia que eu estava saindo de lá, voando não sei bem, e minha mente apagou. Onde estou hoje não tenho ódio e nem rancores de ninguém. De vez em quando me deixam visitar Ivete. Ela continua a mesma. Na lanchonete, dificilmente sorri. Queria ter casado com ela. Acho que se tivesse acontecido, seria maravilhoso. Meu destino foi outro. Gostaria que ela fosse feliz. Sei que vivemos juntos em outra vida, mas não sei o que fomos e nem o que fizemos. Vai haver continuação. Iremos nos encontrar de novo. Por muitas e muitas gerações.

Aqui sou feliz. Não muito, mas aprendo todos os dias que os homens semeiam na terra o que colherão na vida espiritual: - Os frutos de sua coragem

ou da sua franqueza. Ninguém pode voltar atrás e fazer um novo começo, mas qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim. Aprendo muito. Mas não sei não me arrependo do que fiz. Um amigo aqui já "Velho" me disse: - Não amarre o seu amor, porém nunca dê muita corda, ela pode se arrebentar e você não saberá onde o perdeu.

As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo,
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade



Foi em minha casa, passeando na net em que eu te conheci.
Foi encanto, foi magia, por trás de uma simples telinha.

Que muitos sonhos eu vivi.
Eu não sei como é seu rosto,
A não ser o seu retrato e seu lindo nome.
Em meus poemas te digo quantas vezes.
Pronuncio seu nome.
Suas mensagens eram lindas encheram-me de alegria.
Até chegar o dia, de ouvir sua voz linda e macia.
Estranho, gostar de alguém assim
Tão longe e tão perto nunca Juntos enfim

O vale encantado dos sonhos perdidos

Andava a esmo, sem rumo. Tropeçando. Não sabia aonde ir e de onde tinha vindo. Seus olhos fechando, o sono chegando, mas ele sabia que não podia parar. Encurralaram-no próximo da barranca da virgem do rio das Velhas com o São Francisco. Escondera-se por dias em uma velha igrejinha abandonada. Não era um bom esconderijo. Só viu quando uma dezena de macacos (policiais volantes) o cercaram. Saiu atirando com seus dois 38 cano longo. Deixou seu fuzil para trás. Seu cavalo também. Agora sabia que o tinha perdido para sempre. Pena, gostava dele.

Rosa Maria cantava. Sempre as tardes quando o por do sol ficava vermelho ela gostava de cantar. Havia um banco de madeira na porta de sua casa e ali ela olhava o céu cheio de estrelas ou a lua cheia da primavera. Diziam que tinha uma linda voz e cantava como uma cotovia. Nunca tinha visto ou ouvido uma. Diziam-se, acreditava. Acreditava em tudo. Nascera ali, naquela barranca do São Francisco. A cidade mais próxima que conhecia era o povoado de Cruz das Almas. Não mais que 500 almas perdidas naquele mundo de Deus. Nos seus dezessete anos acreditava em tudo. Não tinha namorado, não tinha sonhos não sabia o que era amor e nem sabia o que era apaixonar. Era fervorosa filha de Jesus e quando pudesse ia servir a Deus para sempre. Tinha sonhos de ser freira.

Seu corpo não ajudava. Tinha de parar. Levara dois tiros. Um pouco abaixo da omoplata e outro acima da coxa esquerda bem perto da virilha. Era uma dor terrível. Já não sangrava mais. Tinha certeza que havia mandado para os infernos pelo menos uns dois macacos. Há meses estavam atrás dele. Ele não se arrependia de nada. Era um jagunço. Um dos últimos do sertão. Agora não tinha amigos, todos se afastaram ou foram mortos. Arrastava-se com um galho de um pequizeiro e não entendia porque ainda não tinha morrido. Dizem que raça ruim não morre. Só pode ser.

Rosa Maria levava para casa como fazia todas as tardes, uma lata de vinte litros de água potável equilibrada na cabeça. O córrego de águas limpas ficava perto. As chuvas tornaram o São Francisco com águas barrentas. Vivia só com sua mãe. Ela era cega. Desde que nascera fora assim. Quem não soubesse não desconfiaria. Andava por ali, em volta da casa e até ia pescar, pois ali viveu toda a sua vida. Sabia que ali sua mãe seria enterrada. Próximo a sua casa existia uma cruz. Sua mãe dizia que ela enterrara seu pai, que morreu gritando de dor, por causa da mordida de uma cascavel.

Encontrou um bosque de espinheiros. Adentrou e escolheu um local ermo e ali dormiu. Não sabia se ia acordar ali ou prestando contas de suas maldades a Deus. Poderia ter confessado com o padre Jesuíno, mas ele mesmo perdoando não ia entender porque ele havia matado tanta gente. Diziam que ele era o pior de todos os jagunços que viveram naquelas terras perdidas no sertão de Minas Gerais com a Bahia. Não sonhou. Ele não sonhava. Pouco se lembrava de Constância que um dia fora sua mulher e morrera quando os macacos o encurralaram em sua casinha próxima a Macaxeira. Deram trinta tiros nela. Sem dó e sem piedade.

Rosa Maria havia se lavado. Trocou de roupa. Tinha poucas. Dois vestidos de chita que usava quando ia rezar na capela do Padre Laurindo que uma ou duas vezes por ano ia ali para fazer batizados e casamentos. Duas saias de popelina e duas blusas que “seu” Waldomiro, um “Velho” pescador vizinho trouxera quando foi em Pirapora. Ela sonhava em ir a Pirapora. Seu Waldomiro contava maravilhas de lá. Ela deixava se levar com seu conto. Sabia que nunca iria lá. Era difícil. Deixar sua mãe só não podia. Acendeu a lamparina. Estava escurecendo. Queria ter um radinho de pilha igual do “seu” Waldomiro, mas não podia comprar e como ter pilhas reservas? Como seria bom ouvir umas musicas!

Acordou várias vezes à noite. Suava. Um frio miserável o deixava tremendo. Um pesadelo o martelava e o acusava. Estava na porta do céu e o santo dizia que ali não podia entrar. Foi para o inferno e o demônio também o recusou. O acusavam de ter matado crianças, jovens, mulheres, homens e animais. Diziam que matava tudo que encontrava pela frente, principalmente seres vivos. Quando o sol começou a nascer se levantou tropeçando. Não tinha água. Uma sede terrível. Porque ele não morria? Raça ruim – repetiu. Coisa ruim não morre. Seguiu em frente. Não sabia até quando agüentaria mais um dia. Suava, seu corpo fedia. O sangue dos buracos das duas balas havia coagulado.

Rosa Maria acordou como sempre com o cantar do Carió, seu galo preferido. Tinham dois. Agradeceu a Deus pela noite e pediu a Jesus que protegesse sua mãe naquele dia e nos que virão. Não pediu para si. Não se lembrava disto. Lavou o rosto e usou uma escova de dente velha sem pasta, mas que ajudava a manter seus dentes saudáveis. Colocou alguns gravetos no fogão de barro e fez o mesmo café, aproveitando a borra do dia anterior. Não podia gastar. Levou para sua mãe. Estava sentada na cama. Era só o café pela

manhã. Sabia que as goiabeiras estavam carregadas. Foi até lá com uma bacia. Ela e sua mãe comeram com gosto.

Avistou ao longe uma fumaça branca, rala. Achou que seria a morada de alguém. Ficou em dúvida se poderia ser os macacos ou se estavam à espera dele. Capengando foi até uma colina e lá avistou uma choupana de barro coberta de sapé. Não viu ninguém, chegou mais próximo e caiu numa vala onde corria um pequeno riacho. Ficou ali por muito tempo. Precisava daquela água mais que tudo. Desmaiou. Achou que agora sua vez havia chegado. Precisava morrer. Tinha que morrer. Ele estava morto e não sabia.

Rosa Maria o viu cambaleando pelos campos e cair na vala do riacho seco como o chamavam. Foi até lá e o viu desmaiado. Achou que estava morto, mas seu nariz fungava e seus olhos abriam e fechavam. Arrastou-o com dificuldade até sua casa. Contou para sua mãe. Ela disse que não. Ali não. Tinha experiência e podia ser um jagunço procurado. Não podiam se comprometer. Pediu para ela ir até a casa do seu Waldomiro e chamar à volante. Ela não obedeceu. Pela primeira vez não obedeceu. Sabia da gruta escondida na curva do rio e o levou para Lá. Não sabia o que fazer. Não tinha remédios. Nada.

Ele abriu os olhos. Estava no céu. Um anjo estava com ele. Perguntou se Deus havia perdoado seus pecados. Viu o anjo rindo preocupado. Não era um anjo, agora podia ver melhor. Era uma linda jovem. Estava febril, gemia de dor das balas no corpo. Pediu para ela fazer uma fogueira. Esquentar água. Iria tirar as balas dele. Ela assustou. Nunca disse. Vai sim, se não fizer volto para atormentar você e sua família. Todas as noites. Não darei paz a ninguém. Mato você, seus parentes e deixo para os urubus. Tirou sua faca presa nas costas. Deu para ela colocar a ponta no fogo.

Rosa Maria estava apavorada. Fez o que ele mandou. Ele gritou quando a faca entrou em seu ombro. Rosa Maria tinha as mãos de seda. Se tivesse sido médica seria uma grande cirurgiã. Tirou a bala do ombro, da virilha não. Estava funda demais. Ele disse para deixar. Tinha mais cinco balas no corpo. Mandou-a pegar seu lenço, embebedar em álcool ou óleo. Ali não tinha. Rosa Maria foi a sua casa e trouxe óleo e um pouco de sal que ele havia pedido. Ferveu água, misturou o óleo com sal e colocou nas duas feridas das balas. Que experiência meu Deus!

Pela primeira vez ele dormiu. Por mais de quinze horas seguidas. Acordou com fome e sede. Uma fome enorme. Não viu ninguém na gruta. Levantou com dificuldade. Sentiu que as feridas iriam se cicatrizar. Não era a primeira vez. Seu corpo tinha dezenas de cicatrizes. Marcas de bala. Com dificuldade chegou até a entrada da gruta. Escondeu-se. Viu lá embaixo vários cavalos. Sabia que era a volante. Macacos do inferno! Pensou. Encontrou um pouco de água numa bilha de barro. Bebeu com sofreguidão. Olhou de novo. Lá estavam eles. Olhando para todo o lado. Procurando. Se aquele anjo ou sua mãe desse com a língua dos dentes, ele sabia que não tinha salvação. Mas tinha jurado que não ia morrer sozinho.

Rosa Maria estava apavorada. O Capitão da volante desconfiou. Deu-lhe um tapa com força no rosto. Conte a verdade putinha! – Ela negava. Nada dizia, sua mãe estava desmaiada, tinham dado uma coronha nela. Achava que tinha morrido. Ele bateu de novo e de novo. Ela serrou os dentes. Dois se espatifaram. Mandou dois soldados da volante a violentarem. Eles não tiveram coragem. Ambos tinham filhas naquela idade. Um terceiro não se fez de rogado. Ela gritou de dor quando ele a penetrou. Depois veio outro, desta vez por trás. Ela sentiu a pontada. Uma dor terrível. Ela nada disse. Desistiram de tudo e do espancamento. Achava que ali ninguém sabia de nada.

Ele viu quando os macacos se foram. Esperou um longo tempo e desceu. Encontrou-a chorando, gemendo de dor. Toda ensangüentada. Jurou matar o capitão da volante. Quando ele jurava que Deus tivesse piedade da alma do escolhido. Tratou-a como pode. Ela soluçava. Sua mãe estava morta. Ele ajudou-a a enterrar junto de seu pai na curva do rio. Ela não chorava mais. Também não ria. Seu semblante era de ódio. Naquela noite fizeram amor ali na cabana. Ele foi gentil com ela. Ela pela primeira vez, pois era virgem antes da maldade da volante, sentiu o prazer de ser possuída com carinho. Não dormiram abraçados. Ele sempre a espreita, na janela, olhando o horizonte.

Ele disse que ia partir. Tinha se recuperado. Ainda estava com a faca e os dois trinta e oito. Poucas balas, mas daria para dar uma lição naquela volante Filho da Puta. Ela disse que iria com ele. Ele recusou. Ela insistiu. Não tinha parentes, sua mãe morreu. Queria ir para ajudar a matar o capitão da volante. Tinha esse direito. Ele se lembrou de Constância. Era determinada como ela. Foram para as colinas em direção a Capitão Honório. Lá iriam roubar alguns cavalos, dinheiro, viveres e seguir a trilha dos volantes filhos de uma égua.

Rosa Maria cresceu. Ficou adulta em meses. Nunca mais sorriu. Viveu com ele por mais cinco anos. Conseguiram acabar com a vida do Capitão Laurentino. Ela mesmo decepou sua cabeça não antes de enfiar um cabo de madeira grosso e cheio de espinhos no anus daquele nojento. Ele gritou feito um porco capado. Fincou sua cabeça fedida num bambu na fazenda do Chico Bento.

Correram o sertão. Uma lenda se formou. Diziam que os Anjos do inferno tinham descido a terra e fizeram uma nova Rosa Maria. Ela e seu jagunço se amaram em lugares nunca antes imaginados. Amaram-se como dois amantes nos espinheiros da Bahia e até nas escaldantes terras de buritis em Minas Gerais. Não tiveram filhos. Não poderiam. Não tinham futuro. Só o presente. O passado se foi. Agora era ele e ela. Nada mais importava.

Morreu sorrindo, com uma saraiva de balas da volante e com seus dois trinta e oito jorrando balas para todo o lado. Sabia que este era seu fim. Nunca teve medo. Uma palavra que não existia para ele. Sabia que Rosa Maria tinha escapado. Ele a deixara para trás quando sentiu a volante em seu encaço. Sabia que ela esperava um filho seu. Não deixaria que ela o tirasse como fez com os outros. Agora era hora de enfrentar o demônio. Ele estava preparado.

Tinha que descansar sua cabeça em algum lugar. Poderia ser no céu ou no inferno. Não importava. Tanto faz. Não tinha escolha. Seu mundo fora aquele. Não conhecera outro.

Rosa Maria chegou tarde demais. A volante já havia levado seu corpo para Buritis. Sabia que estava morto. Ele nunca se entregaria. Jurava que neste dia levaria alguns macacos com ele. Seguiu outro rumo. Desceu o São Francisco numa Gaiola. Tinha algum dinheiro. Pegou um ônibus para São Paulo. Criou Rafinha Lá. Um lindo garoto. Quem a conhecia não se aproximava. Vizinhos e amigos. Tinham medo. Seus olhos mostravam ódio. Nunca mais sorriu para ninguém. Homem nenhum se aproximava dela. Ela não deixava. Só tinha olhos para Rafinha.

Rosa Maria morreu com 91 anos de idade. Nunca contou sua vida para ninguém. Era uma mulher só. Nem Rafinha sabia. Todos ficaram assustados quando do funeral. Ela sorria. Um lindo sorriso de companheirismo, de amor. Rafinha se tornou um homem. Fez curso no SENAI. Torneiro. Ganhava bem. Nada faltava para sua mãe. Deu a ela um enterro de primeira no melhor cemitério da cidade. Diziam que todas as noites umas luzes vermelhas eram vistas em seu túmulo. Seu homem não a deixava sozinha. Amavam-se sempre ali. Embaixo de um abacateiro. Ele partia ao amanhecer. Dizia que o diabo não dava folga e ria. Ela tentava rir, mas não conseguia. Esperava todas as noites sua visita.

Contaram mais tarde, que na sepultura de Rosa Maria nasceu um lindo pé de Buritis. Sempre florido, seja na primavera ou no outono. Quando o sol se punha um clarão vermelho aparecia. Todos tinham medo. Ninguém se aproximava. Seja feliz Rosa Maria. Seja onde estiver, seja feliz com seu jagunço que amou para sempre...

Morrer, dormir, não mais: termina a vida
E com ela terminam nossas dores,
Um punhado de terra, algumas flores
E às vezes uma lágrima fingida.

Sim, minha morte não será sentida,
Não deixo amigos e nem tive amores!
Ou se os tive, mostraram-se traidores,
Algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é pobre no mundo; que me importa
Que ele amanhã se esb'roe e que desabe
Se a natureza para mim está morta!

É tempo já que o meu exílio acabe;
Vem, pois, ó morte, ao nada me transporta!
Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe?



“Nem Jesus Cristo, quando veio a Terra, se propôs resolver o problema particular de alguém. Ele se limitou a nos ensinar o caminho, que necessitamos palmilhar por nós mesmos”. (Frases e Pensamentos de Chico Xavier).

Não fuja deste desejo, te quero por inteiro

Sem pensar num amanhã

Quero viver o agora, quero delirar de prazer

Realizar todas as suas fantasias

Ser possuída e dominada

Por você...

Borboletas também querem voar!

Esta historia aconteceu na Itália na cidade de Milão, acho que foi em meados de janeiro de 1965. Não sei onde li ou se foi eu quem escrevi. Não sei se é verdadeira, se é real, não sei mesmo. Minha mente se confunde.

Ela era jovem, cabelos compridos castanhos avermelhados, olhos castanhos, linda. Lábios carnudos, pedindo beijos. Tinha sonhos, como todas de sua idade. Escondidos, ninguém sabia. Gostava de sorrir, de sentir o mundo, fantasiava sair por aí, conhecer outros lugares, viver, sonhos que toda jovem tem.

Toda as manhãs estava na janela. Observava as pessoas passando, uns vindo, outros indo caminhando com olhos baixos parecendo não ter destino certo. Sempre reparava nele. Um jovem de aparência meiga, olhos negros, andava de cabeça curvada como se soubesse seu destino. Parecia firme nos seus passos.

Ela sentiu desejos pelo jovem. Desejo só seu. Ninguém podia saber. Católica fervorosa escondia de si e de seu Deus. Tinha medo. Rezava. Pedia perdão. Mas dentro de si, fervia estas fantasias pecaminosas.

Ele sempre a via, de soslaio, sem encarar. Tinha medo, Nunca teve uma garota, nunca beijou. Mas sentia por ela um desejo profundo. Amor? Paixão? Não sabia.

Chegava a casa, sentava em seu banquinho e ficava com a mente em devaneio, procurando concatenar um presente sólido para ela e para ele.

Morava só. Seus pais haviam falecido. Era carpinteiro. Aprendera com o pai.

Tinha medo de se aproximar. Tinha medo de ser repelido. As fantasias dele ficavam escondidas no recôndito de sua memória, feito monstros poderosos, que não deixavam ver a beleza de um amor profundo.

Planejou, mentalizou um plano sórdido. Era um maldito. Achava ter nascido para o mal. Não era religioso, diziam que ele era frio, calculista, não tinha amor, não tinha passado.

Ela sempre ia só à igreja à noite. Ele a espreita já sabia seu destino, onde passava e em um beco, subjugou-a colocando um lenço embebido em éter em seu rosto, ela desmaiando em seguida.

Tinha alugado uma casa, na periferia afastada de tudo e de todos. Levou-a para lá. Até o porão, fechado, sem janelas, só com uma porta. Tinha preparado tudo. Iluminação, cama, água, roupas, alimentos.

Deixou-a na cama, fechou a porta e se foi. Voltou dois dias depois. Abriu a porta, ela desesperada, gritando, explodindo e dizendo, maldito, o que fez? Ela o arranhava, o mordia, tentava fugir. Ele mais forte, a dominava. Nada dizia, permanecia calado.

Uma semana, duas, ele sempre levava duas vezes por semana, sua alimentação e roupa de cama limpa.

Sentava num banquinho de madeira e ficava olhando para ela, sempre de cabeça baixa, admirando, sonhando, mas sem nada fazer.

Ela não parava de gritar. Palavrões que nunca tinha dito. Maldito! Perverso, Príncipe das Trevas, O que queres de mim? – Ele nada dizia. Permanecia calado e ia embora. Ela se desesperava. Quem era? Seu nome? Meu Deus!

Um mês, dois meses. A rotina de sempre. Agora ela ficava sentada na cama, olhando para ele com os olhos vermelhos, inchados de tanto chorar. Calada também. Ele em seu banquinho, sem falar, sem tentar nada, ficava ali sentado de cabeça baixa.

Seis meses, ele sabia das buscas, das investigações. Desistiram. Acharam que ela tinha fugido da cidade com outro. Nada descobriram.

Um ano. Ela calada, ele calado. Ela nunca entendeu. Quem era ele? Um Louco? Um psicopata? Que era isso meu Deus? Como um homem podia agir assim?

Nunca pensou que este era seu destino. Quem era ele? Como seria ele? O que fazia o porquê de tudo aquilo.

Quase dois anos. Começou a apaixonar por ele. Calada, nada dizia. Mas as fantasias voltaram. Um dia ficou em sua frente, tirou suas roupas e o possuiu ali mesmo com ele sentado no banquinho, sem dizer nada, sentiu seu membro duro dentro dela. Ele aceitou que ela conduzisse. Não falou nada. Gozou, não gemeu uma única vez.

Foi embora. Ela sabia. Ele nunca mais iria deixá-la sair. Uma ou duas vezes chegava, sentava no banquinho, ela o possuía, ali ou na cama. Ele calado, sentia tudo, gemia rouco, ela fazendo amor com ele, de todo jeito, ele nada dizia, pois era ela quem comandava tudo.

Cinco anos. Ela estava perdidamente apaixonada por ele. Agora não tinha mais desejos de fugir. Aceitava ser uma prisioneira. Sua vida era aquela. Ela sabia. Conformava. Contava os dias que ele iria aparecer. Era sua única forma de combater a solidão.

Quinze anos. Seus cabelos começaram a embranquecer. A rotina de sempre. Ele chegava, ela olhava para ele com olhos de gazela faminta. Esquecia tudo. Fazia amor com ele. Gritante, calmo, sensual. Gostava do seu sexo, adorava ele duro dentro dela. Se esquecia de tudo quando sentia o jorro quente dentro de si. Ele sempre ali, olhando para ela, nada dizia. Gozava, vestia as roupas e ia embora. Ela não sabia seu nome e nem conhecia sua voz.

Trinta anos. Uma tosse rouca, seu corpo definhando, ele lhe dando remédios, uma semana, duas e ela se foi.

Ele se dirigiu a um bosque de Azinheiro, procurou a árvore mais alta e se enforcou.

Alguns meses depois o encontraram pendurado, com o corpo perfeito sem nenhum sinal cadavérico.

Descobriram a casa, No porão a encontraram. Bonita, deitada na cama rosto angelical, vestida de noiva, cabelos soltos. Nada parecia que ela estivesse morta. Sorria, como se alguém estivesse com ela.

Comentaram muito do acontecido, mas ninguém, ninguém mesmo até hoje foi capaz de explicar o que aconteceu.

Milão, outubro 1998. Uma nota no jornal Corriere Della Sera falava pouco do acontecido. Quase não dizia nada. Alguém se interessou pelo fato. Ele conhecia uma moça, linda, sempre a via quando passava, começou a imaginar...

Me chama, me conta, me diz
Como vai sua vida
Mas diz a verdade com jeito,

Para não machucar
Engana que sente saudades
Que ainda não me esqueceu
Que seu amor ainda sou eu...

Confessa que eu tinha razão
E você estava errada, disfarça
E não diz que esse outro
Te faz feliz, me engana
Me esconde a verdade
Sonhar é melhor que sofrer,
Mente para mim, me ajuda a viver!



AS SETE VIDAS DE MEIRE ANNE

Estou na caridade da evolução do meu ser. Quero ser menina, encontro-me
mulher... Quero ser mulher, vejo-me menina...

Apenas um beijo...

- Não se esquive, não diga não, imploro
Vai ser apenas um beijo, um segundo
Aceite, não é tão difícil te adoro
Você sabe, vai ser um beijo sincero
Do jeito que diz não e eu quero...

Por favor, feche os olhos e sinta,
Eu sei que também queres,
Deixe acontecer, não minta
Você tão longe, apenas ilusão
Você não está aqui, não diga não.

Vou beijar você, devagar
Apenas uma carícia uma brisa leve
Eu sei que nunca vai me amar
Claro, seria como a carícia do vento
História sem adeus, sem senso

Deixe acontecer esta fantasia
Que imaginei em beijar você um dia.

Não se esquive, por favor, não diga não
Para você nada, para mim tudo
Preso no peito, grande paixão.

Adeus... Depois de beijar você
Agora tão longe, um sonho abstrato
Vou ficar aqui olhando seu retrato
Amando você, sabendo que a fiz
E dizer ao mundo, agora sou feliz...

Brasília – 12 agosto 2007 - Precisava correr. Voar se pudesse. Teve que ficar no colégio mais tempo do que pensava. Arrumara um emprego, não podia faltar. Difícil coordenar as duas coisas, mas precisava deste emprego. Não encontrou ônibus no ponto. Esperou mais um tempo, chegaria atrasada. Explicações, gerente de cara amarrada.

Entrou no ônibus. Sentou perto do cobrador. Um grande engarrafamento. É hoje pensava. Entrou um jovem mulato. Gritou com todos, sentiu uma mordida nas costas, perdeu os sentidos.

Acordou no hospital. Em volta amigos parentes e sua mãe. Tentou sorrir, mas sentiu uma dor aguda nas costas. Sua mãe explicou que ficara em coma dois meses. Graças a Deus que agora iria se recuperar. Não se lembrava de nada. E o colégio? E o emprego?

Baía de Cabralia – 22 abril 1500 - Flor do Campo estava deitada na areia branca do Grande Rio, que demarcava a terra do seu povo, a tribo dos Tupiniquins. Tinha 16 grandes chuvas e já era considerada por muitos jovens da tribo. Seu pai, o cacique Avanti Negro, ainda não tinha decidido quem a levaria.

Flor do Campo era pura, casta e via que Pojucã sempre a olhava e sorria. Era um grande guerreiro. Trouxe várias cabeças de Tapajós na última batalha. Estava absorta olhando para o céu, seus cabelos negros longos e lisos espalhados na areia branca quando viu lá muito longe do grande rio, umas canoas enormes. Bem maiores que a da tribo. Achava que até boa parte dos seus irmãos índios caberiam ali.

Centenas de botes aportaram na praia. Flor do Campo foi correndo avisar da novidade a sua tribo. Eles eram pacatos e dificilmente atacavam a não ser quando atacados pelos Tapajós, seus piores inimigos. Toda a tribo estava ali, vendo aqueles homens barbudos, parecendo macacos, com peles em cima do corpo diferente da tribo, onde todos andavam nus.

Um deles se aproximou dela, a pegou pela mão e a levou para a selva adentro. Não pediu, estuprou-a com crueldade. Ela estava nua, andava nua. Ele a colocou de quatro e enfiou seu membro sujo com força dentro dela. Ela não entendeu. Não precisava ser assim. As índias da aldeia eram bondosas e não

negariam um pedido do macaco peludo. Ele a deixou e sumiu de volta ao seu barco.

Durante muito tempo eles permaneceram ali. Fizeram tabas e ocas de barro, uma cruz de madeira e um deles, mais delicado com uma pele preta fina falou e falou. Flor do Campo ficara grávida. Teve uma hemorragia. Morreu numa manhã de junho. Nem seu pai quis ajudar na cremação do seu corpo. Achava que ele tinha sido maculado pelo macaco peludo e por isto morreria.

Brasília – 28 agosto 2007 – Meire Anne se sentia bem melhor. Conheceu seu médico salvador. Como era lindo. Olhou para ele e se apaixonou na hora. Ele educado, prestativo, examinou-a, tocou-a e ela estremeceu. Suas mãos eram como seda da pérsia. Sorriu para ela e se foi. Ficou só no quarto. Como sua vida mudara. De um momento para outro, não tinha idéia do seu futuro.

Ficou mais 15 dias no hospital. Seu médico vinha sempre, ela sorria, mas sabia que ele era um profissional e ela também ingênua não dava mostra de estar perdidamente apaixonada por ele. Seria um amor impossível. Não sabia se era casado, sua idade. Nada. Saiu em uma tarde de sol, sem se despedir dele. Foi para casa. Voltou a sua vida de antes. Colégio, casa, amigas mais nada. Agora era tentar outro emprego, aquele se foi.

Olinda – 15 de janeiro de 1774 – Cristal estava em um córrego próximo a sua casa, lavando algumas peças de roupa. Era sua rotina. Não via ninguém e ficava mais a vontade, amarrando seu vestido comprido até a cintura. Não o viu. Quando sentiu sua presença, olhou e se assustou. Era um jovem dos seus 23 anos, a cavalo com mais dois amigos. Ele sorria para ela, ela ficou tonta e não sabia o que dizer. Tinha quinze anos, e mal sabia o que era o amor.

Martinho era moreno, cabelos negros, grandes, amarrados em forma de “rabo de cavalo” com um blusão de couro negro, uma espada cintilante a cintura. Desceu do cavalo e se apresentou fazendo uma reverencia com seu chapéu. Ela ficou muda, estática. Nunca tinha visto isto. Os rapazes que conhecia não eram assim. Acompanhou-a até sua casa. Seu pai não estava. Não tinha mãe. Nunca soube dela. Seu pai a criou.

Martinho ficou sentado em um banco de madeira a porta da casa. Não disse nada. Esperava o pai de cristal. Quando chegou se apresentou, disse que estava de passagem e tinha gostado de sua filha. Ofereceu um dote de cinco libras de ouro em pó, um escravo e um cavalo se aceitassem que ela casasse com ele. Casaram naquele dia mesmo. Frei Raimundo celebrou. Ele partiu com ela a noite. A levava na garupa do seu cavalo.

Não fizeram amor nos três primeiros dias. Dormiam sob as estrelas e ele achava que não ficava bem. Chegaram ao Engenho de sua propriedade ao cair da tarde de sexta feira. Levou-a para o quarto. Foi educado. Fez amor com ela com carinho. Fez caricias, entrou bem devagar, ela estava com as pernas abertas, de olhos fechados. Não sentiu dor, só um prazer profundo. Ela o amou

perdidamente. Durante 15 anos, tiveram uma vida feliz. Cinco filhos. Ela cuidava da casa e a noite sempre faziam amor.

No início de 1790, Pedro Gingado um temível bandido invadiu o engenho. Matou todos inclusive Martinho. Poupou-a. Ela preferiu ter morrido também. Arrastou-a até um tronco e a possuir com brutalidade. Penetrou-a com força no anus. Ela gritou, socou-a com força. Tapou sua boca e ela perdendo a respiração morreu.

Brasília – 18 outubro 2007 – Meire Anne voltava para casa cansada. Tentou uma vaga de telefonista. Ficaram de dar uma resposta. Estava desanimada. Várias tentativas de emprego e nada. No ponto de ônibus esperava. Sua vida voltara ao normal. Aquela rotina de sempre. Um carro parou e desceu um homem. Ela o reconheceu. Era seu médico. Dr. Henrique. Estremeceu. Ele sorriu e perguntou se sentia ainda alguma coisa. Ela ficou muda. Ele perguntou de novo. Ela respondeu. Ofereceu para levá-la em casa. Quando acordou estava no carro dele.

Desceu e abriu a porta para ela. Um perfeito cavalheiro. Foi até a porta cumprimentou sua mãe e seu irmão. Entrou para um café a convite. Ficou ali toda a tarde conversando com ela. Convidou-a para jantar a noite. Ela aceitou. Saíram muitas vezes. Ele sempre a respeitou. Nunca tentou nada. Ela tinha medo. Era casta, pura e nunca ficou com um homem.

Ficaram noivos cinco meses depois. Foi um casamento simples. A família de Henrique quase não compareceu. Não aceitavam aquela união. Diziam ser ela simplória, sem condições de pertencer à família. Compraram uma casinha no subúrbio. Meire Anne não cabia em si de alegria e contentamento. Sua alegria era à noite quando ele chega e a amava com carinho. Ele a ensinou coisas impossíveis. Fizeram amor de maneira nunca antes imaginada. Com um ano de casada esperava seu primeiro filho. Henrique a enchia de carinho.

Rio de Janeiro - 28 janeiro – 1881 - A Condessa Ana de L'avoure e o Conde Aristides Costa Pinto, estavam em uma recepção a convite do Governador Mem de Sá. Era uma homenagem ao Imperador Don Pedro II. Uma grande festa. Serviçais serviam faisões, camarão, frangos, canapés importados da Europa, centenas de milhares de confeitos, cerveja, vinhos e bebidas sem fins. Aguardavam a chegada do Imperador. Ana de L'avoure olhava apaixonadamente para o Barão de Otello. Mantinham um romance escondido. Sempre se encontravam próximo a seu palácio e ali se entregavam aos prazeres da carne. Ela achava que ele era melhor que seu marido na cama. Ficavam horas e horas fazendo amor. Ele era casado e dificilmente poderia dar a Ana uma vida tranqüila. Ele não era nenhum santo.

Uma tarde, em um botequim no centro da cidade, bêbado, ele se vangloriava de suas conquistas. O Conde Aristides soube. O desafiou para um duelo. Não era bom espadachim. Morreu naquela manhã de domingo. O governador Mem de Sá mandou prender o Barão. Julgado foi condenado à

força. Ana ficou só com seus dois filhos. Cinco anos depois foi internada em um sanatório para loucos. Ficou lá mais dois anos. Morreu de falência múltipla dos órgãos.

Brasília – 14 novembro – 2008 – Foi um dia festivo para a família Meire Anne e Henrique. Nasceu um casal de gêmeos. Se já eram felizes agora muito mais. Mudaram para uma casa maior. Henrique fora promovido no Hospital e seu consultório era bem freqüentado. As folgas de Henrique eram poucas. Quando as tinha, saiam a passear com orgulho mostrando a todos seus gêmeos. Nivia e Javier.

Meire Anne começou a corresponder com um jovem na internet. Ele não se apresentava. Não tinha foto só dizia ser um admirador. Ela não saberia quem. Recebia também cartas anônimas dizendo que seu marido a traia. Não acreditou. Preferiu manter silêncio. O estranho não deixava de procurar insistentemente na internet. Aprendeu seu e-mail, e ali dizia lindos poemas, poesias maravilhosas. Nunca foi agressivo nem pronunciava palavras chulas.

Isto a divertia e Henrique nunca foi informado. O estranho tentava marcar encontros e ela se negava. Seu corpo estava sendo vencido. Ela pensava seriamente em encontrar com o estranho. Mas quem era? Como seria? Não era fácil tomar uma decisão. Acreditava e não acreditava na fidelidade de Henrique.

Marcou um encontro com ele. Procurou um horário que seus filhos estariam aos cuidados da babá e que deveria ir ao dentista. Ficou escondida atrás de uma coluna no shopping. No local combinado, na sala de alimentação o viu. Lindo. Forte, moreno sarado. Devia ser algum professor de ginástica. Não teve coragem de se aproximar, mas começou a sentir desejos, a fantasiar e sabia que mais cedo ou mais tarde se entregaria a ele.

São Paulo – 10 março – 1924 – O major Leôncio Silva retornava da Europa a bordo do navio Splendid. A guerra havia terminado. Ele era major aviador da FAB e servira na guerra usando aviões americanos, baseados em Bordeaux no sul da França. Sempre fora um bom vivant e acreditava que todos o considerariam um herói e teria uma boa quantia à disposição quando confirmassem sua chegada.

Isto não aconteceu. Morava com seus pais e ali aproveitou as condições de uma família humilde que trabalhava menos ele. Vivia nos bordeis, bebendo e fumando, com lindas mulheres e não se cansava em auto elogiar sua fama de conquistador. Conheceu Janete quando retornava para sua casa. Era mais de três da manhã. Achou que seria uma conquista fácil e deu sua cantada. Não achou respaldo. Insistiu. Seguiu-a até sua residência.

Janete morava com a mãe e seu filho Hugo de cinco anos. O pai dele desapareceu e nunca mais ouviu falar dele. Trabalhava em uma lanchonete até de madrugada. Estava cansada, e aquele conquistador barato ficava na sua cola.

Isto aconteceu nos dias seguintes. Janete não sabia o que fazer. Até que ele era simpático, boa aparência, boas roupas, mas estava sempre bêbado. Não dava para conversar.

No quinto dia ele forçou um beijo em uma rua escura. Seu hálito era forte de cigarro e de cachaça. Ela se desvencilhou. Ela forçou mais, mesmo bêbado era forte. Ninguém para ajudá-la. Ele forçou sua boca para não gritar. Tentava tirar sua roupa, ali naquela esquina, rua suja, três da manhã. Jogou-a no chão. Obrigou-a pegar no seu membro. Sentiu aquela carne quente na sua mão. Sentiu a mão dele por baixo de sua calcinha. Ela tateando encontrou uma farpa de madeira. Enfiou de uma só vez em seu pescoço. Ele apertou sua boca e ela perdeu o ar. Morreu em menos de um minuto. Ele sangrando saiu pela rua cantando e dando gargalhadas, andou uma quarteirão e caiu morto.

Brasília – 14 abril – 2010 – Meire Anne tinha um novo amante. Henrique seu esposo nada sabia. Ela ficara grávida de Fabio Alorte. Ele era filho de um comerciante português riquíssimo. Era casado e possuía três filhos. Tentava de toda sorte fazê-la largar de Henrique e morar em uma casa que ele poderia comprar. Ela não aceitava.

Henrique, mesmo sendo médico, morreu em 30 novembro de tuberculose. Meire Anne aceitou a oferta de Fabio. Dividia a vida dele com outra, só que ela era a segunda.

Buenos Aires – 19 de março – 1950 – Maria Antônia Rosada e Jonas Waldevian não tinham onde morar. Não tinham o que comer. A Argentina passava por uma fase difícil para os pobres. O Presidente Perón prometia e sua esposa dona Eva Perón era adorada por todos. Todas as noites eles iam à praça central onde era servido uma sopa. Dia sim dia não era a única refeição que conseguiam mais fácil. Jonas era mestre de obras, mas ninguém queria dar emprego a ele. Ficara preso por quatro meses por haver furtado um supermercado e seu currículo não era bom.

Um dia jogaram na loteria e ganharam uma boa quantia. Saíram da miséria, compraram uma casinha e Jonas montou uma loja de tecidos. Tiveram dois filhos homens. Jonas tinha cabeça para os negócios. Em pouco tempo possuía uma grande rede de lojas. Passou a não dar mais atenção a ela e tinha várias amantes.

Viveram assim por vinte anos. Ela conheceu outro homem. Separou-se de Jonas. Casou com o outro. Teve uma vida feliz por muitos e muitos anos. Morreu sorrindo. Pela primeira vez.

Brasília – 07 julho – 2010 – Meire Anne estava desgostosa. Aqueles primeiros dias com Fabio acabou. Já não sentia mais prazer com ele. Deixou-o e foi morar com seus filhos na antiga casa, pois não havia sido vendida. Leo crescera. Tinha 22 anos. Adorava sua mãe e Meire Anne também. Era uma família feliz. Leo formara em química e seu irmão ainda estava na faculdade. Leo se interessou por política. Foi eleito vereador, deputado e finalmente

senador da república. Levou sua mãe e seu irmão para um apartamento no centro de Brasília.

Convidado a ministro de estado, mudou de novo. Sua mãe orgulhava do seu filho. A imprensa dizia ser um dos poucos honestos e que trabalhava mesmo para o povo.

Seu partido resolveu lançá-lo como candidato a presidente da republica. Aceitou. Viajava por todo o pais mostrando quem era e o que pretendia fazer. Foi eleito com boa margem de voto. Voltava do Rio de Janeiro com sua mãe e seu irmão em um pequeno avião da FAB para o discurso de posse que faria no Naoum Plaza Hotel, onde se hospedara durante a campanha.

. O avião sofreu uma pane. Caiu na Baia de Guanabara. Morreram todos.

Hoje – sem data – 2011 – As outras vidas de Meire Anne acontecerão de novo. Faz parte. Nascer, viver, morrer. Não sei o futuro. O passado foi possível contar. Meire Anne não teve muita sorte na vida. Acreditar na felicidade levou Meire Anne por um longo tempo na caminhada para seu crescimento interior. Acredito que ainda não conseguiu.

Muita paz para você Meire Anne. Que os anjos a protejam na sua próxima vida.

Há pessoas que nos falam e nem as escutamos, há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam, mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre.



Quem sabe é você a minha borboleta dourada
Que um dia apareceu em minha vida,
Não sei como te conheci do nada
Ou se algum dia ficou apaixonada...
Por mim...

O vento vem, leva a brisa, a noite aparece
O sol se foi à vida acaba
Penso no antes, mas agora anoitece,
Quem sabe um dia? A luz apaga

E você se apaixonou... Por mim?
Oswaldo um Escoteiro

A BORBOLETA DOURADA **(um conto de Bellah Leite Cordeiro)**

De tempos em tempos as borboletas se reuniam no bosque para conversarem, trocarem idéias e se conhecerem melhor. As borboletas novas se apresentavam à comunidade e as mais velhas as admiravam por sua beleza e as animavam para o trabalho junto às flores. Todas tinham a missão de espalhar o pólen e assim levar a beleza a toda parte: às matas, às florestas, aos bosques e aos jardins. Sentado à porta de sua casa, um velho gafanhoto observava a passagem das borboletas.

Todas o cumprimentavam respeitosamente, pois o velho gafanhoto era tido e realmente era um grande sábio.

Até que, se aproximou dele uma borboletinha bem jovem, inexperiente, e, diga-se de passagem, bastante sem graça...

- Bom dia, senhor Gafanhoto! – disse ela timidamente.

- Bom dia! – respondeu o gafanhoto – Vai à reunião das borboletas pela primeira vez?

- É isso aí! – falou a borboleta insegura – E estou um pouco preocupada... Será que vão gostar de mim?

Diga com franqueza: você não me acha meio feiosa, minha cor não ajuda e as minhas asas são grandes demais?

- Não! – respondeu o velho gafanhoto - Cada um é como é! E a aparência das coisas não é muito importante.

Cada um se faz bonito ou feio. – acrescentou o gafanhoto com bondade.

Na reunião todas conversavam entre si alegremente. Riam e brincavam, mas nem olhavam para a borboleta dourada. Era como se ela não existisse. Foi à última a deixar a reunião, na esperança de que alguém ainda a visse e falasse com ela. Mas nada!

Ninguém a enxergou ninguém reparou nela.

Quando na volta para casa, passou novamente pela casa do velho e sábio gafanhoto e ele perguntou:

- Olá borboletinha, não vem da reunião das borboletas? Então... Que tristeza é essa? Não te trataram bem?

- Pra ser sincera, nem me viram... Ninguém me notou na reunião.

- Ora borboleta, espera aí! Você não é feia como pensa! Falta-lhe um pouquinho de charme... Talvez... Mais isso não é difícil conseguir. Se quiser ouvir os meus conselhos...

-Ah, senhor gafanhoto! Seria um favor! Eu sei, os seus conselhos são maravilhosos! O senhor já ajudou muita gente a ser feliz!

- Em primeiro lugar, quero saber por que você não usa uma das armas mais poderosas que todos nós possuímos para ser felizes: O SORRISO!

- O sorriso? – perguntou a borboleta espantada.

- Sim, o sorriso ilumina o nosso rosto! Faz a alegria sair de dentro do coração da gente e se espalhar, deixando todos em volta de nós, muito alegres!

- Mas como vou sorrir se eu não estou alegre?

- Ora Borboletinha! Neste mundo não existe ninguém que não tenha um motivo para ficar alegre! É só procurar! Você não acha maravilhoso o fato de poder voar?

- Ah! Isso eu acho mesmo! É legal demais voar por cima de tudo! Fazer piruetas, pousar em qualquer lugar, ir para qualquer parte... É claro! Voar é muito bom mesmo.

- O seu trabalho não é espalhar o pólen das flores para multiplicá-las por toda parte?

- É exatamente esse o meu trabalho!

- Espalhar a beleza por onde passa será esse um trabalho qualquer? Não é maravilhoso fazer isso?

- Pra falar com franqueza, não reparo. Faço o meu trabalho por obrigação!

- Repare então criatura! – tornou a insistir o gafanhoto – Verá que beleza existe em volta de você! Experimente sorrir, seu sorriso será um grande aliado. Pois todo mundo gosta de um belo sorriso! Procure também, fazer as coisas por amor, e não por obrigação!

A borboleta animada agradeceu os conselhos e voou confiante e esperançosa.

Feliz, ela vinha observando a beleza do pôr-do-sol e o vento a brincar com a folhagem das árvores.

- Coisa linda! – pensou – Esse lugar onde moro é realmente uma beleza!

De repente notou que estava sorrindo e sentiu esse sorriso vir do fundo do seu coração.

Estava assim, distraída quando ouviu uma vozinha muito fraca a chamá-la:

- Olá... Borboletinha! Você parece ser tão boa. Poderia ajudar-me? Estou coberta de areia e não consigo livrar-me dela. Você não dará um jeitinho?

Era uma formiguinha já quase sem fôlego a se debater na areia.

- Pois não! – Falou a borboletinha aflita descendo imediatamente para bem perto dela.

– Estou aqui para ajudá-la!

- Vi o seu sorriso tão bonito por isso me animei a pedir ajuda. Quem sorri como você, só pode ter um coração cheio de coisas boas!

Essas palavras da formiga foram as mais lindas ouvidas pela borboleta até aquele dia, e jamais se sentira tão feliz!

Em sua grande alegria a borboleta teve um desejo enorme de cantar e dançar numa revoada de felicidade.

Um besourinho ao passar ao seu lado voando também, falou:

- Como você dança bem! E é linda sabia?

- Obrigada! – respondeu a borboleta meio sem jeito, pois nunca havia sido elogiada antes – Suas asas também são muito bonitas sabe? Cada um é bonito ao seu jeito!

E lá se foi o besourinho alegremente a dançar também, feliz com as palavras da borboleta.

Daí por diante, começou a observar tudo: a relva, as árvores, o céu, as nuvens, a brisa, a chuva, as montanhas ao longe...

Nada mais escapava de sua vista e tudo era importante pra ela.

Encantada, olhava as flores, reparava na beleza de cada uma, conversava com elas e, sem querer, passou a fazer o seu trabalho de todos os dias com um amor enorme brotando em seu coração.

- É incrível mesmo, a diferença de quando se faz tudo com amor!

O tempo foi passando e a borboleta era cada vez mais feliz, pois por onde passava sentia como era querida. Todos a festejavam e a olhavam com grande simpatia. Todo mundo queria conversar, dançar e brincar com essa borboletinha tão gentil, sempre a sorrir para todos.

A sua tarefa diária a borboleta passou a fazê-la muito melhor! É claro! Agora fazia com amor! Afinal, chegou o dia da nova reunião das borboletas.

Muito alegre ela recebeu a notícia. Na data marcada, saiu de casa mais cedo. Queria passar pela casa do gafanhoto antes da reunião, pois desejava agradecer-lhe pessoalmente os conselhos preciosos e quase mágicos. Como algumas poucas palavras boas podem ajudar tanto!

A chegada da borboleta à reunião foi sensacional! Todas pararam para admirá-la.

-Mas que borboleta linda!- diziam.

- É dourada!... Venham ver!

- Parece luminosa! Você é superlegal!

Todas as rodearam alegremente, e perguntaram:

- Você é uma das novas, não é? É a primeira vez que vem aqui?

- Não! –respondeu ela - Já estive aqui na reunião passada, mas ninguém me notou!

- Não é possível! Você é linda demais! É uma borboleta dourada! Sabe lá o que é ser uma borboleta dourada? Ninguém deixaria de vê-la!

-Essa é uma história muito comprida... Qualquer dia eu conto a vocês. Agora quero me apresentar a todas as borboletas, quero conhecer todas as minhas irmãs, conversar com elas e se muito amiga da comunidade das borboletas. À tardinha, depois de sair da reunião, passou novamente pela casa do velho gafanhoto. Desta vez queria fazer-lhe uma pergunta:

- Senhor gafanhoto, diga-me uma coisa: eu mudei de cor?

- Não borboletinha, a sua cor é a mesma...

- Por que então me chamam de borboleta dourada?

- Mas você é uma borboleta dourada! Sempre foi... Apenas a sua beleza estava escondida.

- Agora você reflete o seu interior! E é dele que vem a verdadeira beleza: A que sai do coração e se reflete em todo o ser!

- Por isso você está luminosa e linda!

- Você agora, é a borboleta dourada mais linda que eu já vi em toda a minha vida!

SE EU FOSSE UM PADRE

Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões,
não falaria em Deus nem no Pecado
- muito menos no Anjo Rebelado
e os encantos das suas seduções,

Não citaria santos e profetas:
nada das suas celestiais promessas
ou das suas terríveis maldições...
Se eu fosse um padre eu citaria os poetas,

Rezaria seus versos, os mais belos,
desses que desde a infância me embalaram
e quem me dera que alguns fossem meus!

Porque a poesia purifica a alma
... A um belo poema - ainda que de Deus se aparte -
um belo poema sempre leva a Deus!

(Poema de Mario Quintana)



FIM